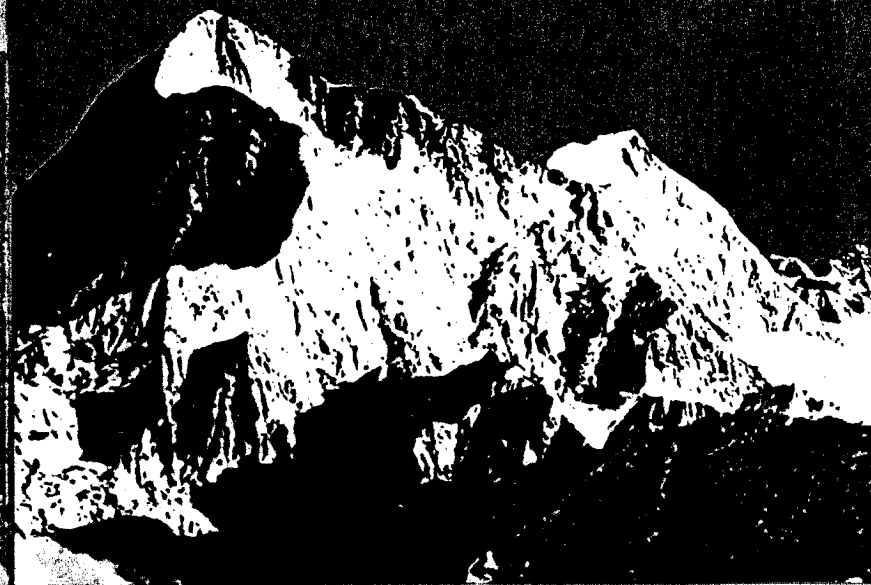
VIVENDO COM OS MESTRES DO HIMALAIA

Experiências Espirituais do Swami *Rama*

Vivendo com os Mestres do Himalaia recolhe as mais sedutoras e extraordinárias experiências do *Swami* Rama. Numa prosa cheia de poesia, tais experiências descrevem não somente o tipo de filosofia e o modo de ser de seus sábios, mas também a paisagem e a cultura himalaica. Nascido na Índia, em 1925, numa família de brâmanes eruditos, numa idade precoce, o *Swami* Rama fez-se ordenar monge por um grande sábio do Himalaia. Na idade adulta, empreendeu viagem de aprendizado, deslocando-se do monastério até à caverna, estudando e vivendo com inúmeros sábios, na solidão das montanhas himalaicas e nas planícies da Índia. De 1939 a 1944, ensinou Upanixades e escrituras budistas em diversas escolas e monastérios hindus. Pouco tempo depois, de 1946 a 1947 estudou misticismo tibetano. Por fim, os penosos anos de estudo das escrituras, as horas intermináveis de aperfeiçoamento das práticas de meditação, a disciplina e a investigação solitária dos estudos superiores da consciência, tudo isso culminou com a obtenção do mais alto título espiritual da Índia. Em 1949, o *Swami* Rama tornou-se Shankaracharya de Karvirpithan. No início de 1952, renunciou à dignidade e ao prestígio do elevado título, tendo, em seguida, retornado aos Himalaias para absorver os derradeiros ensinamentos do mestre e buscar inspiração para abrir-se para o Ocidente. Por 3 anos, estudou psicologia, filosofia e medicina ocidentais na Europa. Em 1970, tornou-se consultor da Fundação Menninger, em Topeka, no Kansas, desenvolvendo um projeto chamado "Controle Voluntário dos Estados Internos". *Swami* é o fundador, o presidente e o líder espiritual do *Himalayan Institute of Yoga Science and Philosophy.*

EDITORA PENSAMENTO

VIVENDO COM OS MESTRES DO HIMALAIA

SWAMI AJAYA
(Organizador)

VIVENDO COM OS MESTRES DO HIMALAIA

Experiências espirituais do
Swami Rama

Tradução
de
OCTAVIO MENDES CAJADO

EDITORA PENSAMENTO

Título do original:

LIVING WITH THE HIMALAYAN MASTERS:
Spiritual Experiences of Swami Rama

Edição 4-5-6-7-8-9-10 **Ano** 95

Direitos de tradução para a língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374, 04270, São Paulo, SP, fone 272-1399
- que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Agradecimentos

Seja-me permitido exprimir meus sentimentos de gratidão aos estudantes e amigos que coligiram e transcreveram as fitas das conferências de Swami. Agradeço também ao *Professor Larry Travis* e a *Arpita* o auxílio que me prestaram na organização do manuscrito.

Estendo minha gratidão especial ao dr. *Agnihotri* por haver preparado o glossário e explicado as palavras sânscritas empregadas no livro. *Madhu* e *Gopala Deva* me ajudaram no exame dos manuscritos para levar a cabo as mudanças necessárias. Agradeço igualmente a *Gary Evers* e a *Kevin Hoffman* o preparo das fotografias. O *Professor Mark Siegchrist* e o jornalista *Richard Kenyon* me assistiram na correção da pontuação. *Randy Black* desenhou os mapas. A *sra. Howard (Cassie) Judt*, presidenta do nosso Instituto, dirigiu a publicação deste livro.

Agradeço ainda sinceramente à *sra. Theresa O'Brien* o trabalho afincado no leiaute e na composição tipográfica.

Índice

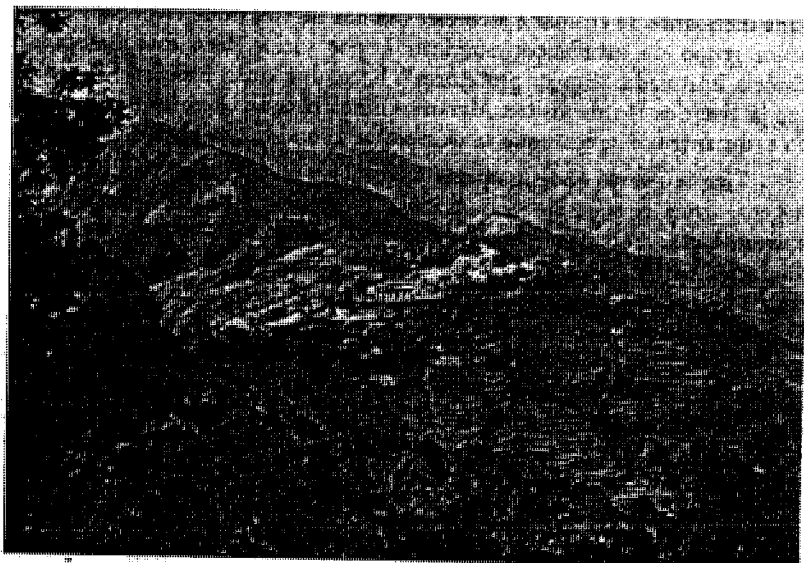
Minha humilde busca

Sri Swami Rama procede da nobre herança dos sábios do Himalaia. Cientista, filósofo, iogue, filantropo e guia espiritual de muitos profissionais e outros estudiosos, passa o dia ensinando e ajudando seus alunos, e a maior parte da noite, em meditação. Entre as coisas que me atraíram para ele, antes que eu escolhesse este caminho, figuravam sua óbvia compaixão por toda a humanidade e sua profunda compreensão de indivíduos particulares. Finalmente decidi seguir o caminho dos sábios e com ele estudei nas faldas do Himalaia, em Rishikesh, onde fui iniciado como renunciante às margens do sagrado Ganges.

Tive também a oportunidade de viajar em sua companhia por alguns de seus sítios favoritos no Himalaia, que ele procura para descansar de sua faina incessante de ensinar e escrever. Um dos lugares onde vivi com *swamiji** e um grupo de estudantes americanos, por vários dias, está descrito na história intitulada "Braços protetores". É um dos locais mais belos e serenos que já tive ocasião de visitar. Moramos numa casa de barro ao pé do santuário e, durante o dia, costumávamos meditar à sombra dos abetos.

Tive inúmeras oportunidades de ver-lhe a obra filantrópica. Em nossas viagens, topei com muitos estudantes detentores de bolsas de estudo para universidades oferecidas pelo consórcio beneficente que ele fundou. Em Hardwar, visitei uma clínica oftalmológica sustentada por ele. Também visitei um colégio dedicado às ciências que Swamiji construiu perto de Landsdowne, no Himalaia, região em que vagueara na mocidade. Os aldeães do lugar ainda o chamam pelo apelido, Bhole Baba, que quer dizer sábio gentil. Toda vez que íamos para as montanhas, éramos saudados por multidões de pessoas e tocadores de tambor, que nos conduziam processionalmente. Reverenciam-no desde os simples habitantes das aldeias até aos líderes da sociedade indiana.

* Forma afetuosa e respeitosa de tratamento que geralmente se emprega em relação a um *swami*.

Swami Rama fazendo uma conferência em Landsdowne

O Colégio Científico de Graduação sustentado por Swamiji em Landsdowne

Durante minha visita a Kanpur, fui hóspede da dra. Sunanda Bai, uma dos principais ginecologistas e cirurgiões da Índia e grande admiradora de Swamiji. Minha conversação com essa grande dama foi assaz esclarecedora. Fazia muitos anos que ela o conhecia, e as histórias que me contou acerca das suas experiências com ele confirmaram alguns experimentos relatados neste livro. As narrativas espirituais de Swamiji do que lhe acontecera pareciam tão milagrosas que eu mesmo só as compreendi depois que viajei com ele pela Índia. Em Deli, Kanpar, Rishikesh e nas montanhas, encontrei diversas pessoas que o conheciam havia mais de trinta anos e tinham participado de alguns eventos descritos por ele. E descreveram-nos da maneira por que os haviam experimentado.

Durante nossas viagens na Índia, Swamiji aludiu muitas vezes à sua tarefa no Ocidente. Disse-me que pretendia fundar nos Estados Unidos um Instituto destinado a verificar cientificamente, documentar, publicar e ensinar as experiências da nossa herança. E concluía:

– Temos de construir um centro de vida que seja uma ponte importante entre o Oriente e o Ocidente.

Seguimos o caminho calcado na mensagem que nos transmitiram nossos mestres e grão-mestres no Himalaia, cuja presença sentimos de contínuo. De acordo com nossa tradição, acreditamos firmemente que, em seu sentido genérico, "ioga" significa todas as filosofias e práticas já seguidas pelos grandes sábios, não só do Himalaia, mas também do judaísmo, do cristianismo, do budismo, do zen e do sufismo. A palavra "ioga" refere-se às práticas e filosofias de apoio, que enriquecem por dentro e por fora.

Swamiji costuma dizer:

– Vivemos todos com sede mas, em vez de beber diretamente, limitamo-nos a mascar as ervas que flutuam à superfície do lago da vida. Essas ervas contêm pequena quantidade de água e não nos matam a sede. Para saciá-la de todo, precisamos mergulhar fundo, além de todas as convenções aparentes, a fim de descobrir as verdades fundamentais da vida.

Algumas histórias e ensinamentos encontrados neste livro foram tirados de experiências que Swamiji me referiu pessoalmente. Chegávamos, às vezes, a ficar sentados até às quatro horas da madrugada, discutindo a sua filosofia da vida e suas experiências com os sábios, que eu registrava depois. Outra fonte das mesmas histórias eram os diários de Swamiji, que ele mantinha com fidelidade, à medida que crescia. Tive o ensejo de examinar esses diários durante minha estada em Rishikesh. Uma terceira fonte importante de material para o livro foram as conferências de Swamiji nos Estados Unidos.

Com base nessas fontes, foi-me possível compilar um alentado manuscrito. Certo dia, em que eu o trazia comigo, Swamiji perguntou-me:

— Que fardo estás carregando hoje?

— São histórias, — respondi-lhe, — que coligi de vossas conferências, dos vossos diários, e da instrução que me destes. Por favor, ajudai-me a escolher algumas para um livro.

Ele não fez caso do meu pedido e pôs o manuscrito de lado durante dois anos. Finalmente, meus colegas Brandt Dayton, o dr. Burke, o dr. Arya e o dr. O'Brien me animaram a organizar e preparar a publicação deste manuscrito.

Essas histórias espirituais não proporcionam uma narrativa biográfica da vida de Swamiji, mas apenas retratam alguma coisa do meio em que ele vivia, apresentam retratos dos sábios do Himalaia e dos seus métodos de ensino. Não estão dispostas cronologicamente, senão agrupadas de acordo com o tema. Dentro de cada tema tentei colocar as narrações numa seqüência cronológica. Cada história, por si só, é um expediente de ensino, que contém lições valiosíssimas. Essas experiências únicas nos ajudam a compreender-nos, em todos os níveis, por dentro e por fora.

Sinto imenso prazer em apresentá-las ao leitor. Que a nobre vida que me inspirou o inspire também. E que o leitor palmilhe o caminho da luz e da vida.

Swami Ajaya
Setembro de 1977

A teus pés de lótus

Esta não é minha vida, senão a dádiva de experiências que colhi dos sábios do Himalaia e de ti, mestre muito amado.

Certa noite solitária cuidei que um raio de luz, de repente, rompia a neblina e perguntei a mim mesmo o que poderia ser.

Nesse anoitecer tu me deste um vislumbre do amor divino.

E ouvi Seu nome pronunciado por teus lábios projetando nova luz sobre meu destino.

No quarto escuro do meu coração estava acesa a lâmpada que arde sempre como a lâmpada sobre o altar.

Quem, como tu, misturou as melodias do júbilo e da tristeza no canto da minha vida, permitindo-me compreender "a alegria que se assenta, imóvel, sobre o lótus das dores e a alegria que joga na poeira tudo o que tem e não conhece uma palavra"?

Para os que compreendem tua mensagem não haverá medo sobre a terra.

Hoje, portanto, a flor da gratidão imorredoura oferece suas pétalas a teus pés de lótus.

Swami Rama

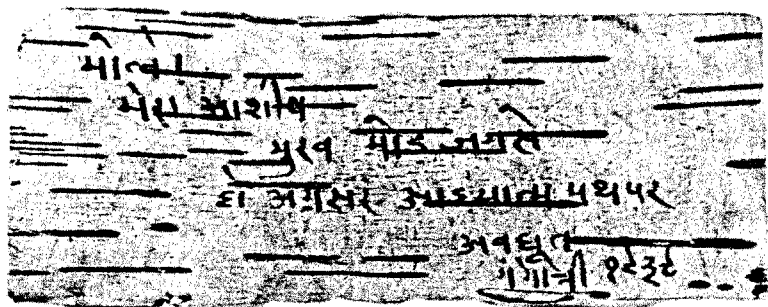
HIMALAYAN MTNS.
TIBET
JAMMU AND KASMIR
KASMIR HIMALAYAN MTNS.
SVEN HEDRIN MTNS.
PUNJAB
RĀGASTHĀN
NEPĀL
SIKKIM
BHUTĀN
ASSAM
NAGĀLAND
UTTAR PRADESH
INDIA
BAY OF BENGAL
LHASA
Shigatse
KAILAS
Indus River
Sutlej R.
Manasarowar L.
Rakas L.
Mana Pass
KAMET
LAND OF HANSA
Gangotri
Jamnotri
Kedarnath
Badrinath
NANDA DEVI
DHAULAGIRI
Tibrikot
Muktinath
MANASLU
ANNAPURNA
GAURISANKAR
KHUMBU
MAKALU
MT. EVEREST
KANCHENJUNGA
SINIOLCHU
SHISHA PANGMA
Brahmaputra R.
KATMANDU
Bhadagaon
Birganj
Darjeeling
GANGTOK
SHILLONG
Gauhati
Kamkhya
Srinagar
Sonamarg
Amarnath Cave
Pahlgam
Gulmarg
Martand
Pathankot
Amritsar
SIMLA
CHANDIGARH
Saharanpur
DELHI
Mussourie
Dehra Dun
Hardwar
Rishikesh
Lansdowne
Joshimath
Almora
Pithoragarh
Naini Tal
GARHWAL
Bijnor
Rampur
LUCKNOW
Agra
Kanpur
Ganges River
Allahabad
Benares
CALCUTTA
Hunza
N

O sagrado Himalaia

As cordilheiras do Himalaia têm uma extensão de quase 2.400 quilômetros. O monte Everest, que se alça acima de 8.700 metros, na fronteira do Nepal e do Tibete, é a mais alta de todas as montanhas do mundo. Persas, hindus, tibetanos e chineses escreveram sobre a grandeza e a beleza dessas montanhas. A palavra *Himalaia* vem de raízes sanscríticas: *him* significa neve e *alaia* significa lar — o lar das neves. Eu gostaria de que o leitor se desse conta de que o Himalaia não é apenas o lar das neves, mas tem sido também um baluarte da sabedoria e da espiritualidade iogues para milhões de pessoas, independentemente de suas crenças religiosas. Esta antiga e rica tradição perdura até hoje, enquanto essas montanhas únicas continuam a murmurar sua glória espiritual a quantos têm ouvidos para ouvir.

Nasci e criei-me nos vales do Himalaia. Vagueei pelo meio deles por mais de quatro décadas e meia e fui educado pelos seus sábios. Conheci os mestres que vivem e viajam por ali, estudei a seus pés e experimentei-lhes a sabedoria espiritual. Do Himalaia do Pendjabe ao Himalaia de Kumayun e de Garhwal, do Nepal ao Assão e de Siquim ao Butão e ao Tibete, percorri esses sítios proibidos, virtualmente inacessíveis a turistas. Escalei alturas de 5.700 a 6.000 metros sem equipamentos de oxigênio ou equipamentos modernos. Muitas vezes, sem comida, desfaleci, exausto e, por vezes, ferido, mas sempre, de um modo ou de outro, encontrei ajuda nessas ocasiões.

Para mim, as montanhas do Himalaia são meus pais espirituais e viver ali foi como viver no colo de minha mãe. A cordilheira educou-me em seu ambiente natural e inspirou-me um estilo de vida particular. De uma feita, quando eu tinha catorze anos, um sábio desconhecido abençoou-me e deu-me uma folha de *bhoja* patra, o papel feito de casca de árvore, no qual se escreviam os antigos livros sagrados. Nessa folha escreveu ele, "Seja o mundo pequeno contigo. Segue tu o caminho da espiritualidade". Ainda a trago comigo.

O amor que recebi dos sábios é como a neve perene que forma as geleiras prateadas do Himalaia e depois se derrete para converter-se em

Seja o mundo pequeno contigo.
Segue tu o caminho da espiritualidade.

Awadhoot, Gangotri, 1939

milhares de ribeiras. Quando o amor se tornou Senhor da minha vida, perdi completamente o medo e passei a viajar de uma caverna a outra, atravessando rios e transpondo desfiladeiros entre montanhas, cercado de picos cobertos de neve. Em todas as condições eu me sentia alegre, procurando os sábios escondidos, que preferiam permanecer desconhecidos. Cada instante de minha vida foi enriquecido de experiências espirituais, que muitos outros talvez encontrem dificuldade para compreender.

O sábio gentil e amável do Himalaia só tinha um tema arrebatador: o amor à natureza, o amor às criaturas e o amor ao Todo. Os sábios do Himalaia ensinaram-me primeiro o evangelho da natureza. Depois comecei a prestar atenção à música que vinha das flores viçosas, dos cantos dos pássaros e até da menorzinha das hastes de relva e dos espinhos da touceira. Vive em tudo a prova do belo. Se uma pessoa não aprender a escutar a música da natureza e a apreciar-lhe a pulcritude, o que impele o homem a buscar o amor em sua fonte poderá estar perdido na mais remota Antigüidade. O leitor precisa da análise psicológica para descobrir na natureza a origem de tanta felicidade, de tantas canções, sonhos e formosuras? O evangelho da natureza tira suas parábolas dos rios glaciais, dos vales repletos de lírios, das florestas cobertas de flores e da luz das estrelas. Esse evangelho revela o conhecimento enfático através do qual aprendemos a verdade e contemplamos o bem em toda a sua majestade e glória.

Quando aprendemos a ouvir a música da natureza e a apreciar o que ela tem de belo, nossa alma se move em harmonia com todo o meio em que vive. Todos os nossos movimentos e todos os sons que emitimos encontrarão, por certo, seu lugar na sociedade humana. A mente do homem deveria ser exercitada para amar a natureza antes de olhar pelo corredor da sua vida. Aparece, então, uma revelação a espiar através dela com o nascer da alva.

A dor e as aflições da vida desaparecem com a escuridão e com a neblina quando o sol se levanta. A mortalidade encontra seu caminho na consciência da imortalidade. E um ser mortal deixa de sofrer as angústias e tristezas que a morte parece fazer chover sobre ele. Há séculos que a morte vem sendo um manancial constante de sofrimento mas, ao morrer, o homem aprende a unir-se ao infinito e ao eterno.

Quando aprendemos a apreciar plenamente a profundidade da natureza em sua simplicidade, pensamentos fluem, espontâneos, em resposta aos apelos dos nossos sentidos delicados em contato com a natureza. Essa experiência, que faz vibrar a alma, em sua plena harmonia com a orquestra perfeita de melodias e ecos, reflete o som do marulho das águas do Ganges, o precipitar-se dos ventos, o roçagar das folhas e o rugir das nuvens trovejantes. Revela-se a luz do Eu e removem-se todos os obstáculos. Acendemos ao topo da montanha, de onde avistamos o vasto horizonte. Na profundeza do silêncio está escondido o manancial do amor. Só os olhos da fé desvelam e vêem a iluminação desse amor. A música me ressoa aos ouvidos e tornou-se o canto cativante e melodioso da minha vida.

Esse descobrimento dos sábios une toda a humanidade na harmonia do cosmo. Os sábios são as fontes de onde a humanidade recebe o conhecimento e a sabedoria para contemplar a luz, a verdade e a beleza, que mostra o caminho da liberdade e da felicidade para todos. Eles advertem a humanidade das sombras e vãs ilusões deste mundo. Com os olhos deles vê-se melhor a unidade do universo.

"A verdade está oculta pelo disco de ouro. Ó, Senhor! Ajudai-nos a descobrir de modo que possamos ver a Verdade." O evangelho do amor, tal como o ensinam os sábios do Himalaia, faz que todo o universo se dê conta do manancial de luz, vida e beleza.

Quando eu era menino, sentei-me no sopé do monte Kailasa e bebi das águas glaciais do lago Mansarobar. Muitas vezes cozinhei as verduras e raízes produzidas pela Mãe Natureza em Gangotri e em Kedarnath. Viver nas cavernas himalaicas era muito agradável e, quando estava lá, eu tinha o costume de vagar pelas montanhas durante o dia, tomando notas ao acaso, e voltando à minha caverna antes de cair a noite. Meu diário está cheio de descrições de minhas experiências com os sábios, iogues e outros líderes espirituais do Himalaia.

Esta é a terra em que nasceu *sandhya vasha*. Vários estudiosos modernos tentaram interpretar e traduzir *sandhya vasha* chamando-lhe "a linguagem do crepúsculo". Na realidade, ela me foi ensinada de maneira muito diferente do conceito que dela fazem os escritores modernos. Linguagem puramente iogue, é falada apenas por uns poucos e afortunados iogues, sábios e entendidos. Filosófica e idealmente, é muito semelhante ao sânscri-

to, pois cada palavra de *sandhya vasha* flui, prenhe de significado, do som de sua raiz. Só pode ser usada na discussão de assuntos espirituais e não contém vocabulário para os negócios do mundo. Quando o sol casa com a lua, quando o dia casa com a noite, e quando *Ida* e *Pingala** fluem igualmente, essa união é denominada *sandhya* ou *sushumnā.*** *Sushumnā* é a mãe de cujo ventre nasceu a linguagem *sandhya vasha* ou crepúsculo. Durante o período de *sushumnā*, o iogue conhece a maior alegria que alguém pode experimentar conscientemente. Quando fala com outros adeptos, estes conversam nessa linguagem, que outras pessoas têm dificuldade para entender. O conhecimento da maneira apropriada de cantar os versos védicos está diminuindo aos poucos porque a gramática dos Vedas é diferente do idioma sânscrito. (A gramática dos Vedas chama-se *Nirukta.)* Da mesma forma, a gramática de *sandhya vasha*, inteiramente baseada em sons, está desaparecendo. Como os executantes de música clássica podem fazer notas de sons e de suas alturas, assim se podem fazer notas dos sons usados em *sandhya vasha.* A isso se chama "a linguagem dos *devas****".

Quando nos sentamos, pela manhã e à tarde, no topo das montanhas, vemos beleza em toda a nossa volta. Se formos criaturas espirituais, compreenderemos que essa beleza é um aspecto inseparável do Senhor, cujos atributos são *Sattyam, Shivam* e *Sundram* – verdade, eternidade e beleza. Esta é a terra dos devas. No Himalaia, a aurora *(ushā)* e o crepúsculo *(sandhyā* – quando o dia casa com a noite) não são simples momentos criados pela rotação da terra, mas encerram profundo significado simbólico.

A manhã, a tarde, a noite e a madrugada têm, cada qual, sua própria beleza, que linguagem alguma é capaz de descrever. Muitas vezes por dia as montanhas mudam de cor porque o sol está a serviço delas. De manhã são prateadas, ao meio-dia, douradas e, à noite, parecem vermelhas. Eu costumava pensar que minha mãe vestia, para agradar-me, muitos sáris de cores diferentes. Não tenho vocabulário para explicar a beleza através da linguagem dos lábios. Só posso falar com a linguagem do coração, mas as palavras não me passam pelos lábios.

Posso dar-vos um vislumbre dessas belas montanhas. Sua beleza, esplêndida, transcende qualquer descrição. O ambiente matinal no Himalaia é tão calmo e sereno que impele o aspirante, espontaneamente, ao silêncio. É por esse motivo que os habitantes do Himalaia se tornam meditativos. A natureza reforçou as escolas de meditação. Quando eu vivia na minha caverna, *ushā* (a aurora), que segurava o sol nascente na palma da mão,

* Canais de energia direito e esquerdo do corpo humano.
** Aplicação essencial da consciência da respiração para despertar a força vital.
*** Seres brilhantes.

despertava-me todas as manhãs, como se minha mãe estivesse, em pé, diante de mim. Os raios do sol penetravam suavemente pela abertura. Na caverna viviam diversos iogues, que estudavam a sabedoria dos Upanixades aos pés do mestre.

À tarde, quando o tempo fica mais claro e o sol rompe através das nuvens, tem-se a impressão de que o poderoso Pintor está despejando milhões de cores sobre os picos nevados, criando pinturas que nunca poderiam ser imitadas pelos pincéis e pelas cores dos minúsculos dedos dos artistas. Toda e qualquer arte que existe no Tibete, na China, na Índia e na Pérsia traz em si alguma influência da beleza himalaica. Algumas vezes também tentei pintar, mas deixei de usar os pincéis, porque minhas pinturas pareciam garatujas desenhadas por uma criança. A beleza permanece presa às limitações dos reinos humanos quando não é apreciada vigorosamente. Quando alguém se adverte do nível mais elevado da beleza que se projeta através da natureza, torna-se um verdadeiro artista. Quando descobre o manancial de que nasce toda a beleza, o artista, em lugar de pintar, começa a compor poemas. O pincel e as cores não têm acesso a esse nível mais apurado da consciência. A beleza espiritual há de ser expressa em níveis cada vez mais profundos e sutis.

Os viajantes mais antigos do Himalaia são as nuvens que vêm rolando mansamente da Baía de Bengala. Erguendo-se do oceano, as nuvens de monção viajam no rumo dos picos nevados do Himalaia, abraçam-nos e voltam, rugindo, às planícies, carregadas da água pura da neve. Fazem chover suas bênçãos sobre o solo da Índia. Kalidasa, grande poeta sânscrito, conhecido como o Shakespeare do Oriente, compôs muitos poemas a respeito dessas nuvens. *Meghdoot* é um exemplo solitário de uma excelente coleção deles, em que Kalidasa usou as nuvens como mensageiras para levar-lhe o recado à amada, que vivia cativa no Himalaia. O *Ramayana* e o *Mahabbarata*, famosos poemas épicos hindus, desmancham-se em louvores quando descrevem peregrinações ao Himalaia. Nem os poetas modernos, que escreveram em hindi e urdu, entre os quais Prasad e Ickbal, resistiram à tentação de exaltar a beleza himalaica. Muitos poemas sânscritos, como *Mahimna*, são cantados como se um viajante subisse o Himalaia e dele descesse. Eu também compunha poemas e cantava, embora não fosse bom poeta nem bom cantor. A música clássica da Índia tomou de empréstimo *ragas*, como *Pahari*, às toadas melodiosas cantadas pelas raparigas do topo das montanhas. O Himalaia continua repleto de mistérios para os poetas, artistas, músicos e viajantes, mas só revela sua mensagem mais importante aos que estão preparados. Só os místicos são capazes de desvendar os verdadeiros segredos dessas montanhas maravilhosas.

Eu costumava errar pelas montanhas com meu urso de estimação, que me era muito fiel. Ele me queria muito bem e tornou-se sumamente posses-

sivo. Era incapaz de ferir quem quer que fosse, mas derrubava todo aquele que se aproximasse de mim. Chamei-lhe Bhola, e foi meu melhor companheiro durante esses dias. Por onze anos, viveu perto da minha caverna e sempre me esperava sair. Meu mestre não aprovava minha afeição cada vez maior por esse animal de estimação, e costumava arreliar-me, chamando-me encantador de ursos. De manhã, carregando um cajado comprido para ajudar-me a escalar o morro, eu me dirigia ao alto da montanha, que distava de seis a nove quilômetros da minha caverna. Levava comigo meu diário, alguns lápis e o urso Bhola.

Depois do dia quinze de setembro começa a nevar no Himalaia, mas continuei meus longos passeios aos píncaros das montanhas mais próximas, entoando hinos à Divina Mãe. De vez em quando me acudia ao espírito o pensamento de que minha vida pertence aos que seguem nossa tradição. Não me preocupava a minha individualidade, mas eu tinha uma consciência aguda da tradição dos sábios, que seguia. Ainda que infringisse a disciplina muitas vezes e me rebelasse, era perdoado. Nesses dias, ocorreram inúmeras experiências psicológicas e espirituais profundas. Às vezes eu me sentia como um rei, mas sem o peso da coroa na cabeça. O fato de não ter nenhuma companhia nem comunicação humana me trouxe grande paz e serenidade. Compreendi que a natureza é muito pacífica. Só perturba os que se perturbam, mas ensina sabedoria aos que lhe admiram e apreciam a beleza. Isso é especialmente verdadeiro no Himalaia.

Encontram-se em abundância nessas montanhas muitas variedades de flores. Os que possuem imaginação poética dizem que, vistas dos picos cobertos de neve, as vertentes atapetadas de flores parecem um magnífico vaso florido que um discípulo plenamente preparado desse de presente, com suma reverência, ao seu *gurudeva*. Eu me sentava à beira desses canteiros naturais e ficava olhando para o céu, à procura do Jardineiro.

Entre todas as flores que crescem nos vales do Himalaia, as mais belas são os lírios e as orquídeas. Centenas de variedades de lírios florescem antes de acabar-se o inverno e, às vezes, antes até da nevada. Há uma variedade de lírio cor-de-rosa muito bonita. Cresce em junho e em julho numa altitude de 2.400 a 3.300 metros e se encontra nas margens do rio Rudra Garo, que deságua no Ganges em Gangotri. Essa mesma variedade de lírio também cresce abaixo das árvores de Bhoja Basa.

As orquídeas do Himalaia, mais deslumbrantes do que qualquer outra flor, crescem numa altitude de 1.200 a 1.800 metros. A mais pesada que já encontrei vivia num carvalho e pesava pouco menos de 680 gramas. Algumas variedades podem encontrar-se em estufas, a poucos quilômetros de Catmandu, no Nepal, mas muitas continuam desconhecidas dos horticultores. Durante a temporada de floração, os brotos, em sua obstinação natu-

ral, retardam o florescimento e, às vezes, levam de seis a sete dias para desabrochar. As flores das orquídeas são assombrosamente belas e sua floração dura, pelo menos, dois meses e meio.

Os cactos da montanha abrem-se em flores de repente na noite enluarada. Tímidas diante dos raios do sol, suas pétalas perdem o viço antes que o sol desponte, e eles nunca mais florescem. Conheço mais de vinte e cinco variedades de suculentos e cactos no Himalaia, usados para finalidades medicinais. Disseram-me que uma planta trepadeira, a *soma*, da família das asclepiadáceas, cresce numa altitude de 3.300 a 5.400 metros.

Entre a grande variedade de flores do Himalaia, há mais de cento e cinqüenta variedades de rododendros. A mais notável é azul e branca. São comuns as variedades cor-de-rosa e vermelhas, e outra variedade possui pétalas multicoloridas. No verão, por vezes, um vale todo se alfambra de flores de rododendros.

A rainha das flores do Himalaia é a *himkamal*, ou "lótus da neve", flor raríssima. Um dia em que eu vagabundeava pelas montanhas, vi uma *himkamal* azul isolada, do tamanho de um pires, que crescia entre duas rochas, semi-enterrada na neve. Pus-me a contemplá-la e minha mente entabulou um diálogo com ela.

— Por que estás aqui sozinho? — perguntei-lhe. — Tua beleza foi feita para ser adorada. Devias dar-te a alguém antes que tuas pétalas caíssem e retornassem ao pó.

Quando a brisa lhe soprou o caule, ele estremeceu, inclinou-se na minha direção e respondeu-me:

— Crês que me sinto solitário porque estou só? Estar só é estar num só. Aprecio estas alturas, a pureza, o abrigo que me fornece o guarda-chuva azul lá em cima.

Eu queria colher a flor e pensei em arrancá-la e levá-la ao meu mestre. Comparei minha própria vida a esse lótus e exclamei, como criança alegre e irresponsável:

— Que te acontecerá se eu esmagar tuas pétalas?

O lótus replicou:

— Ficarei contente, pois minha fragrância se irradiará por toda a parte e estará cumprida a finalidade da minha vida.

Arranquei o lótus pelas raízes e levei-o a meu mestre, mas este não se mostrou muito grato. Nunca lhe agradara utilizar as flores e sua fragrância, a não ser numas poucas ocasiões em que me ordenava que colhesse flores na floresta para o culto. Foi esta a última vez que colhi uma flor. Ficou-me a impressão de ter despojado a Mãe Natureza, arrancando-lhe o filho do colo.

Nunca mais fiz isso. A beleza existe para ser admirada e não usada, possuída ou destruída. O senso estético se desenvolve quando principiamos a apreciar a beleza da natureza.

A fim de satisfazer e realizar meu desejo de ficar só, entrei a vagar de um lado para outro, admirando a natureza pelo simples fato de estar com ela. Às vezes eu descia até às ribeiras nevadas e olhava para as ondulações que batiam umas nas outras à medida que iam para a frente. Os rios e ribeiras que se precipitavam do topo das geleiras pareciam outros tantos cachos de cabelos. A música criada pelos cursos d'água é estimulante. Eu comparava a corrente da vida a essas correntes que estão sempre fluindo e observava, atento, a massa aquosa que corria para o oceano, sem jamais deixar uma lacuna. Os cursos d'água nunca voltariam para trás, mas outra massa líquida encheria o claro. Havia sempre continuidade. As ribeiras são como o fluxo perene da vida. Durante horas eu as observava, nevosas, a fluir das geleiras e das quedas d'água. As duas margens dos riachos brilhavam como prata nas noites de luar.

Vivendo na parte do Himalaia onde flui o Ganges, eu me sentava nas suas ribas rochosas e fitava os olhos no céu azul e na lua clara, que perdia a cor na areia. Observava as luzes tremeluzentes que vinham das casinhas das aldeias distantes e, quando as nuvens se separavam, via o céu cintilar com as lâmpadas de um milhão de estrelas. Essa grandiosa assembléia e longa procissão estelar ultrapassa a imaginação humana. Lá embaixo, na terra, os picos do Himalaia fruíam em silêncio a feira dos astros. Dir-se-ia até que alguns brincassem de esconde-esconde entre os picos das montanhas. Em todas as direções, os cimos e os ribeiros cobertos de neve eram iluminados pela claridade leitosa que emanava da estrelada multidão de que até hoje me lembro. À noite, a neblina formava espesso alcochoado branco sobre o Ganges, entre duas cadeias de picos nevados e, antes do nascer do sol, uma camada de neblina cobria o Ganges como alvo cobertor, debaixo do qual se tinha a impressão de que roncava uma serpente adormecida. Os raios do sol nascente precipitavam-se para beber daquelas águas sagradas com a mesma sofreguidão com que eu me precipitava para banhar-me no Ganges todas as manhãs. A água da montanha tinha a limpidez do cristal, acalmava os olhos e estimulava os sentidos.

Muitos rios fluem do grande lago Mansarobar, nas faldas do monte Kailasa, mas entre todos os rios que têm suas cabeceiras nas montanhas do Himalaia, o Ganges é único. Quando desce de suas nascentes nas geleiras de Gangotri, carrega em suas águas uma variedade de minerais de valor nutritivo e terapêutico. Raro se manifestam moléstias da pele entre os aldeões que vivem nas margens do rio sagrado. Em todos os lares há uma garrafa de água do Ganges, que quase todos costumam dar de beber aos moribundos.

Engarrafada, essa água não se estagna, e nela não sobrevivem bactérias, que sobrevivem na água de outros rios. Há muito tempo, os marinheiros descobriram que a água potável do Ganges, transportada por navios que navegavam de Calcutá a Londres, não se estagnava, ao passo que a água do Tâmisa transportada por navios que faziam o percurso de Londres à Índia precisava ser substituída durante o percurso. Os componentes químicos e minerais únicos dessa água têm sido analisados por muitos cientistas no mundo inteiro. O dr. Jagdish Chandra Bose, eminente cientista indiano, analisou a água do Ganges e concluiu: "Parece não haver outra água de rio como esta em parte alguma do mundo. Suas qualidades minerais têm poderes para curar inúmeras doenças."

Entretanto, quando o Ganges desce às planícies, é alimentado por muitos ribeirões e rios poluídos, e perdem-se os méritos da sua água. Alguns aldeões atiram os corpos de seus mortos no Ganges acreditando que, assim, as almas dos seus entes queridos vão para o céu. Pessoalmente, não aprovo o sistema de poluir a água e depois bebê-la e chamar-lhe santa. Meu mestre ensinou-me a não beber a água do Ganges, nem banhar-me nela pensando que, ao fazê-lo, eu me estaria limpando dos meus pecados. Ele doutrinou-me na filosofia do carma e disse:

— Temos de colher os frutos do nosso carma. A lei do carma é inevitável e aceita por todas as grandes filosofias do mundo: "O que semeares, colherás". Aprende a cumprir tuas obrigações peritamente, sem aversão nem apego, e não acredites que alguma coisa poderá tirar, lavando, teu mau carma. O tomar banho num rio e o fazer peregrinações de um santuário a outro não te libertarão da sujeição ao carma. Tal crença é mera superstição e carece de lógica.

Os rios que descem do Himalaia enriquecem o solo da Índia e alimentam hoje em dia mais de 600 milhões de pessoas. Nada obstante, há quem diga que essas montanhas são pobres. Escritores atrevem-se a afirmar que o Himalaia, economicamente decepcionante, tem poucos depósitos minerais e não suporta empresas de grande vulto. Concordo com eles: economicamente, as montanhas não são ricas. Espirituais, provêm à subsistência de renunciantes, e não dos materialmente opulentos. Os que tentaram explorar as riquezas do Himalaia de um ponto de vista econômico fracassaram, e os que se lançarem a tais aventuras no futuro ver-se-ão igualmente decepcionados. As aldeias himalaicas não receberam sua cota de educação, tecnologia e medicina modernas, muito embora as montanhas sejam o reservatório da água potável e das águas de irrigação de toda a Índia. Os planejadores indianos revelam-se desassisados não dando maior destaque a esse importante recurso. Os habitantes do Himalaia, todavia, preferem que as coisas continuem como estão. "Deixai-nos sozinhos sem exploração. Sede gratos e respeitai-nos de longe," são as palavras que ouço de muitos aldeões do Himalaia.

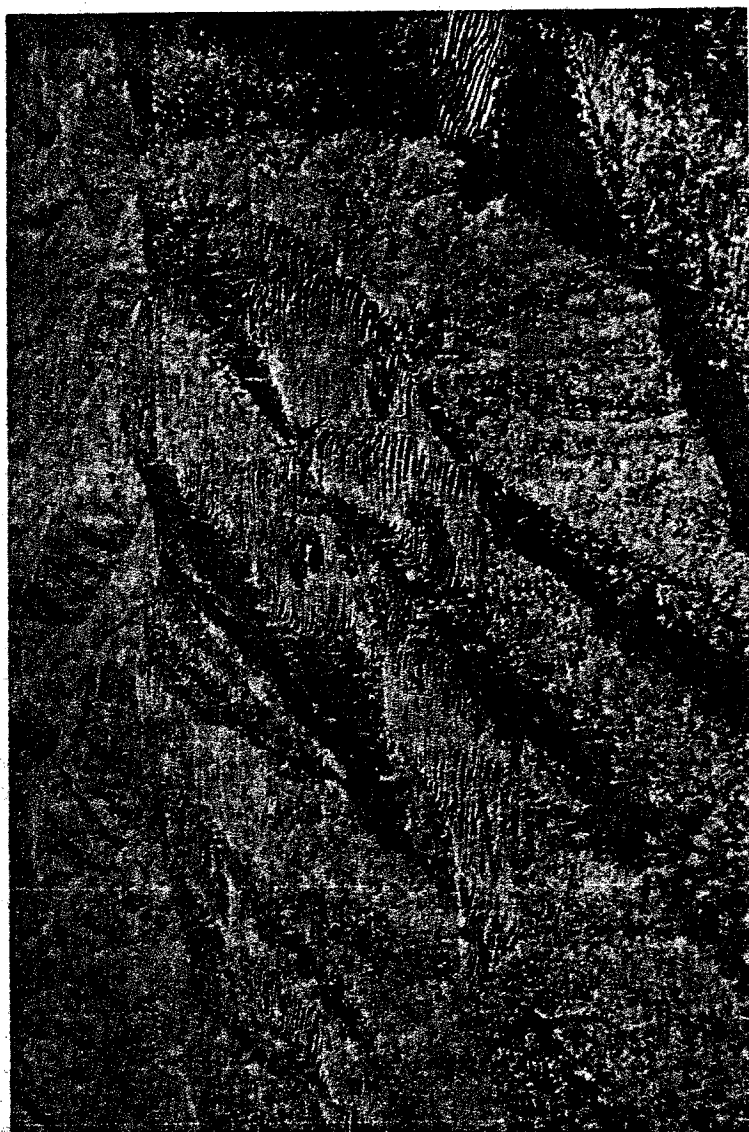
Sustentam a economia das aldeias minúsculos campos terraceados em que se cultivam a cevada, o trigo e as lentilhas. A criação inclui búfalos, carneiros, gado bovino, pôneis e cabras. Os aldeões que vivem no Himalaia do Pendjab e de Caxemira, no Himalaia de Kumayun e de Garhwal e no Himalaia do Nepal e de Siquim possuem muitas características em comum. São pobres mas honestos; não furtam nem brigam. Nas aldeias encarapitadas no alto das montanhas, ninguém tranca sua casa — as trancas não são necessárias. Há ali sítios de peregrinação. Se fordes a um santuário no alto das montanhas e deixardes cair vossa bolsa no caminho, ela estará no mesmo lugar quando por lá passardes semanas depois. Ninguém tocará nela. Considera-se falta de respeito mexer nas coisas alheias sem permissão. "Por que precisaríamos das coisas dos outros?" perguntarão. Não há cobiça porque as necessidades são escassas. Eles não sofrem de insanidade materialista.

Os aldeões só precisam que as planícies lhes forneçam sal e óleo para queimar em suas lâmpadas. Tais sociedades aldeãs são menos corruptas do que a maioria das outras espalhadas pelo mundo, mercê dos hábitos simples, honestos e delicados do povo. A vida é calma e pacífica. As pessoas não sabem odiar. Não compreendem o ódio. E não querem descer às planícies. Quando deixam as montanhas, não se sentem à vontade no meio da gente das planícies com seus truques, jogos e fingimentos. Nas áreas das montanhas mais influenciadas pela cultura moderna, no entanto, a mentira e o furto começaram a ocorrer com maior freqüência.

Considera-se a sociedade moderna adiantada e culta, mas ela não é autêntica, mas artificial como qualquer pérola artificial. Poucos, hoje em dia, dão valor às pérolas autênticas. O ser humano moderno enfraqueceu-se e enfraqueceu sua natureza humana ao procurar cultivá-la cada vez mais, e ao perder o contato com a natureza e a realidade. Na cultura moderna, vivemos para mostrar-nos aos outros, e não para servi-los. Mas se fordes às montanhas, seja qual for a vossa identidade, as primeiras coisas que vos perguntarão são as seguintes:

— Já comestes? Tendes onde ficar?

Qualquer um ali vos fará essas perguntas, quer sejais amigo, quer sejais estranho.

O povo do Himalaia de Garhwal e Kumayun é inteligente, culto e hospitaleiro. A arte do vale de Kangra e a arte de Garhwal são famosas por seu trabalho singularíssimo de bico de pena e de cor. A educação em algumas comunidades serranas é melhor do que em muitas outras partes da Índia. Os padres das diferentes comunidades sabem tanta astrologia misturada com tantrismo que, às vezes, o seu saber surpreende os viajantes das planícies. O povo leva uma vida simples, próxima da natureza. Mora em belas casas de madeira e tece as próprias roupas. À noite, reúne-se para

Campos terraceados no Himalaia.

salmodiar e cantar seu folclore em belas melodias. Dança num grupo e entoa canções populares harmoniosas e comoventes. Os tambores das montanhas são excelentes e as flautas de bambu e harpas primitivas são usadas pelos pastores e pelas crianças de escola. Quando os rapazes e raparigas sobem as montanhas em busca de capim para o gado e madeira para lenha, compõem espontaneamente e cantam poemas. As crianças têm um modo próprio de gozar a vida jogando hóquei e futebol. A reverência aos pais e pessoas mais velhas é uma das características notáveis da cultura himalaica.

A maioria das árvores que cresce em altitudes de 1.200 a 1.800 metros são carvalhos, pinheiros e *devdaru* (abetos) de várias espécies. Nas altas montanhas, cresce a *bhoja patra* e fornece papel de córtice, que os aldeões utilizam para registrar suas experiências, o modo com que levam a cabo seu culto religioso, e o emprego de ervas. Todo aldeão conhece alguma coisa acerca de ervas, úteis para muitos propósitos na vida cotidiana. Todas as aldeias de Caxemira e do Pendjab, do Nepal e de Siquim são famosas pelos soldados robustos e sadios que fornecem ao exército indiano. A expectativa de vida do povo, muitas vezes, é superior a cem anos.

A comunidade himalaica que vive nas montanhas do Paquistão chama-se *hunza* e come carne, mas a que vive na parte indiana do Himalaia chama-se *hamsa*, e é vegetariana. *Hamsa* quer dizer "cisne", e este é um símbolo freqüente na mitologia hindu. Diz-se que o cisne tem o poder de separar e beber apenas o leite de uma mistura de leite e água. Da mesma forma, este mundo é uma mistura de duas coisas: o bom e o mau. A pessoa sábia escolhe e fica com o que é bom e deixa de lado o que é mau.

Em todo o correr das montanhas o culto de *Shakti** é conspícuo, e em toda aldeia há pelo menos uma ou duas capelinhas. Os sábios viajam e não formam comunidades. Provêm de culturas diferentes e de diferentes partes do país (e do mundo) e vivem em cavernas, debaixo de árvores ou em minúsculas choças de sapé. Esses locais de habitação, considerados como templos, situam-se fora das aldeias. Há sempre um sábio, pelo menos, e às vezes vários, que lá se demoram e cujas necessidades mais urgentes são satisfeitas pelos aldeões. Quando algum *sadu*** iogue ou sábio errante aparece, os aldeões lhe oferecem, prazerosos, a comida de que dispõem. Gostam de receber hóspedes e travam amizade facilmente com eles. Quando viajei pelo Himalaia, não me agradava ficar com os aldeões ou com os funcionários estacionados aqui e ali, mas preferia aposentar-me nas ermidas, cavernas e choças de sapé dos sábios.

---

* Mãe Divina.
** Renunciante.

Culturalmente, o Himalaia não constitui obstáculo nem cria barreiras para os países situados de um e de outro lado dele. Há centenas de comunidades e nacionalidades nessas montanhas que se notabilizam por peculiaridades em seus modos de vida, resultantes de alguma fusão insólita da cultura indiana com a tibetana e a chinesa. Falam-se línguas diferentes em diferentes partes do Himalaia. Tempo houve em que eu falava o nepali, o garhwali, o kumayuni, o pendjabi e um pouco de tibetano, mas nunca aprendi o idioma falado em Caxemira. O conhecimento dessas línguas das montanhas ajudou-me a comunicar-me com os líderes espirituais locais e com os herbanários.

O mês de julho é o melhor mês para se viajar no Himalaia. A neve e as geleiras estão derretendo, e milhares de ribeiras precipitam-se por toda a parte. O frio não é desagradável e os que conhecem a natureza das geleiras, avalanchas e deslizamentos de terra podem viajar com cuidado, mas com conforto. Os perigos das montanhas do Himalaia são hoje iguais ao que sempre foram. Avalanchas, ribeiras e rios vertiginosos, rochedos que se projetam no espaço e picos cobertos de neve que se alteiam, sobranceiros, não mudarão seus modos de ser por viajante nenhum. Apesar disso, a herança espiritual do Himalaia há muito tempo vem motivando viajores a explorar-lhe a sabedoria desconhecida. Há mais de mil anos, centenas de viajantes tibetanos e chineses, encontrando a literatura budista da Índia, traduziram-na para suas próprias línguas, disseminando desse modo os ensinamentos budistas em seus países. O Grande Veículo do budismo *(Mahayana)* transpôs as fronteiras himalaicas, primeiro para o Tibete e depois para a China, enriquecendo a cultura e a religião chinesas. As tradições meditativas do zen são aspectos desse budismo transmitido, em seguida, para o Japão. Os ensinamentos originais foram instilados por mestres hindus, que viajaram para o Tibete e para a China há dez séculos. Os adeptos do taoísmo e do confucionismo adoram o Himalaia e os mestres himalaicos, pois receberam muita sabedoria dos que viajaram e viveram nessas montanhas. O princípio da inação enfatizado pelo taoísmo encontra-se formulado com precisão no Bhagavad Gita. O conceito de *nirvana*, claramente presente na filosofia indiana primitiva, exerceu influência sobre todas as religiões do Tibete, da Mongólia, da China e do Japão. Hoje em dia, o Tibete é um país comunista e tudo faz crer que sua antiga sabedoria e a cultura que nela se baseava desapareceram. Entretanto, o Dalai Lama e um punhado de seguidores migraram para os contrafortes das montanhas do Himalaia na Índia.

Essas montanhas foram meus sítios de recreio. Dir-se-iam amplos gramados estendidos, como se a Mãe Natureza tivesse cuidado deles pessoalmente de modo que seus filhos que vivem nos vales permanecessem felizes, alegres e cônscios do propósito da vida. É ali que se pode chegar a compreender que desde a menor das hastes de relva até ao mais alto dos píncaros, não há lugar para a tristeza na vida.

O sagrado Himalaia.

Meus quarenta e cinco anos de existência e viagens com os sábios do Himalaia, sob a direção do meu *gurudeva*, permitiram-me experimentar em poucos anos o que normalmente ninguém experimentaria em várias existências. Foi-me possível fazê-lo em virtude da graça do meu amado mestre, que queria que eu experimentasse, escolhesse e decidisse por mim mesmo. A série de experiências e meu aprendizado com os sábios me ajudaram a atingir e manter um centro de percepção interior. Eu vos contarei como cresci e como fui exercitado, falarei sobre os grandes sábios com os quais vivi e o que me ensinaram, não através de conferências e livros, mas através de experiências. As histórias reunidas neste livro são um registro de algumas delas. Toda vez que desejo contar uma história ao mundo, penso que o próprio mundo é uma história. Oro por que outros também possam tirar proveito dessas experiências, e por esse motivo falo nelas quando faço conferências ou leciono. Sempre pergunto aos meus alunos:

— Que é o que é meu e que foi o que não te entreguei?

Dessas histórias espirituais, aprendei o que é proveitoso ao vosso crescimento, e começai a praticá-lo, deixando, por enquanto, com o narrador o que está além do vosso alcance. As lembranças dessas experiências ainda hoje me despertam e sinto que as montanhas do Himalaia me chamam de volta.

Meu gurudeva e meus pais

Meu pai era um conhecido sanscritista e homem altamente espiritual. Muitos brâmanes, que viviam em sua aldeia, procuravam-no para consultá-lo e estudar com ele. Moderadamente rico e generoso proprietário de terras, meu pai não arava seus campos pessoalmente, mas partilhava dos produtos deles com os trabalhadores que o faziam. Fazia seis meses que ninguém sabia do seu paradeiro e a família já chegara à conclusão de que ele morrera ou pronunciara um voto de renúncia. Na realidade, ele estava fazendo um longo retiro, porque tinha problemas com suas práticas espirituais. Entregava-se a uma intensa meditação na floresta de Mansa Devi, não longe de Hardwar. Numa viagem que fez, de passagem por Mansa Devi, meu mestre chegou certa noite ao sítio em que meu pai se encontrava. Ao vê-lo, meu pai conheceu de pronto que aquele era o seu *gurudeva*. Muitas vezes, num contato inicial dessa natureza entre mestre e discípulo, os dois corações respondem e se abrem espontaneamente um para o outro. Isso pode acontecer ao simples contato de um olhar. Logo depois se inicia a comunicação sem ação e sem fala. Meu mestre lá ficou uma semana, orientando meu pai e instruindo-o finalmente para voltar para casa, que ficava a 1.650 metros de altitude nas colinas de Uttar Pradesh.

Minha mãe renunciara à esperança de ter o marido de volta e encetara uma prática intensiva de austeridades. Quando meu pai regressou, narrou-lhe suas experiências com o mestre que o iniciara em Mansa Devi. Contou-lhe que este lhe dissera que, embora tivessem quarenta e três e sessenta anos de idade, respectivamente, teriam um filho que também o seguiria.

Dois anos mais tarde, meu mestre desceu do Himalaia à aldeia de meus pais e visitou-lhes a casa. Meu pai estava jantando quando meu mestre chegou, e minha mãe atendeu à porta. Sem saber quem era, pediu-lhe que fizesse o favor de esperar porque seu marido estava jantando e ela o estava servindo. Ao saber da chegada de um hóspede, meu pai deixou a comida e correu para a porta. Meu mestre disse:

— Não vim comer nem aceitar tua hospitalidade. Quero que me dês uma coisa.

— Tudo o que tenho é vosso, — replicou meu pai.

— Preciso do teu filho, — disse meu mestre.

— Se tivéssemos um filho em nossas idades seria um milagre, — responderam meus pais, — mas, se pudermos tê-lo, será vosso.

Dezoito meses depois desse encontro, nasci.

No dia em que nasci, meu mestre chegou à nossa casa e pediu a minha mãe que me entregasse a ele. Como mãe recente e protetora, minha mãe relutou em comprazer-lhe, mas meu pai pediu-lhe que o fizesse. Depois de segurar-me por alguns minutos nos braços, meu mestre entregou-me de novo a ela com estas palavras:

— Cuidai dele; voltarei mais tarde e o levarei comigo.

Três anos depois meu mestre voltou e encetou minha iniciação murmurando uma mantra no meu ouvido direito. Eu disse-lhe que já conhecia a mantra e que a estivera recordando durante o tempo todo. E ele respondeu:

— Eu sei. Estou apenas confirmando o que recordas.

Quando criança pequena, eu não sentia afeição alguma por meus pais, mas me lembrava de meu mestre o tempo todo e tinha uma consciência permanente da sua presença. Eu pensava tanto nele que, às vezes, meus pais me pareciam estranhos. Eu costumava pensar: "Não pertença a este lugar nem a essa gente". De quando em quando, minha mãe olhava para minha orelha direita e examinava o buraco que ali havia desde que eu nascera. Às vezes, punha-se a chorar, dizendo:

— Um dia, tu nos deixarás e partirás.

Eu amava minha mãe e meu pai mas, na verdade, costumava esperar por esse dia, pois me lembrava, nessa idade, de que o meu propósito na vida era completar a missão não completada de minha vida anterior. Quando criança, eu memorava claramente os pormenores de minha existência pregressa.

Eu despertava todas as noites porque meu mestre me visitava reiteradamente em sonhos. Isso perturbava e preocupava meus pais, que consultaram padres, médicos e astrólogos para descobrir o que estava errado, mas, através de um mensageiro, meu mestre disse-lhes que não se preocupassem porque não havia nada de errado comigo.

Viviam na mesma aldeia, duas velhas viúvas com as quais eu tinha o hábito de conversar sobre meus planos futuros. Elas eram muito santas. Sempre me aconselhavam a ir para uma escola secundária a fim de estudar.

Na realidade, me acabaram persuadindo a fazê-lo, mas logo abandonei a escola e não voltei a ela. Achei que era inútil para mim gastar meu tempo numa escola daquelas.

Volvidos alguns anos, meus pais morreram e fui ter com meu mestre, que se pôs a disciplinar-me, embora isso lhe fosse difícil. Eu raro pronunciava a palavra "pai" porque não tinha afeição alguma ao meu pai físico. Nunca lhe senti a falta, porque recebi mais do meu mestre do que qualquer filho pode receber do pai. Meu mestre não é apenas pai para mim, mas muito mais do que isso.

Ele conhecia todos os pensamentos que me acudiam à mente. Se eu pensasse em não fazer a meditação, olharia para mim e sorriria. E se eu perguntasse:

— Por que estais sorrindo?

Ele me responderia:

— Porque não queres meditar.

Isso ajudou-me, porque eu tinha a certeza de que ele me estava dirigindo, não só no tocante aos meus atos e palavras, mas também no que se referia à organização dos meus processos mentais e emoções. Eu tinha medo de pensar em coisas indesejáveis, mas ainda que pensasse em alguma coisa que parecesse má, ele continuava a amar-me apesar disso. Nunca me controlava os pensamentos mas, com delicadeza, me fazia tomar consciência dos meus processos mentais. O discípulo é sempre amado pelo mestre. O verdadeiro mestre jamais condena o discípulo, por pior que seja este último. Ao invés disso, ajuda-o e corrige-o delicadamente. Por mais que o filho proceda mal, a mãe amorosa continuará a querer-lhe com ternura. E assim como ela cria o filho dando-lhe amor, gentileza e orientação, assim o mestre cria o discípulo.

Eu não sabia o que uma mãe e um pai poderiam dar, mas meu mestre me deu tudo, e nunca esperou retribuição, nem eu tinha coisa alguma para dar-lhe. O amor que lhe dedico é imenso, pois ele fez tudo por mim — educou-me, exercitou-me — e até agora nada pude fazer por ele. Mas um mestre de nada precisa. Os verdadeiros líderes espirituais são assim: nada tiram e tudo dão.

O verdadeiro professor, totalmente desprendido, ama seus alunos mais até do que um pai pode amar o filho. O pai, por via de regra, só transmite meios materiais, ajuda os filhos a crescer e exercita-os a viver no mundo. Mas o pai espiritual dá com desinteresse o que não pode ser dado por um pai nem por ninguém. Só vi um exemplo disso na tradição espiritual. O pai e a mãe dão à luz, criam, educam e transmitem sua propriedade, mas um *gurudeva* dá a seus discípulos o conhecimento que lhe advém da experiência

direta. A transmissão desse conhecimento é uma tradição iogue, exatamente como o é a transmissão da propriedade aos filhos pelo pai. O amor divino do mestre, longe de ser como o amor humano, é algo que só o coração, e nunca a mente, tem capacidade de compreender. Numa autêntica tradição espiritual, o mestre dá tanto ao discípulo que lhe domina e transforma a existência.

Depois que passei com meu mestre um bom período de tempo, mandaram-me viver em companhia de meu condiscípulo em Gangotri. Este começou por ensinar-me os textos sagrados. Gostava de mim, mas não compreendia minha insubmissão nem fechava os olhos às minhas constantes brigas com outros sadus. Mandava a meu mestre recados desabonadores do meu comportamento e meu mestre vinha buscar-me e levava-me consigo por algum tempo. Depois, mandava-me de volta à casa do meu condiscípulo. Eu também me sentia infeliz na situação de hóspede de uma família mas, felizmente, isso acontecia raras vezes.

Um dia, curioso por conhecer a vida do meu condiscípulo, perguntei-lhe repetidamente onde nascera. Eu não sabia que os renunciantes nunca discutem seu passado mas, diante da minha insistência, ele me revelou o local do seu nascimento. Mestres e sábios não querem recordar o passado, nem dão muita importância a aniversários, idades ou locais de nascimento. Desagrada-lhes falar sobre os membros de suas famílias de sangue. Quando se realiza a cerimônia da iniciação, o próprio renunciante executa seus últimos ritos e, a seguir, deliberadamente, esquece o lugar em que nasceu e as pessoas com as quais viveu até então. É um costume nas ordens do renunciante não discutir o próprio passado. Chamam-lhe o passado morto e consideram-se renascidos. Fiz as mesmas perguntas a meu mestre, e só depois de muita persistência de minha parte, ele me contou alguma coisa da sua vida. Referiu-me que nascera de uma família brâmane da Bengala Ocidental. Os membros da família eram iniciados de um sábio que costumava descer do Himalaia de vez em quando e viajar naquela área. Filho único, ficara órfão em tenra idade e fora adotado por esse mesmo sábio. Meu mestre tinha oitenta anos quando me contou essa história. Fala com um sotaque bengali e, conquanto não use sua língua nativa, canta, às vezes, canções bengalesas. Sanscritista, conhece inglês e várias outras línguas.

De uma feita, durante minhas viagens à Bengala, visitei o local de nascimento de meu mestre. Não havia vestígios de sua casa e pensei em erguer ali um monumento comemorativo em sua honra, mas ele me recomendou que não o fizesse. Na aldeia, ninguém sabia nada a seu respeito, exceto duas velhas senhoras já octogenárias, segundo as quais um mestre do Himalaia chegara e o levara quando ele tinha catorze anos de idade.

— Nós nos lembramos dele, com efeito, — disseram elas, e mostraram-se curiosas por saber se ele ainda vivia, onde estava e que fizera da sua vida.

Meu mestre vive numa caverna, da qual só sai uma vez por dia, ao nascer do sol, regressando uma hora depois. Duas vezes por dia se levanta do assento. Às vezes, sai da caverna mas, outras, ali fica sem sair dias a fio. Três ou cinco discípulos adiantados permanecem com ele o tempo todo. Por três meses, durante o inverno, meu mestre, acompanhado de seus discípulos, desce para uma altitude de 2.100 a 2.400 metros. Viaja, de vez em quando, para o Nepal e demora-se por alguns meses a onze quilômetros de Namchabazzar.

Toma geralmente leite de cabra e, de onde em onde, o leite de uma vaquinha preta *shyama*, animal de estimação, objeto dos cuidados dos estudantes. De tempos a tempos eu dava-lhe, para beber, meio copo de água misturado com meio copo de leite de cabra. Eu dava-lho sem que ele mo pedisse e, ao ver que ele não o tomava, levava-o embora. Mais tarde, dava-lhe mais. Era esse o seu único alimento.

Meu mestre permanece em *Sahaja-samadhi** e fala muito pouco. Em certa ocasião, vivemos juntos por nove meses e quase não nos falamos. Durante a maior parte do tempo permanecemos sentados, de olhos fechados, meditando. Eu fazia o meu trabalho e ele, o dele. Não havia ocasião para falar. Havia compreensão e, portanto, não se fazia mister a comunicação oral. Quando a compreensão não está presente, a conversação é necessária ao relacionamento, mas a linguagem é um pobre meio de comunicação. Já havia comunicação num nível mais profundo, de modo que não era preciso falar. Meu mestre e eu acreditávamos mais na comunicação silenciosa. Ele respondia às minhas perguntas tolas com um sorriso. Falava muito pouco, mas criava uma atmosfera para o meu crescimento.

Algumas pessoas chamam-lhe Baba Bengali e algumas só o conhecem por Babaji. Eu chamo meu *gurudeva* de "mestre" porque não me ocorre palavra mais apropriada do que essa. O amor que lhe dedico é como uma lei eterna. Nunca o achei destituído de realismo no que me ensinou, e nunca me pareceu egoísta em nenhum sentido. Todos os seus ensinamentos, através dos seus atos, das suas palavras ou do seu silêncio estavam repletos de amor divino. Não tenho palavras adequadas para abarcar-lhe a grandeza. Acredito devotamente que ele é um iogue de sabedoria imortal e um dos maiores mestres do Himalaia. Sua razão para viver é iluminar os que estão preparados, e amar, proteger e guiar os que ainda se estão preparando. Qualquer pessoa que esteja em dificuldade e se lembre dele é ajudada. Sei-o porque isso me aconteceu muitas vezes e aconteceu a vários outros.

---

* Estado constante de profunda contemplação.

Sempre que sobra algum tempo em minha pauta cheia, sinto um desejo forte de voltar para ele, que é o meu único guia. Com toda a reverência e devoção possíveis, presto-lhe homenagem onde quer que eu esteja. Os erros que cometo são meus, mas o que há de bom em minha vida provém dele.

Meu mestre e o príncipe swami

Meu mestre é conhecido em toda a Índia por este acontecimento histórico que vou relatar. Ao que tudo indica, muitos advogados, juízes e outras pessoas cultas na Índia já o conhecem.

Havia um moço chamado Bhawal Sannyasi, que era príncipe herdeiro de Bhawal, Estado de Bengala. Depois do seu casamento, passava a maior parte do tempo com a esposa em sua luxuosa residência na montanha, em Darjeeling. A esposa apaixonara-se por um médico, e os dois amantes conspiraram para envenenar o príncipe. O médico começou a aplicar-lhe injeções de peçonha de naja em doses mínimas, dizendo ao príncipe que eram injeções de vitaminas. Em seguida, foi aumentando lentamente as doses até que um dia, dois meses depois, o príncipe foi declarado morto. Imensa procissão transportou-lhe o corpo ao local de cremação, à margem de uma ribeira da montanha. No momento em que se ateou fogo às pilhas de lenha e se colocou o corpo sobre o fogo, desabou uma chuva torrencial. (Darjeeling tem fama de ser o lugar de maior densidade pluviométrica do mundo). A chuva apagou o fogo e a ribeira transbordou, carregando o corpo em suas águas.

Três milhas a jusante do local de cremação, meu mestre se achava numa caverna com alguns discípulos *swamis*. Viajava, naquela ocasião, das faldas das montanhas de Kinchanchanga para a nossa caverna no Himalaia de Kumayun. Quando viu o corpo amarrado com pano de ataúde e varas de bambu precipitando-se ribeira abaixo na sua direção, deu instruções aos discípulos para que o retirassem da corrente e o libertassem das cordas bem amarradas. E disse:

— Esse homem não está morto, mas em estado de profunda inconsciência, sem respiração e sem pulsação normais. É meu discípulo.

Os *swamis* desamarraram as cordas e levaram o corpo à presença dele. Duas horas depois, o príncipe recobrara os sentidos, mas esquecera completamente o passado. Tornou-se discípulo de meu mestre e foi iniciado, mais

tarde, como renunciante. Viveu com meu mestre sete anos. Meu mestre recomendou-lhe, então, que visitasse diferentes lugares para conhecer outros sábios. Predisse que o príncipe *swami* encontraria sua irmã e se recordaria do passado, vaticinando ainda:

— Surgirão muitos problemas para nós e, por isso, acho melhor procurarmos maiores altitudes.

Endereçou-se à nossa caverna ancestral no Himalaia e lá ficou vários anos.

Depois de errar por diversos meses nas planícies e conhecer muitos sábios, um dia, sem querer, o príncipe *swami* foi pedir esmolas em casa da irmã, que o reconheceu de pronto. Em seis horas ele relembrou todos os pormenores do passado. Eu era jovem nessa época e me recordo com precisão das minúcias do incidente, tais como foram então relatadas.

Influenciado pelas instigações da família e lembrando-se do passado, o príncipe *swami* dirigiu-se ao tribunal e afirmou ser o príncipe de Bhawal. Chamaram-se inúmeras testemunhas para depor em favor de ambas as partes do caso. No correr do processo ficou provado que o médico obtivera veneno de naja de um laboratório em Bombaim. E ficou provado, sem qualquer sombra de dúvida, que o *swami* era o príncipe envenenado pela esposa e pelo médico, amante dela. O príncipe *swami* contou que, tendo sido declarado morto, seu corpo fora carregado para o sítio de cremação perto de Darjeeling, arrebatado por uma inundação e recolhido por um mestre do Himalaia e seus discípulos. Meu mestre não foi ao tribunal, mas mandou dois *swamis* para depor. O caso continuou no tribunal de Calcutá vários anos e foi um dos processos mais compridos e de maior repercussão em toda a história judiciária indiana. O príncipe, afinal, recuperou a posse de sua propriedade e riqueza mas, ironicamente, morreu um ano depois.

Através deste caso meu mestre se tornou conhecido em todo o país e começou a ser procurado. Sempre evitou multidões e apenas tem trabalhado com um grupo seleto de discípulos, aos quais proporciona constante e carinhosa direção. Não quer aparecer sob a luz de refletores. O povo da Índia já perguntou muitas vezes quem é esse grande sábio, mas meu mestre prefere permanecer afastado das multidões. Prefere continuar desconhecido, e diz que o aspirante que deseja realmente seguir o caminho da iluminação evitará multidões, publicidade e grandes séquitos.

Nome e fama são as maiores barreiras e armadilhas que pode encontrar um homem espiritual. Mesmo depois de abrir mão das posições mundanas, o desejo de conquistá-los se esconde na mente inconsciente. O aspirante deve eliminar de todo esse desejo, dedicando o corpo, a mente e a alma ao Senhor e não tendo nenhum desejo pessoal, seja ele qual for. Um sábio nessas

condições pode ajudar, curar e guiar a humanidade desde um canto sossegado e isolado do Himalaia. Servir a humanidade torna-se parte importante da vida para tais sábios, que nada esperam dela, pois entendem que servir à humanidade é a expressão do amor a Deus.

Pegadas de ilusão

Os ocidentais têm ouvido muitas histórias a respeito da existência de ietis, homens das neves e Xangrilá. Conquanto tais histórias se baseiem em fantasias e ilusões, traficantes da curiosidade, atraídos por elas do Ocidente, têm tentado descobrir os segredos do Himalaia, ajudados pela comunidade de carregadores xerpas, tradicionalmente treinados para escalar montanhas e que ganham a vida guiando viajantes às serranias do Himalaia. Os guias xerpas têm conhecimento dos picos mais proeminentes e são muito úteis para ajudar escaladores e expedicionários, mas ignoram a tradição espiritual de qualquer parte do Himalaia.

Muitos estrangeiros têm marinhado por essas montanhas à procura de Xangrilá, mas Xangrilá não existe. O seu mito baseia-se na existência de dois antigos mosteiros, feitos em cavernas e escondidos no Himalaia. As cavernas são descritas em nossos livros sagrados tradicionais e têm uma longa herança de meditação e práticas espirituais. Uma está situada no monte de Kinchanchanga, a 4.200 metros de altitude, e o outro, onde vivi, no Himalaia profundo, nas fronteiras do Tibete e de Garhwal. Acomoda confortavelmente muitos praticantes a 3.600 metros acima do nível do mar. Pouquíssimas pessoas têm estado ali. O mosteiro ainda existe e nele se encontram preservados inúmeros manuscritos redigidos em sânscrito, tibetano e *sandhya vasha.*

Os estrangeiros vão ao Himalaia e sobretudo a Darjeeling para escalar montanhas com o auxílio dos xerpas. Durante sua expedição, falam e pensam em Xangrilá, homens das neves e ietis. Carregam câmaras, tendas, máscaras de gás e alimentos enlatados, e chegam a provocar desordens em alguns lugares. Existe, porém, uma parte desconhecida do Himalaia, e os que não estão preparados e têm amor à vida não devem sequer tentar alcançá-la.

Certa vez, encontrei um homem rico do Ocidente, acompanhado de um grupo de indianos, que andava à cata de homens das neves. Não consegui convencê-los de que os chamados ietis, ou homens das neves, não existem, e eles gastaram quatro meses e 33.000 dólares procurando-os. Mas voltaram a

Deli decepcionados. Esse americano rico pretendia filmar um ieti ou homem das neves e chegou a publicar a fotografia de um sadu nepalês, chamando o sadu de homem das neves. Encontrei também uma mulher ocidental com dois guias xerpas em Siquim. A mulher sofria de grave ulceração produzida pelo frio e confidenciou-me que sua missão na vida consistia em procurar homens das neves. Ficou em Darjeeling e realizou três tentativas para encontrá-los mas nunca achou nenhum.

Posto que eu tenha perambulado pelo Himalaia desde a minha infância, nunca topei com um homem das neves, embora ouvisse muitas histórias sobre eles. As avós nas aldeias himalaicas contam-nas aos netinhos. A história do homem das neves é tão antiga quanto a capacidade de fantasiar da mente humana. Nas neves profundas, nossa visão torna-se indistinta e ursos brancos, que raro se avistam nas montanhas, são confundidos com homens das neves à distância. Esses ursos vivem em grandes altitudes nas montanhas e furtam a comida dos expedicionários. Deixam grandes pegadas compridas, que se parecem com as de seres humanos.

A palavra ieti é mal empregada no sentido de homem das neves. Trata-se de um termo sânscrito que significa renunciante, pessoa austera, e designa um grupo de sadus renunciantes que pertencem a uma das ordens de Shankaracharya. Como é estranho empregar essa palavra para nomear um homem das neves; os ietis são seres humanos e não homens das neves!

A mente humana permanece sob a influência da ilusão até que a ignorância se dissipe de todo. Quando não há clareza mental, os dados coligidos do mundo exterior não são percebidos de maneira coordenada, e a mente enevoada tem uma visão falsa. Essa é uma das modificações da mente, como a imaginação, a fantasia, o símbolo e as idéias. *Maya* é a ilusão cósmica e *avidya*, a ignorância individual que decorre da falta de conhecimento dos objetos e da sua natureza. É outra ilusão. A história do Pé Grande baseia-se na crença numa fantasia e na percepção descoordenada. Quando um urso se põe a correr sobre a neve, escala montanhas ou se precipita encosta abaixo, o tamanho das suas pegadas torna-se muito grande. Quando tive um urso de estimação, eu mesmo fiquei surpreso com o tamanho das pegadas produzidas por ele. Costuma ser grande e semelhante a um pé humano.

Infelizmente, o mundo, sob o influxo da ilusão, ainda está à procura de sombras e do pé grande. Chamo-lhe *maya* himalaica. Nasci e vivi nestas montanhas e nada tenho para dizer aos que gostam de acreditar em mitos e ainda buscam o que nunca existiu. Deus lhes ajude as almas mal orientadas. Estas não são pegadas do homem das neves nem de ietis, mas da ilusão.

Como vivemos nas cavernas

Os que estão realmente empenhados em levar uma vida de austeridade podem viver convenientemente em certas partes do Himalaia, onde existem pequenas cavernas, capazes de acomodar de quatro a cinco pessoas. Ali se encontram também uns poucos mosteiros feitos em cavernas, que preservam, intactas, as tradições. O mosteiro que me viu crescer é um deles. Em nosso mosteiro-caverna, a tradição remonta a quatro ou cinco mil anos, e está bem resguardada. Temos registros da identidade dos primeiros mestres e da maneira com que se iniciou a tradição.

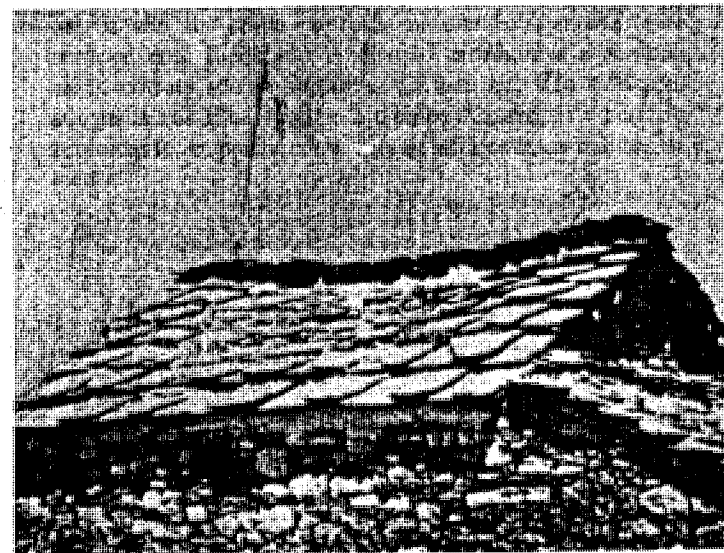
Nosso mosteiro-caverna é uma cavidade natural de muitos compartimentos. Com o correr dos séculos, as rochas foram sendo pouco a pouco talhadas, a fim de aumentar cada vez mais o recinto, para que pudesse acomodar grande número de estudantes. Gerações de moradores trabalharam por tornar a caverna confortável e pacífica, mas ela não é muito moderna. Entretanto, em que pese à inexistência de banheiros, cozinhas e outras comodidades, os mosteiros funcionam muito bem.

Para clarear o interior, existe uma vareta de incenso chamada *dhoop*, feita de ervas. Enquanto arde, produz luz e, quando se extingue, deixa uma fragrância. O *dhoop* esmaga-se cru e imprime-se-lhe depois o formato de vareta, com 10 cm de comprimento e 2,5 cm de grossura. Arde bem, e podem ler-se os livros sagrados à sua luz suavizante. Quando se extingue, exala uma fragrância especial e funciona como incenso. Usam-se também galhos de pinheiro e *devdara* para fazer boas tochas. Ambos possuem uma resina natural, que os ajuda a queimar sem qualquer dificuldade. A caverna é mantida a uma temperatura aquecida graças ao *dhooni*, fogueira que nunca se apaga, alimentada por imensas toras de madeira, ajuntando-se-lhe o combustível regular e vigilantemente. Reúne-se lenha suficiente no verão para usar no inverno. Também se cultivam verduras nutritivas nas margens de ribeiras próximas durante o estio. Ali se usam igualmente certas variedades de cogumelos e *lingora* e *ogal*, duas hortaliças comuns, que crescem em estado selvagem. Existem diversas espécies de raízes; duas são chamadas

Uma caverna himalaica.

tarur e *genthi;* outras têm a aparência e o sabor de batatas doces. Em nossa caverna, vivemos confortavelmente de cevada, batatas, trigo, grão-de-bico e milho, que se cultivam nas aldeias da montanha, a 2.000 metros de altitude. Cada aldeia mantém uma indústria de fundo de quintal, que produz cobertores de lã, tapetes e roupas quentes de ótima qualidade. Um estreito e perene curso d'água flui da nossa caverna na montanha. Em novembro e dezembro, quando a água se descongela, simplesmente derretemos a neve. Em outras cavernas em que já vivi, como a de Manali, não se obtém água potável com facilidade e temos de ir buscá-la a uma distância de cinco a sete quilômetros.

Existem eremitérios onde os mestres ainda lecionam os alunos à moda antiga. Nelas, o mestre vive numa caverna natural e os discípulos vêm de vários lugares para estudar e praticar com ele. A maioria dos estudantes presuntivos, porém, não chega a essas cavernas, pois há qualquer coisa no Himalaia que protege os mestres dos simples curiosos ou dos que não estão preparados para receber ensinamentos superiores. Se um deles sair de casa e se puser à procura de um mestre só por curiosidade ou por motivos emocionais, não alcançará as elevações maiores. Carecerá da intensa determinação e do ímpeto necessários para chegar a esses sítios escondidos no mais profundo das cordilheiras, onde habitam os grandes sábios.

O ensino é feito amiúde por demonstração, e se processa em ocasiões fixas. Pede-se, então, aos alunos que façam praça do seu progresso demons-

Uma ermida no Himalaia.

trando suas habilidades. Às vezes, o ensino se opera em silêncio e, alcançado determinado nível, os mestres perguntam:

– Como poderão os outros aprender com iogues se passardes a vida numa caverna?

Conseqüentemente, a maioria dos alunos deixa a caverna após alguns anos.

É importante tornarmos a nossa existência criativa e útil mas, antes de fazê-lo, devemos estabelecer contato com nossos próprios potenciais no mais íntimo de nós, disciplinando-nos e obtendo o controle da nossa mente, das nosssas palavras e dos nossos atos. Se se praticar, ainda que por poucos anos, a disciplina ensinada nos mosteiros das cavernas, a flor da vida florirá para sempre. Uma pessoa que tiver logrado semelhante domínio de si próprio viverá no mundo e, não obstante, permanecerá acima dele, imune a grilhões e problemas mundanos.

II

O MESTRE ENSINA

A mocidade é o período em que brota a flor da vida. Necessita de proteção, para que as opiniões diversas dos outros não lhe criem confusão na mente. A mente tenra curva-se com facilidade. A direção carinhosa e a comunicação correta são importantes. Os pais que dão a atenção adequada aos filhos podem ajudá-los a atravessar o período adolescente, o período em que se afeiçoam os hábitos da mente.

Aprendendo a dar

Quase todas as crianças são naturalmente egoístas. Não querem dar nada aos outros. Treinaram-me para inverter essa tendência.

Nas montanhas, eu costumava fazer apenas uma refeição por dia. Comia um *chappati,** algumas verduras e tomava um copo de leite. Um dia, era quase uma hora da tarde quando lavei as mãos, sentei-me e recebi a comida. Eu disse a ação de graças e já me dispunha a comer quando meu mestre entrou e ordenou-me:

— Espera!

— Que aconteceu? — perguntei.

Ele respondeu:

— Apareceu um velho *swami*. Está com fome e precisas dar-lhe a tua refeição.

— Não, — recalcitrei, — não farei isso, ainda que se trate de um *swami*. Também estou com fome e só terei comida de novo amanhã.

— Não morrerás, — tornou ele. — Dá-lhe o teu repasto. Mas não lho dês apenas porque te estou ordenando, senão como oferta de amor.

— Estou com fome, — retruquei. — Como posso sentir amor a alguém que come minha comida?

Quando conheceu que não poderia convencer-me a oferecer minha refeição ao *swami*, meu mestre disse, finalmente:

— Ordeno-te que ofereças tua comida!

O *swami* entrou. Era um velho de barbas brancas. Tendo somente um cobertor, um bordão e sandálias de madeira, viajava sozinho pelas montanhas.

---

* Pão indiano.

Um sábio no Himalaia.

Disse-lhe meu mestre:

– Folgo muitíssimo em que tenhais vindo. Abençoareis esta criança para mim?

Mas eu retruquei:

– Não preciso da vossa bênção. Preciso de comida. Estou com fome.

– Se perderes o domínio de ti mesmo neste momento de fraqueza, – acudiu meu mestre, – perderás a batalha da vida. Oferece, por favor, tua comida ao *swami*. Primeiro dá-lhe água e, em seguida, lava-lhe os pés.

Fiz o que me mandavam, mas não o apreciei nem lhe entendi o significado. Ajudei-o a lavar os pés e, a seguir, dei-lhe a minha comida. Fiquei sabendo, mais tarde, que fazia quatro dias que ele não punha um alimento sequer na boca:

O *swami* comeu e disse:

– Deus te abençoe! Nunca sentirás fome a não ser que a comida venha antes de ti. Esta é a bênção que te dou.

Sua voz ainda me ecoa aos ouvidos. Desde esse dia, libertei-me da ânsia que tantas vezes me levara a desejos infantis.

Há uma barreira apertada entre o egoísmo e o desprendimento, entre o amor e o ódio. Depois de transpô-la, gostamos de fazer coisas para os outros, sem nada pedir em troca. Essa é a mais alta de todas as alegrias, e um passo essencial no caminho da iluminação. O homem egoísta nunca poderá imaginar esse estado de realização, pois permanece dentro das fronteiras limitadas erguidas pelo seu ego. O homem generoso adestra o seu ego e emprega-o em finalidades mais elevadas. O desprendimento é uma característica comum que encontramos em todos os grandes homens e em todas as grandes mulheres do mundo. Nada se lograria sem o serviço desinteressado. Todos os rituais e todo o conhecimento dos livros sagrados serão baldados se os atos forem executados sem generosidade.

Como o mestre põe à prova seus alunos

Os mestres põem freqüentemente à prova seus alunos. Ordenaram-me que meditasse pontualmente num certo momento do dia. Durante esse momento, um belo dia, meu mestre apareceu e postou-se diante de mim enquanto eu me quedava sentado, de olhos fechados. Eu não estava meditando com muito êxito pois, do contrário, não teria dado pela sua presença.

— Levanta-te! — disse ele.

Não respondi. Ele, então, me perguntou:

— Estás-me ouvindo e sabes que estou aqui?

— Sim, — respondi.

— Estás meditando? — voltou ele.

— Não.

— Então, por que não te levantaste? — indagou.

Na verdade, eu apenas fingia meditar, e estivera plenamente consciente da sua presença.

O mestre faz tais coisas com freqüência para testar nossas atitudes, nossa sinceridade e nossa disciplina. Conta-nos um segredo e outro a outro estudante, dizendo a ambos:

— Não reveles isto a ninguém.

Depois, em lugar de guardar os segredos, trocamo-los um com o outro. Desse modo ele descobre que não estamos preparados para guardar um segredo maior. E nos interpela:

— Eu te disse que não falasses. Por que o fizeste?

Os mestres também impõem provas mais severas. Às vezes, nos dizem "Fica aqui!" e só voltam três dias depois. Pode estar fazendo frio e pode estar chovendo, mas só após alguns dias retornam para buscar-nos. E existem muitas provas desse gênero.

A força de uma pessoa precisa ser posta à prova um sem-número de vezes para que ela aprenda a confiar em si. Testando seus alunos, os mestres ensinam a autodisciplina e promovem a autoconfiança. As provas são importantes para se poderem avaliar os progressos do aluno. Os testes também ajudam os estudantes a ajuizar do próprio adiantamento e a descobrir erros de que talvez não se tivessem advertido conscientemente.

Jornada de uma noite inteira através da floresta

No trajeto de Tanakpur ao Nepal paramos numa floresta. Eram duas horas da madrugada. Meu mestre propôs:

– Vamos comer qualquer coisa. Vai ao armazém de Tanakpur. Fica a dezenove quilômetros daqui pelo caminho da floresta.

Havia outro *swami* conosco, que também tinha um discípulo. E perguntou a meu mestre:

– Por que o mandais à noite? Eu não mandaria o menino que está comigo.

– Calai-vos, – retrucou meu mestre. – Estais fazendo dele um maricas e não um *swami*. Estou treinando o meu menino. Ele precisa ir.

Em seguida, disse-me:

– Vem cá, filho. Segura a tua lanterna; tem óleo suficiente. Leva fósforos no bolso; empunha um cajado; calça os sapatos. Vai ao armazém de cereais e compra comestíveis bastantes para três ou quatro dias.

– Está bem, – retruquei. E parti.

Muitas vezes durante essa longa noite tigres e cobras atravessaram o caminho diante de mim. O capim de ambos os lados, capim elefante, era muito alto, muito mais alto do que eu. Ouvi inúmeros ruídos vindos do capim, mas não podia conhecer-lhes a causa. Com minha lanternazinha caminhei dezenove quilômetros até o armazém e voltei com os suprimentos às sete horas da manhã.

Meu mestre perguntou-me:

– Como estás?

Principiei a contar-lhe tudo o que acontecera pelo caminho. Por fim, ele disse:

– Isso chega. Vamos preparar a comida.

O destemor é também um requisito essencial para se atingir a iluminação. Grandes são os que nunca têm medo. Estar completamente livre de todos os medos é um passo dado no caminho da iluminação.

Cruzando um rio que transbordou

Muitos são os estudantes; poucos são os discípulos. Muitos estudantes aproximavam-se do meu mestre e pediam:

— Por favor, aceitai-me por discípulo.

Todos mostravam sua sinceridade servindo-o, cantando, aprendendo e praticando disciplinas. Ele não respondia. Um belo dia, reuniu todos à sua volta. Havia vinte estudantes. E ele disse:

— Vamos.

Todos o seguiram à margem do rio Tungbhadra, no sul da Índia. Havia transbordado e era largo e perigoso. Disse meu mestre:

— Quem atravessar este rio será meu discípulo.

— Senhor, sabeis que posso fazê-lo, — redargüiu um estudante, — mas tenho de voltar para concluir meu trabalho.

— Eu não sei nadar, senhor, — acudiu outro estudante.

Eu não disse nada. Assim que ele acabou de falar, saltei. Ele sentou-se calmamente enquanto eu atravessava o rio. Era muito largo. Havia muitos crocodilos e imensos troncos de árvore rolavam com a corrente, mas não fiquei preocupado. Minha mente concentrara-se em completar o desafio que me fora feito. Eu gostava de ser desafiado e sempre aceitava desafios com alegria. Era-me fonte de inspiração a consciência de minha própria força. Toda vez que eu me cansava, punha-me a boiar e, desse modo, cruzei o rio.

Disse meu mestre aos mais estudantes:

— Ele não declarou que era meu discípulo, mas saltou.

Eu me achava tão próximo dele que lhe conhecia o poder. E pensei: "Ele quer que seus discípulos atravessem o rio. Aqui estou eu. Posso fazê-lo. Não é nada porque ele está aqui. Por que não poderia eu fazê-lo?"

Eram firmes assim minha fé e minha determinação.

Fé e determinação, degraus essenciais da escada da iluminação. Sem elas, a palavra "iluminação" pode ser escrita e pronunciada, mas nunca posta em prática. Sem fé podemos atingir certo grau de conhecimento intelectual, mas só com fé podemos ver o que há dentro dos mais sutis escaninhos do nosso ser. A determinação é o poder que nos faz transpor todas as frustrações e obstáculos. Ajuda a construir a força de vontade, base do êxito interior e exterior. Está escrito nos livros sagrados que, com a ajuda de *Sankalpa Shakti* (a força da determinação), nada é impossível. Atrás de todas as obras importantes levadas a cabo pelos grandes líderes do mundo encontra-se *shakti*. Com essa força atrás de si, diz um desses líderes:

— Eu o farei; tenho de fazê-lo; tenho os meios de fazê-lo.

Quando a força de determinação não é atalhada, atingimos inevitavelmente a meta desejada.

Minha oferenda a meu mestre

Que foi o que ofereci a meu mestre? Eu vos direi. Quando recebi o segundo passo de minha iniciação,* aos quinze anos de idade, eu não tinha nada comigo. E pensei: "Toda essa gente rica traz cestos de frutas, flores e dinheiro para oferecer a seus mestres, mas eu nada tenho para dar."

Perguntei a meu mestre:

– Senhor, qual é a melhor coisa que posso oferecer?

– Traze-me um feixe de varas secas – respondeu-me ele.

Pensei comigo mesmo: "Sem dúvida alguma, se alguém trouxer essas varas ao mestre, este lhe dará uma surra." Mas fiz o que me haviam dito que fizesse. Trouxe-lhe um feixe de varas secas e ele disse:

– Oferece-mas com todo o coração, toda a mente e toda a alma.

Fitei-o e pensei: "Ele é tão sábio e tão culto. Que lhe terá acontecido hoje?"

– É o maior presente que podes ofertar-me – disse ele. – As pessoas querem dar-me ouro, prata, terras, uma casa. Tais coisas de valor nada significam para mim.

Meu mestre explicou que quando oferecemos um feixe de varas secas a um guru, este compreende que estamos preparados para palmilhar o caminho da iluminação. Isso quer dizer: "Por favor, libertai-me do meu passado, e queimai todos os meus pensamentos negativos no fogo do conhecimento."

E ele disse:

– Queimarei estas varas secas de tal modo que teus carmas passados não influirão no teu futuro. Estou-te dando agora uma nova vida. Não vivas no passado. Vive aqui e agora e começa a palmilhar o caminho da luz.

* A primeira iniciação de Swamiji ocorreu quando ele tinha três anos de idade e seu amo lhe confiou uma mantra. A segunda iniciação incluiu práticas mais adiantadas.

A maioria das pessoas deixa-se estar, ansiosa, pensando no passado e não sabem como viver aqui e agora. Essa é a causa do sofrimento delas.

Maya, o véu cósmico

Um dia, eu disse a meu mestre:

– Senhor, ensinaram-me que *avidya* (ignorância) e *maya* (ilusão) são a mesma coisa. Na realidade, porém, não compreendo o que é *maya*.

Ele ensinava amiúde por demonstração, de modo que disse:

– Amanhã cedo te mostrarei o que é *maya*.

Não consegui dormir naquela noite. E pensava, "Amanhã cedo me encontrarei com *maya*."

No dia seguinte fomos fazer nossas abluções matinais, como de costume. Depois tornamos a encontrar-nos. Banhamo-nos no Ganges. Mais tarde, tive a impressão de que não poderia ficar sentado, meditando, porque estava muito excitado com a perspectiva de ver desvelado o mistério de *maya*.

Em nosso percurso de regresso à caverna, topamos com o grande tronco seco de uma árvore. Meu mestre precipitou-se para a árvore e enrolou-se em torno dela. Até àquele momento eu nunca o vira correr tão depressa.

– És meu discípulo? Então, ajuda-me! – gritou.

– Como? – retruquei. – Tendes ajudado tanta gente e hoje precisais da minha ajuda? Que aconteceu?

Eu estava com medo da árvore. Não queria chegar perto dela, porque receava que ela também me armasse uma cilada. E pensei comigo mesmo: "Se a árvore me urdir uma armadilha, quem virá socorrer-nos"?

Ele gritou:

– Ajuda-me. Pega no meu pé e puxa com toda a força para tirar-me daqui.

Pus-me a puxá-lo com todas as minhas forças, mas não consegui separá-lo da árvore.

– Meu corpo foi aprisionado pelo tronco da árvore, – disse-me ele então.

Exauri-me na tentativa de arrancá-lo dali. Finalmente, parei para pensar e perguntei-lhe:

– Como é possível uma coisa dessas? O tronco da árvore não tem poder para segurar-vos. Que estais fazendo?

Ele riu-se e replicou:

– Isso é *maya*.

Meu mestre explicou-me *anadi vidya* – ilusão cósmica – exatamente como Shankara a descrevera. Disse que *avidya* significa ignorância individual, ao passo que *maya* é ilusão, assim individual como cósmica. *Ma* significa "não" e *ya* significa "isso". Isso que não existe e, no entanto, parece existir, como uma miragem, chama-se *maya*. Em seguida, explicou outra escola de filosofia, segundo a qual *maya* é a ilusão universal e mãe do universo. Acrescentou que, no tantrismo, *maya* é considerada tanto o *Shakti* cósmico quanto a força primordial ou *kundalini* – a força latente em todos os seres humanos. Quando focalizamos nossa percepção no absoluto, despertamos essa força adormecida no interior e dirigimo-la para o centro da consciência. Quando entramos em contato com tal poder, atingimos facilmente o mais alto nível de consciência. Os que não despertam a força de *Shakti* permanecem para sempre brutos e ignorantes. Depois de descrever as filosofias de *maya*, ele ajuntou:

– Quando dedicamos nossa mente, nossa energia e nossos recursos a acreditar no que não existe, isso parece existir e é *maya*. Não penses no mal, nos demônios, nos pecados, em *avidya* ou em *maya*, colocando-te, por esse modo, num estado de tensão e preocupação. Até as pessoas espirituais se preocupam em culpar o mundo por sua falta de progresso. Essa fraqueza é importante para criar obstáculos. Por carecermos de sinceridade, honestidade, lealdade e veracidade, não compreendemos o que somos. Projetamos nossas fraquezas e pensamos que os objetos do mundo são a origem dos nossos impedimentos.

Ele aconselhou-me a praticar a desafeição e a constante percepção. E concluiu:

– A mais forte das servidões é criada pela afeição, que nos torna fracos, ignorantes e inscientes da realidade absoluta. *Maya*, ou ilusão, está profundamente enraizada na afeição. Quando nos afeiçoamos a alguma coisa ou a desejamos, ela se converte numa fonte de ilusão para nós. Os que se libertaram das afeições e dirigiram seus desejos para o crescimento espiritual estão livres da servidão de *maya* – a ilusão. Quanto menos afeição,

tanto maior força interior; quanto maior força interior, mais próxima estará a meta. *Vairagya* e *Abhyasa* – desafeição e constante percepção da realidade absoluta – são como as duas asas de um pássaro capaz de voar do plano da mortalidade para as alturas da imortalidade. Os que não permitirem que suas asas sejam cortadas pela ilusão de *maya* podem atingir a perfeição.

"Muitas pessoas confundem afeição com amor. Mas na afeição nos tornamos egoístas, interessados em nosso prazer, e empregamos mal o amor. Tornamo-nos possessivos e tentamos conquistar os objetos de nossos desejos. A afeição cria servidão, ao passo que o amor confere liberdade. Quando os iogues mencionam a desafeição, não estão ensinando a indiferença, senão, pelo contrário, o modo de amar genuína e desinteressadamente os outros. Compreendida de maneira apropriada, desafeição significa amor. A desafeição ou amor podem ser praticados não só pelos que vivem no mundo como também pelos renunciantes."

A mensagem que recebi nas areias do Ganges no Himalaia ajudou-me a compreender que a ilusão é induzida pela própria pessoa. Transmitindo-me esse ensinamento, meu mestre muito amado me tornou consciente da natureza da ilusão cósmica e das barreiras individuais que criamos.

Verdade amarga de efeitos abençoados

Lembro-me de uma ocasião em que eu viajava com meu mestre. O chefe da estação de uma cidade que estávamos atravessando acercou-se de mim e pediu-me:

– Senhor, dai-me alguma coisa para praticar, que prometo segui-la fielmente.

Disse-me meu mestre:

– Dá-lhe algo definido para praticar.

– Por que um tolo haveria de orientar mal outro tolo? Seria melhor que vós o instruísseis, – respondi.

Disse-lhe, então, meu mestre:

– A partir de hoje, não tornes a mentir. Pratica esta regra fielmente durante os próximos três meses.

A maioria dos funcionários da estrada de ferro naquela área, desonesta, deixava-se subornar. Mas o nosso homem decidiu nunca mais deixar-se subornar e nunca mais tornar a mentir.

Naquela mesma semana, um supervisor do escritório central veio investigá-los, a ele e seus auxiliares. O chefe da estação respondeu com honestidade às perguntas do supervisor. A investigação acarretou sérios problemas para o seu pessoal. Todos os funcionários que aceitavam suborno, incluindo o chefe da estação, foram processados. Este último pensou: "Só se passaram treze dias, e em quantas dificuldades me meti! Que me acontecerá no 'período' de três meses?"

Pouco tempo depois, a mulher e os filhos o deixaram. No espaço de um mês, sua vida desmoronou como um castelo de cartas a um simples toque.

Naquele dia o chefe da estação estava agoniadíssimo e nós nos achávamos a quatrocentos e oitenta quilômetros de distância, à margem de um rio

chamado Narbada. Meu mestre se deitara debaixo de uma árvore. De repente, rompeu a rir. E perguntou-me:

— Sabes o que acontece? O homem a quem recomendei que não mentisse está na cadeia.

— Então, por que rides? — perguntei.

E ele me respondeu:

— Não estou rindo dele, estou rindo desse mundo néscio!

Doze pessoas que trabalhavam na sala do homem, reunidas, sustentavam que ele era um mentiroso, muito embora estivesse falando a verdade. Acusaram-no de ser o único culpado do crime de suborno. Foi encarcerado e todos os outros libertados.

Quando levaram o chefe da estação ao tribunal, o juiz olhou-o do alto da sua plataforma e perguntou-lhe:

— Onde está o teu advogado?

— Não preciso de advogado.

— Mas quero que alguém te ajude, — tornou o juiz.

— Não, — disse o chefe da estação. — Não preciso de advogado, quero falar a verdade. Seja qual for o número de anos de prisão a que me condenardes, não mentirei. Eu costumava partilhar das peitas que nos eram oferecidas, mas encontrei um sábio que me recomendou que nunca mentisse, acontecesse o que acontecesse. Minha mulher e meus filhos me deixaram, perdi o emprego, não tenho dinheiro nem amigos e estou na cadeia. Todas essas coisas se passaram num mês. Tenho de observar a verdade por mais dois meses, sem embargo do que ocorrer. Colocai-me atrás das grades, senhor, não me importo.

O juiz determinou a suspensão da sessão e, tranqüilamente, chamou o homem à sua sala. E perguntou-lhe:

— Quem foi o sábio que te disse isso?

O homem descreveu-o. Felizmente, o juiz era discípulo de meu mestre. Absolveu o chefe da estação e disse-lhe:

— Estás no caminho certo. Não te afastes dele. Eu desejaria poder fazer o mesmo.

Volvidos três meses, o homem não possuía mais nada. No dia exato em que se findaram os três meses, ele estava calmamente sentado debaixo de uma árvore quando recebeu um telegrama que dizia: "Vosso pai possuía imensa área de terra que lhe foi tirada há muito tempo pelo governo. O governo, agora, quer dar-vos uma compensação." Deram-lhe um milhão

de rúpias*. Ele não soubera da existência dessa área, localizada numa província diferente. E pensou: "Faz hoje três meses que deixei de mentir e fui tão fartamente recompensado".

Entregou a compensação à esposa e aos filhos, e estes, felizes, lhe disseram:

— Queremos voltar para junto de vós.

— Não, — disse ele. — Até hoje só vi o que acontece quando não mentimos durante três meses. Agora quero descobrir o que acontecerá se eu não mentir pelo resto de minha vida.

A verdade é a meta suprema da vida humana e, praticada com a mente, as palavras e os atos, poderá ser alcançada. Podemos chegar à verdade praticando o não-mentir e não executando atos encontrados com a nossa consciência. A consciência é o melhor dos guias.

* Cerca de 100.000 dólares americanos.

Ensinais os outros mas me despojais

Um belo dia, eu disse a meu mestre:

— Vós me tendes enganado.

Quando somos insuficientes, mas o nosso ego é robusto, tendemos a pôr a culpa nos outros.

— Que aconteceu? — perguntou ele.

— Julgais-me ainda uma criança e negais-me coisas.

— Dize-me, então, o que te estou negando.

— Não me mostrais Deus. Talvez só possais ensinar-me coisas a respeito d'Ele. Mas se esse é o limite do vosso poder, deveríeis ser honesto.

— Mostrar-te-ei Deus amanhã cedo.

— Deveras?

— Com toda a certeza ... — redargüiu meu mestre. — Estás preparado?

Eu tinha o hábito de meditar regularmente antes de ir para a cama mas, naquela noite, não consegui fazê-lo. Certo de que, na manhã seguinte, eu chegaria a ver Deus, entendia não haver necessidade alguma de meditar. Sentia-me tão inquieto e excitado que não preguei olho a noite inteira.

Na manhã seguinte, bem cedinho, fui à procura do meu mestre. Nem sequer tomei banho. Pois pensei: "Se meu mestre vai mostrar-me Deus, por que perder tempo tomando banho?" Dei apenas umas palmadinhas no rosto, ajeitei os cabelos com as mãos e entrei à sua presença.

— Senta-te, — disse-me ele.

"Agora ele vai mostrar-me Deus", pensei.

Se bem fosse raras vezes humilde, mostrei-me humílimo naquela manhã. Inclinei-me diante dele muitas vezes. Ele considerou-me e perguntou:

— Que te aconteceu? Que gracinhas são essas? Por que estás tão absurdamente emotivo?

— Esquecestes? — perguntei-lhe. — Prometestes mostrar-me Deus.

— Muito bem — tornou ele. — Vejamos qual é o tipo de Deus que estás preparado para ver.

— Há muitos tipos, senhor? — perguntei.

— Qual é o teu conceito e definição de Deus? — voltou meu mestre. — Mostrar-te-ei Deus exatamente de acordo com a tua convicção e definição. Todos querem ver Deus, mas não têm nenhuma firme convicção de Deus na mente e no coração. Se estiveres procurando e te faltarem a firmeza e a segurança em relação ao objeto da tua procura, que encontrarás? Se eu te disser que o que quer que vejas é Deus, não ficarás satisfeito. Se eu te disser que Deus está dentro de ti, tampouco ficarás satisfeito. Imagina que eu te mostre Deus e que digas: "Não, isso não é Deus". Que hei de fazer então? Por isso mesmo, dize-me o que pensas a respeito de Deus e eu te apresentarei esse Deus.

— Esperai um momento, — disse-lhe eu. — Deixai-me pensar.

— Deus não está ao alcance do teu pensamento, — tornou ele. — Volta à tua cadeira de meditação e, quando estiveres pronto, faz-me saber. Vem ver-me quando quiseres, depois que tiveres decidido acerca do tipo de Deus que desejas ver. Eu não minto ... Mostrar-te-ei Deus. É minha obrigação mostrar-te Deus.

Fiz o possível para imaginar o aspecto que teria Deus, mas minha imaginação não conseguiu ir além da forma humana. Minha mente percorreu o reino das plantas, depois o dos animais e, finalmente, os seres humanos. Imaginei um homem sábio e bem parecido, muito forte e poderoso. E pensei: "Deus há de ser assim". Em seguida, compreendi que estava fazendo um pedido tolo. Que poderia eu experimentar se não tinha clareza de espírito?

Finalmente me aproximei de meu mestre e roguei-lhe:

— Mostrai-me, senhor, o Deus que pode libertar-nos dos sofrimentos e dar-nos felicidade.

— Isso é um estado de equilíbrio e tranqüilidade que tu mesmo precisas cultivar, — replicou ele.

Quando não se tem clareza de espírito, o mero desejo de ver a Deus é o mesmo que tatear no escuro. Descobri que a mente humana tem suas fronteiras e visualiza de acordo com as limitações dos seus recursos. Nenhum ser humano tem a possibilidade de explicar o que é Deus nem a de conceber a Deus mentalmente. Podemos dizer que Deus é verdade, manancial de amor, realidade absoluta, ou o que revelou o universo. Mas todas são idéias abstratas, que não satisfazem ao desejo de vê-l'O. Nesse caso, que é o que há

para ser visto? Os que acreditam que Deus é um ser imaginam e vêem uma visão mas, na realidade, Deus não pode ser visto por olhos humanos. Só pode ser imaginado imaginando-se o verdadeiro Eu e, logo, o Eu de todos.

Por isso, quando um estudante assume esta atitude: "Quero ver a Deus; meu professor não me mostra Deus; meu professor não me dá o que desejo", terá de compreender, afinal, que já não se trata de uma obrigação do mestre. Verifica se estás fazendo pedidos sem cabimento e, em vez de exigir o impossível do professor, transforma-te de dentro para fora. Deus está dentro de ti e o que está dentro de ti se acha sujeito à auto-realização. Ninguém pode mostrar Deus a quem quer que seja. Temos de imaginar independentemente nosso próprio Eu; por esse modo, imaginamos o Eu de todos, a que damos o nome de Deus. No estado de ignorância, o estudante supõe que Deus é um ser particular e deseja vê-lo exatamente como vê alguma coisa no mundo exterior. Isso jamais acontece. Mas quando ele compreende que Deus é verdade e pratica a verdade em atos e palavras, sua ignorância no tocante à natureza de Deus desaparece e surge a auto-realização.

A disciplina é imperativa

Eu ia com freqüência à floresta de Ramgarah, onde morava meu amigo Nantin* Baba, que praticava austeridades e disciplinas espirituais desde os seis anos de idade. Éramos ambos muito daninhos. Entrávamos muitas vezes, sorrateiramente, numa aldeia e guiávamos para a cozinha de alguém, comíamos o que encontrávamos e retornávamos à floresta. Isso criou um mistério entre os aldeões; alguns pensavam que fôssemos encarnações divinas, ao mesmo passo que outros nos supunham demônios.

Havia muitas plantações de macieiras naquela área, de propriedade das pessoas ricas de Nanital; um dia, deixamos o lugar que habitávamos para ir morar perto de um riachozinho que fluía através de um pomar. Ao anoitecer, juntamos lenha para fazer uma fogueira. Os funcionários encarregados da preservação da floresta ficavam preocupados com fogueiras, por isso fizemos nossa fogueira no pomar. O proprietário viu-nos e pensou que estivéssemos roubando as maçãs douradas e outras variedades raras. Muito sovina e mesquinho, nunca permitia a ninguém colher as maçãs caídas ao chão, como o faziam os outros proprietários de pomares. Ordenou aos seus guardas que se munissem de varas de bambu. Cinco homens correram sobre nós para flagelar-nos. Ao chegarem mais perto, viram que não éramos ladrões e sim os dois jovens iogues que viviam na floresta.

Quando voltei para junto de meu amo, três meses depois, ele me disse:

– Crias problemas para mim fazendo tolices.

– Eu não fiz nada, – retruquei.

Mas ele continuou:

– Tenho de proteger-te como a mãe que protege uma criança de peito. Quando crescerás? Por que invadiste uma propriedade alheia?

* Nas montanhas, a palavra *nantin* significa a criança.

Uma aldeia himalaica.

— Todas as coisas pertencem a Deus, — respondi. — Podem ser usadas pelos que estão a serviço de Deus.

Ao que respondeu meu mestre:

— Esse tipo de pensamento é um emprego errôneo do que está escrito nos livros sagrados e que interpretas de acordo com tua conveniência. Tua maneira de pensar deve ser corrigida.

Em seguida, deu-me as seguintes instruções:

1. Vê a realidade final como universal.
2. Não te prendas aos prazeres propiciados pelos objetos do mundo. Trata-os como meios de progresso espiritual.
3. Não cobices a propriedade, nem a mulher, nem a riqueza alheias.

Disse ele:

— Não te lembras dos ditos dos Upanixades? No futuro, se cometeres algum crime social e perturbares os chefes de família, não tornarei a falar contigo.

Às vezes, ele me punia recusando-se a falar comigo. A diferença entre o seu silêncio repreensivo e o silêncio positivo, cheio de amor e de compreensão, era para mim muito aparente. Eu tinha então dezesseis anos de idade e uma tremenda energia. Muito ativo, aborrecia-o constantemente. Mas ele dizia com freqüência:

— Este é o meu carma e não é culpa tua, meu rapaz. Estou colhendo o fruto de meus próprios atos.

Entristecido, eu prometia não repetir o que lhe contrariava as instruções mas, dali a pouco, me conduzia mal outra vez. Às vezes eu era conscientemente irresponsável e, outras, agia mal inconscientemente, por exclusiva falta de atenção. Mas esse grande homem me amava sempre, em todas as circunstâncias, apesar do meu mau procedimento.

Quando uma pessoa se torna madura, principia a conhecer a verdadeira filosofia da vida. Depois começa a dar tento de seus pensamentos, palavras e atos. A prática espiritual exige vigilância constante. A disciplina não há de ser imposta rigidamente, mas os estudantes devem aprender a empenhar-se a acatar a disciplina como essencial ao autocrescimento. Impor a rigidez e segui-la não parece ser útil. Essa maneira de ver as coisas talvez nos diga o que fazer e o que não fazer, mas nunca nos dirá como ser.

Bênçãos numa Maldição

Todas as vezes que me torno egoísta, sou malsucedido. Essa é a minha experiência.

Disse meu amo:

— Tenta fazer o melhor que puderes, mas toda vez que alimentares teu ego, toda vez que tentares fazer algo egoísta, não terás êxito. Essa é a maldição que te lanço.

Encarei-o surpreso. Que era o que ele estava dizendo?

Mas ele continuou:

— E esta é a bênção que te deixo: toda vez que quiseres ser desprendido, amante e sem ego, encontrarás uma grande força atrás de ti, e nunca deixarás de fazer algum bem.

Um homem egoísta sempre pensa e fala sobre si mesmo. O seu egoísmo torna-o centralizado em si e infeliz. O atalho mais curto para a auto-iluminação é cortar através do ego; rende-te diante do Altíssimo. *Satsanga* — a companhia dos sábios — e a constante percepção do centro interior, nos ajudam a passar além do lodaçal da ilusão. O ego também se purifica cultivando o desprendimento. O ego não purificado é um mal que nos entrava o progresso. Mas o ego purificado é um meio de discriminar entre o verdadeiro Eu e o não-eu — o verdadeiro Eu e o mero eu. Ninguém poderá expandir sua consciência permanecendo egoísta. Os que constroem fronteiras ao seu redor em virtude dos problemas do seu ego criam invariavelmente sofrimento para si, mas os que tentam ter consciência permanente de sua unidade com outros permanecem felizes e intemeratos, gozando cada momento da vida. Os desprendidos, humildes e amantes são os verdadeiros benfeitores da humanidade.

III

O CAMINHO DA EXPERIÊNCIA DIRETA

A experiência direta é o mais alto de todos os meios de granjear conhecimento. Os outros são meros fragmentos. No caminho da auto-realização, a pureza, a concentração num determinado objetivo e o domínio da mente são essenciais. A mente impura alucina e cria obstruções, mas a mente ordenada é um instrumento de experiências diretas.

Só a experiência direta é o meio

Um dia, meu mestre ordenou-me que me assentasse. E perguntou:

– És um rapaz ilustrado?

Eu tinha liberdade para dizer-lhe qualquer coisa, por mais ultrajante que fosse. Aquele era o único lugar em que eu podia ser completamente franco. E nunca me desculpava, sem embargo do que lhe tivesse dito. Ele costumava apreciar minha insensatez.

– É claro que sou ilustrado, – repliquei.

– Que aprendeste e quem to ensinou? – perguntou ele. – Explica-mo! Nossa mãe é nossa primeira mestra, depois nosso pai, depois nossos irmãos e irmãs. Mais tarde aprendemos com os companheiros de folguedos, com os professores da escola e com os autores de livros. Seja o que for que tenhas aprendido, não aprendeste uma única coisa independentemente de outros. Até agora, tudo o que aprendeste foi uma contribuição de terceiros. E com quem aprenderam eles? Também aprenderam com outros. No entanto, como resultado de tudo isso, julgas-te ilustrado. Tenho pena de ti porque nada aprendeste independentemente. Pelo visto, chegaste à conclusão de que nada existe no mundo que se pareça com o aprendizado independente. Tuas idéias são idéias alheias.

– Esperai um minuto, deixai-me pensar, – disse eu.

Era chocante dar-me conta de que nada do que eu aprendera me pertencia. Se vos puserdes em meu lugar, é muito provável que experimenteis o mesmo sentimento. O conhecimento de que dependeis não vos pertence de modo algum. Eis por que não é satisfatório, por maior que seja a quantidade dele assimilada por vós. Ainda que tenhais dominado uma biblioteca inteira, ele nunca vos satisfará.

– Nesse caso, como posso ser iluminado? – perguntei.

– Fazendo experiências com o conhecimento que adquiriste de fora, – respondeu ele. – Descobre por ti mesmo, com a ajuda da tua experiência

direta. Chegarás, por fim, a uma fase decisiva e proveitosa da tua experiência direta. Está visto que o conhecimento indireto é informativo, mas não é satisfatório. Todas as pessoas sábias, no correr da história, realizaram ingentes esforços para conhecer a verdade diretamente. Não se satisfaziam com as simples opiniões dos outros. Não se deixavam amedrontar nem desviar dessa investigação pelos defensores da ortodoxia e do dogma, que as perseguiam e, às vezes, executavam porque suas conclusões eram diferentes.

Desde essa ocasião tenho tentado seguir-lhe o conselho. Descobri que a experiência direta é a prova final da validade do conhecimento. Quando se conhece a verdade diretamente, tem-se o melhor tipo de confirmação. A maioria de vós procura os amigos e expõe o seu ponto de vista. Está procurando confirmação nas opiniões deles. Seja o que for que pensais, quereis que outros o confirmem concordando convosco e digam: "Sim, o que pensais está certo". Mas a opinião de um terceiro não constitui prova da verdade. Quando conheceis a verdade diretamente, não precisais interrogar os vizinhos nem o professor. Não precisais procurar a confirmação nos livros. A verdade espiritual não necessita de uma testemunha externa. Enquanto duvidardes, a própria dúvida será indicação de que ainda precisais conhecer. Palmilhai o caminho da experiência direta até atingir o estado em que tudo é claro, até que todas as vossas dúvidas estejam esclarecidas. Só a experiência direta tem acesso à fonte do verdadeiro conhecimento.

O conhecimento verdadeiro elimina o sofrimento

A autoconfiança é importante. Adquirimo-la quando começamos a receber experiências diretamente de dentro de nós. Está claro que precisamos de um mestre, de um guia. Não estou dizendo que não devemos aprender coisas com outras pessoas, que não devemos estudar nos livros. Mas conheci criaturas que nem sequer conheciam o alfabeto e, no entanto, quando encontrávamos alguma dificuldade na compreensão de uma verdade profunda ou de um texto qualquer dos livros sagrados, eram as únicas capazes de aventar uma solução.

Certa vez, eu estava ensinando as *Sutras de Brahma*, um dos livros mais abstrusos da literatura védica. Explicava aos meus alunos aforismos que eu mesmo não compreendia direito, e eles pareciam satisfeitos. Mas eu não estava. Por isso mesmo, à noite, fui procurar um *swami* que, na realidade, não estudara os livros santos. Não sabia sequer assinar o nome, mas seus conhecimentos eram inigualáveis. Disse-me ele:

— Nunca entenderás esses concisos aforismos se não tiveres experiência direta.

E contou-me esta história para ajudar-me a compreender a diferença entre o conhecimento direto e o indireto:

— Um mestre tinha um aluno que nunca vira uma vaca e nunca provara leite. Mas sabia que o leite era nutritivo. Por isso, desejava encontrar uma vaca, ordenhá-la e tomar o leite.

"— Procurou o seu mestre e perguntou-lhe:

"— Sabeis alguma coisa a respeito de vacas?

"— Naturalmente. — respondeu o mestre.

"— Por favor, descrevei-me uma vaca, — pediu o aluno.

"E o mestre descreveu a vaca:

"— A vaca tem quatro pernas. É um animal manso, dócil, que não se encontra na floresta, mas nas aldeias. O leite dela é branco e muito bom para a saúde.

"E continuou descrevendo a cauda, as orelhas, tudo.

"Depois dessa descrição, o aluno saiu à procura de uma vaca. A caminho, deu com a estátua de uma vaca. Examinou-a e pensou: 'Isto há de ser, sem dúvida, o que meu mestre me descreveu.' Naquele dia, algumas pessoas que moravam nas proximidades estavam casualmente caiando sua casa e deixaram um balde de cal perto da estátua. O aluno viu o balde e concluiu: 'Este deve ser o leite que dizem ser tão bom para se tomar.' Ingeriu um pouco de cal, sentiu-se malíssimo, e precisou ser transportado para o hospital.

"Depois que se recuperou, voltou para junto do mestre e acusou-o, cheio de ira:

"— Não sois mestre nenhum!

"— Que aconteceu? — indagou o mestre.

"O aluno replicou:

"— Vossa descrição da vaca estava completamente errada.

"— Que te sucedeu?

"Ele explicou o que ocorrera e o mestre perguntou:

"— Tu mesmo ordenhaste a vaca?

"— Não.

"— Por isso sofreste."

A causa do sofrimento entre os intelectuais de hoje não é porque realmente não saibam. Sempre sabem um pouco. Mas o que sabem não é conhecimento próprio, e por isso sofrem. Um conhecimento reduzido ou parcial é sempre perigoso, como as verdades parciais. Uma verdade parcial não é verdade. O mesmo acontece com o conhecimento parcial. Os sábios percebem a verdade diretamente.

O sábio que não conhecia o alfabeto de idioma nenhum sempre esclarecia minhas dúvidas. O estudo sistemático sob a orientação de um mestre competente, que tenha desenvolvido os próprios talentos, ajuda a purificar o ego; de outro modo, o conhecimento dos textos sagrados torna a pessoa egoísta. O homem que hoje se chama intelectual limita-se a colher fatos de vários livros e textos. Saberá realmente o que está fazendo? Alimen-

tar o intelecto com tais conhecimentos é o mesmo que comer comida sem valor alimentício. Quem ingere constantemente esse tipo de comida adoece e adoece os outros. Conhecemos muitos mestres, e todos ensinam bem, mas o aluno só assimila o que é puro, sem mistura, e vem diretamente de mestres sabedores por experiência própria.

A mantra da felicidade

Mantra é uma sílaba, um som, uma palavra ou um conjunto de palavras encontrados, em estado profundo de meditação, pelos grandes sábios. Não é a linguagem em que falam os seres humanos. Estes sons, recebidos do estado superconsciente, conduzem o investigador a um plano cada vez mais alto, até alcançar o silêncio perfeito. Quanto mais aumenta a percepção, tanto mais revela a mantra um novo significado. Faz-nos cônscios de uma dimensão mais alta da consciência. Seria absurdo explorar a nobre tradição vendendo mantras no mercado.

A mantra é exatamente como o ser humano que tem inúmeros revestimentos: grosseiro, sutil, mais sutil e sutilíssimo. Tome-se por exemplo *Aum*, três letras que representam, na realidade, os três estados (vigília, sonho e sono) ou os três corpos (grosseiro, sutil e mais sutil). Mas o quarto estado ou o corpo mais fino da mantra é informe, insonoro e indefinível. Se compreender o processo da *Laya* ioga (destilação), o estudante conhecerá o corpo informe e a superconsciência da mantra. Muito poderosa e essencial, a mantra é uma forma compacta de oração. Se for constantemente lembrada, torna-se um guia.

Eu costumava colecionar mantras como se colecionam objetos materiais, sempre com a esperança de que a nova mantra que eu estava em vias de receber fosse melhor do que as que eu já possuía. Às vezes, comparando-me com outros estudantes, pensava: "Minha mantra é melhor que a dele." Eu era muito imaturo. Hoje chamo a isso espiritualidade maluca.

Um *swami* vivia tranqüilamente no mais profundo do Himalaia, entre Uttarkashi e Harsil. Fui vê-lo e, quando cheguei, ele me perguntou:

— Qual é o propósito da tua vinda?

— Quero receber uma mantra, — respondi-lhe.

— Terás de esperar, — tornou ele.

Quando os ocidentais se dirigem a alguém em busca de uma mantra, estão preparados para gastar muito dinheiro, mas não querem esperar. Tentei a mesma coisa. E disse:

— Swamiji, tenho pressa.

— Então, volta no ano que vem.

— Mas se eu ficar agora, quantos dias terei de esperar? — indaguei.

— Terás de esperar o tempo que eu quiser que esperes, — replicou ele.

Nessas condições, esperei pacientemente, um dia, dois dias, três dias. Mesmo assim, o *swami* não me dava a mantra.

No quarto dia, ele me disse:

— Quero dar-te uma mantra, mas tens de prometer que te lembrarás dela o tempo todo.

Prometi-o.

— Vamos até ao Ganges, — propôs ele.

Um sem-número de sábios tem realizado práticas espirituais à beira do Ganges sagrado e ali tem sido iniciado.

Em pé junto do rio, declarei:

— Prometo nunca esquecer esta mantra.

Repeti a promessa várias vezes, mas ele continuou a contemporizar. Por fim, disse:

— Onde quer que vivas, vive alegremente. Essa é a mantra. Sê alegre em todos os momentos, ainda que estejas por trás de grades. Onde quer que vivas, ainda que tenhas de ir a um lugar infernal, cria ali o céu. Lembra-te, meu rapaz, a alegria é obra tua. Requer tão-somente o esforço humano. Tu mesmo tens de criá-la. Lembra-te da minha mantra.

Eu me sentia muito feliz e muito triste ao mesmo tempo, porque esperava que ele me desse algum som inusitado para repetir. Mas ele foi mais prático. Aplico essa "mantra" em minha vida e vejo que ela tem êxito em toda a parte. Sua receita espiritual parece ser o melhor dos médicos — verdadeira chave da nossa própria cura.

A mantra das abelhas

Há um tipo de mantra chamado mantra *apta*, que pertence unicamente ao sábio que a comunica. Quero falar-vos de uma experiência que tive com uma dessas mantras.

Um *swami* vivia numa choçazinha na margem do rio oposto àquela em que se erguia Rishikesh. Para chegar lá tínhamos de atravessar o Ganges numa balouçante ponte de cordas. Naquela ocasião Rishikesh não era superpovoada. Elefantes selvagens apareciam, às vezes, durante a noite, e comiam a palha das paredes e do teto de nossas palhoças. Enquanto estávamos sentados no interior, chegavam em grandes manadas de trinta ou quarenta e devoravam, por vezes, metade de uma choça. Tigres também vagueavam por ali. Aquilo tudo era ainda muito primitivo.

Obedecendo às instruções de meu mestre, fui ficar em companhia do *swami* do outro lado do rio. De manhã cedinho, Swamiji ia dar um mergulho no Ganges, e eu ia também, pois devia seguir os costumes do lugar em que me achava. Após o banho, arrancávamos um galhinho de uma árvore, esmagávamos a ponta e a transformávamos numa escova para limpar os dentes. Fazíamos isso todos os dias. O discípulo de Swamiji trepava numa árvore alta e dela arrancava o galho com que fazia as escovas de dentes.

Um dia, o próprio Swamiji trepou na árvore. Não costumava fazê-lo mas, naquele dia, queria mostrar-me alguma coisa. Se bem tivesse mais de setenta anos, trepara com facilidade na árvore, onde havia uma colmeia de abelhas selvagens, que ele não fez esforço algum para evitar. Ao contrário, guiou diretamente para o galho da colmeia e pôs-se a falar com as abelhas. Do chão, onde estava, pus-me a gritar:

— Swamiji, por favor, não alvoreceis as abelhas!

Cobri a cabeça, pensando: "Se elas ficarem alvoroçadas, me picarão também." Eram abelhas grandes e perigosas, tão perigosas, na verdade, que, se dez ou vinte picassem alguém, esse alguém poderia não sobreviver às ferroadas.

O *swami* arrancou um galho bem perto das abelhas, mas estas não se alvoroçaram. A seguir, desceu com toda a segurança e disse:

— Agora sobe e arranca um galho para ti.

— Não preciso de galho nenhum, — repliquei. — Posso viver perfeitamente sem ele. — E ajuntei: — Se quiserdes que eu trepe na árvore, dizei-me primeiro qual foi a mantra que vos protegeu.

Naquele tempo, eu andava fascinado pelas mantras, e queria conhecer a mantra do *swami* porque desejava mostrar às pessoas o que sabia fazer. Tal era o meu propósito.

Disse-me o *swami* que, se eu trepasse na árvore, ele me diria a mantra. Subi até à colmeia e ele gritou de baixo:

— Chega mais perto e conversa com elas cara a cara. Dize-lhes: "Moro perto de vocês e não lhes faço mal. Não me façam mal!"

— Isso não é mantra nenhuma, — respondi.

Swamiji replicou:

— Faze o que te digo. Conversa com as abelhas. Teus lábios devem estar tão cerrados que possas sussurar-lhes.

— Mas elas conhecem hindi? — perguntei.

— Elas conhecem a linguagem do coração, — respondeu ele, — e, portanto, conhecem todas as linguagens ... Fala com elas.

Apesar de cético, segui exatamente as instruções que recebera e fiquei surpreso ao verificar que as abelhas não me atacavam. E perguntei:

— Swamiji, elas são mansas?

Ele pôs-se a rir, e avisou-me:

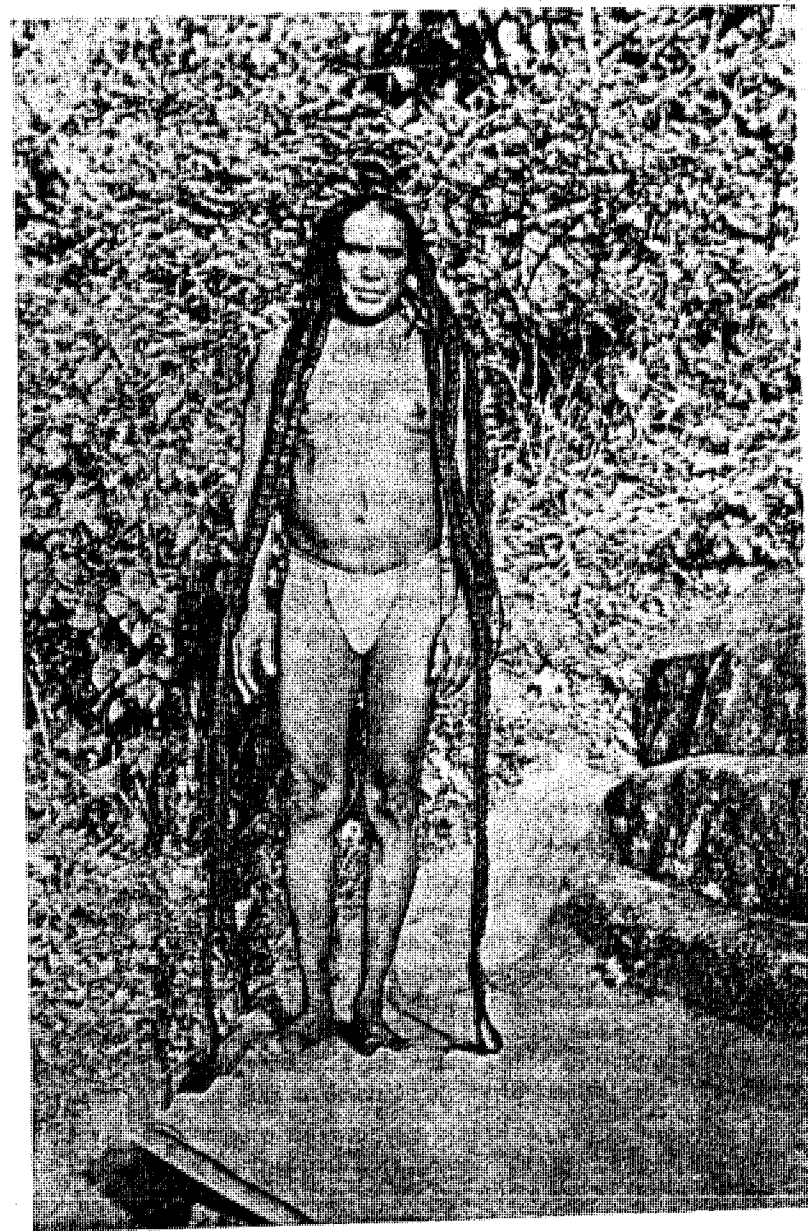
— Não ensines essa mantra a ninguém, pois ela só produzirá efeito para ti. Não te esqueças do que estou dizendo.

Depois, quando viajei para regiões mais populosas, eu costumava ficar fora da cidade, num jardim, onde as pessoas vinham ver-me. Jovem e imaturo, eu queria exibir-me. Trepava na árvore e, como quem não quer nada, tirava um pouco de mel da colmeia, sem levar uma única ferroada. Essa proeza costumava despertar muita admiração.

Quando eu estava em Bhivani, no Pendjab, um ourives que eu conhecia, pediu-me:

— Por favor, dá-me a mantra.

Concordei em dar-lhe, esquecido do aviso do *swami* de que ela não funcionaria para mais ninguém. Expliquei-lhe como devia falar com as abelhas. Ele trepou na árvore e repetiu a mantra, mas esta não funcionou.

Velhos sadus de Rishikesh em nosso *ashram.*

Tat Walla Baba de Rishikesh.

As abelhas atacaram-no — centenas de abelhas ao mesmo tempo. Ele caiu da árvore e foi preciso levá-lo correndo para o hospital, onde permaneceu em estado de coma durante três dias. Fiquei preocupado, pensando: "E se eu tiver matado o pobre homem?" E rezava continuamente para que ele fosse poupado.

No terceiro dia, espantei-me ao ver o *swami* que me dera a mantra aparecer no hospital. Ele interpelou-me:

— Que fizeste? Por causa da tua exibição, por pouco não matas alguém. Seja esta uma última lição para ti. O homem se recuperará amanhã cedo, mas estou retirando de ti o poder da mantra. Nunca mais poderás usá-la.

Depois disso tenho sido mais cauteloso.

Às vezes, as palavras de um grande homem têm o efeito de uma mantra. Quando um grande homem vos fala, acatai-lhe as palavras como se fossem mantras e ponde-as em prática.

Abuso da mantra

Existem manuscritos no mosteiro cujo acesso é rigorosamente proibido. Ninguém tem autorização para lê-los, exceto o cabeça do mosteiro. Chamam-se *Prayoga Shastras* e descrevem práticas avançadíssimas.

Meu mestre costumava dizer:

— Não faças experiências com aqueles manuscritos.

Mas eu, obstinado, ansiava por saber o que estava escrito neles. Tinha dezoito anos de idade, era destemido, um tanto irresponsável. Pensei: "Estou bem adiantado. Por que escreveram esses manuscritos se não se podem usar? Devo fazer experiências com as práticas neles descritas. Meu mestre é muito poderoso; ele me protegerá se alguma coisa sair errada."

Meu mestre deu-me um desses manuscritos para carregar numa viagem. E recomendou-me:

— Não o abras.

Mas, sendo muito curioso, resolvi: "Se ele deixar o manuscrito comigo e eu ficar sozinho, lê-lo-ei."

Certa noite, chegamos a uma habitaçãozinha às margens do Ganges. Meu mestre entrou na choça para descansar. E pensei: "Eis aqui minha oportunidade de estudar o manuscrito." Não havia janelas e apenas uma porta na choupana. Tranquei a porta pelo lado de fora. Pensei que levaria a noite inteira para descobrir o que dizia o manuscrito. Era uma noite de luar e eu enxergava com absoluta clareza. O manuscrito estava embrulhado e amarrado com um cordão. Perdi muito tempo desembrulhando-o e, a seguir, pus-me a ler. Era a descrição de certa prática e dos efeitos que produzia.

Depois de ler durante uma hora, pensei: "Por que não a experimento?" Pus o manuscrito de lado. Rezava ele que só os iogues muito adiantados deveriam fazer a prática, que, se não fosse feita convenientemente, era muito perigosa. Naquela idade, eu me julgava adiantadíssimo e, portanto,

principiei a fazê-la. Consistia na repetição de uma mantra especial num estilo determinado, com certos rituais. A mantra desperta uma força fora e dentro da pessoa.

Dizia o livro que era mister repetir a mantra mil e uma vezes. Repeti-a novecentas e nada parecia estar acontecendo. Concluí que não haveria efeito algum. Mas, quando cheguei a novecentos e quarenta, vi uma mulher enorme perto de mim. Ela juntou alguma lenha e começou a fazer fogo. Em seguida, pôs água num vaso grande e levou-a ao lume para ferver. A essa altura eu já contara novecentos e sessenta e três. Minha última contagem foi novecentos e setenta. Depois disso, perdi a conta, porque vi um homem muito grande que vinha da mesma direção. A princípio, pensei, "Isto deve ser efeito da mantra. Não olharei para ele e completarei as mil e uma repetições." Mas ele pôs-se a caminhar para mim. Eu nunca vira e nem sequer imaginara um homem tão gigantesco. Estava completamente nu.

— Que cozinhaste para o jantar? — perguntou ele à mulher.

— Não tenho nada, — disse ela. — Se me deres alguma coisa, cozinhá-la-ei.

Ele apontou para mim e disse:

— Olhe para ele ali sentado. Por que não o cortas em pedacinhos e o cozinhas?

Ouvindo isso, meus dentes se apertaram e a *mala** em que eu estava contando me caiu das mãos. Desmaiei. Não sei por quanto tempo me quedei inconsciente. Quando recobrei a consciência, meu mestre estava em pé à minha frente. Deu-me umas palmadas nas faces e disse-me:

— Ei! Acorda!

Eu recobrava a consciência por alguns momentos e exclamava:

— Aquele gigante vai-me retalhar!

E tornava a perder os sentidos.

Isso aconteceu três ou quatro vezes, até que meu mestre me deu um pontapé e tornou-se mais insistente:

— Levanta-te! Por que fizeste isso? Eu já te disse para não praticar essas mantras. E ainda por cima me fechaste lá dentro, menino tolo!

A partir dessa experiência, vim a compreender o poder da mantra. Comecei a praticar a que meu mestre me dera e a contar com ela até em coisas pequeninas. Fiz muitas loucuras e tolices quando era jovem, mas

* A *mala* é uma fieira de contas, semelhante a um rosário, que se usa para contar as repetições de uma mantra.

minha mantra, que me proporcionou percepção, sempre me ajudava a sair dessas situações.

Se a mantra não for usada com disciplina espiritual, pode conduzir a alucinações, como aconteceu comigo. As alucinações são os produtos de uma mente impura e não exercitada. A mantra só se torna útil quando a mente, purificada, é dirigida para dentro. Sem conhecer-lhe o significado, não se pode despertar o sentimento apropriado e, sem um sentimento vigoroso, a mantra e sua repetição técnica não são de muita utilidade.

Recebo uma surra

De uma feita, eu estava guardando silêncio no intuito de examinar meus sentimentos interiores e analisar meu procedimento. Vivia numa das margens do rio Saryu, nas cercanias de Ayodhya, terra natal de Rama. As pessoas dali sabiam que eu guardava silêncio e não podia pedir comida, de modo que me traziam uma refeição por dia. Estávamos no verão e eu não tinha onde abrigar-me. Súbito, um dia, à noitinha, nuvens de tempestade apareceram e desabou uma chuva pesada. Como eu só dispusesse, para cobrir-me, de um cobertor comprido, enderecei-me a um templo a fim de fugir da chuva. Já estava escuro. Quando entrei, pelos fundos, e me sentei debaixo do pórtico, três guardas chegaram com varas de bambu e perguntaram o que eu estava fazendo ali. Pensavam que eu fosse um ladrão. Como eu estivesse observando silêncio, não lhes respondi. Eles, então, puseram-se a bater-me com toda a força. Apanhei tanto que suas varadas me deixaram inconsciente. O padre do templo, com uma lanterna, veio ver quem era o intruso. Eu tinha a cabeça ensangüentada e inúmeras machucaduras por todo o corpo. O padre, que me conhecia bem, ficou chocado ao ver meu horrível estado. Quando recobrei a consciência, ele e os criados do templo começaram a desculpar-se do seu grave equívoco. Naquele dia compreendi que a prática da austeridade não é fácil. Prossegui em meu caminho de auto-adestramento, mas deixei de vaguear pelas cidades.

Entre todos os métodos de adestramento e terapias, o mais elevado é o do auto-adestramento, em que a pessoa permanece cônscia de sua mente, de seus atos e de suas palavras. Eu costumava desenvolver minha *sankalpa* (determinação correta) e sempre me mantinha a par de meus sentimentos, pensamentos, palavras e atos. Nesses dias descobri que, ao acalmar minha mente consciente na meditação, as bolhas dos pensamentos subiam, de improviso, da mente inconsciente. Ao aprendermos o domínio da mente e suas modificações, é essencial passarmos pelo processo da auto-observação, da análise e da meditação. O aprendizado do domínio da mente e o cuidadoso estudo das relações entre a mente consciente e a inconsciente me tomaram muito tempo. Inúmeras vezes pensei: "Agora subjuguei meus pensamentos. Minha mente está sob o meu domínio." Volvidos, porém, alguns dias, alguma bolha desconhecida subia do fundo do inconsciente e me dominava a mente consciente, modificando assim minhas atitudes e meu comportamento. Às vezes, eu me sentia desapontado e deprimido, mas sempre encontrava alguém que me ajudava e orientava.

Como aspirante, é sempre de bom alvitre estar vigilante e firme na prática da meditação, sem esperar muita coisa no início. Disseram-me que não existe um método imediato de meditação. Os estudantes modernos esperam resultados instantâneos da meditação e essa expectativa os leva a fantasiar, imaginar e ter alucinações a respeito de muitas coisas que julgam ser experiências espirituais mas que, na realidade, são produtos das suas mentes inconscientes. Em resultado disso, a frustração os desequilibra e eles ou param de meditar ou começam a seguir métodos estranhos, infensos ao seu progresso.

Prática única do Tantra

Meu condiscípulo, cujo pai era um douto pândita sanscritista, procedia de Medanipur, na Bengala. Quando completou dezoito anos de idade, antes que eu o conhecesse, a família forçou-o a casar. A cerimônia do casamento estava sendo realizada ao anoitecer, o que se ajustava perfeitamente aos seus planos. Durante um matrimônio hindu, a noiva e o noivo participam de uma cerimônia do fogo e dão sete voltas em torno da fogueira. Na quarta volta, ele interrompeu o ritual e desatou a correr pelos campos. O pessoal presente à festa do casamento não lhe compreendeu o procedimento. Saiu-lhe no encalço, mas não conseguiu pegá-lo. Ele caminhou vários dias até alcançar as margens do Ganges e pôs-se a seguir o rio à procura de um mestre espiritual. Durante seis anos passou por muitas experiências, mas não se lhe deparou mestre algum. Só o encontrou quando conheceu meu mestre no Himalaia de Sri Nagar. Ao se defrontarem, meu mestre abraçou-o e sentiu que já se haviam conhecido. Meu condiscípulo viveu três meses com meu mestre e, depois, recebeu instruções para ir a Gangotri, onde moramos juntos numa caverna.

Em dado momento, pôs-se a falar sobre sua cidade natal, Medanipur, e disse-me que se eu, algum dia, a visitasse, deveria dizer à sua família que ele se tornara renunciante e vivia no Himalaia. Pouco depois disso visitei-lhe a casa e conheci a mulher com a qual deveria ter casado. Ela estava esperando pela sua volta. Sugeri-lhe que se casasse com outra pessoa, visto que a cerimônia do casamento não fora completada. Ao ouvir de mim tal conselho, ela explodiu:

— Vós e o vosso condiscípulo sois adoradores do diabo e não de Deus!

Ela estava tendo um acesso de cólera.

Voltei para a minha choupana, fora da aldeia. Naquela região se praticava o *tantra**. Quase todas as casas dessa área adoravam a Mãe Divina, chamando-lhe *Ma Kali*. Eu ouvira muita coisa a respeito do tantra e já lera alguns livros. Desejava conhecer alguém que me fizesse, de fato, uma demonstração das suas práticas para desvanecer minhas dúvidas quanto à validade delas. Um dos primos do meu condiscípulo naquela aldeia apresentou-me um maometano cultor do tantra, que já completara noventa e dois anos de idade. Fui vê-lo e conversamos durante três horas. Ele era famoso ali como *Maulabi*, sacerdote que dirige as orações nas mesquitas e conhece o Corão, a bíblia sagrada do Islão.

* Ciência de transformação integral.

Na manhã seguinte, o *Maulabi* levou-me para um lagozinho fora da aldeia. Também levou uma galinha. Primeiro amarrou a galinha com um barbante e, a seguir, amarrou a outra ponta do barbante a uma bananeira. Disse-me, então, que me sentasse e observasse tudo com muita atenção. Estava murmurando qualquer coisa e atirando feijões-fradinhos no barbante. A galinha agitou-se um pouco e, logo, imobilizou-se.

— A galinha está morta, — disse ele.

Pensei: "Isso não significa ser criativo. É um poder muito mau. É magia negra." Ele pediu-me que me certificasse da morte da galinha.

— Posso conservá-la debaixo d'água por algum tempo? — perguntei-lhe.

— À vontade, — consentiu ele.

Mantive a galinha debaixo d'água por mais de cinco minutos e, em seguida, tirei-a de lá. Ao que me constava, ela estava morta. Logo depois ele devolveu-lhe a vida executando o mesmo ritual de jogar feijões-fradinhos no barbante e murmurar qualquer coisa. Isso, com efeito, me abalou.

— Agora, — continuou ele, — amarra uma ponta do barbante na bananeira e a outra no teu pulso. Mostrar-te-ei algo diferente.

Mas, em vez de fazer o que ele me dizia, abri a correr o mais depressa que pude na direção da aldeia, deixando o velho *Maulabi* e sua galinha para trás. Quando cheguei à aldeia, sem fôlego, os aldeões não sabiam por que eu corria tanto. Contei-lhes que o velho *Maulabi* queria matar-me, mas ninguém acreditou em mim, pois naquela região ele era havido por homem muito santo. Pensei: "É melhor eu sair deste lugar e seguir meu caminho em vez de campear milagres."

Dali fui para Calcutá, onde fiquei alguns dias em casa do presidente do Supremo Tribunal, R. P. Mukharji. Quando lhe contei minha experiência e lhe perguntei se eu a imaginara ou se fora vítima de alguma alucinação, ele disse:

— Não, essas coisas acontecem.

Mais tarde, indaguei de alguns sábios como podia realizar-se um milagre dessa natureza. Eles não souberam explicar-mo, embora reconhecessem

que a província de Bengala era famosa por tais práticas. Contei a história a meu mestre e ele, rindo-se de mim, falou:

— Precisas entrar em contato com toda a sorte de coisas, se bem não devas tentar praticá-las. Basta-te seguir a disciplina que te foi dada.

Esse tipo de tantra não é a verdadeira ciência do tantra, mas uma ramificação do tantrismo. Usa-se o poder da mente de inúmeras maneiras. Sem conhecimento da meta da vida, as faculdades mentais podem ser dirigidas negativamente em detrimento de outros. Mas, ao cabo de contas, o abuso dos poderes mentais acaba destruindo aquele que o pratica. Ainda existem pessoas com poderes tântricos. Mas em cem, uma é autêntica e as outras noventa e nove são mágicos.

Cometeste muitos roubos

Em minha mocidade, eu andava à cata de milagres. Certa vez, ao ver um indivíduo deitado num leito de pregos, perguntei-lhe:

— Eu gostaria de poder fazer isso. Não podes ensinar-me?

— É claro que posso, — replicou o indivíduo. — Mas, primeiro, terás de pedir esmolas para mim e trazer-me o dinheiro. Se prometeres dar-me todo o dinheiro que tens, eu te ensinarei!

Uma depois da outra, encontrei muitas pessoas assim, que se desprezavam mutuamente, dizendo:

— Ele não é nada. Eu te ensinarei algo melhor.

Uma dessas pessoas tinha uma grande agulha de aço, que enfiava no próprio braço, atravessando-o de lado a lado. E declarou-me:

— Vê, não há sangradura. Eu te ensinarei a fazê-lo, e poderás ganhar dinheiro com demonstrações. Mas terás de tornar-te meu discípulo e dar-me parte do que ganhares.

Deixei-o e fui ter com outra pessoa, que muita gente respeitava. Eu queria saber por que tantos o seguiam. E perguntava a mim mesmo: "Que conhecimento exclusivo possui ele? Será sábio? Será um grande iogue?" Quedei-me junto dele até que todos se foram. Quando ficamos a sós, ouvi-o perguntar-me:

— Qual é o hotel mais luxuoso que conheces?

— O Savoy Hotel, em Londres, — respondi.

— Dá-me cem rupias que te arranjarei um pouco da comida deliciosa desse hotel.

Dei-lhe cem rupias e, de repente, surgiu diante de mim um pouco de comida, exatamente como se preparava no hotel. Em seguida, pedi-lhe um pouco da comida de Hamburgo, na Alemanha. Paguei-lhe, dessa feita, setenta rupias e ele satisfez ao meu pedido. Apareceu o prato que eu solicira, com a conta.

Pensei: "Por que hei de voltar para meu mestre? Ficarei com este homem e todas as minhas necessidades estarão satisfeitas. E, então, sem nenhum contratempo, poderei meditar e estudar sossegado."

— Que tipo de relógio desejas? — perguntou ele.

— Já tenho um bom relógio, — repliquei.

— Dar-te-ei um melhor, — prometeu ele. E cumpriu a promessa.

Quando olhei para o relógio, refleti: "Este relógio é fabricado na Suíça. Ele não está criando estas coisas; limita-se a fazer um truque, transportando-as de um lugar para outro."

Duas semanas depois voltei à sua presença e inclinei-me diante dele. Fiz-lhe uma massagem com óleo e ajudei-o a cozer a comida. Ele ficou satisfeito e ensinou-me a fazer coisas semelhantes às que tinha feito. Pus-me a praticar até que um dos *swamis* do nosso mosteiro surgiu e me esbofeteou, interpelando-me:

— Que estás fazendo?

Em seguida, levou-me para junto do meu mestre, que me disse:

— Cometeste muitos roubos.

— Que roubos? — perguntei.

— Pedes doces, — explicou ele, — e estes chegam a ti procedentes de uma loja. Os doces desaparecem da loja e o dono não sabe o que lhes aconteceu.

Prometi a meu mestre que nunca mais tornaria a fazê-lo.

Mais tarde conheci um homem que trabalhava como vendedor numa loja de máquinas de costura em Deli. Falei-lhe de um *haji* e seus poderes. Disse o vendedor:

— Se ele conseguir trazer uma máquina de costura Singer da minha loja em Deli, eu o considerarei o maior homem vivo e o seguirei pelo resto da vida.

Por isso fomos ambos a sua procura e pedimos-lhe que realizasse o milagre. Disse ele:

— Trá-la-ei incontinenti.

E a máquina apareceu! Depois, no entanto, o vendedor ficou preocupado, imaginando que poderiam dar pela falta da máquina na loja e acusá-lo de havê-la roubado. O *haji* tentou devolvê-la mas, não o conseguindo, abriu a carpir-se e a lamentar-se:

— Perdi meus poderes.

Um Hatha iogue.

Um sadu.

Um velho e suave sábio de Sri Nagar, no Himalaia.

Quando o vendedor regressou a Deli, levou a máquina consigo. Entrementes, na loja, haviam dado pela falta da máquina e apresentado queixa à polícia. Esta encontrou-a em poder do vendedor, que foi levado ao tribunal. Ninguém acreditou na sua história e castigaram-no.

Tive muitas experiências desse gênero e insultava amiúde meu mestre, dizendo-lhe:

— Há pessoas que têm poderes maiores do que os vossos. Eu gostaria de segui-las.

E ele replicava:

— Pois segue-as! Quero que cresças e sejas grande. Não tens obrigação de seguir-me!

Mais tarde compreendi que a maioria desses fenômenos são truques. E quando se lhes confirma a autenticidade, são magia negra. A espiritualidade nada tem que ver com tais milagres. O terceiro capítulo das *Sutras da Ioga* explica muitos métodos de obter *sidis**, mas essas sidis criam ciladas no caminho da iluminação. Uma pessoa entre milhões possui, de feito, sidis, mas descobri que tais pessoas são, a miúdo, cúpidas, egoístas e ignorantes. O caminho da iluminação não é o da cultivação intencional de poderes. Os milagres realizados por Buda, Cristo e outros grandes sábios, espontâneos, tinham um propósito. Não foram executados por motivos egoístas nem para criar sensação.

No caminho da ioga topamos, às vezes, com possibilidades de sidis. O iogue que não tenha desejo algum de possuir uma *sidi* pode recebê-la, mas quem tiver consciência do propósito de sua vida jamais abusará delas. O abuso das sidis é a ruína do iogue.

O roubo é considerado um crime, social e moralmente. A escamoteação não faz parte da ioga. As sidis existem, mas só entre os entendidos.

* Poderes.

Um swami arremessador de fogo

Conheci um *swami* capaz de expelir fogo pela boca. A chama projetava-se a mais de um metro de distância. Eu pu-lo à prova a fim de verificar se o fenômeno era autêntico. Pedi-lhe que lavasse a boca para ter a certeza de que não estava escondendo nela alguma coisa como fósforo. Fiz também que meus amigos o examinassem. Ele parecia genuíno e, por isso, cheguei à seguinte conclusão: "Este homem deve estar positivamente mais adiantado que o meu mestre."

Disse-me o *swami:*

— Estás desperdiçando tempo e energia ao pé de teu mestre. Segue-me, que te darei um pouco da verdadeira sabedoria. Mostrar-te-ei como se produz fogo.

Eu estava tão influenciado por ele que decidi deixar meu mestre. Entrando à presença deste último, disse-lhe:

— Encontrei alguém mais adiantado do que vós, e resolvi tornar-me seu discípulo.

— Estou encantado, — disse-me ele. — Vai, quero que sejas feliz. Que é o que ele faz?

— Tira fogo da boca, — redargüi. — É um *swami* muito poderoso.

— Faze-me o favor de levar-me até ele, — pediu meu amo.

Na manhã seguinte lá fomos nós. O *swami* morava nas montanhas, a uns trinta e sete quilômetros de distância, e levamos dois dias para ir até lá. Quando chegamos, o *swami* inclinou-se diante do meu mestre!

Surpreso, perguntei a meu mestre:

— Conhecei-lo?

— Naturalmente, — foi a resposta. — Ele deixou nosso mosteiro há algum tempo. Agora sei onde se tem escondido.

Meu mestre perguntou-lhe:

— Que tens feito aqui?

— Aprendi, senhor, a tirar fogo da boca, — respondeu o interpelado.

Quando viu a chama sair-lhe da boca, meu mestre riu-se mansamente. E instruiu-me:

— Pergunta-lhe quantos anos levou para aprender a fazer isso.

O *swami* envaidecia-se da sua proeza. E vangloriava-se:

— Pratiquei durante vinte anos para dominar essa arte.

Disse-me então meu mestre:

— Um fósforo produzirá fogo em um segundo: se estás querendo perder vinte anos para aprender a produzir fogo com a boca, és um tolo. Meu filho, isto não é sabedoria. Se quiseres realmente conhecer mestres, eu te direi onde estão. Vai e faze as experiências.

Mais tarde compreendi que essas sidis não passam de sinais espalhados pelo caminho. Nada têm com a espiritualidade. E descobri, depois de experimentar e examinar, que são poderes psíquicos de escasso valor, e podem criar obstáculos sérios no caminho. Às vezes, os poderes psíquicos se desenvolvem; começais a ler a sorte dos outros, começais a conhecer coisas. Tudo são distrações. Não permitais que vos obstruam a senda. Muita gente, incluindo *swamis*, tem gasto tempo e energia com tais distrações. Quem quiser desenvolver sidis poderá fazê-lo e poderá fazer demonstração de algumas proezas sobrenaturais; mas a iluminação é outro assunto, totalmente diverso.

Um místico surpreendente

O desprendimento é um dos sinais destacados do homem espiritual. Quando falta essa qualidade no caráter de alguém que se supõe espiritual, esse alguém, na realidade, não o é. Um mestre conhecido, Nim Karoli Baba, favoreceu-me quando eu era ainda muito jovem. Vivia em Nanital, um dos sítios mais freqüentados do Himalaia. Morava ora aqui, ora ali. Quando alguém o procurava, dizia:

— Está bem, agora já te vi, tu já me viste, *ja, ja, ja, ja* ...

O que quer dizer "vai, vai, vai, vai ..."

Esse era o seu hábito.

Certa vez, estávamos sentados, conversando, quando um dos homens mais ricos da Índia veio vê-lo com um maço respeitável de dinheiro indiano. E o homem disse:

— Senhor, eu vos trouxe isto.

Baba espalhou as notas e sentou-se sobre elas. Depois disse:

— Como almofadas não são muito confortáveis, e como não tenho lareira, não posso queimá-las para que produzam calor. São inúteis para mim; que farei com elas?

— Isso é dinheiro, senhor, — voltou o homem.

Baba devolveu o dinheiro e pediu-lhe que o empregasse na compra de algumas frutas. O homem rico obtemperou:

— Aqui não há mercado, senhor.

— Então, como podeis dizer que isso é dinheiro? — sobreveio Baba. — Se não serve para comprar frutas, não é dinheiro para mim. — Em seguida, indagou do visitante: — Que queres de mim?

— Tenho uma dor de cabeça, — disse o homem.

— Que tu mesmo criaste para ti, — replicou Baba. — Que posso *eu* fazer por ti?

Nim Karoli Baba.

— Vim pedir vossa ajuda, senhor, — protestou o homem.

Baba abrandou-se.

— Está bem, daqui por diante não haverá mais dor de cabeça mas, a partir de hoje, serás uma dor de cabeça para os outros. Ficarás tão miseravelmente rico que serás uma dor de cabeça para toda a tua comunidade.

E até hoje, com efeito, ele continua a ser uma dor de cabeça para toda a sua comunidade.

É verdade que certa importância em dinheiro constitui um dos meios necessários a uma existência confortável no mundo. Mas também é verdade que ter mais que o necessário pode ser motivo de sofrimento. Entesourar dinheiro é pecado, pois estamos despojando outros e criando disparidades na sociedade.

Nim Karoli Baba amava o Senhor Rama, encarnação de Deus, e estava sempre murmurando uma mantra que ninguém entendia. Sábio adorado por muita gente no norte da Índia, as pessoas não lhe davam sossego. Viajavam com ele de uma montanha e de uma aldeia a outras. Ele era extremamente misterioso em seus processos.

Tive muitas outras experiências deliciosas e engraçadas com Nim Karoli Baba que ninguém acreditaria, mas uns poucos americanos que o conheceram compreenderão o que estou dizendo. Se alguém fosse visitá-lo, ele diria:

— Estavas falando mal de mim com tal e tal pessoa debaixo de tal e tal árvore. — E acrescentava com exatidão a data e a hora do dia. Em seguida, mandava o visitante embora: — Agora já me viste, vai, vai, vai.

E cobria-se com um cobertor.

Um belo dia, um farmacêutico saiu de Talital levando um pouco de pó para Malital. Fervoroso admirador de Nim Karoli Baba, deteve-se no meio do percurso para vê-lo. Eu também estava lá.

— Tenho fome, — disse Baba. — Que estás carregando aí?

— Arsênico, — retrucou o farmacêutico. — Esperai, que vos trarei alguma comida.

Mas Baba arrancou-lhe o pó das mãos e engoliu um punhado dele. A seguir, pediu um copo d'água. O farmacêutico receou vê-lo morrer envenenado mas, no dia seguinte, encontrou-o perfeitamente são.

Ele não tinha consciência do exterior. Se alguém lhe perguntasse: "Comestes a vossa comida?", responderia: "Não" ou "Sim", mas nenhuma das respostas teria sentido. Quando a nossa mente se ausenta, podemos comer muitas vezes por dia e continuar famintos. Era o que acontecia com

ele. Cinco minutos depois de comer, diria: "Estou com fome", porque não se lembrava de já ter comido.

— Já comestes a vossa comida, — diria eu.

— Está bem, — responderia ele, — então não estou com fome.

Se eu não lhe dissesse: "Comestes agora mesmo", ele não se deteria. Um dia, pensei: "Vejamos quantas vezes será capaz de comer". Nesse dia, ingeriu quarenta refeições em várias casas. Comeu o dia todo. Queríamos conhecer-lhe os poderes, e ele sabia o que queríamos. Desse modo, quando alguém colocava comida à sua frente, comia.

— Comereis? — perguntavam-lhe.

E ele:

— Está bem.

E comeu o dia inteiro. Finalmente me aproximei e adverti-o:

— Já comestes o bastante.

— Já? — tornou ele.

— Já, — repeti.

Nesse estado de elevação somos como crianças. Ele não tem plena consciência das coisas do mundo, mas está sempre consciente da Verdade.

Minha mãe e minha mestra

Certa vez, fui ao Assão a fim de conhecer *Mataji**, grande dama iogue que tinha então noventa e seis anos de idade. Ela morava ao lado de um famoso templo de *Shakti* chamado Kamakhya. Toda a gente aspira a ir até lá, mas pouquíssimos alcançam visitar o lugar, que fica num canto afastado da Índia. De Calcutá, fui a Gohati e, dali, a pé, até Kamakhya. Cheguei ao templo tarde da noite, tropeçando na escuridão e dando topadas com os dedos dos pés. Naquela ocasião, havia três ou quatro casinhas de madeira perto do templo. O sacerdote convidou-me a ficar no segundo andar do mesmo edifício em que vivia a famosa mulher. Meu quarto tinha muitos buracos e fendas, pelos quais entravam camundongos e cobras. Era terrível, mas eu não podia fazer nada. Fechei os buracos com pedaços de pano encontrados aqui e ali. Consegui passar dois meses nesse quarto. Minhas experiências ali foram chocantes e surpreendentes no princípio, porém muito agradáveis no fim da minha estada.

Fazia vinte anos que a velha senhora não saía do quarto durante o dia. Entretanto, visitava regularmente o templo à meia-noite e às três da madrugada. Nas primeiras quatro noites, permaneci no meu quarto mas, na quinta, saí e fui para o templo. Noite de luar. Chegando ao portão, ouvi alguém entoando mantras no interior. Era a velha senhora, sentada, sozinha, com uma lâmpada de óleo acesa ao seu lado. Ao sentir minha presença do lado de fora do portão Norte, gritou, em tom peremptório:

— Não entres! Tu te matarás! Sou a Mãe Divina, sai deste lugar!

Conquanto assustado, eu ardia por saber o que estava acontecendo no interior do templozinho. Espiei para dentro e ela precipitou-se na minha direção. Estava completamente nua — um saco de ossos embrulhado numa pele brilhante. Cintilavam-lhe os olhos como taças de fogo. E ela gritou:

* Tratamento respeitoso que se dá a uma velha dama.

— Vai-te embora! Por que estás espreitando o que faço?

Inclinei-me, reverente e timorato, cuidando acalmá-la assim, mas ela zurziu-me com a bengala e enxotou-me. Voltei para o quarto.

Na manhã seguinte, a mãe e mestra chamou-me para o seu quarto e pôs-se a falar comigo.

— Preciso de vossas bênçãos, — disse eu.

Ela quedou-se em silêncio por alguns segundos e depois murmurou meu apelido, que ninguém mais conhecia além do meu *gurudeva*. Apertou-me entre os braços e pôs-me no colo. Não sei o que então me aconteceu mas, se existe um sétimo céu, posso dizer que lá estive. Acariciando-me a cabeça, abençoou-me e disse:

— Encontrarás muitos obstáculos no caminho, mas todos serão transpostos. Vai-te com minhas bênçãos.

— Quero ficar aqui por algum tempo, — roguei eu, e ela consentiu.

Quando lhe perguntei o que estava fazendo sozinha no templo às três horas da madrugada, respondeu:

— Celebro o culto de *Shakti* e não quero ninguém perto de mim à meia-noite nem às três da madrugada.

Da meia-noite às duas e das três às quatro e meia ninguém visita o templo.

Ela permitiu que eu me sentasse perto dela durante meia hora todas as noites. Quando eu me sentava à sua frente, toda a minha consciência se elevava, como se eu estivesse sentado diante do meu mestre. Em meu coração, aceitava-a por minha mãe e mestra. Eu queria fazer-lhe muitas perguntas, mas ela me ordenou que permanecesse calado. Obedeci-lhe e recebi as respostas às minhas perguntas sem que nenhum de nós falasse. O silêncio era mais comunicativo do que qualquer outro tipo de ensinança. Os professores mais adiantados transmitem em silêncio seus conhecimentos.

Ela era uma velha muito poderosa e, não obstante, muito suave, dotada de tremenda força de vontade. Observei que tudo o que dizia se revelava sempre verdadeiro. Quando alguém vinha pedir-lhe ajuda, falava muito pouco e sempre em sentenças breves:

— Vai.

— Acontecerá.

— Bendito sejas.

— Reza para a Mãe Divina.

Em seguida, ia para o seu quarto.

Quando eu soube que essa mãe, que eu chamava de Mãe e Mestra, não se deitava para dormir, mas permanecia sentada, em postura de meditação, a noite inteira, comecei a observá-la espiando pela fresta em sua porta. Passei três dias e três noites a observá-la e descobri que, de fato, ela nunca dormia.

Um dia, eu lhe disse:

— Mãe, se vos deitardes, far-vos-ei uma massagem bem suave, que vos ajudará a adormecer.

Ela deu uma risadinha e respondeu:

— Dormir! Isso não é para mim. Já passei além da preguiça e da inércia. Gosto do sono acordada, para o qual não preciso deitar-me. Acreditas que uma pessoa que aprecia o sono iogue necessite do sono dos porcos?

— Como assim? — perguntei.

— Os porcos comem mais do que podem comer, — explicou ela, — e depois se deitam, roncando. Pergunto a mim mesma como é possível dormir tanto.

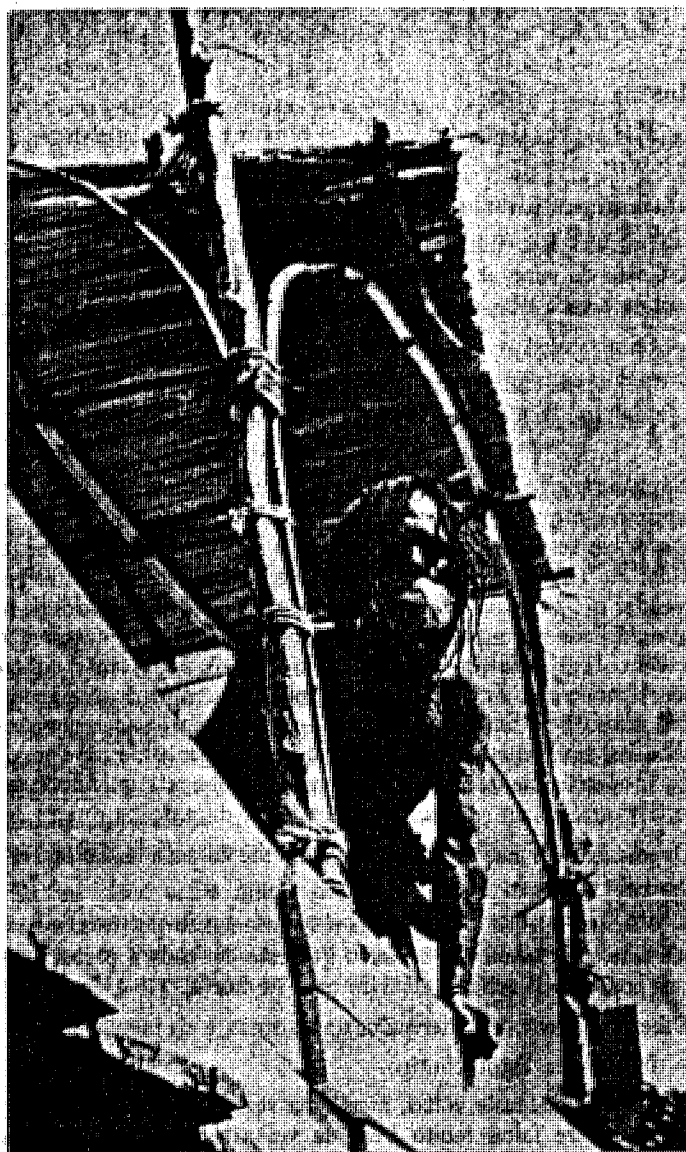
Explicou-me toda a anatomia do sono e perguntou-me se eu conhecia o mecanismo em que um ser humano vai do estado consciente para o estado de sonho e, em seguida, para o estado ainda mais profundo de sono. Principiou a dar-me lições precisas e sistemáticas. Depois disso me foi possível compreender o *Upanixade Mandukya*, que explica os três estados da mente: vigília, sonho, sono e o quarto estado, *turiya*, que recebe a denominação de estado além. O *Mandukya* é considerado o mais importante e difícil de todos os Upanixades. Enchi setenta páginas do meu diário tomando notas enquanto ela falava. Em sua fala macia e lenta não havia repetições nem erros. Ela fez um comentário sistemático desse Upanixade, que eu já compreendia intelectualmente mas só compreendi realmente quando comecei a praticar o exercício de permanecer consciente durante os quatro estados.

Depois de dois meses e meio, chegou o dia da partida. Eu estava muito triste, mas ela me disse:

— Não te afeiçoes à imagem da mãe em meu corpo físico e em minha personalidade. Sou a mãe do universo que está em toda a parte. Aprende a elevar tua consciência acima e além do meu eu mortal.

Olhei-a com os olhos marejados de lágrimas, e ela me disse:

— Não temas. Estou contigo.

Eu disse-lhe adeus e voltei, mais uma vez, para a minha morada himalaica. Meu mestre falou muito bem da velha senhora, que vivia na área daquele templo desde os doze anos e lá ficou até aos 101, quando deixou o corpo mortal.

O sadu imarcescível, Devraha Baba

Um iogue eterno

Praticamente em todos os verões, Devraha Baba, que vive no Uttar Pradesh Oriental, vem a um santuário nas montanhas do Himalaia, onde passa alguns meses. Dizem-no velhíssimo. Não fiquei sabendo disso diretamente, mas ouvi o dr. Rajendra Prashad, primeiro presidente da Índia, dizer que pode atestar, por experiência própria, que Devraha Baba tem mais de 150 anos de idade. E contou que, em sua infância, seu pai o levou a esse baba, que já era um homem muito velho. Na ocasião em que prestou esse depoimento, o dr. Prashad tinha mais de setenta anos. A afirmativa despertou-me a curiosidade e fiz questão de conhecer o baba quando se detivesse em Rishikesh a caminho do santuário da montanha. Conversamos ali muito amiúde. Ele estava vivendo numa choça temporária de pinho, que lhe erguiam onde quer que fosse. Às vezes, também vivia em casas de árvores. Parecia perfeitamente saudável e ninguém lhe daria mais de setenta e poucos anos. Muito austero e delicado, não consente que nenhum estudante o toque e, às vezes, faz discursos sobre o amor divino. É muito famoso no norte da Índia. Imensas multidões se reúnem para receber o seu *darshana**. Tem um grande séquito e a polícia e outros funcionários do governo visitam-no com freqüência, desejosos de serem abençoados. Vários dos meus alunos americanos visitaram-no durante *Kumbha Mela*, a grande feira que se realiza de doze em doze anos na Índia e que em 1974 se realizou em Hardwar.

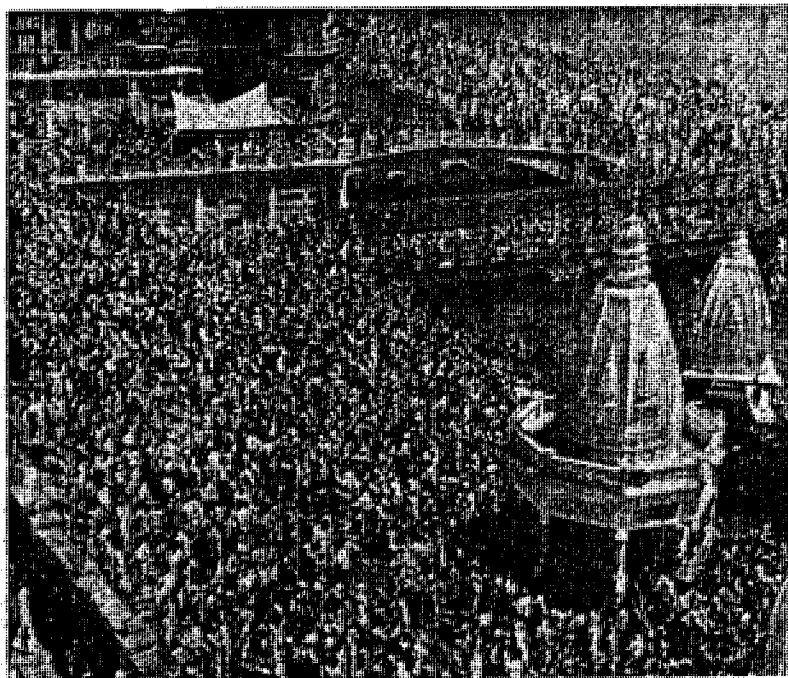
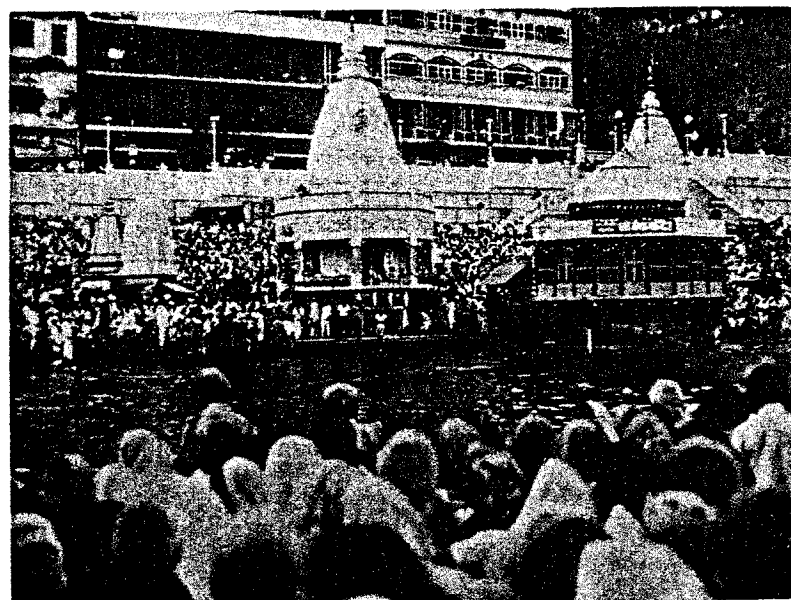
Tentei descobrir-lhe o segredo da longevidade. Averigüei que ele pratica regularmente certos aspectos da ioga, e só come frutas e vegetais. Existem muitas práticas específicas de ioga. Os aspirantes individuais escolhem as que mais lhes convêm.

Durante minha conversação com Baba ouvi-lhe:

---

* Olhar.

— A felicidade é a maior de todas as riquezas. A pontualidade é essencial. A prática de métodos adiantados de respiração é igualmente importante. A técnica do não-envelhecimento resume-se numa técnica de *pranayama*.*

Esse Devraha Baba é um símbolo de amor.

Kumbha Mela, onde os peregrinos fazem uma cidade de milhões de móveis.

Serviço de oração em Harikipain

* Controle da respiração.

IV

APRENDENDO HUMILDADE

Cultivar a virtude da humildade é dar um passo no rumo da iluminação. Sendo humildes ganhamos muito e nada perdemos. A oração e a contemplação fortalecem nossa força de vontade no cultivo dessa qualidade interior.

O ego e a vaidade são baldados

Em certa ocasião meu mestre vivia num lugar sagrado do Himalaia denominado Tungnath. De uma feita, quando fui vê-lo, detive-me antes num santuário da montanha chamado Karnaprayag. Um grande e renomado *swami*, cujo nome era Prabhat Swami, vivia numa caverna perto do santuário e por isso fui visitá-lo. Nessa época eu estava sendo treinado para ser *swami*. Saudei-o de acordo com a nossa tradição. Ele sentara-se num cobertor dobrado quatro vezes, e uns poucos aldeões se haviam sentado diante dele. Eu ainda sofria de um inchaço do ego, em parte, pelo menos, porque as pessoas nas aldeias da Índia respeitam os *swamis* e se inclinam diante deles. Isso alimenta o ego e acarreta muitos problemas para um *swami* que está sendo treinado.

Prabhat Swami conhecia meu problema; sorriu e disse:

– Senta-te, por favor.

– Não poderias fazer-me o favor de desdobrar teu cobertor para eu poder sentar-me ao teu lado?

Insisti, mas ele apenas se riu de mim.

– Por que não deixas que eu me sente ao teu lado?

Eu era extremamente presunçoso e impolido.

Ele citou o diálogo entre Rama e Hanuman na *Yoga Vasishtha** e disse:

– "Eternamente somos um e o mesmo mas, como seres humanos, tu és ainda um servo e eu sou teu amo." O homem moderno tenta assumir a posição de amo sem atingir coisa alguma.

A seguir, deu-me uma lição, dizendo:

---

* Obra poética de trinta mil versos sanscríticos, atribuídos ao sábio Valmiki, e que contém um sem-número de histórias metafísicas, as quais ilustram a filosofia da ioga.

– Um homem foi ver um mestre que estava sentado num alta plataforma ensinando muita gente. O homem ocupava uma posição de relevo na sociedade e, por isso, irritava-se por ser tratado como os demais estudantes, sem obter atenção especial. Subindo aonde estava o mestre, perguntou-lhe:

"– Senhor, posso sentar-me convosco na mesma plataforma?

"Disse o mestre:

"– Devias conhecer o papel do estudante assim como o papel do mestre.

"– Senhor, quais são as obrigações do estudante? – perguntou o homem.

"O mestre explicou:

"– O estudante limpa, serve, lava pratos, cozinha, prepara-se, purifica-se e serve seu mestre.

"– E que faz o mestre, senhor? – perguntou o homem.

"– O mestre ensina ... não faz nenhum trabalho servil.

"– Por que não posso tornar-me mestre sem fazer tudo isso? – perguntou o homem. – O trabalho servil não tem relação alguma com o meu aprendizado professoral.

"Disse o mestre:

"– Não, tu te ferirás e ferirás os outros. Precisas compreender desde o princípio que o caminho espiritual tolera tudo, menos o ego."

O ego coloca um véu entre o aspirante e o processo do aprendizado. Quando se torna egocêntrica, a pessoa se isola, não consegue comunicar-se com o mestre nem com a consciência, e não segue as instruções do mestre. Um ego assim necessita de imensas austeridades e modificações, sem as quais todo o conhecimento se exaure.

Meu ego inchado

Durante a estação chuvosa os *swamis* não viajam, mas ficam no mesmo lugar durante quatro meses. Acodem, então, as pessoas e aprendem com eles os textos sagrados. Conquanto ainda estivesse sendo treinado para *swami*, eu também lecionava todos os dias. Os alunos criam amiúde problemas para o mestre. A primeira coisa que fazem, por exemplo, é colocá-lo bem acima deles, de modo que limitam a comunicação. Meus alunos construíram uma plataforma elevada, na qual me pediram para sentar-me. Envaidecia-me extraordinariamente o grande número de pessoas que estudavam comigo. Isso acontece quando somos neófitos e ambicionamos nome e fama. E quanto mais cresce a quantidade dos nossos alunos, tanto mais egotistas nos tornamos.

Ficara-me a impressão de que determinado *swami* entre os meus alunos não era muito inteligente. Durante minhas palestras, costumava ficar sentado, quietinho, num canto. Esse *swami*, na realidade, era um iniciado adiantado, muito embora eu ignorasse totalmente o fato. Ele viera porque eu costumava rogar ao Senhor: "Senhor, iluminai-me. Ajudai-me, Senhor." Eu chorava e orava sinceramente, de modo que o Senhor me mandara aquele homem. E que fazia eu? Dava-lhe minha tanga para lavar, e lhe ordenava o dia todo que trabalhasse para mim. Ele esteve comigo dois meses antes de decidir ensinar-me uma lição.

Certa manhã, estávamos ambos sentados numa rocha à beira do Ganges. Enquanto escovava os dentes, ordenei-lhe:

– Vai buscar-me um pouco d'água.

Ele estava farto do meu ego inchado. E disse:

– Continua a escovar.

Nesse momento, perdi a consciência do que estava acontecendo.

Dois dias depois, algumas pessoas me encontraram ali prostrado. Eu tinha o rosto horrivelmente inchado. Deixara cair a escova, mas continuava

esfregando o dedo na boca, sem parar. Fazia-o inconscientemente. Meu mestre apareceu e ordenou-me:

— Levanta-te!

Abri os olhos mas não pude erguer o rosto, de tão pesado. Tinha as gengivas inchadas e não conseguia mover o maxilar.

Meu mestre, então, me contou:

— Aquele *swami* é um grande sábio. Foi Deus quem o mandou. Mas não sabes ser humilde e proceder como se deve com os homens de Deus. Espero que tenhas aprendido a lição. Não tornes a cometer esse erro.

E rematou:

— Levanta-te, olha para o céu e começa a andar.

— Se eu ficar olhando para o céu e continuar andando, — protestei, — acabarei tropicando e caindo.

— Inclina a cabeça e serás capaz de caminhar sem tropicar, — disse ele. — Para prosseguir na perigosa jornada da vida, tens de aprender a ser humilde. O ego e o orgulho são dois empecilhos nessa viagem. Se não fores humilde, não aprenderás. Teu crescimento será sustado.

Quando começamos a trilhar o caminho da espiritualidade é essencial que sejamos humildes. O ego cria barreiras e perde-se a faculdade de discriminação. Se a discriminação não for aguçada, a razão não funcionará como convém e a mente não terá clareza. Uma mente anuviada não é um bom instrumento no caminho da iluminação.

É preciso haver renúncia,
É preciso haver ação.
Na reconciliação das duas
Reside a coroa da vida.

Não é à ação que cumpre renunciar, mas ao seu fruto. Certifica-te de que o ego foi aniquilado no oceano da consciência. Certifica-te de que ele não está espreitando, escondido em algum lugar na câmara escura interior do teu coração. Seus métodos são variados e suas formas, numerosas. A ação azeitada com amor proporciona um lampejo de eternidade e de perpétua alegria.

Cultivando qualidades interiores

Quando eu estava em Sri Nagar, Caxemira, conheci um grande estudioso do *Vedanta*, chefe do departamento de filosofia de renomada universidade. E ele me disse:

— Se eu puder, folgarei de responder às vossas perguntas.

Assim sendo, formulei-lhe as seguintes:

— Os Upanixades* parecem estar cheios de contradições. Num lugar dizem que Brama é único e não tem segundo. Em outro, afirmam que tudo é Brama. Num terceiro, sustentam que este mundo é falso e que só Brama é verdade. E num quarto lugar está escrito que só existe uma realidade absoluta debaixo de todas essas diversidades. Como se há de compreender todos esses enunciados conflitantes?

Ele replicou:

— Não sei responder às perguntas de um *swami*. Estais aprendendo a ser um *swami* da ordem do Shankaracharya. Devíeis conhecer as respostas melhor do que eu.

Procurei muitas outras pessoas eruditas, mas ninguém pôde satisfazer-me. Ofereciam-me comentários sobre diferentes Upanixades, mas ninguém conseguia resolver essas aparentes contradições. Finalmente, fui ter com um *swami* perto de Uttarkashi, a 216 quilômetros no interior do Himalaia. Seu nome era Vixnu Maharaj. Andava sempre nu, pois não tinha roupas nem quaisquer outras propriedades. Eu disse-lhe:

— Desejo conhecer alguma coisa a respeito dos Upanixades.

— Inclina-te primeiro, — ordenou ele. — Estás fazendo perguntas sobre os Upanixades com o ego inchado. Como te será possível aprender essas verdades sutis?

* Os Upanixades são as partes mais recentes dos Vedas, que hoje constituem os textos mais antigos da biblioteca do homem.

Eu não gostava de inclinar-me diante de ninguém e, por isso, fui-me embora dali. A partir de então, sempre que eu fazia uma pergunta sobre os Upanixades, a resposta era invariavelmente a mesma:

– Procura Vixnu Maharaj. Ninguém mais pode responder-te.

Mas eu estava com medo porque ele sabia que todo o meu problema se resumia no meu ego, que ele pôs à prova incontinenti, ordenando-me:

– Inclina-te primeiro que depois responderei à tua pergunta.

Eu não queria submeter-me. Fiz o que pude para encontrar outros *swamis* capazes de responder às perguntas, mas todos, sem exceção, me mandavam a Vixnu Maharaj.

Todos os dias eu me aproximava da sua caverna à beira do Ganges. E pensava: "Vejamos como responde às minhas perguntas." Mas, ao chegar perto, com muito medo da confrontação iminente, mudava de idéia e recuava.

Um dia, ele me viu por lá e convidou-me:

– Vem cá, senta-te. Estás com fome? Queres comer comigo?

Mostrou-se muito agradável e gracioso. Deu-me de comer e de beber e disse, depois:

– Agora deves ir. Já não tenho tempo para gastar contigo.

– Vim fazer-vos algumas perguntas, senhor. Comida e bebida consigo em outro lugar. Desejo um alimento espiritual.

– Não estás preparado, – revidou ele. – Em tua mente queres examinar-me; queres saber se sou ou não capaz de responder às tuas perguntas; não estás querendo aprender. Quando estiveres preparado, vem ter comigo que te responderei.

No dia seguinte, muito humilde, eu lhe disse:

– Preparei-me durante a noite inteira, senhor, e agora estou pronto!

Ele, então, me ensinou e todas as minhas questões foram resolvidas. Respondendo sistematicamente às perguntas que lhe fiz, disse que não há contradições nos ensinamentos dos Upanixades. Tais ensinamentos são recebidos diretamente pelos grandes sábios num estado de profunda contemplação e meditação. E explicou:

– Quando o aluno começa a praticar, compreende que o mundo aparente é mutável, ao passo que a verdade não muda. Em seguida, fica sabendo que o mundo de formas e de nomes, cheio de mudanças, é falso, e que por trás dele existe uma realidade absoluta e imutável. No segundo passo, depois de conhecer a verdade, compreende que há apenas uma verdade e que essa verdade é onipresente, de modo que realmente não

existe a falsidade. Nessa fase, conhece a Realidade, única e idêntica tanto no mundo finito quanto no infinito. Mas existe ainda outro estado mais elevado em que o aspirante compreende que só há uma realidade absoluta, sem segundo, e que o aparentemente falso, na verdade, é uma manifestação do Uno absoluto.

"As contradições aparentes só confundem o aluno que não estudou os Upanixades com um mestre competente. O mestre competente infunde ao aluno a consciência das experiências que se têm em vários níveis. Estes são os níveis de consciência e não há contradição neles." E prosseguiu: "Os ensinamentos dos Upanixades não são compreendidos pelas mentes comuns, nem mesmo pelas mentes intelectuais. Só o conhecimento intuitivo conduz à compreensão deles".

De feito, eu desejava fortalecer meus conhecimentos, que recebera de meu mestre e costumava formular intencionalmente essas perguntas a outros. Os sábios nunca respondem a perguntas assim, formuladas sem humildade. A própria humildade resolve as questões. Esse grande homem me ensinou a elevar-me acima da argumentação e a permitir que a intuição flua, ininterrupta, a fim de solucionar tais questões sutis.

Eu me julgava perfeito

Quando jovem, eu supunha haver-me tornado perfeito e, portanto, poder dispensar novos ensinamentos ou novos estudos. Achava que não havia em toda a Índia um *swami* tão adiantado quanto eu, porque parecia intelectualmente mais instruído do que os outros, e eu mesmo lecionava muitos *swamis*. Quando confiei a meu mestre esta empolada opinião de mim mesmo, ele fitou-me e perguntou:

– Estás drogado? Que queres dizer?

– É claro que não, – respondi. – É assim que penso.

Ele voltou ao assunto alguns dias depois.

– Ainda és uma criança. Sabes, quando muito, freqüentar um colégio. Há quatro coisas que ainda não dominaste. Domina-as e terás conseguido algo.

"Alimenta o desejo de ver e conhecer a Deus, mas não tenhas desejo algum de adquirir coisas para ti. Renuncia a toda cólera, a toda cobiça e a toda afeição. Pratica a meditação com regularidade. Quando tiveres feito essas quatro coisas, serás perfeito."

Em seguida, recomendou-me que visitasse alguns sábios. E disse-me:

– Estando com eles, sê humilde. Se te tornares obstinado ou agressivo, ver-te-ás privado dos seus conhecimentos. Eles cerrarão os olhos e se absorverão na meditação.

Ele disse isso porque me sabia obstinado e impaciente.

Em seguida, deu-me uma lista de sábios de diferentes ordens. Eram amigos seus, que me haviam conhecido ainda pequeno porque eu o acompanhara quando ele fora visitá-los. Eu havia sido levado da breca. Costumava atormentá-los e arremessar coisas, de modo que sabiam quando eu andava por perto. Todas as vezes que vinham visitar meu mestre, perguntavam:

– Ele ainda está convosco?

Primeiro fui ver um *swami* célebre pelo silêncio. Afastado das preocupações mundanas, fosse o que fosse que acontecesse à sua volta, nunca levantava os olhos. A caminho da sua morada, conversei com aldeões das proximidades, que me contaram:

– Ele não fala com ninguém nem olha para ninguém; nem sequer come. Este é o terceiro mês em que está no mesmo lugar sem se levantar. Nunca vimos um homem assim.

Chama-se a esse fenômeno *Ajagarvritti*, isto é, "tendência de jibóia". Assim como a jibóia permanece em estado de hibernação durante longo tempo, alguns sábios não fazem um movimento sequer por muitos dias, mas deixam-se ficar imersos em profunda meditação.

Quando fui vê-lo, encontrei-o deitado num outeiro, debaixo de uma figueira-brava, sorrindo, com os olhos fechados, como um senhor do universo. Nunca usava nada sobre o corpo, quer no verão, quer no inverno, quer na estação chuvosa. Dir-se-ia que sua pele fosse à prova de intempéries, como a dos elefantes. Não possuía coisa alguma, mas vivia plenamente contente.

Assim que o vi deitado daquele jeito, pensei comigo mesmo: "Ele devia, pelo menos, ter um pouco de decência." Depois pensei também: "Meu mestre recomendou-me que o visitasse, e sei que ele não me faria perder tempo. Vejo-lhe apenas o corpo." Toquei-lhe os pés*.

Ele não era sensível a estímulos externos; estava em outro lugar qualquer. Por três ou quatro vezes exclamei:

– Olá, senhor; como estais?

Mas o *swami* não respondia. Continuava imóvel, sem resposta. Comecei a massagear-lhe os pés. Fazemo-lo com freqüência quando nossos mestres estão cansados. Pensei que ele se agradasse disso, mas a única coisa que fez foi dar-me um pontapé. Um pontapé tão forte que me atirou para trás. Desci rolando o morro que acabara de subir, e que era bem escarpado, e fui dar com os costados num lago que havia nas faldas do morro. Na descida, fui batendo em árvores e rochas, de modo que fiquei com uma porção de machucaduras dolorosas. Eu era vingativo. E pensei: "Que razão tem ele para fazer uma coisa dessas? Procurei-o, reverente, comecei fazendo massagens nos seus pés e ele me deu um pontapé. Não é um sábio. Ensiná-lo-ei. Quebrar-lhe-ei as duas pernas. Dar-lhe-ei em dobro o que me deu". Eu desejava realmente desforrar-me. Concluí que meu amo talvez me tivesse mandado a ele para que eu *o* ensinasse e não para que ele me ensinasse.

---

*De acordo com o nosso costume, quando lhes tocamos os pés, os grandes homens nos abençoam.

Quando tornei a subir o morro para dar vazão à minha cólera, ele, sentado, sorria. E perguntou-me:

— Como estás, filho?

— Como estou? — retruquei. Depois de me chutar e derrubar morro abaixo, ainda me perguntais como estou?

— Teu mestre, — disse ele, — recomendou-te que dominasses quatro coisas e, em vez disso, até destruíste uma delas. Dei-te um pontapé para pôr à prova o teu domínio da cólera. Agora estás tão irado que não podes aprender coisa alguma aqui. Estás intranqüilo. Ainda és muito imaturo. Não segues os ensinamentos espirituais do teu mestre, tão desprendido. Que poderias, acaso, aprender comigo? Não estás preparado para as minhas ensinanças. Vai-te embora!

Ninguém jamais falara assim comigo. Quando pensei no que ele me dissera, conheci que era verdade; eu estava totalmente possuído pela cólera.

— Sabes por que tocamos os pés de um sábio? — perguntou. E recitou algo belo, um credo persa:

> O sábio dá a melhor parte de sua vida, entregando-a aos pés de lótus do Senhor. As pessoas, de ordinário, só vos conhecem pelo rosto, mas o rosto do sábio não está aqui; está com o seu Senhor. As pessoas aqui só encontram pés, de modo que se inclinam diante dos pés.

E rematou:

— Devias ter essa humildade ao tocar os pés de alguém. Agora não podes ficar aqui. Tens de ir.

Chorei e pensei: "Há alguns dias eu me julgava perfeito, mas de certo não o sou." E prometi:

— Senhor, voltarei a procurar-vos quando tiver realmente dominado o meu ego.

E parti.

Todos os pontapés e golpes que a vida nos dá ensinam-nos alguma coisa. Não importa de onde venham, são todos bênçãos disfarçadas para os que conseguem aprender-lhes a lição. Disse Buda: "Para o homem sábio, nada há que se possa chamar de mau. Toda e qualquer adversidade da vida lhe proporciona um degrau para o seu crescimento; basta-lhe saber utilizá-lo."

Visitei outro *swami* e decidi que, fizesse ele o que fizesse, eu não me zangaria. Ele possuía uma bela fazenda. E disse:

— Dar-te-ei esta fazenda. Gostarias de tê-la?

— Naturalmente, — repliquei.

Ele sorriu.

— Teu amo recomendou-te que não te apegasses a coisa alguma e estás pronto para apegar-te a uma fazenda.

Senti-me pequenino. Minha mente parecia pender para a cólera e para a afeição e não para coisas mais elevadas.

Mais tarde fui mandado a um terceiro *swami*. Este sabia que eu estava a caminho. Havia uma pequena fonte natural no trajeto, onde costumávamos ir lavar-nos. Ele deixou ali algumas moedas de ouro. Parando ao pé da fonte, descobri três. Por um segundo alimentei a idéia de pegá-las. Peguei-as e enfiei-as no interior da minha tanga. Depois, comecei a pensar: "Essas moedas não me pertencem. Para que preciso delas? Isto não é bom." E recoloquei-as onde estavam.

Quando entrei à presença do *swami*, pareceu-me contrariado. Inclinei-me e ele me perguntou:

— Por que pegaste as moedas? Porventura ainda tens a cobiça do ouro? Sai daqui. Este não é lugar para ti.

Protestei:

— Mas eu as deixei lá.

— Deixaste-as mais tarde, — disse ele. — O problema é que te sentiste atraído por elas e primeiro as apanhaste.

Pelas experiências que esses sábios me propiciaram, comecei a compreender a diferença entre o conhecimento haurido em livros e o conhecimento havido pela experiência. Principiei a ver muitas de minhas fraquezas e o espetáculo não me pareceu edificante. Finalmente, voltei para junto de meu mestre, que me perguntou:

— Que aprendeste?

— Aprendi que possuo conhecimentos intelectuais, mas não procedo de acordo com eles.

E ele disse:

— Esse é o problema de todos os intelectuais. Tornam-se excessivamente orgulhosos dos seus conhecimentos. Agora te ensinarei a praticar, para que conheças.

Um ser humano conhece o bastante, mas seus conhecimentos precisam ser levados à vida de todos os dias. Se o não fizer, os conhecimentos serão

Um sadu nas montanhas do Himalaia

limitados pelas fronteiras do saber apenas. Todos sabemos o que fazer e o que não fazer, mas é muito difícil aprender a ser. O verdadeiro conhecimento não se encontra no saber, senão no ser.

A prática torna perfeito

Certa vez, quando eu estava dando uma aula sobre a vida e a morte, um *swami* entrou calmamente e sentou-se com os meus alunos. Julgando tratar-se de um principiante, dispensei-lhe o acolhimento que dispensava aos outros. Mas fiquei aborrecido vendo-o apenas sorrir, sorrir sempre, ao passo que os outros, muito conscienciosamente, tomavam notas. Por fim, perguntei:

— Estás prestando atenção ao que digo?

— Estás apenas falando, — disse ele, — mas eu posso fazer uma demonstração do domínio sobre a vida e a morte. Traze-me uma formiga.

Trouxeram-lhe um formigão. Ele cortou-o em três pedaços e separou--os. A seguir, fechou os olhos e quedou sentado, imóvel. Passado um momento, as três partes se moveram uma na direção da outra. Juntaram-se e a formiga rediviva saiu correndo dali. Eu sabia que não era hipnose, nem coisa alguma parecida.

Senti-me muito pequeno diante daquele *swami*. E fiquei enleado perante meus alunos porque conhecia os textos dos livros sagrados, mas não tinha uma compreensão de primeira mão, nem o domínio da vida e da morte.

— Onde aprendeste isto? — perguntei-lhe.

— Teu mestre ensinou-me, — respondeu-me ele.

Ouvindo-o, encolerizei-me contra meu mestre e saí imediatamente à sua procura. Ao ver-me, ele me perguntou:

— Que aconteceu? Por que estás permitindo, mais uma vez, que a cólera te domine? Continuas escravo das tuas violentas emoções.

Eu disse-lhe:

— Ensinais aos outros coisas que não me ensinais. Por que?

— Ele olhou para mim e respondeu:

— Ensinei-te muitas coisas, mas não as praticas. Não é minha culpa! Todas essas proezas dependem de prática, e não só do seu conhecimento verbal. Se souberes tudo sobre piano mas não praticares, jamais criarás música. O conhecimento é inútil sem a prática. É mera informação. A prática proporciona a experiência direta, a única que constitui conhecimento válido.

O sábio do Vale das Flores

Não havia uma literatura muito extensa sobre as flores e a ecologia do Himalaia, mas fiz o possível para examinar tudo o que estivesse à minha disposição. Um autor britânico escreveu um livro sobre os Vales das Flores do Himalaia. Depois de ler o livro, uma chama de desejo ardente surgiu em meu coração. No Himalaia há um sem-número de variedades de lírios, rododendros e outras flores, mas eu ansiava especificamente por ver um dos dois vales.

Ali vivia um sábio que viajava constantemente na região do Himalaia onde existe o Vale das Flores. Eu o conhecia bem. Muito forte e sadio, com seus oitenta anos de idade, era um homem fora do comum. Costumava carregar um cobertor singular o tempo todo. Pesadíssimo. O cobertor pesava entre 36 e 45 quilos. Talvez pergunteis a vós mesmos como é que ele conseguia tornar tão pesado o cobertor. Acontece que ele costurava no cobertor todo e qualquer pedaço de pano que encontrasse no correr de suas longas viagens, o que o transformava no cobertor de mil retalhos. O *swami* chamava-lhe *gudari*, que significa "cobertor de retalhos" e as pessoas o designavam pelo nome de Gudari Baba.

À minha solicitação ele respondeu:

– Se te interessar realmente ver o Vale das Flores e se quiseres seguir-me, terás de carregar o cobertor.

Concordei mas, quando pus o cobertor nos ombros, cambaleei sob o seu peso.

– Como é possível, – perguntou ele, – que um rapaz como tu seja tão fraco sendo aparentemente tão sadio? – Apanhou o cobertor e ajuntou: – Estás vendo como é leve?

Em seguida, tornou a colocá-lo sobre meus ombros. Ele conhecia meu mestre e por isso permitiu que eu o acompanhasse ao Vale das Flores.

Enquanto eu o seguia, disse o sábio:

– Ninguém pode conservar a memória quando atravessa o Vale das Flores durante a temporada da florescência. Deveríamos trazer para cá todos os garotos obstinados como tu e endireitá-los. Os que tentam ser intelectuais e discutem conosco também deviam ser trazidos para cá a fim de compreender o quanto valem.

– Mas eu vos estou seguindo, – exclamei.

– Oh sim, – tornou ele. – Discutes o tempo todo e não ouves com a devida atenção. Tens muito orgulho dos teus conhecimentos intelectuais. Eu não sei ler nem escrever. És mais culto do que eu. Tens educação, mas eu tenho o domínio da mente.

– Eu também tenho o domínio, – disse eu.

– Veremos, – replicou ele.

– Primeiro que tudo, senhor, – pedi, – fazei-me o favor de tirar o vosso cobertor de cima de mim porque ele é muito difícil de carregar.

Ele entrou a lamentar-se:

– Oh, filhos desta idade moderna! – Tirou o cobertor dos meus ombros e entrou a conversar com ele: – Bem-amado cobertor, ninguém te compreende. Ninguém sabe que és um cobertor vivo.

Olhei para ele e pensei comigo mesmo: "Esse homem está maluco!"

Na manhã seguinte, juntou-se a nós um monge japonês, que também ansiava por ver o Vale das Flores. Como eu, o monge japonês supunha que Gudari Baba estivesse louco. E perguntou-me:

– Rama, podes explicar-me por que este homem carrega um fardo tão pesado?

Principiamos a falar e supus que talvez nos conviesse partilhar essas experiências.

O monge japonês tinha medo de ir sozinho ao Vale das Flores, porque alguém lhe dissera que, ao visitar o vale, o viajante se esquece de tudo e seus sentidos não se coordenam na percepção dos objetos sensoriais. Além disso, perde a memória e sorri o tempo todo. Segundo ele, esse baba era a pessoa certa para guiar-nos, porque viajava na região e conhecia todas as trilhas.

No dia seguinte, o monge japonês pôs-se a tremer de febre. Vivera nas florestas da Birmânia e apanhara maleita. Tinha uma temperatura de 39,5 a 40 graus centígrados e o ritmo do seu pulso estava muito alto. Disse-lhe o baba:

– Disseste a este menino que eu estava louco. Queres ver o poder vital do meu cobertor? Sabes que ele não é um mero cobertor, mas uma força viva? Queres ficar bom? Então, ajoelha-te e sê humilde.

A caminho do Vale das Flores

O baba cobriu o monge japonês com o cobertor.

— Serei achatado! — exclamou o monge. — Ele é pesado demais e eu sou um homem pequeno.

— Cala a boca! — ordenou-lhe o baba.

Minutos depois, tirou o cobertor de cima do monge. Quando o baba afastou o cobertor, o monge estava tiritando. E o baba perguntou-lhe:

— Que aconteceu à tua febre?

— Já não tenho febre, senhor, — disse ele.

— Este cobertor é muito generoso e bondoso, — disse o baba, — e levou-te a febre. — Em seguida, olhou para mim e perguntou-me: — Queres que a febre dele seja curada para sempre?

— Sim, por favor, — disse eu.

— Mas ele me chama de louco, — tornou o baba. — Não creio que mereça minha ajuda.

— Os sábios são bondosos e grandes e sempre perdoam os outros, — respondi.

Sorriu-se o baba e disse:

— É claro que o ajudarei.

Viajamos juntos quinze dias e o monge japonês não voltou a ter febre.

A catorze quilômetros de Badrinath, um desvio conduz ao Vale das Flores, onde existe um pequeno *guru dwara* (templo de siques). Ali tomamos nossa refeição. O povo desse templo conhecia muito bem Gudari Baba. Descansamos o dia inteiro no templo e encetamos nossa jornada para o Vale das Flores, no rumo de Hemkund, no dia seguinte.

As flores estavam em plena florescência até onde a vista alcançava. Nas primeiras horas, aquilo foi suavizante para os sentidos e estimulante para a mente. A pouco e pouco, porém, comecei a notar que a memória me fugia. Cinco ou seis horas depois, o baba perguntou:

— Ei, rapazes! Podeis dizer-me vossos nomes?

Estávamos ambos tão desorientados que não conseguíamos recordá-los. Havíamo-los esquecido de todo. Eu só tinha consciência da minha existência e uma vaga idéia de estar em companhia de duas outras pessoas. Só isso. A fragrância das flores era tão forte que não podíamos pensar racionalmente. Nossa capacidade de raciocinar negava-se a funcionar. Nossos sentidos haviam sido anestesiados. Tínhamos uma idéia muito leve de nossa existência e da existência das coisas que nos cercavam. A conversa que mantínhamos uns com os outros não fazia o menor sentido. Vivemos nesse vale durante uma semana. Foi altamente agradável. O baba meteu-nos a riso o tempo todo e disse:

— Vossa educação e vossa força não têm valor.

Depois que saímos do Vale das Flores, disse o baba:

— Vossa alegria foi causada pela fragrância das flores. Não estáveis meditando. É o que a maconha e o haxixe fazem às pessoas, que então supõem estar meditando. Olhai para mim. Não fui afetado nem influenciado pela fragrância das flores selvagens. Ha, ha, ha! Freqüentastes um colégio e lestes muitos livros. Mas, até agora, só vivestes baseados em pareceres alheios. Hoje tendes uma boa oportunidade de compreender e comparar o conhecimento direto e o pretenso conhecimento, que, na realidade, é só imitação. Até agora vossos conceitos são, na verdade, conceitos de terceiros. Os que vivem com base nas opiniões dos outros não têm sequer a capacidade de decidir e expressar as suas. Meninos, não consideramos verdadeiro esse conhecimento informativo. Ainda que compreendais que só o conhecimento direto é válido, não tendes o domínio da mente. A educação dada às crianças modernas é muito superficial. Sem uma disciplina, o domínio da mente não é possível e, sem o domínio da mente, é impossível a experiência direta.

O monge japonês foi para Bodhi Gaya e eu vivi com baba por mais quinze dias. Nômade livre dessa região, todos os peregrinos já ouviram falar nele. Para o aprendizado prático, é importante que o renunciante viva com sábios que possuam o conhecimento direto dos valores da vida com suas correntes e contracorrentes.

V

VENCENDO O MEDO

O medo é o maior de todos os inimigos. É um demônio que mora dentro de nós. O destemor é o primeiro degrau da escada da liberdade.

O diabo

Certa noite em que meu condiscípulo e eu tínhamos caminhado quarenta e oito quilômetros nas montanhas, paramos pára descansar a uns três quilômetros adiante de Kedarnath. Como estivesse cansadíssimo, logo adormeci, mas meu sono foi agitado por causa de minha extrema fadiga. Fazia frio, e como não tivesse cobertor para enrolar no corpo, coloquei as mãos em torno do pescoço a fim de manter-me aquecido. Raramente sonho. Eu só sonhara umas três ou quatro vezes em minha vida, e todos os meus sonhos se haviam realizado. Nessa noite sonhei que o diabo me apertava a garganta com mãos vigorosas. Tive a impressão de sufocar.

Quando meu condiscípulo percebeu a mudança de ritmo da minha respiração e compreendeu que eu estava experimentando um desconforto muito grande, aproximou-se de mim e acordou-me.

— Alguém estava apertando minha garganta! — disse eu.

E ele me contou que minhas próprias mãos me constringiam o pescoço.

O que chamamos de diabo faz parte de nós. O mito do diabo e do mal nos é imposto pela nossa ignorância. A mente humana é um grande prodígio e um grande mágico. Tanto pode assumir a forma de um demônio quanto a de um ser divino, a qualquer momento que o desejar. Pode ser um grande inimigo ou um grande amigo nosso, criando o inferno ou o céu para nós. Há inúmeras tendências ocultas na mente inconsciente, que precisam ser desveladas, enfrentadas e transcendidas antes que tencionemos palmilhar o caminho da iluminação.

Sonhar é um estado natural da mente, intermediário entre o velar e o dormir. Quando impedimos os sentidos de receber as percepções sensoriais, a mente principia a recordar as lembranças do inconsciente. Todos os desejos ocultos também se encontram no inconsciente, esperando ver-se realizados. Quando os sentidos não estão percebendo os objetos do mundo e a mente consciente está em repouso, começam a apresentar-se as lembranças recordadas e dá-se-lhes o nome de sonhos. Através dos sonhos podemos

Confundido com um fantasma

Quando parei nas florestas de Nanital, nos contrafortes do Himalaia, descia, às vezes, a uma cidadezinha situada a 1.800 metros de altitude. As pessoas ali costumavam sair no meu encalço pedindo bênçãos e conselhos, como costumam fazer com a maioria dos iogues e *swamis*. A fim de ter tempo para minhas práticas, achei necessário proteger-me dos visitantes. Encontrei por ali um cemitério tranqüilo e conservado com muito asseio, em que eram sepultados os britânicos. Vestindo uma longa túnica branca, feita de um cobertor, para proteger-me do frio, eu demandava o cemitério no intuito de meditar à noite.

Certa noite, dois policiais que patrulhavam a área atravessaram o cemitério, projetando suas lanternas de um lado para outro, a fim de ver se havia vândalos por lá. Ora, eu estava sentado, em profunda meditação, sobre o vasto monumento de um oficial militar britânico. Todo o meu corpo, incluindo a cabeça, ficara debaixo do cobertor. Os policiais dirigiram suas luzes na minha direção desde certa distância e assustaram-se ao ver uma figura com toda a aparência de humana envolta num cobertor. Regressaram ao posto policial e contaram aos outros policiais e funcionários que tinham visto um fantasma no cemitério. O rumor logo se espalhou por toda a cidade e muita gente ficou amedrontada. O superintendente de polícia foi ao campo-santo na noite seguinte, em companhia de vários policiais armados e, mais uma vez, iluminou o meu vulto. Naquele estado de meditação, não me adverti da presença deles, de modo que não me mexi. Todos imaginaram que eu fosse um fantasma. Sacaram dos revólveres para atirar em mim, pois queriam verificar se as balas afetariam um fantasma. Mas o superintendente interveio:

— Esperai, interpelemos o fantasma primeiro. Talvez não seja um fantasma e sim alguma pessoa.

Acercaram-se e rodearam o monumento em que eu estava sentado, mas ainda assim não puderam imaginar o que havia debaixo do cobertor.

Deram, então, um tiro para o ar. De um modo ou de outro, adverti-me da presença deles e saí da minha meditação. Descobri-me e perguntei:

— Por que me perturbais aqui? Que quereis de mim?

O superintendente de polícia, que era inglês, conhecia-me muito bem. Pediu desculpas por incomodar-me e ordenou aos policiais que patrulhavam a área que me dessem chá quente todas as noites. Assim se desvelou o mito do fantasma, que assustara tanta gente.

O sr. Peuce, superintendente de polícia, passou a visitar-me regularmente. Queria aprender meditação comigo. Um dia, interrogou-me a respeito da natureza do medo no homem. Eu disse que, entre todos os medos, o de morrer parece estar profundamente arraigado no coração humano. O sentido da autopreservação nos conduz a muitas alucinações. Um ser humano vive acossado por medos. Perde o equilíbrio e começa a imaginar e a projetar suas idéias da maneira que lhe apraz. Aprofunda esse processo repetindo-o muitas e muitas vezes. O medo é o maior inimigo do homem.

O sr. Peuce tinha muito medo de fantasmas e queria saber se eu já vira algum. Respondi-lhe:

— Já vi o rei dos fantasmas, que é o homem. O homem é um fantasma enquanto se identifica com os objetos da sua mente. No dia em que se der conta da sua natureza essencial, do seu verdadeiro eu, estará livre de todos os medos.

Dali a pouco muita gente principiou a vir ver-me. Meu amigo, o sr. Peuce, por uma razão qualquer, decidiu pedir demissão e ir para a Austrália. Deixei a cidade e dirigi-me às montanhas Almora. Cheguei à conclusão de que é inútil viver sob as pressões do medo, pois não há alegria no medo sentido a cada passo da vida. Se não o enfrentarmos, estaremos apenas robustecendo-o. No caminho da espiritualidade, o medo e a preguiça são os principais inimigos.

Meu medo de cobras

Deixai-me falar sobre o meu medo. Quando moço, eu era normalmente destemido. Atravessava o rio Ganges na maior das cheias e entrava na floresta sem o menor medo dos tigres, mas nunca venci o pavor que as cobras me inspiravam. Tenho tido inúmeros encontros com elas, e sempre ocultei meu medo de todos, até de meu mestre.

Certa vez, em setembro de 1939, meu mestre e eu descemos para Rishikesh. Estávamos a caminho de Virbhadra e acampamos num lugar onde hoje se ergue meu *ashram*. De manhã bem cedinho nos banhamos no Ganges e sentamos numa de suas margens para meditar. A esse tempo eu já me habituara a ficar sentado por duas ou três horas sem interrupção. Eram aproximadamente sete horas e meia quando abri os olhos e vi que estava defronte de uma naja, que tinha a parte inferior do corpo enrolada no chão e a superior erguida. Muito quieta, a pouco mais de meio metro de distância, olhava para mim. Fiquei aterrado e, imediatamente, tornei a fechar os olhos. Eu não sabia o que fazer. Passados alguns segundos, quando voltei a abri-los e descobri que ela não se movera, dei um salto rápido e saí correndo. Depois de correr alguns metros, olhei para trás e vi que a naja começava a arrastar-se na direção do mato.

Voltei para junto de meu amo e expliquei o que acontecera. Ele sorriu e disse-me que era natural para qualquer criatura viva ficar num estado de meditação perto de alguém imerso em meditação profunda.

De outra feita, depois de passar por muitas espécies de treinamento, tive uma segunda experiência assustadora com serpentes. Eu havia sido solicitado a ir para o sul da Índia, região considerada o lar da cultura indiana e, numa noite fria e chuvosa, dirigi-me a um templo a fim de pedir abrigo. A princípio, me perguntaram:

— Se és um *swami*, por que precisas de abrigo?

Ao depois, todavia, uma senhora veio do templo e disse-me:

— Vem comigo. Eu te darei abrigo.

A mulher levou-me ao interior de uma choçazinha de sapé de 5,5 m^2 e disse-me para ficar ali. Em seguida, saiu. Eu só tinha uma pele de veado para sentar-me, um xale e uma tanga. Não havia luz na choça mas, graças à claridade que passava pela entrada, eu conseguia enxergar um pouco. Após alguns minutos, vi uma naja rastejando à minha frente e, logo, outra a meu lado. Pouco depois me dei conta da presença de várias najas no interior da choça. Compreendi que me achava num templo de cobras! Era uma situação muito perigosa e eu estava com medo. A mulher queria verificar se eu era ou não um autêntico *swami* e, na verdade, eu estava justamente aprendendo a ser um *swami*. Fiquei apavorado, mas pensei: "Se fugir à noite, para onde irei? E se sair daqui, essa mulher nunca mais dará esmolas a *swamis* no futuro." Diante disso, decidi-me: "Ficarei. Se eu morrer, pelo menos não se poderá dizer que falharam os princípios da renúncia."

Em seguida, refleti: "A mulher não parece ser iluminada e, no entanto, entra nesta choça. Assim sendo, por que não posso ficar aqui sem sofrer dano algum?" Lembrando-me das palavras do meu mestre, eu disse entre mim: "Se eu permanecer imóvel, que me farão as najas? Não tenho nada que elas queiram." Fiquei lá a noite inteira vigiando, e a única coisa que perdi foi a meditação. Eu só conseguia meditar sobre najas.

A despeito das duas experiências, contudo, meu medo de cobras perdurou. Como um jovem *swami*, muita gente, incluindo altos funcionários do governo, vinham procurar-me, inclinavam-se diante de mim e eu os abençoava. Dentro de mim, porém, havia um medo obsessivo de serpentes. Eu ensinava as *Sutras de Brama*, a filosofia do destemor, aos meus alunos, mas o medo estava lá, no meu íntimo. Fiz quanto pude para afastá-lo intelectualizando-o, mas, quanto mais eu tentava, mais forte ficava ele. Ficou tão forte que começou a criar problemas. A qualquer ruído súbito, a idéia de cobras me entrava na mente. Quando eu me sentava para meditar, abria freqüentemente os olhos e relanceava-os à minha volta. Aonde quer que eu fosse, procurava cobras. Por fim, eu disse a mim mesmo: "Tens de eliminar este medo, ainda que morras tentando fazê-lo. Isso não é bom para o teu crescimento. Como podes dirigir pessoas que te amam, respeitam e dependem de ti? Tens medo e, apesar disso, diriges os outros — és um hipócrita."

Fui ter com meu mestre.

— Senhor?

— Sei o que desejas, — disse-me ele. — Tens medo de cobras.

— Se o sabíeis, por que não me dissestes o que devo fazer para libertar-me? — perguntei.

— E por que haveria eu de dizer-te? — tornou ele. — Eras tu que devias perguntar-me. Por que tentaste escondê-lo de mim?

Eu nunca tivera segredos para ele mas, de um modo ou de outro, nunca lhe falara sobre o meu medo.

Em seguida, levou-me para a floresta e disse:

— Observaremos o silêncio a partir de hoje. Às três e meia da madrugada levantar-te-ás e colherás folhas e flores silvestres para um culto especial que faremos*.

Na manhã seguinte encontrei um montão de folhas. No momento em que peguei o montão no escuro, percebi que havia uma naja dentro dele. Ela estava na minha mão e não havia escapar. Eu não sabia o que fazer. Meu medo era tamanho que quase desmaiei. Minhas mãos não paravam quietas. Meu mestre estava lá e disse-me:

— Traze-a para mim.

Eu tremia da cabeça aos pés. E ele afirmou-me:

— Ela não te picará.

Não obstante, o medo inconsciente jorrou. Disse minha mente: "É a morte que estás segurando na mão." Eu acreditava em meu mestre, mas o medo era mais forte que a crença.

— Por que não amas a cobra? — perguntou ele.

— Amar? — exclamei. — Como se pode amar alguma coisa quando se está sob o influxo do medo?

Esta situação é familiar no mundo: se tiveres medo de uma pessoa, não poderás amá-la. Terás inconscientemente medo dela o tempo todo. A causa do medo agiganta-se no inconsciente.

Disse meu mestre:

— Vê, é uma criatura tão bela! Anda por toda a parte, mas está limpa e asseada. Tu não permaneces limpo; precisas tomar banho todos os dias. A cobra é a criatura mais limpa do mundo.

— É limpa, mas perigosa, — revidei.

— O homem é menos asseado e mais venenoso do que a cobra. É capaz de matar e ferir outros. Todos os dias projeta veneno em forma de cólera e outras emoções negativas sobre aqueles com os quais convive. A cobra não faz isso. Só pica em defesa própria. — E prossegui, volvido um instante: — Quando estás profundamente adormecido, teu dedo pinica teus olhos? Teus dentes mordem tua língua? Há uma compreensão de que todos

* O nome do culto é *parthiv puja* (culto de Xiva).

os teus membros pertencem a um corpo. No dia em que tivermos uma compreensão semelhante de que todas as criaturas são uma só, não teremos medo de nenhuma.

Continuei a segurar a cobra enquanto ele falava e, aos poucos, o meu medo foi-se aquietando. Entrei a pensar: "Se eu não matar cobras, por que uma cobra haverá de matar-me? As cobras não picam ninguém sem razão. Por que haveriam de ferir-me? Não sou ninguém em especial."

A pouco e pouco, minha mente começou a funcionar de maneira normal. Depois dessa experiência nunca mais tive medo de cobras.

Os animais são instintivamente muito sensíveis e tão receptivos ao ódio quanto ao amor. Quando não temos a intenção de feri-los, tornam-se passivos e amistosos. Até animais selvagens gostariam de associar-se com seres humanos. Nos vales do Himalaia observei essa tendência por vários anos. Os animais se aproximam das aldeias à noite e regressam à floresta de manhã cedinho. Parecem querer estar perto dos homens, mas temem a natureza violenta dos humanos. Com todo o seu egoísmo, seus apegos e seu ódio, o ser humano perde contato com sua natureza essencial e assusta os animais que, então, atacam num movimento de autodefesa. Se aprender a comportar-se delicadamente com animais, a pessoa não será atacada. Lembro-me amiúde do modo com que Valmíqui, São Francisco e Buda amavam os animais, e procuro seguir-lhes o exemplo.

O medo dá origem à insegurança, que gera o desequilíbrio na mente e influi no comportamento da pessoa. Uma fobia controla a vida humana e, finalmente, leva a pessoa a um asilo de doidos. É verdade que o medo cria o perigo, e os seres humanos precisam proteger-se do perigo que eles mesmos criaram. Mais cedo ou mais tarde, todos os nossos sonhos se materializam. Na realidade, portanto, é o medo que atrai o perigo, embora costumemos pensar que o perigo acarreta o medo. O medo é a maior doença que deriva da nossa imaginação. Tenho visto que todos os medos e toda confusão necessitam apenas encontrar alguma experiência prática para poderem ser facilmente superados.

Os dez primeiros compromissos das *Sutras da Ioga* são requisitos preliminares para alcançar o *samádi* e o primeiro é *ahimsa*. *Ahimsa* quer dizer não matar, não fazer mal, não ferir. Tornando-se egoístas e egotistas, os seres humanos tornam-se insensíveis e perdem o poder instintual. O instinto é um grande poder e, adequadamente usado, ajuda-nos a seguir o nobre caminho de *ahimsa*.

Em todos os meus anos de peregrinação pelas montanhas e florestas da Índia, eu nunca soube que um sadu, um *swami* ou um iogue tivessem sido, algum dia, atacados por um animal selvagem. Essa gente não se protege dos animais ou das calamidades naturais, como avalanchas. É a força interior

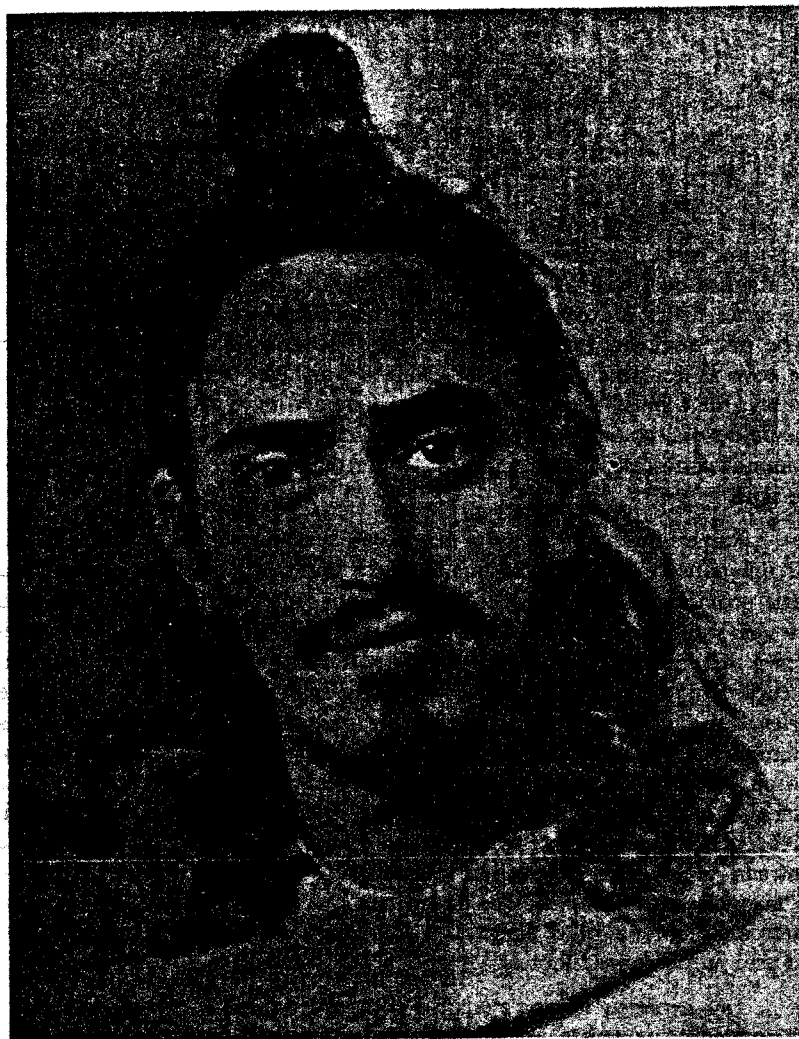
que nos torna destemidos e são os destemidos que transpõem a consciência individual e passam a ser um com a consciência universal. Quem pode matar quem? Pois *Atman** é eterno, conquanto o corpo, mais cedo ou mais tarde, regresse ao pó. Essa vigorosa fé deleita os sábios de diferentes ordens no regaço do Himalaia.

* O Eu interior.

Na caverna de um tigre

Em certa ocasião eu viajava sozinho em Tarai Bhavar, demandando as montanhas do Nepal. A caminho de Catmandu, capital do Nepal, eu caminhava de trinta e dois a quarenta e oito quilômetros por dia. Posto o sol, fazia uma fogueira, meditava e, a seguir, descansava. Punha-me a caminhar de novo às quatro da madrugada seguinte e andava até às dez. Em seguida, sentava-me à beira da água, debaixo de uma árvore, e assim passava a parte média do dia, voltando a viajar das três e meia da tarde até às sete da noite. Caminhava descalço, carregando um cobertor, uma pele de tigre e um pote de água.

Numa tarde, por volta das seis horas, senti-me cansado e decidi cochilar um pouco numa caverna que ficava a uns três quilômetros da estrada mais próxima. Estendi meu cobertor no chão da cavernazinha porque me pareceu um pouco úmido. Assim que me deitei e fechei os olhos, arremeteram a mim três filhotinhos de tigre, que soltavam gritinhos e me arranhavam o corpo com as patas. Estavam com fome e acreditavam que eu fosse a mãe deles. Teriam, quando muito, de doze a quinze dias de idade. Por alguns minutos ali fiquei, a acarinhá-los. Quando me sentei, dei com a mãe deles, de pé, na entrada da caverna. Primeiro receei que ela se precipitasse e me atacasse mas, logo, um sentimento forte veio de dentro de mim. Pensei: "Não tenho a menor intenção de fazer mal a esses filhotes. Se ela sair da entrada da caverna, eu partirei." Apanhei meu cobertor e o pote de água. A mãe dos tigrinhos afastou-se da entrada às arrecuas e eu saí. A uns quinze metros da entrada, olhei para trás e vi a tigresa entrar calmamente na caverna para juntar-se aos filhotes.

Tais experiências nos ajudam a controlar o medo e a ter um vislumbre da unidade que existe entre os animais e nós. Os animais farejam com facilidade a violência e o medo. Tornam-se, então, ferozmente defensivos. Mas quando ficam amigos dos homens, são muito protetores e de grande ajuda. Um ser humano pode desertar outro num momento de perigo, mas os animais raro o fazem. O sentido da autopreservação, naturalmente, é

A caminho do Nepal e do Butão.

muito forte em todas as criaturas, mas os animais são amantes mais dedicados do que os seres humanos. A amizade deles merece confiança. É incondicional, ao passo que as relações entre pessoas são cheias de condições. Construímos muros em torno de nós mesmos e perdemos contato com o nosso ser interior e depois com os outros. Recuperada a instintiva sensibilidade ao nosso relacionamento com os outros, podemos realizar-nos sem muito esforço.

VI

O CAMINHO DA RENÚNCIA

O caminho da renúncia é o caminho do fio da navalha. Destina-se a poucos felizardos e não a todos. A desafeição e o conhecimento do Eu são dois importantes requisitos prévios desse caminho.

Todo o meu ser é um olho

Visitei regularmente um *swami* perto de Sri Nagar num período de dois anos. Eu o servia, mas ele nunca falava comigo e raro abria os olhos. Chamava-se Hari Om. Durante dois anos inteiros não olhou uma única vez para mim! Um dia, eu disse a meu mestre:

— Estou farto daquele *swami*. O mesmo é visitar e servir uma tora de madeira ou rocha.

— Não digas uma coisa dessas, — revidou meu mestre. — Talvez não dês tento disso, mas ele realmente te vê.

— E como pode ver-me? Seus olhos estão fechados. — repliquei.

Naquele dia, quando fui vê-lo, Hari Om sorriu e, logo, deu uma risadinha. Em seguida, disse:

— Com que, então, sou uma tora de madeira ou uma rocha? Não sabes que minha alegria é tão grande que não tenho motivos para abrir os olhos? Por que haveria eu de abri-los se já estou com Aquele que é a fonte da beleza e da glória? O gozo parcial que a maioria das pessoas procura já não me satisfaz. Por isso mantenho os olhos fechados. Terás de abrir o olho da tua mente para ver a beleza perene, pois a capacidade dos sentidos é limitada. Eles só percebem a beleza limitada de objetos limitados.

Senti-me inspirado por essas belas palavras. Depois disso, quando eu ia vê-lo, ele descerrava muito ligeiramente as pálpebras. E quando os olhos se abriam um pouquinho, dir-se-ia que o vinho transbordara da taça. Era até possível experimentar a alegria que fluía do interior.

Ele murmurou o verso sânscrito: "Durante o que é noite para os outros, o iluminado se mantém vigil". E explicou:

— As melhores horas são as da noite, mas pouquíssimos sabem utilizar-lhes o valor e o silêncio. Três categorias de pessoas permanecem

acordadas à noite: o iogue, o *bhogi** e o *rogi***. O iogue desfruta a bem-aventurança na meditação, o *bhogi* frui os prazeres sensuais e o *rogi* permanece acordado em razão da sua dor e da sua aflição. Os três se mantêm despertos, mas só se beneficia o que está em meditação. O *bhogi* experimenta uma alegria momentânea e, desejoso de expandi-la, repete a mesma experiência. Infelizmente, ela não pode ser expandida desse modo. Na meditação, a verdadeira alegria se expande em paz eterna.

"Cerrar os olhos inconscientemente, sem ter nenhum conteúdo na mente, é dormir. Cerrar os olhos conscientemente é uma parte da meditação. O iogue fecha os olhos e retira os sentidos das percepções sensoriais. Permanece livre dos contrários da dor e do prazer. Para ele, o fechar os olhos é o abrir do olho interior. As pessoas comuns vêem os objetos do mundo com a ajuda de dois olhinhos, mas saberão elas que todo o meu ser se transformou num olho só?"

* Aquele que goza das coisas do mundo.
** Pessoa enferma.

Minha experiência com uma dançarina

Bastas vezes me disse meu mestre:

– Todo este mundo é um teatro de estudo. Não deves depender só de mim para ensinar-te, deves aprender de tudo.

De uma feita, deu-me as seguintes instruções:

– Agora, meu filho, vai para Darjeeling. Fora da cidade há uma ribeira e, na margem da ribeira, uma área de cremação. Aconteça o que acontecer, durante quarenta e um dias deverás fazer a *sadhana** que vou ensinar-te. Por mais que tua mente tente dissuadir-te de completar a *sadhana*, não saias do lugar.

– Muito bem, – assenti.

Muita gente tem medo de ficar num lugar como esse. Tem idéias esquisitas. Mas isso não me fazia mossa. Fui para lá e vivi numa pequena palhoça coberta de sapé, onde fiz fogo para cozinhar. Eu freqüentava a universidade naquela época e estávamos em plenas férias de verão. E pensei: "É muito bom para mim passar as férias em *sadhana*."

Segui as práticas que ele me ensinara durante trinta e nove dias e nada aconteceu. Depois, alguns pensamentos vigorosos me acudiram ao espírito: "Estás fazendo uma tolice, gastando o teu tempo num lugar solitário, inteiramente separado do mundo. Assim desperdiças o melhor período da tua mocidade."

Dissera meu mestre:

– Não te esqueças de que no quadragésimo primeiro dia descobrirás em ti, definitivamente, alguns sintomas de melhoria. Não desistas antes disso. Não te deixes influenciar pelas sugestões da tua mente ... nada de tentações.

* Prática espiritual.

"Prometo", dissera eu mas, no trigésimo nono dia, minha mente ofereceu razão após razão contra o que eu estava fazendo. E pensei: "Que diferença poderão fazer mais dois dias? Não experimentaste nada depois de trinta e nove. Prometeste escrever a teus amigos e não lhes mandaste uma única carta. Estás vivendo entre os mortos! Que tipo de ensino é este? Por que haveria de querer teu mestre que fizesses isto? Ele não pode ser um bom mestre." E decidi ir embora.

Derramei um balde cheio d'água sobre o fogo e destruí a choçazinha de sapé. A noite estava fria, de modo que me envolvi num xale de lã e guiei para a cidade. Eu estava descendo a rua principal quando ouvi tocarem alguns instrumentos musicais. Uma mulher cantava e dançava. O tema da música era: "Há muito pouco óleo no vaso da vida e a noite é vasta." Ela repetiu a frase várias vezes. Isso me deteve. O som do *tabla** parecia chamar-me: "Dhik, dhik! Que vergonha, que vergonha! Que foi o que fizeste?"

Senti-me deprimido. E refleti: "Por que não completo os últimos dois dias? Se eu voltar para junto de meu mestre, ele me dirá, 'Não completaste tua prática. Estás esperando o fruto antes que a planta tenha madurado'." Por isso desandei o caminho andado e continuei minha *sadhana* nos dois dias que faltavam. No quadragésimo primeiro, o fruto da prática apareceu, exatamente como ele predissera.

Voltei, então, mais uma vez, à cidade e dirigi-me à casa da cantora. Era uma bela e famosa dançarina. Consideravam-na uma prostituta. Quando viu um jovem *swami* demandar-lhe a casa, gritou:

— Detende-vos, não venhais aqui! Estais no lugar errado! Um lugar como este não é para vós.

Mas continuei andando. Ela fechou a porta e ordenou a um criado, homenzarrão vigoroso de fartos bigodes, que não me deixasse entrar. E ele me ordenou:

— Pára, jovem *swami*! Este é o lugar errado para ti!

— Não, — retruquei. — Quero vê-la. Ela é como minha mãe. Ajudou-me e eu lhe sou grato. Se ela não me tivesse alertado com o seu canto, eu não teria completado minhas práticas. Teria falhado, ter-me-ia condenado e sentir-me-ia culpado para o resto da vida.

Ouvindo isso, ela abriu a porta e eu disse:

— Realmente, és como uma mãe para mim.

Contei-lhe o que acontecera e conversamos durante algum tempo. Ela ouvira falar em meu mestre. Quando me levantei para sair, ela disse:

* Tambor.

— Prometo viver como vossa mãe de hoje em diante. Provarei que posso ser não só vossa mãe mas também mãe de muitos. Agora estou inspirada.

No dia seguinte, partiu para Varanasi, sede do saber na Índia, onde viveu num barco no Ganges. À noite, desembarcava e cantava na praia. Milhares de pessoas costumavam rodeá-la. Escreveu em sua casa no barco: "Não me tomeis por um sadu. Eu era uma prostituta. Por favor, não toqueis nos meus pés." Nunca olhava diretamente para o rosto de ninguém. Quando alguém desejava falar-lhe, dizia apenas:

— Senta-te comigo e canta o nome de Deus.

Se lhe perguntásseis:

— Como vais?

Ela responderia:

— Rama.

E se lhe perguntásseis:

— Precisas de alguma coisa? Posso fazer algo por ti?

Ela responderia:

— Rama.

E nada mais. Um belo dia, diante de imensa multidão de cinco ou seis mil pessoas, anunciou:

— Partirei amanhã bem cedo. Atirai, por favor, este corpo na água, onde será usado pelos peixes.

E calou-se. No dia seguinte, desatou-se do corpo.

Quando chega o despertar, podemos transformar completamente nossas personalidades, libertando-nos do passado. Alguns dos maiores sábios do mundo foram muito maus — como Saul que, ao depois, se tornou São Paulo. De repente, o dia do despertar chegou para Saul no caminho de Damasco, e sua personalidade transmudou-se. Valmíqui, autor de *Ramayana*, um dos antigos poemas épicos da Índia, teve uma experiência semelhante. Não nos condenemos. Por piores ou menores que julguemos ter sido, temos uma probabilidade de modificar toda a nossa personalidade. Um verdadeiro investigador sempre compreenderá a realidade e atingirá a liberdade de toda servidão e de todos os sofrimentos. Em apenas um segundo podemos iluminar-nos.

Transformação de um assassino

Há quatro santuários bem conhecidos no Himalaia: Gangotri, Jamnotri, Kedranath e Badrinath. De junho a setembro, pessoas das cidades e das aldeias vão para as montanhas, onde passam um ou dois meses. Essa antiga tradição da vida indiana é seguida até hoje. Encontram-se aspirantes de todos os tipos nos caminhos da serrania. Certa vez, durante uma peregrinação que eu fazia a esses santuários com dois amigos meus, topei com um sadu de cinqüenta e alguns anos. Era de Banda, distrito de Uttar Pradesh. Muito humilde, calmo e sereno, juntou-se ao nosso grupo. Evitava os caminhos usuais e tomava por atalhos sempre que podia fazê-lo. À noite ficamos numa caverna, onde fizemos uma fogueira e principiamos a assar batatas. Era a única comida que tínhamos. O sadu, que nada possuía, partilhou da nossa refeição. Todos rendemos graças antes de ingeri-la. As graças são: "Tudo isso é *Brama*, oferecido por *Brama* e tomado por *Brama*." Tais afirmações são muito boas para manter a consciência de Deus. No correr da conversação, o sadu contou-nos sua história.

Quando ele tinha mais ou menos dezoito anos, surgiu uma disputa de terras entre seu pai e outro proprietário da mesma aldeia. Seu pai foi assassinado pelos aldeões movidos da inveja, mal que cresce no seio do ego e se nutre do egoísmo e do apego. O rapaz estava na escola quando o pai foi assassinado. Ao voltar para casa, vingou o assassínio do pai matando cinco pessoas. Em seguida, fugiu para as montanhas, onde viveu aos pés dos iogues e sábios do Himalaia. Pela constante *satsanga* e visitando sadus aqui e ali, tentou libertar-se do seu sentimento de culpa. Entrou a praticar austeridades e sempre se confessava aos sadus com os quais vivia. Realizava uma vigorosa prática espiritual e tentava limpar as manchas da consciência. Por trinta e seis anos viveu nas montanhas e muitas vezes pensou em entregar-se à polícia. Nesse período de trinta e seis anos, tornou-se muito conhecido em toda a região como Naga Baba — o que não tem nada, nem mesmo uma tanga. Em inúmeras ocasiões, durante suas discussões com outras pessoas, dizia abertamente ser um criminoso e descrevia o modo com que

A caminho de Badrinath.

transformara o seu eu interior. Proclamava: "Sei que eu era um assassino, mas agora estou totalmente modificado." Uma mudança de coração dessa natureza vem descrita em muitos textos hindus, sufistas, cristãos e budistas.

Continuamos a conversar com ele e, finalmente, chegamos à conclusão de que ele deveria entregar-se à polícia e apresentar-se perante o tribunal. Por isso, em lugar de ir conosco para os santuários, na manhã seguinte encetou a caminhada no rumo da sua antiga aldeia. Foi à estação de polícia e contou toda a história. Os policiais o prenderam e levaram-no à presença do juiz, mas este perguntou-lhe:

— Onde está o libelo acusatório? Onde estão as acusações contra ele?

A polícia narrou a história do crime cometido trinta e seis anos antes, mas não havia pastas nem autos que atestassem os fatos. Depois de interrogá-lo e descobrir o que tinha feito e como vivera deste então, o juiz absolveu-o. E o sadu voltou para o Himalaia.

Explicam os criminologistas que todos os crimes são cometidos num estado específico de desequilíbrio. Concordo em que a lei deve seguir o seu curso, mas não haverá um meio de reformar e educar as pessoas que cometem crimes? As pessoas os cometem porque são doentes ou nós as compelimos a cometê-los? Ambos os aspectos deviam ser cuidadosamente examinados. Apresentadas aos criminosos, as práticas espirituais podem ajudá-los a advertir-se da existência e dos direitos dos outros. Se o crime é visto como moléstia, deveríamos também tentar encontrar o modo de curá-la. Pensando na liberdade de que gozamos, meu coração vai amiúde para as pessoas encarceradas em todos os países do mundo. Que tragédia é isso! Em minha opinião, poderá criar-se uma atmosfera favorável ao auto-aprimoramento e à auto-reforma a fim de ajudarmos esses nossos semelhantes.

A humanidade ainda não está plenamente civilizada. Não há país no mundo que proporcione educação gratuita, assistência médica, igualdade e justiça perante a lei para todos os seus habitantes. Ainda temos de construir uma sociedade que proveja a essas necessidades essenciais de todos os seres humanos e crie uma atmosfera que lhes permita atingir o passo seguinte da civilização, que ainda estamos aguardando.

Um sadu.

Uma lição de desapego

Meu mestre deu-me tudo e eu não podia dar-lhe coisa alguma. Seus adeptos mais zelosos costumavam oferecer-lhe tanto dinheiro que ele não sabia o que fazer com a dinheirama. Eu costumava distribuí-la aos outros em seu nome e gastava-o como bem entendia. Certa vez eu lhe disse:

– Quero ir a Bombaim.

E ele:

– Leva todo o dinheiro que quiseres.

Levei 5.000 rupias e comprei muitas coisas, incluindo três gramofones. Ele disse apenas:

– Maravilhoso, meu rapaz, toca-os todos de uma vez.

Quando os toquei todos juntos, não consegui entender nada.

O desejo ardente e a cobiça nunca satisfazem ninguém. Os desejos de posse aumentam sem cessar e transformam-se, afinal, num turbilhão de sofrimentos. Não se pode dissipar essa ignorância simplesmente freqüentando o templo, fazendo devoções na igreja, ouvindo sermões ou executando rituais. Durante séculos os homens têm realizado seus desejos, mas continuam infelizes. Para atingir a suprema realidade, é mister libertar-se do desejo de estorvos não-essenciais.

O possuir mais do que o necessário só cria obstáculos para a pessoa. É um desperdício de tempo e energia. A satisfação de carências e desejos sem a compreensão de necessidades e precisões nos desvia do caminho da percepção. O desejo é a mãe de todo sofrimento. Quando os desejos de consecuções terrenas são dirigidos para conseguir a autopercepção, o mesmo desejo converte-se em meio. Nessa fase, em lugar de tornar-se um obstáculo, o desejo passa a ser útil instrumento de auto-realização.

Isso pode ser explicado por um símile muito simples. Uma brisa apaga com facilidade a chama de uma vela mas, se se proteger a chama e se permitir que alcance a floresta, converter-se-á num incêndio florestal. E a brisa

a ajudará a crescer em vez de apagá-la. Da mesma forma, quando um aspirante, com o auxílio da disciplina, protege a chama do desejo que arde em seu interior, esta cresce cada vez mais. E todas as adversidades, em lugar de se tornarem obstruções, começam, de fato, a converter-se em meios. Os obstáculos que se supõem capazes de obstruir o caminho da auto-realização, na verdade, não são obstáculos. Nossas fraquezas e os valores que impomos aos objetos do mundo criam-nos para nós. O apego é um dos obstáculos mais fortes que criamos. Com a ajuda do desapego, superamos tais obstruções.

Existem quatro maneiras de afastar os obstáculos. Primeira, se não houver objeto, a mente humana não poderá apegar-se a ele. Renunciar ao objeto é uma das maneiras, que, aliás, parece ser muito difícil para as pessoas comuns. Segunda, embora tenhamos todos os objetos do mundo, se aprendermos a técnica de usá-los como meios, eles não criarão obstáculos para nós. Nesse caminho, as atitudes precisam ser transformadas. Quem transformou as próprias atitudes pode mudar suas más circunstâncias em circunstâncias favoráveis. A terceira maneira é o caminho da conquista, em que aprendemos a executar nossos atos habilidosa e desinteressadamente, renunciando ao fruto de nossos atos em benefício dos outros. Uma pessoa assim torna-se desprendida e cruza seguramente o oceano da vida. A quarta consiste na entrega de si mesmo, e nela a pessoa se entrega a si e quanto possui ao Senhor, levando uma vida de libertação de todos os apegos. Esse caminho parece fácil mas, ao contrário, é difícil.

Em vez de corrigir-me, meu mestre costumava fazer-me perceber que a mente e o coração humanos mudaram por causa das fraquezas humanas. Eu costumava refletir sobre cada fraqueza e, em seguida, meditar na auto-transformação. Ele nunca me dizia: "Faze isso e não faças aquilo", mas me mostrava o caminho que eu me punha a palmilhar sozinho. "Aprende a caminhar sozinho" era uma lição para mim.

Prova o mundo e depois renuncia

Em minha juventude eu tinha o hábito repugnante de usar roupas caras. Eu mesmo escolhia o material no mercado e depois ia ao alfaiate mandar fazê-la. Usava uma gravata e um lenço de cores vistosas. Isto confundia vários seguidores de meu mestre, que sempre criticavam o modo com que eu vivia. Vivi assim durante cinco anos, mas meu mestre não se preocupou. Eu estava aprendendo uma lição essencial ao meu crescimento.

Quando eu entrava à sua presença, ele costumava dizer:

— O teu gosto é muito deficiente.

Mas eu protestava:

— Senhor, este é o melhor material que se pode conseguir.

Um belo dia, perdi o interesse pelas roupas. Fui procurá-lo vestindo apenas meu *kurta* e meus pijamas. Ele fitou-me e disse:

— Estás muito bonito.

Queria que eu provasse as coisas do mundo, chegasse a compreender-lhes o valor, analisasse-as e, finalmente, renunciasse a elas.

Vida simples e pensamentos elevados ajudam a criar um sentido estético. Faz-se mister muito tempo para criá-lo e para incorporar graça e beleza às nossas vidas. Roupas caras não têm o poder de esconder nossa feiúra — roupas elegantes não têm o poder de tornar-nos belos. Em vez de concentrar-nos em exterioridades, deveríamos aprender a cultivar e expressar nossa beleza interior, que resplandecerá para que todos a vejam.

A renúncia é um caminho de fogo, que só deveria ser trilhado pelos que queimaram seus desejos mundanos. Muitos estudantes se tornam, sem premeditação, emocionalmente perturbados e desapontados por lucros e perdas terrenos e, por conseguinte, pensam em retirar-se do mundo. E posto que possam encontrar uma situação exterior muito agradável, ainda carregam consigo o instável mundo interior, aonde quer que vão. Ninguém pode renunciar às decepções, à cobiça, aos desejos imperiosos, ao ódio e ao amor,

à colera à inveja sem disciplina espiritual. Uma alma frustrada e insatisfeita não está preparada para seguir o caminho da renúncia. Sentar-se numa caverna e ficar pensando nos prazeres do mundo é um tormento para ela. Meu mestre queria que eu tivesse uma infância normal em vez de levar uma infância frustrada. Durante esses anos eu costumava comprar os melhores carros e trocá-los duas vezes por ano. Eu vivia melhor do que qualquer príncipe da Índia. Muitos parentes e amigos e até o departamento de polícia perguntavam a si mesmos onde obtinha eu tanto dinheiro para levar uma vida de tanto luxo. O segredo consistia em que meu mestre costumava dar-me o que quer que eu precisasse. Ele jamais guardava ou usava coisa alguma.

Quando compreendi o valor das coisas do mundo, aquietei-me e adquiri a paz de espírito que me ajudou a meditar apropriadamente. Quando latente, o desejo intenso é muito perigoso porque se manifesta mais na meditação do que na vida ativa. O desejo de lucros terrenos cria barreiras à realização do desejo de iluminação.

Disse meu mestre certa vez:

— Vamos para as margens do Ganges. Ainda preciso dar-te outra lição.

— Que lição é essa? — perguntei.

— Por que vives no Himalaia? — indagou ele.

— Para praticar a espiritualidade.

— E por que queres praticar a espiritualidade?

— Para ser iluminado e tornar-me perfeito.

— Nesse caso, por que desejas coisas mundanas ... para que precisas do mundo? — atalhou meu mestre. — Ser um renunciante, viver numa caverna e, apesar disso, pensar no mundo significa que tens um desejo latente para realizar. Eis aí uma dor de cabeça que só pode ser curada pela autodisciplina. A autodisciplina conduz ao auto-adestramento e o auto-adestramento à experiência direta. Através da experiência direta expandes tua percepção. A expansão é o propósito da vida.

É verdade que os encantos, tentações e atrações do mundo são muito poderosos, mas um ardente desejo de iluminação não permite ao aspirante desviar-se do seu caminho.

Jóias ou fogo?

Meu mestre nunca insistiu em que eu renunciasse ao mundo e me tornasse *swami*. Queria que eu experimentasse e decidisse por mim mesmo. E dizia sempre:

— Seja o que for que quiseres aprender comigo, aprende, mas cresce independente. Toda vez que precisares do meu auxílio, aqui estarei.

Quando eu lhe fazia uma pergunta, respondia-me com outra:

— Estás cansado? Não podes descobrir a resposta sozinho? Por que me procuras constantemente com perguntas? Ensinar-te-ei o método de resolver questões, mas não te darei respostas.

Ele buscou quanto pôde tentar-me com coisas do mundo. E disse-me:

— Entra no mundo; faze-te alto funcionário do governo. Se me és afeiçoado e só queres estar comigo, isso não é bom. Desejo que te estabeleças. Far-te-ei rico.

— Não é o que quero, — respondi-lhe.

— Tens certeza?

E o que ele fez então ninguém acreditaria. Levou-me para as montanhas e disse:

— Gostas de jóias, não gostas? — Era, de feito, verdade; eu apreciava imensamente as coisas belas. Conhecendo meu desejo oculto, disse-me: — Olha para isto.

Fiquei assombrado ao ver uma vasta pilha de jóias diante de mim. Pisquei os olhos, sem poder acreditar. Eu queria descobrir se se tratava de uma miragem ou de algo real.

— Não é uma ilusão, — disse ele. — Vamos, apanha-as. Asseguro-te que são autênticas. Toma-as. São tuas. Serás o homem mais rico da Índia. Agora, filho, deixa-me ir. Quero partir para muito longe, nas montanhas.

Minhas lágrimas começaram a rolar, e eu disse:

— Estais querendo livrar-vos de mim? Estais-me dizendo que aceite essas jóias e vos troque por elas? Não as quero. Quero estar convosco.

— Se queres estar comigo, — disse ele, então, — olha para lá. Vês aquela chama alta? — Olhei para onde ele me mandava olhar e pasmei de ver imensos muros de fogo. Mas ele continuou: — Se fores capaz de atravessar aquele fogo, poderás seguir-me. Que é o que escolhes? Decide: quanto desejo tens pelo mundo e quanto pela luz?

— Prefiro o fogo às tentações, — retruquei. — Quero renascer. Não há outro meio.

E foi assim que optei pelo caminho da renúncia.

Seguir o caminho da renúncia é como caminhar sobre o fio da navalha. É tão difícil que, a cada passo, há uma possibilidade de cair. O desejo egoísta é o mais forte de todos os obstáculos que encontramos. Só os destemidos e os que se libertaram dos encantos, tentações e atrações do mundo podem trilhar esse caminho. Quem dirigiu, porém, todos os seus desejos para um alvo só, fortalecendo apenas o desejo de iluminação, pode ser bem-sucedido.

Raro se escolhe o caminho da renúncia; este não se destina a qualquer um. Mas os que apreciam a vida na renúncia são abençoados. O caminho da ação, todavia, é igualmente útil, contanto que saibamos realizar nossos atos desinteressada e habilidosamente, vivendo no mundo mas pairando acima dele. A meta de ambos continua a ser a mesma.

Meus primeiros dias como swami

No primeiro dia após minha ordenação na ordem *swami*, meu mestre me perguntou:

— Sabes que, para ser *swami*, precisas pedir esmolas?

— Como é? — atalhei.

— O ego em ti, — prosseguiu ele, — diz que existes independentemente de outros. Tens que purificar esse ego, e não podes fazê-lo sem te tornares humilde. Mandar-te-ei esmolar em casas onde as pessoas são pobres, e então virás a conhecer quem és.

— Está bem, — assenti.

Nunca me esquecerá o que então aconteceu. Eu era sadio e usava roupas de seda. Acreditareis que um mendigo vista sedas? Eu costumava andar livremente, sem preocupações. De acordo com a ioga, devemos erguer-nos e andar direitos, mas o povo tende a achar-nos indevidamente orgulhosos. Fui pedir esmolas de manhã bem cedinho e encontrei uma mulher que ordenhava uma vaca. Ela estava cantando enquanto tirava leite da vaca e tinha um pote de barro entre os joelhos.

— *Narayan Hari**, — disse eu.

A mulher ficou tão assombrada que deu um prisco e o pote lhe caiu e se quebrou. "Oh, Senhor", pensei.

A mulher, zangadíssima, pôs-se a gritar:

— Um homem tão forte e tão sadio pedindo esmolas. És um ônus para o país e um fardo para ti mesmo. Quem te ensinou a esmolar? Tens dinheiro para usar roupas de seda e, no entanto, mendigas.

Senti-me muito pequeno. E implorei-lhe:

* Este é o nome do Senhor que os *swamis* usam quando querem anunciar-se.

— Por favor, não me xingueis.

— Era um pote antigo, que me foi dado por minha sogra! — disse ela. — És um parasita! Sai da minha frente!

Ela era tão apegada ao pote que continuou falando sem parar.

Voltei para junto de meu mestre. Fora seu costume perguntar-me todos os dias: "Já comeste?" Eu esperava que me fizesse, naquele dia a pergunta costumeira, mas não a fez. Permaneci calado o dia inteiro, e o mesmo se deu com ele. Aliás, ele era calado de seu natural e assim ficava o tempo todo. À noite, queixei-me:

— Hoje não me perguntastes se eu já havia comido.

— Não perguntei porque agora és um *swami*, — respondeu ele.

— Que quereis dizer com isso?

E ele:

— O *swami* é senhor de si e senhor de todos os seus apetites.

— Com que, então, esse negócio de *swami* quer dizer que já não tomareis conta de mim? — indaguei.

— Agora és um *swami* e eu sou um *swami*. Qual é a diferença entre mim e ti? Querias tornar-te *swami*. Pois toma conta de ti mesmo. Por que haverias de usar-me à guisa de muleta? — tornou ele.

Fiquei muito triste e pensativo e decidi que, doravante, seria independente. E disse:

— Prometo que, a partir deste dia, nunca mais pedirei esmolas, aconteça o que acontecer. Se Deus quiser que eu viva, viverei e meditarei, mas nunca mais pedirei esmolas.

— Se queres cumprir tua promessa, isso é contigo. Não tenho nada para dizer. És um *swami*, — disse ele.

Feito esse voto, fui sentar-me à margem do Ganges. As pessoas iam ver-me ali e toda a agente supunha que uma terceira pessoa cuidava de mim. Muitos traziam flores e se inclinavam à minha frente, mas ninguém trazia frutas nem coisa alguma para comer. Durante treze dias ninguém me perguntou se eu já comera. Fiquei tão fraco que mal podia andar. E pensei comigo mesmo: "Por que fui fazer uma coisa tão tola quanto essa de tornar-me *swami?*"

Depois de treze dias, comecei a chorar. Principiei falando com a Divina Mãe. E disse:

— Fiz voto de seguir este caminho corretamente, mas não há nem um pão para mim.

De repente, vi uma mão saindo da água – apenas uma mão que segurava uma tigela cheia de comida. Veio vindo na minha direção e ouvi uma voz feminina que me dizia:

– Aqui está, isto é para ti.

Peguei a tigela e comi. Mas por mais que eu comesse, não se esvaziava a tigela.

Conservei a tigela durante três anos. Eu costumava distribuir-lhe a comida entre muita gente e, assim mesmo, ela não se exauria. Se nela se pusessem doces, não se conseguia enchê-la. Isso foi testemunhado por milhares de pessoas que costumavam vir vê-la. Por mais que se vertesse leite nela, nunca extravasava. Tornei-me escravo da tigela. As pessoas não aprendiam nada comigo; vinham apenas ver a tigela milagrosa. Meu mestre aconselhou-me:

– Atira-a no Ganges.

Segui-lhe o conselho.

Deus nos apresenta inúmeras tentações quando estamos no caminho. Só chegaremos depois de rejeitarmos todas elas. Quando uma criancinha chora, que faz a mãe? Primeiro, dá-lhe um doce. Mas se a criança continuar a chorar, tentará várias outras peitas – uma boneca, um bolo. Se mesmo assim a criança não parar, a mãe a pegará no colo e a ficará segurando. Passa-se algum tempo até que a mãe segue a criança; antes disso, ela tenta várias outras atrações. O mesmo nos acontece no caminho da auto-realização.

Esmolar é um imperativo para um monge, mas uma humilhação para outros. Compreendi que os que vivem totalmente na graça do Todo-Poderoso recebem o alimento e o abrigo de que precisam para comer e viver. Preocupar-se com a comida e com o abrigo não é prova de fé total. Acreditarei até o meu último alento que só Deus é minha propriedade e que depender de qualquer outra coisa exceto Deus será desastroso para minha vida. Encontro meu Senhor sempre caminhando à minha frente e me proporcionando todas as coisas de que necessito.

Perseguição constante

Aos vinte e um anos de idade eu vivia numa choça de sapé à beira do Ganges, a oito quilômetros de Rishikesh. Porque vivia só, muita gente me supunha um grande sábio. Se nos isolarmos, usarmos vestes engraçadas, tivermos alguns livros sagrados à mão (embora nunca os estudemos) e não fizermos caso dos que vierem ver-nos, o povo concluirá que somos um grande *swami*.

As pessoas chegavam para ver-me o dia todo. Eu não tinha tempo sequer para realizar minhas práticas. Da manhã à noite elas se inclinavam diante de mim e me ofertavam flores, frutos ou dinheiro. Durante algum tempo exultei! Aos poucos, porém, aquilo começou a repugnar-me. Pensei: "Afinal de contas, que é tudo isso? Pura perda de tempo." E passei a zangar-me com os visitantes.

As pessoas reagiram:

– Não é possível que um *swami* se encolerize. Ele apenas finge estar zangado para evitar-nos.

E passaram a vir em quantidades até maiores. Isso realmente me irritou. Perdi completamente a calma e o equilíbrio e pus-me a xingar os visitantes. Mas estes respondiam:

– Senhor, vossos xingamentos são flores para nós; são bênçãos.

Foi-me preciso fugir do lugar. E disse entre mim: "Ainda não venci minha cólera."

Isso acontece a muitos renunciantes, constantemente perturbados e distraídos pelos visitantes. O *swami* precisa aprender a não criar atração e a não viver de modo que possam interromper-lhe a prática. A vida do *swami* é uma perseguição constante. As pessoas colocam-no muito acima de qualquer ser humano comum. Na Índia, "swami" quer dizer o todo-poderoso, o curador, o pregador, o médico, e muito mais. O *swami* vê-se numa situação tão difícil que deixaria maluco um indivíduo qualquer. As pessoas não compreendem que alguns *swamis* ainda estão começando a trilhar o cami-

nho, que outros só trilharam um pequeno trecho e que pouquíssimos alcançaram a meta. Essa ausência de diferenciação cria expectativas que confundem tanto o povo quanto os próprios *swamis*. Não é fácil safar-se alguém dessa confusão. Toda vez que eu confessava sinceramente às pessoas: "Ainda estou praticando; não há nada para partilhar. Por favor, deixai-me sozinho," elas me interpretavam as palavras da maneira que mais lhes interessava e vinham procurar-me em número cada vez maior. Quando eu vivia no mato ainda era perturbado. Às vezes, chegava a enfadar-me da condição de *swami*.

Não é necessário que usemos os trajos do renunciante para atingir a iluminação. O que realmente importa é a constante *sadhana* espiritual de disciplinar a mente, a ação e as palavras. É maravilhoso ser um *swami*, mas é muito difícil ser um *swami* de verdade.

Vivendo num monte de seixos

Se formos um investigador da iluminação que tenta realizar sua prática e é reiteradamente perturbado pelas pessoas que não cessam de aparecer, não seremos capazes de completar nossa prática de maneira bem-sucedida. Na Índia, todavia, segundo o costume vigente, se formos um *swami*, teremos de responder às perguntas de quantos nos forem procurar. Muita gente acredita que os *swamis* têm remédios para todos os males da vida. Algumas pessoas, às vezes, beneficiados por essa crença, curam-se. O resultado tende a ser a exageração das histórias e a aceitação de um principiante como curador consumado. A pobre criatura não pode continuar a prática e esquece a própria meta. Desperdiça o tempo e a vida, continuando a ser um *swami*, porém não realizado. Uma das melhores maneiras de escapar de tais problemas é permanecermos disfarçados e fazermos a nossa *sadhana*. Muitos místicos há realmente grandes em sua vida atual que fingem estar desequilibrados para não serem perturbados.

Conheço um caso em que as pessoas continuaram ofertando comida e dinheiro a um *swami*. Ele não queria que o fizessem, porque não cessavam de perturbá-lo. Por isso escreveu numa tabuleta: "Quem quer que me ame trará apenas um seixo." As pessoas concluíram que o *swami* amava seixos e, todos os dias, inúmeros visitantes lhe traziam seixos. Um seixo, dois seixos, três seixos — recolhiam os seixos da estrada de acordo com seus caprichos. Transcorrido algum tempo, ergueu-se um verdadeiro monte de seixos, no topo do qual vivia o *swami*. As pessoas começaram a chamar-lhe Kankaria Baba, que significa "o *swami* dos seixos". E isso o ajudava a permanecer alheado.

Depois o *swami* começou a falar uma língua que ninguém compreendia. Quando alguém ia vê-lo, dizia:

— Do, do, do, do, do.

E fez a mesma coisa comigo! Por isso, certa noite em que o sabia completamente só, fui procurá-lo e ele me explicou:

— Já que as pessoas me perturbam, aprendi uma nova língua e ninguém pode conversar comigo.

Esse *swami* me ensinou a permanecer sempre de tal maneira que não ensejasse a ninguém a ocasião de perturbar-me. O ser humano tem muitas personalidades porque o ego tem muitas faces. Podemos detectar e analisar algumas, porém muitas continuam desconhecidas para nós. O *swami* concluiu que o mundo realmente adora o ego em nome de Deus.

Quando o ego inferior se adverte da realidade que existe por si mesma, situada atrás dele, começa a voltar-se para dentro. A esse ego dá-se o nome de ego superior. O ego superior é de grande auxílio, mas o inferior nos torna infelizes.

Tentações no caminho

Fui ver um *swami* que me contou a seguinte história para destacar as tentações que se nos deparam no caminho da auto-realização.

Um rapaz fez voto de renúncia e tornou-se *swami*. Seu mestre disse-lhe que evitasse três coisas: ouro, mulheres e fama.

Um dia, o *swami* estava atravessando um rio e notou que parte da margem fora levada pelas águas e deixara a descoberto grandes jarros cheios de moedas de ouro. E pensou: "Não preciso disso, porque renunciei ao mundo, mas se eu construir um templo, será bom." Assim pensando, dirigiu-se a alguns construtores, mostrou-lhes o que encontrara e pediu-lhes que construíssem um templo. Mas eles disseram uns aos outros:

— Por que há de um *swami* ter tanto dinheiro? Joguemo-lo no rio e repartamos o dinheiro entre nós.

Ele quase morreu afogado mas, com a graça de Deus, conseguiu salvar-se. Diante disso, decidiu-se, de uma vez por todas: "Aconteça o que acontecer, nada de dinheiro." E penetrou ainda mais na floresta. Quando alguém aparecia para vê-lo, dizia: "Detém-te aí, por favor. Se tens algum dinheiro, põe-no de lado antes de chegares mais perto."

Uma mulher apareceu e ele ordenou:

— Não te aproximes de mim.

— Senhor, — disse ela, — apenas deixarei comida aqui todos os dias e partirei.

Mas cada dia ela se aproximava um pouquinho mais. O *swami* acreditava tratar-se de uma boa pessoa. E pensou: "Ela realmente deseja cuidar de mim e alcançar a iluminação."

Um dia, ela trouxe um gato para fazer-lhe companhia. Mas o gato não quis comer a comida preparada para o *swami*.

— Preciso de um pouco de leite para o gato todos os dias, — pediu ele.

Ela trouxe uma vaca.

— Quem cuidará da vaca? — perguntou o *swami.*

— Posso cuidar dela? — ofereceu-se a mulher.

E ele concordou.

Ela começou a tratar cada vez mais do *swami.* Finalmente, principiaram a viver juntos e a mulher teve um filho dele. Um dia, o *swami* estava tomando conta da criança quando outro *swami* apareceu e perguntou:

— Que foi o que te aconteceu?

Swamiji pôs-se a chorar ao compreender o quanto voltara a enredar-se com o mundo. Saiu dali e afundou ainda mais na floresta. Praticava com muita sinceridade e, depois de alguns anos, adquiriu algumas sidis.

Um dia, um homem de uma aldeia vizinha foi procurá-lo. Inclinou-se diante dele e disse-lhe:

— *Swamiji,* sois tão bom e tão grande sábio! Sou pobríssimo; meus filhos não têm o que comer. Por favor, ajudai-me!

— Arranca um pelo da minha barba, — disse *Swamiji,* — coloca-o dentro do teu armário e amanhã o teu armário estará cheio de dinheiro. Mas não digas nada a ninguém sobre isso.

Quando regressou à casa, o homem, naturalmente, revelou o segredo à esposa e esta contou-o a muita gente. Em pouco tempo a notícia se espalhou por toda a parte. Centenas de pessoas saíram à procura do *swami* a fim de arrancar-lhe um pelo da barba. O rosto dele, machucado, sangrava.

Mais uma vez lhe foi preciso sair dali e reiniciar sua prática outra vez. Mas aprendera uma valiosa lição. Agora se inteirara das conseqüências de deixar-se envolver com ouro, mulheres e fama.

O *swami* que me contou a história disse-me:

— Eis aí uma lição que nunca deves esquecer. Conta esta história a todos os jovens *swamis* com que porventura topares no caminho.

Devo casar-me?

Quando eu estava em Uttar Pradesh, Estado do norte da Índia, vinham pessoas visitar-me à noite e eu lhes fazia discursos sobre os Upanixades. Um dia, uma moça, licenciada em literatura inglesa, solicitou-me uma entrevista. Começou afirmando que eu fora seu esposo numa existência anterior. Falou durante duas horas e induziu-me a um estado em que concordei em que isso teria sido possível. Eu nunca tivera, até então, uma entrevista pessoal com ninguém que durasse tanto tempo. Ela tentou persuadir-me de que devíamos casar nesta vida também. Mais tarde falei com sua mãe, que também concordava com os produtos da imaginação da filha. O que a moça me disse era tão sedutor e eu era tão ingênuo que passei a imaginar como seria minha vida ao lado dela. Declarei-lhe que, se meu mestre consentisse no casamento, eu estaria perfeitamente de acordo. Foi esta a única vez em toda a minha vida em que pensei na hipótese de viver com alguém, embora nunca me passasse pela cabeça a idéia de abandonar meu caminho espiritual. A moça era de família conhecida. E muitos de seus irmãos, primos e outros parentes, que exerciam cargos importantes no governo, me pressionaram para desposá-la.

Durante um ano experimentei o vigoroso influxo das minhas emoções. Foi um mau período. Sentia-me frustrado e descumprido, mas sofria muito a influência da moça e da família e não sabia o que fazer. A experiência ajudou-me a ver como um aluno na senda da espiritualidade, comprometido com o caminho da renúncia, pode ser perturbado e confundido. Muitos obstáculos aparecem no caminho, mas estou convencido de que a graça do mestre e a graça de Deus levam o aluno a superá-los.

Finalmente, fui ter com meu mestre e deixei com ele a decisão. Embora não tomasse conta da minha vida, ele me dava conselhos quando eu os necessitava. Depois de alguma resistência e discussão, eu sempre lhe acatava as opiniões. Disse meu mestre:

— Tens uma tarefa e ainda não a completaste. Depois de examinares e comparares entre si o companheirismo mundano e as consecuções espiri-

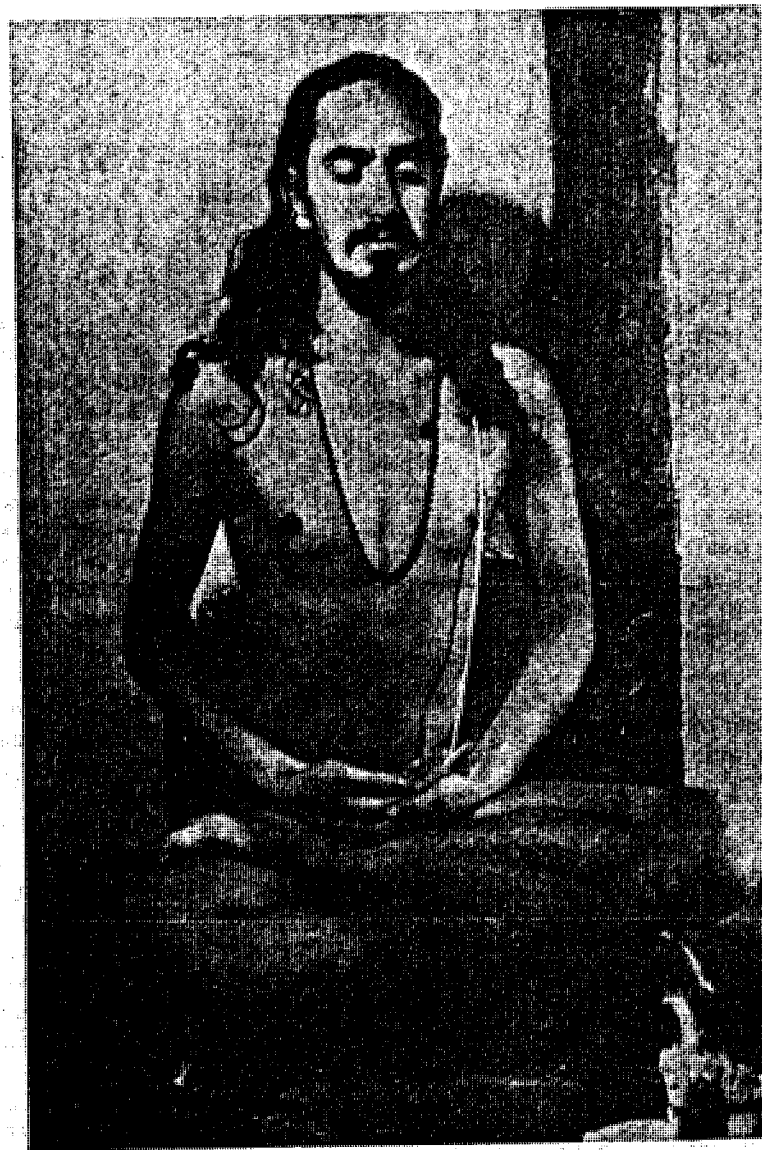
tuais, e tendo decidido seguir o caminho da renúncia, permites agora que te tentem a voltar para o mundo. Se persistires e permaneceres sob a influência da tua atmosfera atual, levarás diversas existências para retornar ao caminho.

A decisão ficou a meu cargo mas, depois de ouvir o que dizia meu mestre, decidi romper esse laço e voltar à senda da renúncia.

Há dois caminhos bem conhecidos – o da renúncia e o da ação no mundo. O meu era o da renúncia. Não se devem cotejar os caminhos e pensar que um é um superior ao outro. Não condeno, por certo, o que envolve a vida e o trabalho no mundo e, ao mesmo tempo, a constituição de uma família. Esse fornece os meios de subsistência, mas é também devorador de tempo. No caminho da renúncia, há muito tempo para práticas espirituais, porém os meios, como o alimento, o abrigo e as roupas são limitados. O renunciante precisa depender do chefe da casa para a satisfação de tais necessidades. Não importa o caminho que seguimos. Importa a nossa honestidade, sinceridade, veracidade e fidelidade em qualquer caminho.

Esse incidente trouxe alguma humilhação à minha vida porque as pessoas colocam *swamis* e iogues em altos pedestais e olham para eles como se fossem semideuses. Na Índia, espera-se que um *swami* viva alheado da sociedade, sem propriedades e preocupações mundanas. Encontrei muitos pelo caminho que vivem com hipocrisia por causa dessas expectativas. Já ouvi psicólogos ocidentais dizerem que a renúncia, e sobretudo o celibato, é uma insanidade ascética. Deixo a cada indivíduo a liberdade de escolher, mas é importante mencionar que a hipocrisia constitui um grande obstáculo. Os que guardam o celibato tornam-se, de fato, anormais quando não transformam suas personalidades interiores. Os que não têm domínio sobre os impulsos primitivos não devem seguir o caminho da renúncia.

As necessidades de alimento, sexo, sono e autopreservação são impulsos poderosos. Cada qual exerce um impacto e uma influência muito fortes sobre a vida e o comportamento humanos. Por que há de haver tabu apenas em relação ao sexo? Na ciência da ioga todos os impulsos são canalizados e dirigidos para o desenvolvimento espiritual. Os que não os podem controlar e sublimar devem viver no mundo e experimentar sua efetivação de maneira regulada, seguir o caminho do tantra em lugar do caminho da renúncia, e transformar a efetuação desses impulsos em experiências espirituais.

Há muita confusão criada pelos renunciantes que impõem uma disciplina rígida aos alunos. Isso os torna com freqüência desonestos e hipócritas. É necessária tal disciplina? O conflito interno e externo são sinais e sintomas claros de que a pessoa não está no caminho da espiritualidade.

O Swami Rama praticando austeridades à margem do rio Narvada.

A dignidade espiritual também é vaidade

Depois que renovei minha decisão de seguir o caminho da renúncia, meu mestre achou que eu me estava sentindo culpado, e por isso me aconselhou a viver à beira do rio Narvada, que corre através do centro da Índia, e ali praticar certas austeridades. Eu devia fixar-me, de preferência, numa floresta isolada e densa, a cinqüenta quilômetros ao sul de Kherigat, perto de Omkareshwar, onde o rio estava cheio de crocodilos, que, ao amanhecer e ao entardecer, costumavam deitar-se na areia ao longo do majestoso curso d'água. Vivi seis meses naquele lugar sem que nenhum deles me perturbasse. Eu possuía apenas um pote de água, um cobertor e duas tangas. Os habitantes de uma aldeia distante onze quilômetros dali me forneciam leite e pão de trigo integral uma vez por dia. Esses seis meses de intensas austeridades mentais foram um período importante em minha vida.

Um dia, um grupo de caçadores de caça grossa apareceu e me viu sentado, meditando, na areia, entre inúmeros crocodilos, alguns dos quais se achavam a poucos metros de mim. Os caçadores me fotografaram sem que eu me advertisse disso e mandaram a fotografia para um jornal. Logo surgiram histórias a meu respeito em muitos jornais. Naquele tempo o Shankaracharya* de Karvirpitham estava procurando seu sucessor. Ele deu instruções a alguns *pânditas*** para observarem de longe minha rotina cotidiana. Eles pernoitavam na aldeia e vigiavam minhas atividades durante o dia. Também coligiam informações sobre minha vida. Depois de observar-me por algum tempo e investigar com cuidado meus antecedentes, aproximaram-se de mim e tentaram persuadir-me a pensar na possibilidade de tornar-me Shankaracharya. Nessa ocasião, o Shankaracharya era o dr.

* Shankara fundou quatro instituições em diferentes regiões da Índia e uma quinta no lugar em que passou seus últimos dias. Os chefes dessas instituições eram considerados chefes espirituais da Índia e ocupavam posições análogas à do papa na tradição cristã.

** Doutos estudiosos.

O Swami Rama, sucessor de Shankaracharaya, 1949-51

Kurtkoti, intelectual de grande valor e sanscritista muito conhecido, amigo íntimo de Tilak, líder indiano e autor de *Gitarahasya**. Fui levado à presença do dr. Kurtkoti, que se afeiçoou a mim. Em seguida, procurei meu mestre, que me autorizou a aceitar a posição. Depois de uma cerimônia que durou dezoito dias, fui empossado como sucessor de *Jagat Guru Shankaracharya*. Recebi milhares de telegramas de pessoas, espalhadas pelo mundo inteiro, incluindo o papa e outros chefes espirituais, que me desejavam boa sorte. Foi uma estranha experiência para mim, um contraste impressionante com os meus seis meses de solidão e silêncio. Eu ainda não completara trinta anos e já assumia uma responsabilidade tão pesada.

O dr. Kurtkoti acreditava na reforma sócio-religiosa e entregou-me os arquivos de sua valiosa correspondência com outros líderes espirituais e políticos. Tive inúmeras reuniões com vários grupos e líderes. Minha vida passou a ser uma sucessão ininterrupta de viagens e conferências, e quando eu não estava ocupado dessa maneira, as pessoas vinham procurar-me da manhã à noite a fim de pedir-me bênçãos. A existência tornou-se-me dificílima. Eu já não tinha liberdade. E pensei: "Já não tenho tempo para meditar nem para realizar minhas práticas. Passo o dia inteiro abençoando os outros. Isso não é bom." Eu não me sentia feliz. Minha consciência dizia: "Não foste feito para isto. Abandona!" E assim, volvidos dois anos, simplesmente fugi, sem um tostão no bolso. Num dia, eu dispunha de uma grande mansão para viver e de muitos automóveis para transportar um homem só e, no dia seguinte, não tinha mais que a roupa do corpo. Desejando voltar ao Himalaia, embarquei na terceira classe de um trem que se dirigia para o meu destino, muito embora não tivesse comprado passagem. As pessoas que viajavam no trem devem ter dado tratos à bola para imaginar de quem eu roubara aquelas vestes, porque eu ainda envergava os trajos caros de Shankaracharya. Quando o condutor apareceu, obrigou-me a descer na estação seguinte, porque eu não tinha dinheiro e não queria revelar minha identidade. Eu jamais cometera, até então, o crime de viajar sem passagem. Limitei-me a inclinar a cabeça e a desembarcar, dizendo humildemente:

— Obrigado por não me processar.

Os admiradores e seguidores do Shankaracharya não gostaram da minha atitude de renúncia à dignidade e ao prestígio do cargo. Entendiam que eu estava fugindo às minhas responsabilidades, mas eu não fora feliz e nunca mais regressei àquele lugar.

Quando fui ter com meu amo, ele me disse:

* Este livro, que advoga a carma ioga, é considerado por muita gente como o melhor dos comentários sobre o Bhagavad Gita escrito nos tempos modernos.

— Viste como as tentações do mundo acompanham um *swami:* como o mundo deseja absorver a pessoa espiritual. Agora, nada influirá em ti, porque conheceste posições, instituições e renúncia. As pessoas esperam muito de seus líderes espirituais. Faze o que puderes para erguer e alumiar os outros, mas nunca esqueças o teu caminho.

Uma experiência infeliz

Um homem que me conhecia costumava cortar gramados, juntar a grama e vendê-la como alimento de vacas e búfalos. Assim provia ele à sua subsistência. Mas pensou: "O Swami Rama goza a vida sem fazer nada. Aonde quer que vá, as pessoas lhe trazem flores, estendem tapetes e até lhe dão um chalé para viver. Fazem a limpeza e a comida para ele e cuidam de todas as suas necessidades. Deve ser muito bom ser um *swami*."

E disse à esposa:

– Pretendo fazer uma experiência. Durante seis meses fingirei ser um *swami*.

– Mas eu preciso de dinheiro, – queixou-se ela. – Tens de cuidar da família.

– Todo o dinheiro que me derem, – prometeu ele, – eu to entregarei.

Poupou algum dinheiro, comprou as vestes apropriadas e fingiu ser um *swami*. Nos primeiros três dias ninguém lhe perguntou se estava com fome. Sentiu-se insultado porque viu que muita gente me procurava e colocava frutas diante de mim, embora eu não as comesse. (Se as pessoas me trazem alguma coisa, passo-a adiante. Dessa maneira, estou livre de qualquer obrigação. Elas exteriorizam o seu amor dando-me um presente, e eu exteriorizo o meu dando o presente a um terceiro.) Depois de sete dias, se bem perdesse muito peso, ainda não tinha ganho dinheiro algum.

À noite, visitava a esposa pela calada. E ela lhe dizia:

– Grande tolo és tu! Estavas ganhando um dinheirão e agora não estás ganhando nada. Por que não vais, pelo menos, procurar *Swamiji* e não lhe perguntas o segredo do seu êxito?

Ele veio ter comigo vestido de *swami*.

– Aproxima-te, por favor, *Swamiji*, – roguei-lhe.

– Senhor, desejo fazer-vos uma pergunta em particular, – disse ele.

Diante disso, pedi aos presentes que fizessem o favor de esperar lá fora.

– Quero conhecer o segredo do vosso êxito, – prosseguiu ele, quando se viu a sós comigo.

– Não tenho consciência de ter tanto êxito assim, – redargüi. – Em que sentido imaginas que o tenho?

– Sem pedir dinheiro, – voltou ele, – tendes dinheiro. Este chalé está à vossa disposição. Motoristas vêm procurar-vos. Muitas pessoas chegam e sentam-se convosco. Por que?

– Quando eu desejava essas coisas, – respondi, – nunca as conseguia. Mas no dia em que decidi não as querer mais, comecei a recebê-las.

Lembrai-vos disso, como diz o Swami Vivekananda: "A fortuna semelha uma pessoa namoradeira – fugirá de vós quando a quiserdes mas, se não estiverdes interessado nela, sairá correndo no vosso encalço."

Encantos do mundo

Existiu em certa ocasião um rapaz instruído que decidiu tornar-se *swami*. Observou como falavam e procediam os *swamis*. Por conta própria, sem trilhar o caminho e sem seguir quaisquer disciplinas, apresentou-se como *swami*, com os trajos apropriados e a aparência externa de um verdadeiro *swami*.

Um dia, chegou ao meu *ashram* em Uttarkashi, no Himalaia, e pediu para ali ficar algum tempo. Sempre que falava comigo seu olhar se fixava no meu relógio de pulso. Alguém me dera de presente um cronômetro Omega. Não me preocupei em saber se fora um simples relógio ou o artigo dispendioso que fascinara o rapaz. Cada vez que conversávamos, ele trazia à baila o relógio. E dizia:

— Que relógio notável! Que modelo atraente! Deve marcar as horas muito bem.

Depois de três dias de conversas desse gênero, declarei:

— Moço, vou partir para Gangotri e lá ficarei algum tempo. Serias capaz de tomar conta do relógio para mim?

Ao pegar meu cobertor e minhas sandálias e ao acenar para o meu hóspede despedindo-me dele, conheci que, dentro em pouco, meu *ashram* teria perdido o homem e o relógio. Na realidade, eu não pretendia ir a Gangotri; desejava apenas saber o que aconteceria. Voltei pouco depois e verifiquei, sem dúvida, que o rapaz e o relógio haviam partido. Nos dias que se seguiram, meus conhecidos me perguntaram pelo relógio que sumira. Respondi-lhes que estava sendo usado. Não me preocupei com aquilo.

Seis meses depois, por mero acaso, encontrei-me com o mesmo rapaz na estação ferroviária de Hardwar. Ele ficou enleadíssimo, e sentiu vontade de fugir dali.

— O que fiz, senhor, foi terrível, — disse-me.

— A mim não me fizeste nada, — respondi-lhe; — mas se achas que o que fizeste foi errado, não tornes a fazê-lo.

E como eu notasse que ele não estava usando o relógio, perguntei-lhe onde se achava e como funcionava.

— Vendi-o, — respondeu-me. — Precisei do dinheiro.

Pouco tempo depois, o relógio voltava às minhas mãos. O comprador foi um aluno meu, que o reconheceu e devolveu-mo. Tornei a encontrar o rapaz e tornei a dar-lhe o relógio, dizendo-lhe:

— Se este relógio pode ajudar-te, deve ficar contigo.

A princípio, ele não pôde compreender nem aceitar o modo com que eu o relacionei com ele mas, aos poucos, veio a perceber que é possível ter uma atitude para com as coisas do mundo completamente diversa da que ele conhecera. O incidente interessou-o de tal forma que, mais tarde, ele voltou a um *ashram* que lhe recomendei para o exercício da autodisciplina e, hoje, é uma criatura inteiramente transformada.

Muitas pessoas, incapazes de enfrentar certas coisas em si mesmas, recusam-se à confrontação com os conflitos, desejos e hábitos, de que talvez não gostem, mas dos quais não conseguem libertar-se. Não permitem aos outros que conheçam seus verdadeiros eus e continuam a apresentar defesas e aparências. Com alguém, em algum lugar, em algum relacionamento, deveríamos expor-nos completamente e não manter essas sementes constrangedoras reprimidas no interior. Tais segredos ocultos só nos atrasam o progresso. Projetamos em outros o que não queremos enfrentar. Durante a meditação permitimos que todos esses pensamentos e desejos embaraçosos apareçam paulatinamente onde possamos observá-los sem nos envolvermos com eles. Desse modo, a meditação faz as vezes de um instrumento eficaz para recuperar e viver uma vida equilibrada.

Os que renunciam aos seus lares e obrigações ainda levam consigo, profundamente arraigadas, as *samskaras** semeadas em suas vidas passadas. Precisamos de muito tempo para livrar-nos delas. Isso requer a constante ingestão mental de impressões criativas e sementes de espiritualidade. A limpeza e a substituição do conteúdo mental só serão possíveis se seguirmos um caminho de autodisciplina. Um número demasiado grande de mestres modernos professa ensinar espiritualidade e meditação sem disciplina. Eles podem apresentar técnicas válidas, mas não adestrar os alunos para discipliná-los é o mesmo que semear sementes num solo que nunca foi arroteado. A autodisciplina é importantíssima no caminho da espirituali-

* Tendências latentes que derivam de experiências anteriores.

dade. Tornar-se *swami* ou monge não é tão importante. Importa aceitar uma vida autodisciplinada. Cumpre que haja uma ponte entre a vida interior e a exterior. A disciplina é o alicerce dessa ponte. As pessoas não deviam deixar-se tentar por meras técnicas, mas aprender a cultivar a disciplina dentro em si mesmas.

Dois renunciantes nus

A caminho de Gangotri, passei um mês em Uttarkashi, no mais profundo do Himalaia. Eu costumava caminhar, em meu passeio matinal, três ou cinco quilômetros na direção de Tekhala. Entre Tekhala e minha residência, vivam dois sadus, completamente nus, nos dois cômodos separados de uma pequena casa de madeira à margem do Ganges. Eram dois viúvos sexagenários, analfabetos, que nada tinham de seu, nem sequer um pote de água. Eu conhecia os dois, que eram famosos, não por sua sapiência nem por sua sabedoria iogue, mas em virtude da sua aparência externa, por andarem nus num clima tão frígido. Na realidade, viviam cheios de ego, ira e inveja. Desprezavam-se mutuamente.

Certo dia ensolarado em que caminhava na direção de Tekhala, vi, de longe, que ambos haviam espalhado a sua palha ao sol para aquecê-la. Faziam-no de vez em quando para tirar o mofo que invadia a palha. Quando me aproximei da casa deles, verifiquei que estavam lutando – dois velhos sadus em pêlo, lutando ferozmente. Intervi e exclamei:

– Que é isso?

Os dois separaram-se e um deles me respondeu:

– Ele pisou na minha palha! Que é o que pensa que é? Deve julgar-se, com certeza, o maior renunciante do mundo.

Essa experiência foi um recuo em minha vida e pus-me a analisar o caminho da renúncia. Compreendi que, mesmo depois de renunciar à riqueza, ao lar, aos parentes, à esposa e aos filhos, não podemos renunciar facilmente ao desejo ardente de nome e de fama, nem purificar com facilidade o ego e dirigir-lhe as emoções para a auto-realização. A cultivação de uma nova mente é um passo necessário à iluminação. A simples renúncia acarreta infelicidade e frustração. A renúncia sem consciência do propósito da vida cria problemas para os renunciantes e para os leigos que neles buscam exemplos, na suposição de que os renunciantes são os melhores

exemplos para ser seguidos. No que me diz respeito, porém, tenho encontrado inúmeros chefes de família muito superiores a renunciantes. O estado interior é mais importante do que o modo externo de vida.

No mundo e, todavia, acima dele

Diante das circunstâncias, pode parecer que alguns *swamis* recebem tudo o de que precisam sem nenhum trabalho. Mas não é bem assim. Na realidade, na Índia, os *swamis* são alvo de uma permanente perseguição pública. Entendem os leigos que o *swami* não é um ser humano. Todos esperam que ele leve uma vida sobre-humana e o perturbam. Vão procurá-lo e dizem-lhe:

— Tens de falar em tal e tal lugar.

— Tens de ver-me.

— Tens de curar esta pessoa.

E assim por diante. E quando o *swami* não vive de acordo com as expectativas populares, perguntam:

— Mas que *swami* vagabundo é esse?

É comum na Índia a suposição de que os *swamis* não precisam de comida nem de sono, porque se supõe que eles transcenderam tais necessidades. Por ser um renunciante, o *swami* não deve sentir fome, não deve ter dinheiro, e, se estiver fazendo frio, não deve ter nem um cobertor. As pessoas têm essa idéia e nós temos de viver, de acordo com ela, à custa do sono, da comida e de tudo o mais. Não é fácil ser *swami;* há, de fato, contra nós, uma perseguição constante, ainda que bem intencionada.

Na Índia, aonde quer que vão os *swamis*, muita gente, levada pelo entusiasmo, aparece com tambores e canta sem parar. Alguns dias eu chegava a caminhar quarenta e oito quilômetros a pé e, à noite, me sentia muito cansado. Era minha única oportunidade de descansar e ainda precisava levantar bem cedinho no dia seguinte para meditar. Mas a gente vinha ver-me e ficava cantando durante várias horas e, se eu lhe pedisse que se fosse, respondia:

— Não senhor, queremos cantar para vós.

Eu precisava dormir e todos queriam cantar. Por isso aprendi a dormir enquanto cantavam, com os tambores tocando e todo aquele barulho à minha volta. Quando fechavam os olhos para cantar, eu fechava os meus para dormir.

Deveis ter ouvido falar no que se costuma chamar de caminhar dormindo, mas existe outro tipo de caminhar dormindo do qual não ouvistes falar. Aprendi a dormir em relação às coisas que me distraíam, e a seguir apenas o meu caminho. Acontecesse o que acontecesse, eu prosseguia.

Resolvei que, aconteça o que acontecer, fareis o que determinastes fazer. Se estiverdes decidido, embora as possíveis distrações ainda estejam por perto, continuareis vosso caminho e permanecereis imperturbado. A *sankalpa* (determinação) é muito importante. Não podeis alterar vossas circunstâncias, nem o mundo, nem a vossa sociedade do modo que vos convém. Mas, se tiverdes força e determinação, seguireis com muito êxito através da procissão da vida.

Perder é ganhar

Havia antigamente um *swami* que costumava hospedar-se em casa do discípulo. Toda a família do discípulo amava e reverenciava o *swami*, que era um exemplo de disciplina e um homem muito espiritual. Sempre se levantava antes do nascer do sol, tomava banho e ficava sentado, horas a fio, meditando. Um dia, porém, de manhã bem cedo, quando ainda estava escuro, gritou:

– Ei, dai-me comida!

– Mas, senhor, esta é a hora do vosso banho, – acudiu o discípulo.

O *swami* replicou:

– Dai-me comida assim mesmo. Estou com fome!

Comeu e, a seguir, tomou banho. Depois do banho, foi aliviar o ventre e, feito isso, foi dormir.

Fez tudo às avessas e virou a casa de pernas para o ar. Disseram:

– Alguma coisa lhe aconteceu; ele ficou louco.

Disse a esposa:

– Nosso mestre é um homem maravilhoso. Devíamos ajudá-lo.

Por isso chamaram médicos e pediram-lhes:

– Não o perturbeis falando em medicina. Dizei, antes: "Queremos aprender convosco". Sede corteses, por favor.

Vieram os médicos e se houveram como discípulos, porque estavam sendo pagos para isso. Perguntaram:

– *Gurudev*, como estais passando?

Mas ele não respondeu. Julgaram-no em estado de coma, porque não se movia. Um deles examinou-lhe os olhos e neles não viu movimento. Outro descobriu que o pulso estava muito fraco. Um disse ao outro:

– Não creio que sobreviva.

Um terceiro médico sacou de um estetoscópio e, achando as batidas do coração decrescentes, anunciou:

— O coração está falhando.

A mulher da casa abriu a chorar porque sempre o considerara um pai espiritual.

Finalmente me pediram para ir vê-lo. Quando entrei no quarto, ele levantou-se e eu perguntei:

— *Swamiji*, que aconteceu?

— Não aconteceu nada, — retrucou ele. — Por que perguntas?

— Todos estão preocupados, — expliquei-lhe.

— Eu costumava meditar por dois motivos, — disse ele. — Mas hoje meus pais morreram e, como fiquei triste, não estou meditando.

Sua linguagem era inteiramente mística.

— Teus pais morreram? — tornei eu. — És um *swami*. Não tens nada com parentes.

— Não, não, — atalhou ele. — Tu também tens parentes. E quando morrerem, compreenderás. — Transcorrido um instante, prosseguiu: — A cólera era minha mãe e o apego, meu pai. Ambos morreram, de sorte que não tenho nada que fazer. Agora não preciso fazer mais nada.

A meditação tornar-se-á vossa segunda natureza quando renunciardes ao apego, à cólera e ao orgulho. Não precisareis então tomar atitudes para meditar, pois toda a vossa vida será uma espécie de meditação.

VII

EXPERIÊNCIAS EM VÁRIOS CAMINHOS*

O conhecimento de vários caminhos vos leva a formar vossa própria convicção. Quanto mais sabeis, mais decidis aprender. Quando tiverdes a faculdade da discriminação, palmilhareis com firmeza o vosso caminho sem quaisquer dúvidas.

* Esta seção do livro é tirada principalmente dos diários de *Swamiji*.

Uma sábia de renome

Nós dois, jovens aspirantes, Nantin Baba e eu, vivíamos nas florestas de Laria Kanta, em Nanital, quando eu tinha dezesseis anos. Naquela época, Anandamoyee Ma, conhecida líder espiritual da Índia, realizava uma peregrinação com o marido. Embora viajassem juntos, não mantinham o habitual relacionamento entre marido e mulher mas, tendo chegado a compreender mutuamente o valor da abstinência, haviam decidido viver como celibatários. Entrados ambos na casa dos quarenta, eram totalmente dedicados ao Senhor. Nessa peregrinação, acompanhava-os um grande grupo de prosélitos. Viajavam de Mansarobar a Kailasa, perto do monte Everest, a mais alta das montanhas do Himalaia. Considera-se uma peregrinação a esse sítio a maior de todas e, durante o percurso, os peregrinos aspiram a ter um vislumbre dos sábios e a conhecer os iniciados.

Anandamoyee Ma ouviu falar de nós, os dois jovens renunciantes, e veio visitar-nos quando se achava no rumo de Kailasa. Ao regressar de Kailasa dois meses depois, tornou a passar por Nanital e, nessa ocasião, voltamos a encontrar-nos com ela e freqüentamos suas reuniões de grupo à noite. Adepta do caminho do amor e da devoção, falava regularmente sobre ele ao seu vasto séquito.

A ioga se refere a um sem-número de caminhos para a iluminação mas, na realidade, existem seis principais, e a *Bhakti* ioga, a senda da devoção, é um deles. É o caminho do amor, da entrega de si mesmo, e na música vamos encontrar uma das suas expressões devocionais. A *Bhakti* ioga baseia-se no auto-sacrifício, na reverência e na compaixão. Nesse caminho, a humildade, a mansidão, a pureza, a simplicidade e a sinceridade são virtudes importantes. É o caminho do coração, o que significa que os seguidores dirigem o poder da emoção para Deus. Nessa senda, muitos começam a derramar lágrimas quando ouvem falar em Deus ou quando se reúnem para cantar. Filosoficamente, o aspirante que a trilha não deseja fundir sua individualidade em Deus, mas prefere ter uma identidade separada e estar sempre a serviço do Senhor. A filosofia da liberação, de acordo com esse

caminho, é a proximidade de Deus. Liberar-se significa atingir um *status* no plano celeste em que se pode permanecer constantemente perto de Deus. Muitos seguem esse caminho, que não é fácil de seguir, como supõe a maioria das pessoas. A *Bhakti* ioga não é a estrada dos prosélitos cegos.

A *Jnana* ioga, ou senda do conhecimento, é chamada a ioga do intelecto. Seu estudo envolve não só o intelecto cognitivo mas, sobretudo, o intelecto aguçado pela atenção prestada aos ditos dos grandes sábios, transmitidos por um mestre competente e, a seguir, pelo estudo desses ditos até alcançar, por fim, o estado de liberação. Esse caminho é como o fio da navalha e, quando não o trilhamos com disciplina, podemos tornar-nos egotistas. A constante companhia dos sábios e a reflexão, com a ajuda do desapego, são requisitos importantes dessa via.

A *Karma* ioga é a senda dos que acreditam no cumprimento desinteressado das obrigações. Esses aspirantes compreendem que todos os frutos dos atos de uma pessoa devem ser entregues a Deus, que habita o coração de todos. A ação desinteressada executada com habilidade nos libera da servidão criada pelos frutos ali contidos. O conhecimento da *Karma* é essencial ao atingimento da liberação. Executando atos certos, que não criam servidão, e alcançando um conhecimento mais elevado, nós nos liberamos das sucessões de nascimentos e mortes.

A *Kundalini* ioga é um dos aspectos da ioga praticado pelos que compreendem profundamente o corpo, o sistema nervoso e os vários canais de energia do corpo humano. As disciplinas especiais que ajudam o aspirante a dominar suas funções corporais e seus estados internos são essenciais. A força primeira, que permanece em estado latente nas bases da coluna espinhal, é conscientemente despertada e conduzida, através do *sushumna*, à mais alta das *chacras*, onde o princípio de *Shakti* se une ao princípio de Xiva*.

A *Raja* ioga é o caminho da disciplina sistemática, que eleva o estudante, ao longo de uma escada de oito degraus, a um estado de *samádi*, ou de união com a Realidade Absoluta. Esse é o caminho mais abrangente e uma ciência altamente sistemática e evoluída em que *Karma*, *Bhakti*, *Kundalini* e *Jnana* se combinam. A filosofia de *Raja* ioga se baseia na filosofia de Samkhya.

Sri vidya, em que o microcosmo e o macrocosmo são integralmente compreendidos, o mais alto de todos os caminhos, é praticado por pouquíssimos sábios consumados. Embora seja um caminho prático, requer, para ser trilhado, vigorosa compreensão filosófica. A prática baseada na mera informação livresca pode ser tão desperdiçadora de tempo quanto perigosa. Para essa prática espiritual faz-se mister um mestre competente e os princípios do *tantra* e de outras filosofias precisam ser inteiramente compreendidos para que o aluno se abalance a uma aventura dessa natureza. Esse caminho, raríssimo, é seguido apenas por sábios de verdade.

Nantin Baba e eu comparecemos a uma reunião dos alunos de Anandamoyee Ma em que todos cantavam em bengali e hindi. Gostávamos de ouvir os cânticos, mas nos sentíamos mais como observadores do que como parte do grupo. Estávamos ambos mais inclinados à meditação e palmilhávamos os caminhos de *Raja* ioga e *Jnana* ioga, se bem apreciássemos também os outros caminhos. O fato de uma pessoa seguir determinada via não significa que odeia as demais. Não obstante, um dos alunos de Anandamoyee Ma aproximou-se de nós e tentou convencer-nos de que o caminho da devoção é o mais elevado de todos e que devíamos passar para ele. E perguntou-nos:

— Por que não participais dos cânticos?

— O cavalo que puxa a charrete não gosta de puxá-la, mas a pessoa que vai sentada na charrete aprecia o passeio e tira proveito dele, observando e permanecendo tranqüilamente sentada. A pessoa que executa a ação não se compraz tanto nela quanto o sábio que a presencia. Algumas pessoas cantam e outras fruem os cânticos em silêncio. Estamos apreciando mais do que qualquer outro. Como sabes que não seguimos o caminho da devoção?

Em sua ignorância, esse estudante mostrava-se inflexível no afirmar que seu caminho era o único. Nossa discussão logo degenerou em debate e Anandamoyee Ma interveio dizendo ao seu seguidor:

— Não discutas com esses dois jovens renunciantes. A pessoa deve tentar compreender o próprio valor interior e, a seguir, tentar seguir o caminho que mais lhe convém. O caminho da devoção não significa devoção boba. Devoção quer dizer dedicação total, entrega e amor ao Senhor. E a estrada do coração, mas não contradiz o intelecto nem a razão, que resolve muitos problemas da vida. A devoção também faz parte dos outros caminhos. Não será possível ao *Jnana* iogue atingir a iluminação se também não tiver devoção. Toda a gente quer seguir *Bhakti*, a via da devoção, supondo ser muito fácil e simples. Mas isso não é verdade. O caminho da devoção significa aceitar a existência do Senhor em lugar de adorar a própria existência. Os que choram, estremecem, tornam-se emocionais ou agem de maneira engraçada não podem ser chamados seguidores de *Bhakti* ioga. Só depois que tivermos cultivado a tranqüilidade da mente poderemos compreender todos os caminhos. Antes, não. Faz-se mister a purificação da mente, que só alcançamos pela disciplina imposta à nossa mente, aos

* *Sushumna* é o canal mais sutil pelo qual viaja a força primeira. Sem a sua aplicação, a força *kundalini* não pode elevar-se. As *chacras* são as rodas da vida usadas pelo corpo sutil. *Shakti* é a Mãe Divina que manifesta o universo. *Xiva* é o poder universal que só funciona através da força da Mãe.

Uma sábia, Anandamoyee Ma, em Almora, no Himalaia

nossos atos e às nossas palavras. A argumentação é um estado de saber e não um estado de ser.

Ainda hoje me lembro do seu notável discurso. Perguntei-lhe:

— É verdade que o vosso caminho sobreleva os outros e que só o que estais fazendo é autêntico? Acreditais que os outros estão perdendo tempo?

— O meu caminho de devoção convém-me, — replicou ela, — mas não altera os vossos. Os que não têm quem os oriente tornam-se confusos e, não raro, mudam de itinerário. A mente confusa não está apta a seguir caminho nenhum. Os pesquisadores da verdade deveriam aprender a procurar competência e orientação observando certos sinais e sintomas no mestre, como o desprendimento, a veracidade, a sinceridade e o domínio da mente, dos atos e das palavras. Os alunos também cometem erros quando se tornam idealistas sem observar a própria capacidade ou seguir qualquer disciplina. Vêem apenas o que querem ver. Isso os impede de aprender e eles, então, se apegam ao caminho que julgam estar seguindo. Tornam-se fanáticos e egotistas e começam até a brigar com os outros. Isso pode acontecer a qualquer investigador se seu complexo de inferioridade continuar a desenvolver-se e a criar limites, fechando todas as portas do conhecimento e tornando-o egocêntrico, não comunicativo e egotista.

Ma confirmou nossas idéias e fortaleceu os princípios que estávamos seguindo. Disse ela:

— O aprendizado dos livros sagrados é muito bom e muito útil mas, sem *satsanga*, também pode tornar qualquer um egotista. Um homem douto que tenha *satsanga* é muito humilde, comunicativo e delicado em seu proceder. Os principiantes proclamam a miúdo a superioridade do seu caminho, e dela se jactam, mas quem já trilhou o caminho sabe que todas as estradas conduzem ao mesmo destino. Não há caminho superior nem inferior. Não importa o que seguimos, mas devemos observar com cuidado as modificações da nossa mente e aprender a não nos identificar com elas.

Enquanto ela fitava os olhos nos do marido, que se diriam taças de vinho cheias de devoção, dissemos adeus a Anandamoyee Ma, e eu voltei para a tranqüila habitação em que tantas vezes costumava esconder-me.

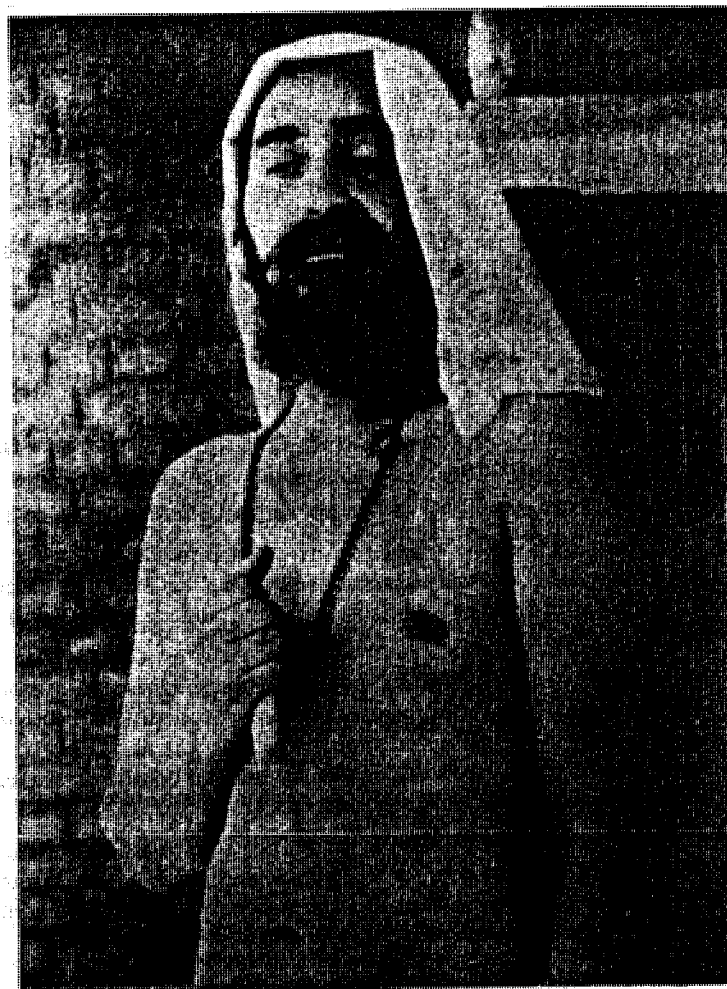
Com o coração nas mãos e lágrimas nos olhos

Na Índia, hindus, cristãos, maometanos, siques, parses e sufis têm vivido harmoniosamente por vários séculos. A Índia é um crisol, em que entra quem quer que a visite. Essa tem sido a história da civilização indiana. No subcontinente da Índia o povo era pacífico, mas os estrangeiros que a governaram criaram o ódio entre os vários grupos religiosos graças à sua política de dividir para reinar.

Sufis do mundo inteiro vão à Índia a fim de render homenagem aos sufis indianos. Ainda hoje a Índia é o lar do sufismo. Religião do amor, o sufismo não é seguido tão-só por maometanos. Entre os diversos sábios sufis que conheci, um dos maiores era uma mulher que vivia na cidade de Agra, famosa por causa do Taj Mahal, símbolo de amor e uma das maravilhas do mundo, a 192 quilômetros de Deli.

Certa vez viajei do Himalaia para visitar a velha sábia, que vivia inteiramente nua num pequeno *dargah**. Completara noventa e três anos e nunca dormia à noite. Eu costumava chamar-lhe Bibiji, palavra que se usa para significar Mãe, e ele me chamava "meu filho" *(bete)*. Durante minha estada em Agra, visitei com regularidade a sábia sufi entre meia-noite e uma hora da madrugada. Minhas visitas noturnas a Bibiji foram de tal maneira mal interpretadas que as pessoas começaram a pensar que eu havia perdido o equilíbrio. Vários altos oficiais do exército e pessoas doutas também costumavam visitá-la. O coronel J. S. Khaira era seu fervoroso admirador. Conquanto fosse adorada por hindus e por outros igualmente, muitas pessoas na cidade não compreendiam a grande mística sufi e sua misteriosa maneira de viver. A compaixão que lhe inspiravam os visitantes era imensa, mas sua atitude para com o mundo terreno dispensava explicações:

— As pessoas do mundo aprenderam a encher tigelas de barro com sementes e moedas, mas ninguém sabe encher a tigela do coração.

* Local de habitação e de culto de um santo faquir (asceta) muçulmano.

Swami Rama viajando nas planícies da Índia

Certa noite, Bibiji contou-me que seria fácil para mim encontrar-me com Deus. Perguntei-lhe:

– De que modo?

– Para unir-nos ao Divino, – respondeu ela, – precisamos simplesmente desligar-nos deste mundo terreno e ligar-nos ao Bem-Amado. É tão simples! Oferece tua *rooh* (alma) ao Senhor e, depois, nada mais terá de ser feito ou realizado.

– Mas como, Bibiji? – insisti.

Ela começou utilizando um diálogo. Repito-o exatamente como ela mo descreveu.

Disse ela:

– Quando fui ver meu Bem-Amado, Ele perguntou: "Quem está de pé à entrada do meu santuário?"

"E eu respondi: 'Tua amante, Senhor.'

"Disse o Senhor: 'Que prova podes dar-me?'

"Eu disse: 'Trago o coração nas mãos e lágrimas nos olhos.'

"E disse o Senhor: 'Aceito tua oferenda, porque eu também te amo. És minha. Vai e mora no *dargah.*'

"Desde então, meu filho, vivo aqui. Espero por ele dia e noite e esperarei por ele toda a eternidade."

Lembrei-me das palavras de um grande homem: "Esta árvore venenosa da vida só tem dois frutos: a meditação sobre a imortalidade e a conversação com os sábios."

Muitas vezes observei uma luz poderosíssima emanar dos olhos de Bibiji, que me impressionou profundamente pelo seu soberbo êxtase divino, sua total entrega de si mesma e seu amor insondável a Deus. Disse ela: "A pérola da sabedoria já está escondida dentro da casca no oceano do coração. Mergulha profundamente e um dia a encontrarás."

Um dia, sorrindo, ela desatou-se do corpo. Uma luz como de uma estrela foi vista por doze de nós, sentados à sua volta. Saiu-lhe do coração e subiu para o céu como um raio. Ela permanece para sempre em meu coração. Lembro-me da minha Bibiji com grande amor e reverência.

O Carma é o autor

Eu costumava ouvir muita coisa a respeito de um sábio chamado Uria Baba, famoso por seus conhecimentos e sua sabedoria espiritual, que vivia em Brindaban. Meu mestre mandou-me passar uns tempos com ele. Um devoto do baba, que me conhecia, levou-me a Brindaban. Quando ali cheguei, encontrei centenas de pessoas esperando para receber um *darshan* do grande homem. O baba foi informado da minha chegada pelo seu devoto. Muito afavelmente, deu-lhe instruções para que me levasse à sua sala. Esse grande homem tinha pouca altura e cerca de sessenta e cinco anos de idade. Era considerado um dos maiores sábios do norte da Índia. Possuía grande número de adeptos em todo o país. Foi muito bondoso e generoso comigo.

À noite, costumávamos ir às margens do Jamuna para fazer nossas abluções noturnas. Uma noite, perguntei-lhe:

– Renunciar ao mundo é mais meritório do que viver no mundo? Qual é o caminho certo?

Naqueles dias, eu andara estudando a filosofia do carma. Sabia que carma significa causa e efeito. E também sabia que é difícil libertar-se alguém das leis gêmeas do carma.

No transcurso da conversação, disse-me o baba:

– Não é preciso que todos os seres humanos renunciem ao mundo, pois o caminho da renúncia é muito difícil de trilhar. Na verdade, não se faz mister renunciar aos objetos do mundo porque o ser humano, na verdade, não tem nem possui coisa alguma. Por conseguinte, não é necessário renunciar a nada, mas urge renunciar ao sentido de posse. O fato de vivermos no mundo ou fora dele pouca diferença faz. A causa do sofrimento é o apego aos objetos mundanos. O que pratica fiel e sinceramente a desafeição consegue libertar-se da servidão do carma. No caminho da ação, ninguém renuncia às obrigações, cumpridas com habilidade e desprendimento. O renunciante abre mão dos objetos e vai para longe deles, mas também cumpre suas obrigações essenciais. Os que vivem no mundo como chefes

de família cumprem igualmente suas obrigações essenciais. Os que se tornam egoístas pelo fato de receberem e usarem os frutos de seus atos criam muitos estorvos para si. Torna-se-lhes difícil libertar-se da servidão criada por si mesma. Se a pessoa não renunciar a todos os apegos e ao sentido de posse, o caminho da renúncia tornar-se-á deplorável. Se os chefes de família não praticarem a desafeição e continuarem a robustecer o egoísmo e a possessividade, isso também lhes trará sofrimentos. Para atingir o propósito da vida, urge que a pessoa cumpra suas obrigações, quer viva no mundo, quer viva fora dele. O caminho da renúncia e o da ação, embora diversos, são igualmente úteis para atingir a auto-emancipação. Um é o caminho do sacrifício, o outro é o caminho da conquista.

E o baba voltou a falar:

– A lei do carma aplica-se a todos igualmente. Nossas *samskaras* passadas estão arraigadas no inconsciente. Essas *samskaras* ou impressões latentes criam bolhas de pensamentos e se expressam através de nossas palavras e atos. É possível ao aspirante libertar-se delas. Tais lembranças têm um baluarte no leito das *samskaras*. Os que são capazes de queimá-las no fogo da desafeição ou do conhecimento estão livres da servidão criada por elas. É como uma corda queimada que perde o poder de atar, embora ainda pareça uma corda. Quando as impressões latentes, posto que ainda no inconsciente, são queimadas pelo fogo do conhecimento, perdem o poder de germinação e não crescem mais. São como grãos de café torrados. Podemos usá-los para preparar uma xícara de café, mas já não têm o poder de crescer. Há duas variedades entre as diversas qualidades de *samskaras*. Uma qualidade útil no caminho da espiritualidade, outra que constitui um obstáculo.

"A desafeição, ou desapego, é como o fogo que queima o poder vinculativo das *samskaras* passadas. Os benefícios havidos pelo renunciante com a renúncia ao mundo são obtidos pelo chefe de família através da prática do desapego. O renunciante alcança a iluminação fora do mundo e o chefe de família no próprio mundo.

"Desapego não significa indiferença nem desamor. Desapego e amor são a mesma coisa. O desapego dá liberdade, mas o apego acarreta servidão. Através do desapego, o chefe de família permanece cônscio do seu propósito na vida e cumpre sua obrigação com desprendimento. Seus atos tornam-se meios para ele. Na renúncia, o renunciante permanece constantemente cônscio do propósito de sua vida e alcança a iluminação. A desafeição e a renúncia expandem a consciência. Quando o indivíduo aprende a expandir a consciência ou se une à consciência universal, já não permanece no interior dos limites do seu carma. Liberta-se de todo.

"Um grande homem assim tem o poder de mostrar o caminho da liberdade a outros. Esteja ele no mundo ou fora dele, pode também curar a doença nascida de dívidas cármicas. Pode permanecer intocado ou superior, sem se envolver, ou colher os frutos nascidos das dívidas cármicas alheias. Um verdadeiro mestre tem o domínio de si mesmo e move-se livremente no mundo. Quando o oleiro acaba de fazer seus potes, a roda da olaria ainda gira por algum tempo, mas já não fabrica potes. Para uma alma liberada, a roda da vida permanece em movimento, mas seu carma já não lhe cria nenhuma servidão. Suas ações são chamadas ações sem ação. Quando o aluno tem competência para trilhar o caminho da iluminação, um grande homem poderá guiá-lo com facilidade e, um dia, ele também atingirá a liberdade final."

Pedi a Baba que me falasse sobre os grandes homens e sua capacidade de curar os outros. Disse ele:

– Há três níveis de cura: física, mental e espiritual. O homem é um cidadão desses três níveis. O que tem poder espiritual pode curar outros em todos os níveis mas, se tentar fazer da cura sua profissão, sua mente e sua força de vontade voltarão a correr novamente para sulcos terrenos. Uma mente dissipada e mundana não está suficientemente apta para curar ninguém. Logo que a pessoa se torna egoísta, a mente altera seu curso e passa a fluir para baixo, para os sulcos inferiores. O abuso do poder espiritual enfraquece e perturba a própria base desse poder, que é chamado *icha shakti*. Os grandes homens sempre dizem que todos os poderes pertencem ao Senhor. Eles são apenas instrumentos.

"Todo ser humano tem possibilidades de curar. A energia curativa flui, ininterrupta, de todo coração humano. Pelo emprego correto da vontade dinâmica, os canais da energia curativa podem ser dirigidos para a parte do corpo e da mente que está sofrendo. A energia curativa alimenta e fortalece o sofredor. A chave da cura é o desinteresse, o amor, a vontade dinâmica e a devoção indivisa ao Senhor que está no íntimo."

Depois de passar quinze dias em companhia do baba, voltei com a conclusão de que a arte de viver e ser, no mundo ou fora dele, reside na consciência do propósito da vida e no desapego.

No ashram do Maatma Gandhi

No fim da década de 1930 e no princípio dos anos quarenta, tive a oportunidade de ficar com o Maatma Gandhi no *ashram* de Vardha, onde conheci muitas almas cheias de delicadeza e ternura. Enquanto lá estive, observei o Maatma Gandhi servindo um leproso. O leproso era um douto sanscritista, frustrado e colérico, que o Maatma tratava pessoalmente com desvelo e amor. Isso era um exemplo para todos nós. O modo com que ele servia os doentes me causou duradoura impressão.

Meu mestre disse-me que observasse o Maatma, sobretudo quando em movimento. Ao fazê-lo, descobri que o seu andar era muito diferente do de outros sábios. Ele caminhava como se estivesse separado do corpo. Dir-se-ia que puxasse o corpo, como o cavalo puxa a carroça. Rezava constantemente pelos outros; não odiava nenhuma religião, nenhuma casta, nenhum credo, nenhum sexo, nenhuma cor; e tinha três mestres: Cristo, Crisna e Buda.

Pioneiro no reino da consciência de *ahimsa*, Gandhi sempre fazia experiências na expansão da capacidade humana de amar. Um homem assim encontra alegria em todas as tempestades e provações da vida. Gandhi nunca se protegia, mas protegia sempre seu princípio único de *ahimsa* ou amor. A chama do amor ardia nele noite e dia, como fogo que nada vinga apagar. Completa confiança em si e total destemor eram as pedras fundamentais de sua filosofia. A violência lhe tocava as próprias profundezas do ser mas, corajoso num espírito de *ahimsa*, prosseguia só. Não havia uma palavra de protesto e não havia um lampejo sequer de hostilidade em sua vida.

Enquanto estive com Gandhi, anotei estes princípios em meu diário:

1) A não-violência e a covardia não podem andar juntas, porque a não-violência é uma perfeita expressão de amor, que expele o medo. O ser corajoso por estar armado supõe um elemento de medo. O poder de *ahimsa* é uma força extremamente vital e ativa, que não provém da força física.

Maatma Gandhi, o Pai da Nação

2) O verdadeiro adepto de *ahimsa* não acredita em decepção. Paira acima de todas as decepções, em perene felicidade e paz. Essa paz e alegria não acodem ao que se orgulha do seu intelecto ou do seu saber, mas acodem ao que está cheio de fé e tem a mente indivisa e desprendida.

3) O intelecto produz muitas maravilhas, mas a não-violência diz respeito ao coração. Não vem através de exercícios intelectuais.

4) O ódio não é superado pelo ódio, mas pelo amor. Eis aí uma lei inalterável.

5) A devoção não se limita à mera adoração com os lábios. É a entrega de si mesmo com a mente, os atos e as palavras.

6) Gandhi não acreditava nas barreiras criadas pelas religiões, culturas, superstições e desconfiança. Ensinava e vivia a fraternidade de todas as religiões.

7) Gandhi acreditava na arte de viver sem se preocupar com os frutos dos próprios atos. Praticava a despreocupação com o bom ou o mau êxito, mas prestava atenção ao trabalho que estava à mão sem a menor ansiedade ou fadiga.

8) A fim de gozar a vida, não devemos apegar-nos egoisticamente a coisa alguma. O desapego significa ter um motivo puro e um meio correto sem qualquer preocupação ou resultado desejado. O que abre mão dos atos cai, mas o que abre mão da recompensa levanta-se e é liberado.

9) A ioga é a reintegração completa de todos os estados da mente, do intelecto, dos sentidos, das emoções, dos instintos e de cada nível da personalidade. É um processo de integração.

10) A nossa mantra torna-se o nosso cajado na vida e nos carrega através de todas as provações. Cada repetição tem um novo sentido e nos aproxima ainda mais de Deus. É capaz de transformar o negativo da personalidade em positivo, e de integrar gradualmente pensamentos divididos e opostos em níveis mais e mais profundos de consciência.

Depois de conhecer muitas personalidades maravilhosas e notáveis, como Mahadeo Desai, Mira Ben e Prabhavati Bahen, fiz amizade com Ram Dass, filho do Maatma Gandhi, e levei-o para Kausani, um dos lugares mais belos e fascinantes do Himalaia.

"Sacrifício, não, mas conquista, sim" – Tagore

Quando adolescente, eu viajava amiúde com meu condiscípulo, Dandi Swami Shivananda, de Gangotri, uns vinte anos mais velho do que eu. Em certa ocasião fizemos uma viagem a Mussouri, local de férias no sopé do Himalaia. No caminho, detivemo-nos numa cidadezinha chamada Rajpur. Nessa época, Tagore, famoso poeta do Oriente, estava passando uns dias num chalé das vizinhanças. Meu condiscípulo, de Bengala, conhecia Tagore e sua família, de sorte que fomos visitá-lo, e recebemos convite para viver em sua companhia, no mesmo chalé, durante dois meses. Tagore gostou muito de mim e pediu a meu condiscípulo que me mandasse para Shantiniketan, a instituição educacional que ele fundara.

Eu sentia um grande desejo de visitar Shantiniketan e fui para lá em 1940. Rathindranath Tagore, filho de Rabindranath Tagore, recebeu-me e arranjou para eu ficar num dos chalés perto de Sri Malikji, zeloso e incondicional admirador de Tagore e seu instituto. Shantiniketan era então um dos mais belos e fascinantes *ashrams* do mundo. Várias centenas de estudantes ali viviam e estudavam.

Tagore era conhecido como *Gurudeva* pelos estudantes de Shantiniketan e como *Thakur* pelo público em geral. Poeta muito talentoso de Bengala, e um dos maiores poetas de todos os tempos, sua personalidade multifacetada, formosa e elevada, era conhecida de todo o mundo nos terrenos da religião, da filosofia, da literatura, da música, da pintura e da educação.

Durante o período em que vivi com Tagore, pude observar-lhe a devoção ao trabalho. Ele estava sempre empenhado em sua prática diária ou ocupado em escrever ou pintar. Gastava pouquíssimas horas dormindo e não se deitava durante o dia. Os achaques da idade não lhe alteraram os hábitos. Eu o tinha na conta de um diligente *sadhaka*. É verdade que um objetivo de todos os *sadhakas* do mundo é ser um tanto ou quanto como deus. Um homem semelhante a deus como Tagore não precisava imitar outros homens semelhantes a deus a fim de expressar-se. Sua vida não era

A caminho de Mussouri.

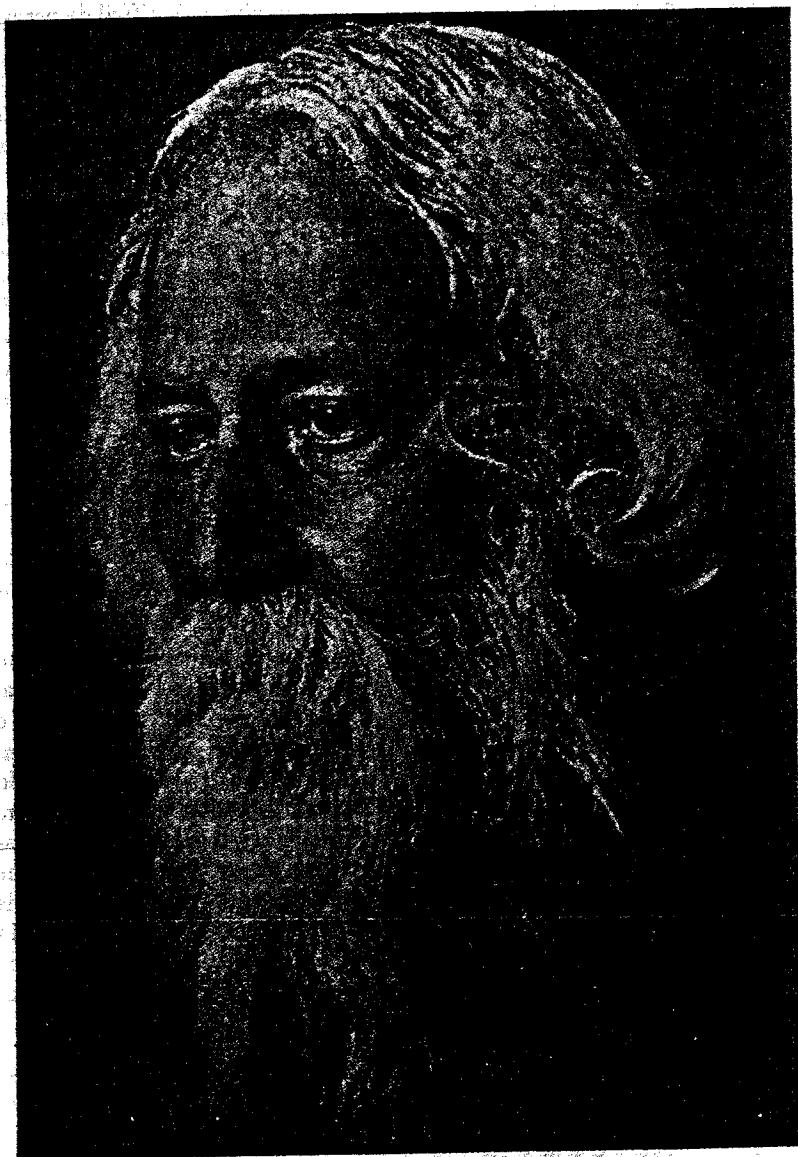
a de um asceta, tão árida quanto um deserto. O ascetismo é o mais antigo dos caminhos para a iluminação, e o ascetismo autêntico, com efeito, faz jus à reverência. Igualmente digno é trilhar o caminho mais difícil de permanecer no mundo enquanto cumprimos nossas obrigações. Tagore acreditava em viver no mundo sem pertencer a ele.

Um verso de um dos seus poemas, "A libertação pelo desapego do mundo não é a minha", expressa-lhe com vigor a filosofia. O ponto crucial de sua vida não era o sacrifício, mas a conquista.

A humanidade tem visto três tipos de grandes homens: primeiro, os que nascem talentosos e grandes; segundo, os que atingem a grandeza por um esforço sincero e desprendido; e terceiro, os infelizes a que a imprensa e a publicidade impingem a grandeza. Tagore pertencia à primeira categoria – poeta e gênio muito bem dotado e altamente talentoso. Vivia e praticava de acordo com o que está escrito nos Upanixades: "O que quer que se mova no universo é habitado pelo Senhor. Goza tu o que foi distribuído por Ele. Não cobices a riqueza de ninguém."

Admirei Tagore, o ser humano mais universal, mais abrangente e mais completo que já conheci, personificação viva de toda a humanidade, que tanto conhecia o homem sabedor quanto o homem autor. No seu entender se devia permitir a uma pessoa crescer pela satisfação das exigências da sociedade e, ao mesmo tempo, da necessidade de solidão. Às vezes eu lhe chamava o Platão do Oriente.

Suas concepções a respeito do Oriente e do Ocidente eram muito admiradas pelas pessoas de ambas as culturas. Tagore não queria orientalizar a mente nem o comportamento externo dos ocidentais. Queria que o Ocidente desse as mãos ao Oriente na nobre disputa pela promoção das idéias mais elevadas, comuns ao mundo inteiro. A seu ver, a evolução do homem é a evolução da personalidade criativa. Só o homem tem a coragem de enfrentar as leis biológicas. Por trás de todas as grandes nações e obras nobres realizadas no mundo, tem havido nobres idéias. A idéia é o algo que representa a própria base da criatividade. Não há negar que a vida está cheia de infortúnios, mas feliz é o que sabe utilizar as idéias capazes de torná-lo criativo. O tempo é o maior de todos os filtros e as idéias são a melhor de todas as riquezas. A fortuna é a rara oportunidade que nos ajuda a expressar nossas idéias e capacidades no momento apropriado.

A filosofia de Tagore superou todos os obstáculos que, a princípio, obscurecem a verdade. De acordo com ele, faz séculos que a morte tem sido um manancial de medo e sofrimento porque as pessoas não refletem sobre a verdade. "Quem sofre e teme a aproximação da morte deve ouvir e aprender a música de Tagore, que nos ensina a perder-nos no infinito e no eterno. Basta-nos ajustar as cordas do nosso ser e fazê-las mover-se em

Tagore — poeta do Oriente.

harmonia com a música do cosmo. Toda mulher e todo homem devem lutar por garantir a luz da verdade, e viver simples e sabiamente pelo bem comum." O ritmo da música sustentava a filosofia de vida de Tagore. A música lhe completava a personalidade, mas não é só isso. Suas palavras e melodias ainda ressoam na mente dos poetas e músicos de hoje.

Tagore acreditava que todas as existências formam o organismo único do cosmo inteiro, emitindo amor como a mais alta manifestação de sua energia vital e tendo por alma o centro da galáxia espiritual. O mundo, até agora, só fala na religião de Deus, mas Tagore sempre falou na religião do homem. É a religião do sentir através da experiência extática, que representa a opinião em sua fase mais intensa e mais viva, oferecendo uma solução muito melhor para os males da vida do que a filosofia e a metafísica. O amor de Deus é uma resposta simpática e sintética. O ser finito é um requisito de Deus como Deus é um requisito do ser finito.

"A alma do lótus continua florindo pelos séculos em que estou preso, como se não pudesse escapar. Não há fim para o abrir das suas pétalas, e o mel tem nele tamanha doçura que tu, como um ser encantado, nunca podes desertá-lo e, portanto, estás preso, como eu, e a salvação não está em parte alguma."

Depois de parar em Shantiniketan, decidi partir para o Himalaia, a fim de assimilar as idéias que lá adquirira, e depois formular diretrizes para o futuro.

Ainda me lembro de alguns versos notáveis dos poemas de Tagore:

Leio no problema da vida e do mundo,
A espiral das lágrimas e da alegria

Vejo diante de mim os pés diligentes do vento,
Sugerindo humanidade e lei.
O vento se apressa
Para a sombra cuja paixão se detém;
Vamos sair e começar de novo, ó vento,
Para construir de novo uma vida e um canto melhores?

Endireitando a História

Quando eu tinha, mais ou menos, vinte anos, viajei para Simla, local de férias do Himalaia no Pendjab. Ali conheci um *swami* que as pessoas chamavam de Punjabi Maharaj. Era um homem muito alto, saudável, bem apessoado e culto. Eu trazia um guarda-chuva na mão e ele perguntou-me:

— Por que carregas esse fardo? Sê livre!

Enquanto caminhávamos juntos, principiou a chover. Como eu tivesse um guarda-chuva, abri-o. E ele voltou a perguntar-me:

— Que estás fazendo?

— Estou-nos protegendo da chuva, — respondi.

— Não faças isso! — bradou o *swami*. — Há um elo entre o céu e a terra; por que nos privaríamos dele? Lança de ti o guarda-chuva e outros pertences se quiseres caminhar comigo.

— Ficarei molhado, Swamiji, — protestei.

— Se tens medo de molhar tuas roupas, de duas uma: ou não uses roupas e caminha livremente, ou sai das fileiras.

O que ele disse me impressionou. Deixei o guarda-chuva ali mesmo no caminho. E desde então, quando chove e estou fora de casa, gosto realmente de apanhar chuva.

No inverno, esse *swami* andava por ali vestindo apenas uma roupa fina de algodão; era a única coisa que possuía. Se bem fosse um homem de natureza sumamente sensível, dominara de todo sua sensibilidade ao calor e ao frio. Quando a mente estabelece contato com os objetos do mundo através dos sentidos, experimenta sensações de dor e prazer. Se aprendermos a não estabelecer contato com os objetos do mundo, estaremos livres das influências externas e encontraremos maior prazer íntimo.

Muito ilustrado, esse *swami* só falava inglês. Discorria durante horas sobre literatura inglesa e discutíamos a vida e as obras do *Swami* Rama

Tirtha. Recebeu seu diploma de licenciado em ciências da Universidade de Oxford e doutorou-se em ciências pela Universidade de Lahore. Embora desse aulas sobre a universalidade da filosofia *Vedanta*, execrava o domínio estrangeiro na Índia. Em seu tempo, antes da independência, havia uma seitazinha de *swamis* modernos que não praticavam a meditação. Jovens e cultos, compreendiam a situação do país e participavam do movimento em prol da liberdade. Eu lhes chamava "*swamis* políticos". Diziam eles: "Primeiro a liberdade externa, depois a interna." Esse era um *swami* político. Na verdade, tornara-se *swami* levado pela frustração, depois de ver a situação do país. Embora fosse bondoso e delicado, sabia ser muito rebelde. Não seguia as disciplinas normais do renunciante, mas passava o tempo todo preocupado com a idéia de derrubar o império britânico na Índia, seu culto e sua meta na vida. Às vezes, chegava a ser preso duas vezes por dia por insultar ingleses. Aperreava os funcionários britânicos dizendo-lhes intempestivamente que saíssem do país. Xingava-os e dizia:

— Estais falando inglês e não conheceis gramática. Não conheceis sequer a vossa própria língua. Que tragédia haver o governo imperial mandado para a Índia gente tão inculta, que não vem de boas famílias.

Certa vez, quando estávamos caminhando pelas colinas, nos arredores de Simla, um oficial britânico veio galopando em nossa direção. Quando nos viu, sofreou o cavalo de repente e berrou:

— Saí do caminho, macacos!

Fez um movimento brusco com as rédeas e acabou caindo do animal, em plena estrada.

Disse-lhe o *swami:*

— Tenho todo o direito de andar por esta estrada. Estou no meu país. Não te metas onde não és chamado. Levanta-te, monta no teu cavalo e vai-te. Não sou teu escravo.

No dia seguinte, o *swami* foi preso mas, duas horas depois, estava novamente em liberdade. O governador do Estado conhecia-o de Londres e sabia que o *swami* criaria mais problemas na cadeia do que fora.

Durante esse tempo, eu alimentava alguns preconceitos contra os governantes britânicos da Índia e pensei em ajudar o movimento de libertação. O *swami* disse:

— Empunhemos fuzis e destruamos, um por um, os administradores britânicos.

Desejava sinceramente que eu me aliasse a ele e combatesse os britânicos. Dizia que isso não era pecado.

— Se alguém entrar em tua casa e tentar destruir tua cultura, não podes defender-te?

Era o *swami* mais amargo que já conheci.

Eu acreditava na filosofia, na psicologia e no movimento do Maatma Gandhi, mas nunca tomei parte ativa em política. Eu queria convencer o *swami* a deixar a política e ele queria convencer-me a entrar na política. Isso durou quatro meses. Ele tentou persuadir-me, mas meu mestre foi taxativo: eu não devia ingressar em nenhum partido político. E explicou-me:

— És do cosmo e cidadão do mundo. Por que te identificarias só com o povo da Índia? Tua preocupação deve ser com toda a humanidade. Em primeiro lugar, adquire força interior, aguça o intelecto, aprende a dominar as emoções e, depois, age. A devoção fanática a um país, ainda que seja um país espiritualmente tão grande quanto a Índia, não convém a um homem de Deus.

Meu mestre recomendou-me que não me envolvesse em violência e ainda predisse a data da independência da Índia.

Mais tarde, o *swami* de Simla e eu nos separamos. Decidimos trilhar nossos próprios caminhos. Nesse mesmo ano, ele foi morto pela polícia britânica no Vale de Kulu, no Himalaia.

Durante minha estada em Simla, conheci um missionário britânico que estava escrevendo um livro sobre cultura e filosofia indianas e que me permitiu examinar o manuscrito. Fiquei horrorizado ao ler as inumeráveis mentiras que ele escrevera sobre a Índia, sua cultura, sua civilização e sua filosofia. Chegou até a tentar converter-me e quis que eu me consorciasse com uma inglesinha rica! Conversão para o que? Para outro estilo de vida e outros hábitos culturais? Eu amava o cristianismo por via do meu amor a Cristo e à Bíblia, mas esse homem criou uma repulsa em minha mente. Depois disso, passei a evitar os missionários cristãos que vagavam ao redor das cidades, das aldeias e pelas montanhas. Essa gente, financiada e sustentada pelo governo britânico, não passava de políticos fantasiados de missionários. Escrevendo livros assim, tentavam acintemente prejudicar a antiga civilização védica. Deformavam a cultura e a filosofia védicas, mãe de várias religiões, como o hinduísmo, o jainismo, o budismo e o siguismo. O *swami* de Simla, que costumava opor-se a eles, dizia:

— Vós, missionários, não sois verdadeiros seguidores do Cristo e nem sequer conheceis a Bíblia.

Por 200 ou 300 anos, os missionários britânicos tentaram destruir a civilização da Índia. Mas não puderam realizar seu intento por duas razões principais: (1) os arquitetos e guardas da cultura e da civilização indiana são as mulheres, e (2) setenta e cinco por cento do povo da Índia vivem nas aldeias e permanecem imunes à influência dos governantes e missionários britânicos.

A despeito de várias centenas de anos de dominação estrangeira na Índia, não vingaram mudar a civilização indiana. Lograram êxito, contudo, na alteração da língua e do vestuário e na introdução de alguns costumes ingleses. O governo britânico lançou extensa campanha publicando literatura como a do livro escrito pelo missionário. Escritores e eruditos indianos eram reprimidos e até detidos e encarcerados se refutassem tais livros ou condenassem a campanha. A literatura publicada pelos britânicos criou confusão e desorientou estudiosos e viajantes ocidentais, impedindo-os, por essa maneira, de estudar a imensa riqueza literária, filosófica e científica indiana. Conquanto Wilson, Max Mueller, Goethe e outros escrevessem livros sobre ioga e sobre o sistema de filosofia indiana nos Upanixades, subsistem a confusão e a má compreensão entre o público ocidental em geral. Autores ocidentais não escreveram um único livro honesto e sincero sobre ioga antes de Annie Besant, a celebrada teosofista que se tornou presidenta do partido do Congresso da Índia. Tenho pena dos viajantes e pseudo-escritores que ainda persistem em escrever livros sobre ioga, filosofia, tantra e vários assuntos espirituais, sem os estudar, conhecer ou praticar.

Introduziu-se de caso pensado nas escolas uma história deformada da Índia. Por esse motivo, estudantes indianos esqueceram sua cultura e sua história. Perder o contato com a própria tradição é perder o contato consigo mesmo. Os britânicos modificaram por inteiro a educação na Índia. Todos os assuntos foram ensinados no meio inglês, e cada estudante era obrigado a rezar segundo o modo preconizado pelos missionários britânicos. Não havia liberdade de pensamento, de sorte que não poderia haver liberdade de palavra nem de ação. Se alguém não tivesse uma educação à moda britânica, jamais conseguiria um bom emprego. Através disso pude ver como o poder corrompe uma nação e lhe destrói a cultura e a civilização.

A maneira mais segura de destruir um país e sua cultura é modificar-lhe primeiro a língua. Os britânicos foram bem-sucedidos porque assim agiram. Mesmo depois de trinta anos de independência, o inglês ainda é a língua oficial da Índia. Como esta não tinha uma língua nativa, havia e ainda há falta de comunicação entre os vários Estados indianos. Os rajás haviam combatido entre si e não podiam formar uma frente unida. Dessa maneira, a Índia sofreu durante várias centenas de anos. A unificação da língua é uma das maiores tarefas que o povo e o governo ainda têm de completar. Uma língua boa e correta produz boa literatura, que enriquece a cultura, a educação e a civilização. Na Índia, isso ainda está faltando e, por esse motivo, compatriotas de várias partes do país ainda hoje não podem comunicar-se.

O atual sistema de educação na Índia deve ser cuidadosamente adaptado aos variados requisitos da civilização indiana. Urge incentivar em toda a parte a construção de novos tipos de escolas, a arte e a literatura nacionais.

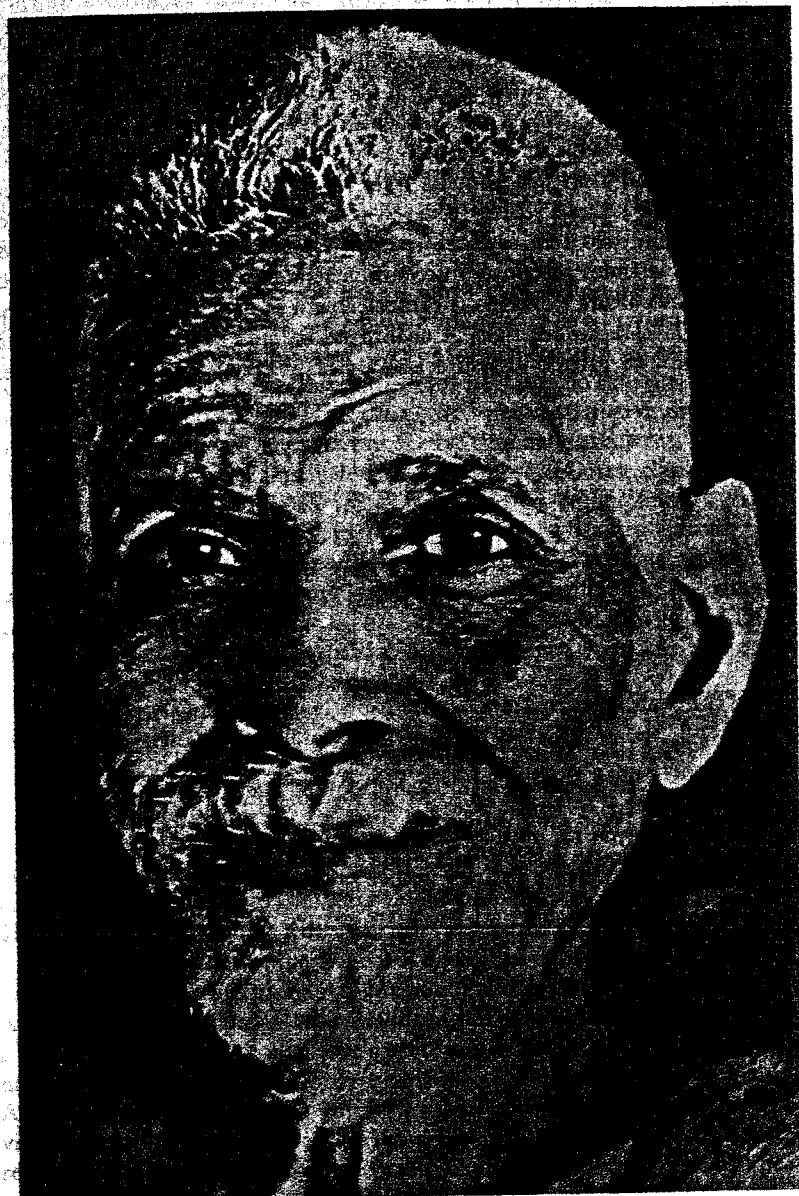
Ainda há que pensar na reconstrução fundamental de toda a ordem da sociedade indiana, através da literatura, da ciência, da arte e da educação. O método passivo de pensar e viver precisa ser mudado em dinamismo positivo e ativo. O traço mais característico da educação há de ser inseparável, ligando as várias culturas e sua civilização coletiva. Lembra-te das palavras dos sábios que te aconselharam a adquirir e utilizar tudo o que fosse de valor no desenvolvimento do pensamento humano e da cultura humana em tua história antiga. Aprende logo a compreender a necessidade de dar uma educação realmente internacional à geração que ora está subindo na Índia.

O *swami* de Simla abriu-me os olhos para o fato de que, antes do domínio britânico, a Índia era muito rica, não só em cultura, civilização e espiritualidade, mas também em jóias e ouro. Invasores, como os mongóis (depois que cruzaram o rio Sindhu, vindos do oeste da Índia) e, mais tarde, os franceses, os portugueses e, afinal, os britânicos, lhe causaram muito sofrimento. Destruíram a Índia financeira, econômica, cultural e histórica, outrora denominada o Pássaro de Ouro. As jóias preciosas, o ouro e outras riquezas indianas, saqueadas por esses invasores, foram levadas para os seus países de origem. Antigamente, o povo tinha fartura e havia muito menos disparidade entre ricos e pobres. Depois, estruturou-se o sistema de castas na Índia de acordo com a distribuição do trabalho, mas foi completamente alterado pelos britânicos, que criaram o ódio com sua política de dividir para reinar. Ao dizê-lo, não o digo com ódio; é verdade nua e crua.

Muitos viajantes, ainda hoje, desconhecem a verdadeira história indiana. Repetem sempre a mesma pergunta:

— Se a Índia é espiritual, por que há nela tanta pobreza?

Não sou político, mas muita gente me pergunta por que a Índia é tão pobre. Por isso digo que a espiritualidade e a economia não poderiam acomodar-se em nenhuma história do mundo. São duas coisas totalmente diversas. A religião e a política sempre permaneceram separadas na Índia, e as pessoas espirituais nunca se envolveram em política. Essas duas forças díspares não poderiam unir-se na Índia; por conseguinte, o poder decresceu. A pobreza não decorre da espiritualidade, mas ocorre porque não se pratica a espiritualidade e se desconhece a técnica de integração da espiritualidade na vida externa. Os que ora governam o país deveriam dar tento desse fato. A Índia sofre porque os seus líderes e o seu povo ainda hoje não têm uma visão unificada que lhes permita elevar o país como um todo. Não têm resposta para o problema da população, para o qual, aliás, parece não haver nenhuma solução imediata. Creio que a Índia sobrevive apenas em razão da sua rica herança espiritual e cultural.

Cultura e civilização são dois aspectos inseparáveis do estilo de uma comunidade, de um país ou de uma nação. Um homem pode ser considerado culto se se vestir corretamente e depois se apresentar diante dos outros. Mas isso não faz dele, necessariamente, um homem civilizado. A civilização refere-se ao modo com que a nação pensa e sente; ao desenvolvimento dos seus ideais, como o não-matar, a compaixão, a sinceridade e a fidelidade. A cultura é um modo externo de vida. E se a cultura é uma flor, a civilização é a fragrância da flor. Um homem pode ser pobre e, no entanto, pode ser civilizado. Um homem culto, sem civilização, embora bem-sucedido no mundo externo, não tem utilidade para a sociedade porque lhe faltam as qualidades e virtudes interiores que enriquecem o crescimento do indivíduo e da nação. A cultura é externa, a civilização é interna. No mundo moderno, impõe-se a integração dos dois. A civilização indiana é muito rica, mas sua cultura tornou-se pseudo-inglesa e ainda cria problemas na Índia de hoje.

Maharshi Raman

Maharshi Raman

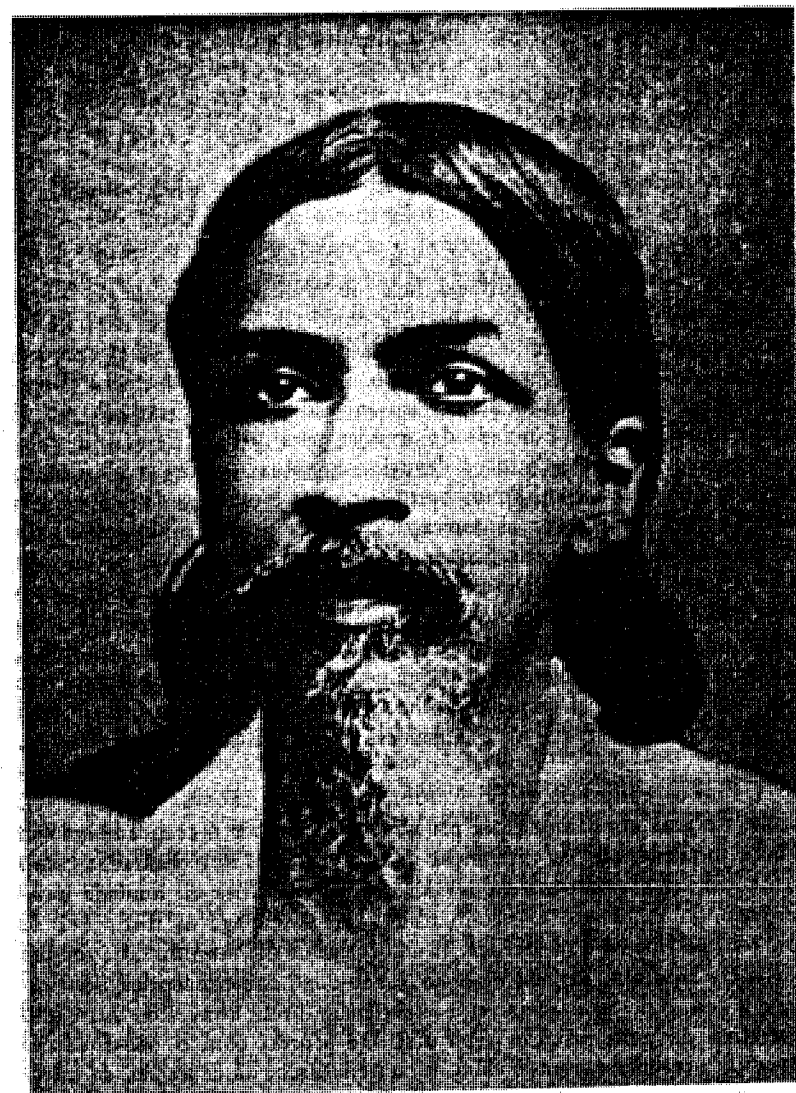
O dr. T. N. Dutta, eminente médico de Gajipur, U. P., escreveu-me que viria ver-me em Nasik, onde eu estava vivendo. Durante a visita, contou-me a razão de sua vinda. Confessou ansiar por levar-me a Arunachalam, no sul da Índia, a fim de ter um *darshan* do Maharshi Raman. No inverno de 1949 partimos para Arunachalam. Minha estada nesse *ashram* foi breve, porém muito agradável. Naqueles dias, o Maharshi Raman estava guardando silêncio. Diversos estudantes estrangeiros se hospedavam no *ashram*. Shastriji, um dos seus discípulos mais eminentes, encarregava-se de falar enquanto o Maharshi Raman permanecia tranqüilamente sentado.

Descobri em sua presença uma coisa muito rara, que pouquíssimas vezes tenho encontrado. Às pessoas de coração aberto à voz do silêncio que perenemente se ouvia no *ashram*, bastava-lhes sentar-se perto dele para poderem responder a qualquer pergunta vinda de dentro. É verdade que o simples fato de estar em presença de um grande homem é o mesmo que experimentar o *savikalpa* samádi. Maharshi Raman não tinha um guru físico. "É o maior e o mais santo homem nascido em terras da Índia nos últimos cem anos", afirmou o dr. Radhakrishnan. O olhar de um grande homem como ele purifica o caminho da alma.

De acordo com o Maharshi Raman, o mero refletir sobre a pergunta "Quem sou?" pode levar o aspirante ao estado de auto-realização. Se bem esse método de reflexão seja a pedra fundamental das filosofias tanto do Oriente quanto do Ocidente, foi revivido mais uma vez por Maharshi Raman, que pôs em prática toda a filosofia *Vedanta*. "Ele colocou a Ilíada numa casca de noz." Conhecendo o nosso eu, conhecemos o eu de todos. O método profundo e simplíssimo da auto-indagação é aceito assim pelos orientais como pelos ocidentais.

Depois de passar cinco dias na atmosfera espiritualmente vibrante de Arunachalam, voltamos a Nasik. Após a visita ao grande sábio, decidi abrir mão da dignidade e do prestígio de Shankaracharya. Para um renunciante como eu, levar uma vida tão atarefada tornara-se opressivo e enfadonho.

Minha visita a Arunachalam e o *darshan* do Maharshi só serviram de acrescentar lenha ao fogo que já ardia dentro de mim. "Renuncia, que alcançarás." Isso me ecoava no coração com tanta força que minha permanência em Nasik se tornava cada vez menos possível. Não me era fácil fugir, largando abruptamente todas as responsabilidades mas, um dia, me enchi de coragem e troquei Nasik pela minha habitação himalaica.

Tenho a firme convicção de que ninguém pode ser iluminado por ninguém, mas os sábios inspiram e transmitem a força interior sem a qual a auto-iluminação é impossível. No mundo de hoje, os seres humanos não têm nenhum exemplo para seguir. Ninguém os inspira e, por isso, a iluminação parece ser tão difícil. Os grandes sábios são fonte de inspiração e iluminação.

Iogue Sri Aurobindo

Encontro com Sri Aurobindo

Como me fosse insuportável ficar no ambiente exigente de Nasik, veio-me a idéia de visitar Pondicherry e conhecer Mãe* e Sri Aurobindo. Os alunos desse *ashram*, muito devotados, tinham plena convicção de que o modo de vida que seguiam era supremo. No dia em que cheguei a Pondicherry anunciava-se o concerto de um músico famoso, discípulo de Sri Aurobindo. Mãe teve a bondade de arranjar para que eu ficasse num dos alojamentos e ouvisse os cantos devocionais entoados por aquele grande iniciado. Minha estada em Pondicherry por vinte e um dias deu-me tempo suficiente para robustecer as aspirações que eu recebera no *ashram* do Maharshi Raman em Arunachalam. Nesses dias de alvoroço íntimo eu me sentia muito inquieto. De um lado, estava sendo puxado pela renúncia e, do outro, pelo chamado do dever que me fora cometido. Enquanto estive em Pondicherry, encontrei-me diversas vezes com Sri Aurobindo, que teve a bondade de falar comigo. Sua personalidade era muito dominante e inspiradora. Comecei respeitando-lhe o enfoque moderno e intelectual da ioga integral. Quero dar-vos a substância do que entendi ser essa filosofia.

Define-se a filosofia de Sri Aurobindo como o não-dualismo integral. Trata-se de uma abordagem que procura compreender a realidade em sua unidade fundamental. As diferenças que observamos são encaradas como desenvolvimentos que ocorrem no interior da estrutura da unidade oniabrangente do Absoluto. O não-dualismo integral apaga as distinções de ética, religião, lógica e metafísica. A convicção de Sri Aurobindo é de que a realidade absoluta, em sua essência, é não-dual, não-conceptual e logicamente indefinível. Só é acessível à experiência direta através da introvisão penetrativa da pura intuição espiritual. De acordo com o não-dualismo *(Advaita)*, a realidade situa-se além do materialismo, da causação, da estrutura e do número. A mesma convicção está expressa na filosofia de *Nirguna*

* Discípula de Sri Aurobindo.

Brahman em *Vedanta*, no conceito de *Sunyata* na filosofia budista, no conceito de *Tao* na filosofia chinesa, e na filosofia de *Tattvatita* no *Tantra*.

A filosofia do *Tantra* sustenta de forma coerente que podemos adiantar-nos espiritualmente despertando a força primordial latente chamada *kundalini*. Quando esse potencial espiritual é canalizado de maneira sistemática ao longo de níveis mais elevados, a vida se torna fácil, espontânea e em harmonia com a meta suprema da existência. O *vaisnavismo* recomenda o método do amor e da devoção através da sincera entrega de si mesmo a Deus. Nesse sentido, aliás, o misticismo cristão e o sufismo têm estreita semelhança com o *vaisnavismo*. "Seja feita a tua vontade, e não a minha," é o segredo do crescimento espiritual deles. O *Vedanta*, por contraste, põe em destaque o método da reflexão e da auto-indagação. Inclui a discriminação entre o eu e o não-eu e, a seguir, a renúncia dos apegos emocionais ao não-eu. Tanto que se eliminam as falsas identificações com o não-eu, revela-se a luz da verdade que nele habita.

De acordo com a filosofia integral de Aurobindo, não só a natureza inferior mas também a natureza superior do homem e do universo procedem da mesma realidade final. A natureza inferior é a força física no mundo e a fonte dos impulsos instintuais na mente inconsciente. A natureza superior é formada de consciência pura e aspirações espirituais. Evolve da matriz da natureza inferior, através da percepção da força criativa suprema, chamada *Shakti*. Aurobindo chama a essa força Mãe Divina. O homem tem de estar fielmente cônscio dela a fim de atingir a compreensão do Absoluto. Essa percepção supõe uma tranqüila integração do material no espiritual. Segundo Aurobindo, "o suprafísico só poderá ser realmente dominado em sua plenitude quando mantivermos nossos pés firmemente assentados no físico".

A mencionada percepção desenvolve-se através de dois métodos. O primeiro é a integração da meditação na ação. Através da meditação, rasgamos o véu da ignorância. Por esse modo, compreendemos o nosso verdadeiro Eu, que é o verdadeiro Eu de todos. Através de atos desprendidos e afetuosos, relacionamo-nos criativamente com os outros. O segundo método de percepção do Divino reside no conhecimento das forças ascendentes e descendentes da consciência. Esses movimentos poderosos expandem a pouco e pouco a perspectiva espiritual e nos ajudam a elevar-nos a níveis mais altos de consciência. O movimento descendente faz baixar a luz e a força da consciência mais elevada a todos os estratos da nossa existência material, transformando assim o físico em canais eficazes de expressão do amor universal e da verdade que tudo unifica.

O não-dualismo integral vê a evolução como a automanifestação progressiva do espírito universal em condições materiais. Todo o universo é uma expressão, ou jogo, do Divino. O mais alto destino do homem é estar

plenamente cônscio do espírito universal e, dessarte, fazer progredir a causa da evolução. Por conseguinte, a essência da ioga integral reside na percepção ativa e efetiva do indivíduo com o Divino superconsciente.

Sri Aurobindo sintetiza a antiga filosofia de *Advaita* na crença de que não é necessário ao homem moderno alcançar a meta do ascetismo não-dualístico através da renúncia. A meditação na ação com desapego também prepara o *sadhaka* para despertar *kundalini*, a força primordial. Pela realização da união entre *Shakti* e Xiva, a humanidade pode ser elevada a uma percepção mais alta.

Eu estava plenamente convencido de que a filosofia de Sri Aurobindo obteria amplo reconhecimento por parte dos espíritos modernos da Índia e muito especialmente do Ocidente. Mas, acostumado ao sossego e à solidão, não poderia ajustar-me às numerosas atividades do *ashram*, como dramas, concertos e partidas de tênis. Regressei a Nasik e decidi partir de lá em demanda da minha habitação himalaica.

A onda de bem-aventurança

Certa vez visitei Chitrakoot, um dos lugares sagrados onde, de acordo com o poema épico *Ramayana*, o Senhor Rama viveu durante o seu exílio, situado na cordilheira de Vindhya, uma das mais compridas cadeias de montanhas da Índia. Segundo a antiga tradição, os *Vairagi sadhus* visitam Brindaban e Chitrakoot — Brindaban, os que amam Crixna e Chitrakoot, os que amam Rama. Em outro trecho da cordilheira de Vindhya, num lugar sagrado denominado Vindhyachal, viviam muitos adoradores de *Shakti*. Viajando na direção das florestas do Estado de Reva, fui para a floresta de Satana, e ali conheci um *swami* muito bem apessoado e muito culto na tradição vedântica e iogue, profundo conhecedor dos textos sagrados e brilhantíssimo *sadhaka**, o qual, mais tarde, foi nomeado Shankaracharya de Jyotirmayapitham, que fica no Himalaia a caminho de Badrinath. Seu nome era Bramananda Saraswati.

Costumava alimentar-se apenas de sementes germinadas de grão-de-bico misturadas a um pouquinho de sal. Vivia numa cavernazinha natural, sobre uma colina pequena, perto de um lago entre montanhas. Fui conduzido pelos aldeões àquele lugar mas, não encontrando ninguém ali, fiquei desapontado. No dia seguinte voltei e descobri pegadas na beira do lago, feitas por sandálias de madeira. Tentei, mas não consegui rastreá-las. Finalmente, no quinto dia de esforço, antemanhã, o sol ainda não nascera quando voltei ao lago e o encontrei tomando banho. Cumprimentei-o dizendo, "*Namo narayan*", saudação comumente usada entre os *swamis* e que significa: "Inclino-me diante da divindade que existe em vós." Como estivesse guardando silêncio, ele fez-me sinal para segui-lo à sua cavernazinha, o que fiz prazeroso. Aquele era o oitavo dia do seu silêncio e, depois de eu ter passado a noite na caverna, ele rompeu o silêncio e pude falar-lhe delicadamente sobre a finalidade da minha visita, pois queria saber como ele estava

*Praticante espiritual.

vivendo e quais eram os modos e métodos de suas práticas espirituais. Durante a nossa conversação, ele começou a falar-me sobre *Sri Vidya*, o mais alto dos caminhos, trilhado apenas pelos sanscríticos consumados da Índia. É uma senda que reúne a *Raja* ioga, a *Kundalini* ioga, a *Bhakti* ioga e o *Advaita Vedanta*. Os mestres desse caminho recomendam dois livros, *A onda de bem-aventurança* e *A onda de beleza;* à compilação dos dois chama-se, em sânscrito, *Saundaraya Lahari*. Existe outra parte dessa literatura, cognominada *"Prayoga Shastra"**, que continua manuscrita e só se encontra nas bibliotecas de Misor e Baroda. Nenhum estudioso compreenderá esses poemas iogues espirituais sem a ajuda de um mestre competente, que lhes pratique pessoalmente os ensinamentos.

Ao depois, vim a saber que *Sri Vidya* e *Madhuvidya* são práticas espirituais conhecidas de pouquíssimas pessoas – umas dez ou doze em toda a Índia, quando muito. Interessei-me por conhecer essa ciência, e devo a ela o pouco que talvez eu tenha hoje. Nela, o corpo é visto como um templo e o habitante interior, *Atman*, como Deus. O ser humano semelha um universo em miniatura e, compreendendo-o, compreendemos todo o universo e, finalmente, o Uno absoluto. Por fim, após estudar muitos textos sagrados e aprender vários caminhos, meu mestre ajudou-me a escolher a prática de *Sri Vidya*. Nesse caminho, o fogo de *kundalini* é visto como a Mãe Divina e, através de práticas iogues, despertado do seu estado primevo e elevado à mais alta das chacras. As chacras são rodas de vida que formam nosso corpo espiritual e ligam todo o fluxo da consciência.

A ciência das chacras é muito sucinta mas, quando alguém a conhece bem, ela lhe serve em todos os níveis. As chacras operam nos níveis físico, fisiológico, energético, mental e espiritual. Esses pontos de energia correspondem, no corpo físico, a pontos ao longo da espinha. O mais baixo está localizado no cóccix, o segundo na área do osso sacro, o terceiro no umbigo, o quarto no coração, o quinto na base da garganta, o sexto num ponto entre as sobrancelhas e o sétimo na parte superior da cabeça. As chacras inferiores são os sulcos para os quais se precipita a mente inferior. A chacra do coração *(anahat)* separa o hemisfério superior do inferior e é aceita como o centro da divina tranqüilidade. O budismo, o hinduísmo, o cristianismo e o judaísmo também reconhecem esse centro. O que se chama *Anahat Chakra* no hinduísmo chama-se Estrela de Daví no judaísmo e Sagrado Coração no cristianismo. As chacras mais elevadas são os centros da energia ascencionárias. Há muitos níveis de consciência entre a chacra do coração e o lótus de mil pétalas, na parte superior da cabeça. Quando nos sentamos, erectos, para meditar, esses centros estão alinhados. A energia pode ser

* O livro das práticas e aplicação iogues.

Sri Swami Brahmananda Saraswati, Shankaracharya do Norte.

focalizada numa chacra ou em outra. Desenvolver a capacidade de dirigir o fluxo de energia para as chacras mais elevadas é um aspecto do desenvolvimento espiritual. O conhecimento dos veículos prânicos é importante se quisermos experimentar todas as chacras sistematicamente.

Existe farta literatura sobre as chacras no hinduísmo e no budismo, mais tarde explicada e apresentada por autores teosóficos aos leitores ocidentais. Escritores ocidentais também escreveram muitos livros sobre as chacras, se bem a maioria deles (com exceção dos escritos por *Sir* John Woodroff) seja extraviadora, pois consiste apenas em informações de segunda mão, sem nada para guiar-nos a prática. Essa literatura desencaminhante sobre uma ciência tão altamente aperfeiçoada existe em toda a parte — até nas lojas que vendem alimentos saudáveis. Que coisa ridícula!

O *swami* Bramananda era um dos raros sidas que conheciam o *Sri Vidya*. Seu conhecimento autorizado dos Upanixades e, sobretudo, dos comentários de Shankara, era soberbo. Além disso, havia nele o estofo de excelente orador. O *swami* Karpatri, erudito famoso, foi o discípulo que lhe pediu que aceitasse o prestígio e a dignidade de Shankaracharya do Norte, assento que estivera vago por 300 anos. Toda vez que ele viajava de uma cidade para outra, as pessoas se reuniam, aos milhares, para ouvi-lo e, após sua nomeação para Shankaracharya, o número dos seguidores aumentou. Uma coisa muito atraente, que se notava em sua maneira de ensinar, era a combinação que urdiu dos sistemas *Bhakti* e *Advaita*. Durante minha breve estada com ele, o *swami* Bramananda também falou sobre o comentário de Madhu Sudhan a respeito do Bhagavad Gita.

O *swami* Brahmananda possuía um *Sri Yantra* de rubis e, enquanto o mostrava, explicou-me como o cultuava. É interessante notar que os grandes sábios dirigem todos os seus recursos espirituais, mentais e físicos para a meta final. Entre todos os *swamis* da Índia, conheci poucos que irradiavam tamanho brilho e, não obstante, viviam no meio do público, permanecendo imunes às tentações e distrações mundanas. Fiquei com ele apenas uma semana, finda a qual parti para Uttarkashi.

Três escolas de tantra

Meu mestre sugeriu-me que fosse aprender com um grande mestre do tantra que vivia nas colinas de Malabar, no sul da Índia. O mestre tinha 102 anos de idade. Calmo, douto e saudável, embora levasse vida de chefe de família, ensinava a muitos iogues e *swamis* adiantados a filosofia do tantra.

Há uma vasta literatura sobre a filosofia e a ciência do tantra, que não se compreende com facilidade e que é amiúde mal empregada. Ciência esotérica altamente avançada, tem sido praticada por hindus, jainistas e budistas. A biblioteca Khudabaksha de Patna, a biblioteca de Baroda e a de Madrasta estão cheias de manuscritos sobre o assunto, mas essa literatura foge à compreensão dos leigos. Além disso, raro se encontram mestres competentes de tantra. Não obstante, praticado como convém sob a orientação de um mestre competente, esse caminho espiritual é igual a qualquer outro que conduz à auto-iluminação.

De acordo com a ciência do tantra, macho e fêmea são dois princípios do universo, chamados *Xiva* e *Shakti*. Os dois princípios existem no interior de cada indivíduo. Há três escolas principais de tantra: *Kaula*, *Misra* e *Samaya*. Os *kaulas*, ou tantristas da mão esquerda, adoram *Shakti* e seu modo de adoração envolve rituais externos, incluindo práticas sexuais. Meditam sobre a força latente interior *(kundalini)* e a despertam na chacra *Muladhara*, localizada na base da espinha. Os leigos, muitas vezes, empregam mal esse caminho. Na escola *Mishra* (mista ou combinada), o culto interior combina-se com práticas externas. A força latente, despertada e conduzida à chacra *Anahata* (centro do coração), ali é adorada. O caminho mais puro e mais alto do tantra chama-se *Samaya*, ou caminho da mão direita. Puramente iogue, nada tem que ver com qualquer ritual ou forma de culto que envolva o sexo. A chave é a meditação, mas uma espécie incomum de meditação. Nessa escola, faz-se a meditação no lótus de mil pétalas, o mais elevado de todos, e o seu método de adoração chama-se *antaryaga*. Nela se revela o conhecimento de *Sri Chakra*. O estudo das chacras, *nadis*

O professor Ranade, filósofo místico.

(correntes nervosas sutis) e *pranas* (forças vitais) e um estudo filosófico da vida são necessários a quem quiser ser aceito como discípulo nessa escola.

Travei conhecimento com as três escolas, mas fui iniciado no caminho de *Samaya*. Meus livros favoritos que explicam essa ciência são *Onda de Bem-Aventurança (Anandalahari)* e *Onda de Beleza (Saundarya lahari)*. Fiquei com esse mestre durante um mês, aprendendo os aspectos práticos da sua ciência e estudando diversos comentários sobre esses dois livros sagrados. Depois regressei à minha habitação nas montanhas.

Os sete sistemas da filosofia oriental

Visitei com freqüência o dr. Ranade da Universidade de Alaabad, um dos mais altos expoentes da filosofia *Vedanta* do seu tempo. Mestre incomparável e grande místico, popularmente conhecido como *Gurudeva* entre os discípulos, levou-me mais tarde ao seu *ashram* de Nembal. Entre todos os letrados universitários da Índia, tenho o maior respeito por esse grande homem. O que quer que eu tenha aprendido sistematicamente sobre filosofia indiana a ele o devo. Ensinou-me que a filosofia indiana se divide em sete sistemas, que tentam responder às perguntas filosóficas mais básicas. Essas perguntas importantes são:

1. Quem sou eu? De onde venho e por que vim? Qual é a minha relação com o universo multiforme e com os outros seres humanos?
2. Qual é a natureza essencial do meu ser, e qual é a natureza essencial do mundo manifestado e sua causa?
3. Qual é a relação entre o centro de consciência e os objetos do mundo?
4. Qual é a natureza das formas e dos nomes dos objetos do mundo e como servem eles à natureza essencial do homem ou à consciência universal?
5. Quais são as diretrizes para a ação enquanto vivemos no corpo natural? Vivemos depois da morte?
6. Que é a verdade, e como chegamos a conclusões racionais sobre questões de verdade?

Os sete sistemas de filosofia indiana que se ocupam dessas questões são *vedanta, ioga, samkhya, vaisheshika, mimansa, nyaya* e *budismo.*

VEDANTA: Eu sou a consciência e a bem-aventurança auto-existentes — estes não são meus atributos, mas o meu próprio ser. Não venho de parte

alguma nem vou para parte alguma, mas assumo muitas formas e tenho muitos nomes. Minha natureza essencial está livre de todas as qualificações e limitações. Sou como um oceano e todas as criaturas são como as ondas. A alma individual é essencialmente Brama, oniabrangente, oniexpansiva. Seu nome é *Aum* e não tem gênero. Seu núcleo e universo é a expansão. Realidade absoluta, transcendente, sem atributos, também incorpora eternamente a capacidade de medir dentro em si sua própria *Shakti* interior. Destarte, o poder de Brama ou *Maya* se desprende e parece tornar-se multiforme, mas, na verdade, não há multiformidade e o infinito nunca se torna finito. Há uma superposição levada a efeito pela realidade reveladora. Ele tem consciência de estar em Brama como Brama. Identifica-se com Brama e torna-se uno com ele.

1. Não há aqui nada multiforme. De morte a morte divaga quem vê alguma coisa multiforme.
2. Quem é tranqüilo habita em Brama, de quem emana o universo e no qual se dissolve.
3. Tudo isto é Brama.
4. Brama é Gnose pura.
5. Este Eu é Brama.
6. Isto és tu.
7. Eu sou isto.
8. Eu sou Brama.

A filosofia ensinada pelos videntes dos Vedas (de 2.000 a 500 a.C.) foi transmitida através de longa linha de sábios, como Gauda Pada, Govinda Pada e Viasa, autor de muitos textos sagrados antigos, que codificaram essas vetustas filosofias. Shankaracharya, finalmente, sistematizou as escolas monásticas no século oitavo d.C. e muitos *acharyas**, que vieram depois, fundaram escolas de filosofias dualísticas que dele dissentiram.

IOGA: No sistema iogue de filosofia, a alma individual é uma pesquisadora, e a consciência cósmica é a realidade final que ela encontra dentro de si. A ioga acomoda todas as religiões e sistemas de filosofia no que diz respeito aos seus aspectos práticos. Enquanto habita o multiforme fenômeno do universo, a alma precisa cuidar do corpo material, purificando e fortalecendo sua capacidade. Neste sistema o indivíduo pratica o princípio mais elevado de comportamento e o domínio das várias modificações da mente através dos compromissos denominados *yama* e *niyama.* Praticando a

*Iniciado espiritual encarregado de um lugar de estudos especiais.

imobilidade na postura e na respiração, nós nos transformamos pelo domínio dos sentidos com a concentração e a meditação e, finalmente, atingimos o samádi. A meta final do sistema é alcançar *Kaivalya*. Conquanto o sistema da ioga fosse conhecido antes dos anos 500 a 300 a.C., Patanjali codificou-o no primeiro século d.C., compilando 196 aforismos chamados Sutras da Ioga. Os sistemas filosóficos iogue e *samkhya* são semelhantes.

SAMKHYA: O sistema *samkhya*, dualístico, acredita que o consciente, *Purusha*, e o inconsciente, *Prakriti*, são realidades separadas, coexistentes e interdependentes. No *samkhya*, o princípio consciente volta a ser duplo; consiste na alma individual *(jiva)* e na alma universal ou Deus *(Ishvara)*. Em outros sistemas de filosofia *samkhya*, a existência de Deus é impertinente. Outros sistemas acreditam na eliminação das dores e sofrimentos que provêm do envolvimento de *Purusha* com *Prakriti*, esquecendo-lhe a natureza sempre pura, sempre sábia e sempre livre. Como uma corda de três fios, *Prakriti* tem três atributos chamados *sattva*, *rajasa* e *tamasa**. Todos os fenômenos do universo, incluindo as operações mentais, nada mais são do que interações entre os três *gunas* (qualidades) de *Prakriti*, os quais manifestam vários aspectos que permanecem em forma não manifestada na causa. Quando os três gunas estão equilibrados, *Prakriti* se encontra em estado de equilíbrio. Cria-se o universo mental e físico e passa através de vinte e quatro, trinta e seis ou sessenta estados, que incluem todos os fenômenos ou experiências. Todas as escolas de filosofia indiana incluíram alguma coisa da filosofia *samkhya* em seus sistemas. Esse sistema é a própria base da psicologia indiana. Deu origem à ciência positiva da matemática e, em seguida, ao sistema médico da Índia, pois compreender o corpo é compreender toda a natureza humana. O fundador da *Escola de Samkhya* foi Asuri, e Capila, um dos videntes mais antigos, é cognominado o *acharya* dessa ciência. Seguiu-se-lhe Ishwara Crisna, que sistematizou a filosofia na *Samkhya Karika* por volta do primeiro século d.C.

VAISHESHIKA: Filosofia que lida com a física e a química do corpo e do universo. Discutindo os elementos particulares, seus átomos e suas interações mútuas, Canada, o fundador do sistema, afirma que a matéria da sua filosofia é o *darma*, o código de conduta que leva os seres humanos à prosperidade nesta vida e ao bem mais alto na vida seguinte. Essa filosofia, que discute nove temas, a saber, a terra, a água, o fogo, o ar, o espaço, o tempo, a dimensão, a mente e a alma e suas relações mútuas, foi estabelecida por Prashastapada no quarto século a.C., muito antes do nascimento de Buda.

* Essas três qualidades da mente denotam respectivamente tranqüilidade, atividade e preguiça.

MIMAMSA: No sistema *Mimamsa*, fundado por Jaimni, os Vedas são aceitos como textos sagrados evidentes por si mesmos, que revelam conhecimento interno. O sistema acredita na salvação através da ação. Estabeleceu uma filosofia minuciosa da eficácia do ritual, do culto e da conduta ética, que evoluiu para a filosofia do carma. Essa escola desafia a predominância dos gramáticos e lógicos, que sustentam a lingüística e a retórica. É uma escola de filosofia em ação. A época em que viveu Jaimni não pode ser determinada.

NYANYA: *Nyanya* é a escola dos lógicos fundada por Gautama, um dos antigos sábios. Encara a dúvida como um requisito prévio para a indagação filosófica e elabora regras para o debate. Todas as escolas da filosofia indiana seguem, até hoje, o sistema *nyanya* de lógica, novamente desenvolvido no século XVI e que hoje se chama neológico, complexo sistema semelhante à lógica matemática atual do Ocidente.

BUDISMO: Gautama, o Buda, nasceu 2.600 anos atrás, em Capila-Vastu, no local do antigo *ashram* do sábio Capila, um dos fundadores da filosofia *samkhya*. Gautama estudou essa filosofia em profundidade sob a orientação de um professor chamado Adarda Kalam e, mais tarde, descobriu as quatro verdades nobres:

1. Existe dor.
2. A dor tem uma causa.
3. A dor pode ser erradicada.
4. Existem meios para a erradicação da dor.

Essas quatro verdades nobres já se encontram nas *Sutras da ioga* de Patanjali, mas a diferença reside na doutrina de *anatta*, elaborada por Buda, ou doutrina do não-eu. A palavra *neti* (não isto, não isto) era cabalmente compreendida pelos antigos *rishis* (videntes védicos). O Buda recusava-se a participar da especulação metafísica. Não queria discutir a existência de Deus, e não respondia quando lhe perguntavam se existem Budas após o nirvana, dizendo que tais perguntas não eram dignas de consideração. Mestre eminentemente prático, queria o Iluminado que seus discípulos praticassem o caminho óctuplo correto da ação que os conduziria a *bodhi*, o mais fino nível de consciência. Aceitava o páli como linguagem de comunicação.

Depois do *par-nirvana* de Buda, vários grupos de monges passaram a seguir seu próprio caminho. Formaram-se duas escolas principais: *Theravada*, a doutrina dos anciões, e *Mahayana*, a escola formal do budismo, que desapareceu na India. Grandes volumes se escreveram sobre as principais diferenças históricas e doutrinárias entre as duas. Os theravadins consideram os ensinamentos de Buda completamente separados do resto dos desenvolvimentos

filosóficos indianos. Conservam o páli como meio de estudo dos textos sagrados, muito embora não se desenvolvesse em páli grande quantidade de especulações filosóficas. O Buda continua a ser o seu mestre iluminado, e grandes templos com formosas estátuas foram construídos em honra dele nos locais onde ainda se oferece o *puja* (culto) ao antigo estilo hindu. Essa doutrina, contudo, não aceita o Buda como Salvador. Cada qual encontra a própria luz, é iluminado e atinge finalmente *anatta* ou o não-eu.

A *mahayana* travou debates com outras escolas da filosofia indiana e viu-se obrigada a adotar a sofisticação da linguagem sânscrita. Um dos maiores letrados, Nargarjuna, descreve *shunya* e chama-lhe vazio. O depósito da consciência, *alaya-vijñana*, da escola de *vijñana-vadan*, é a consciência cósmica. Os hindus haviam começado a aceitar o Buda como a nona encarnação de Deus, mas os budistas ficaram sem saber como obedecer ao chamado espiritual e como satisfazer à necessidade humana de devoção a um ser superior. Por isso desenvolveram a idéia de uma realidade mais elevada, que se encarna. Aqui o Buda tem três corpos ou níveis de existência:

1. *Dharma-kaya* — o ser absoluto (como o *Shukla Brahman* dos Upanixades).
2. *Sambhoga-kaya* — o universo como emanação (como *Shabala Brahman* dos Upanixades e *Ishvara* ou Deus pessoal).
3. *Nirmana-kaya* — o corpo histórico do Buda, um avatar ou encarnação.

A escola *Mahayana* ainda usa *kundalini* e o conhecimento das chacras em seus ensinamentos, empregando visualizações de figuras simbólicas e preparações ritualísticas, exatamente como o fazem os hindus. O próprio caminho do Buda era *majihima patipada*, o caminho do meio. Os ensinamentos do Buda destinavam-se principalmente aos monges mas, como outros ensinamentos antigos, o budismo tornou-se modo de vida para grande número de pessoas do mundo. Seguindo esse caminho do meio, podemos erradicar *avijja* (ignorância) que conduz a *tanha* (desejo). Só então alcançamos a libertação da dor, do sofrimento e da aflição.

Os sete sistemas lidam com vários aspectos da realidade e da verdade. Têm por sagrado um alvo transcendental mais elevado e concordam a respeito de alguns fundamentos essenciais. Por essa razão, a literatura sincrética da Índia, como as *Puranas*, e poemas épicos, como *Mahabharata* e *Ramayana*, consideram autênticos todos esses sistemas.

Soma

Li um livro escrito por um letrado serrano que realizou uma pesquisa sobre o soma, famosa erva usada pelos curandeiros himalaicos em seus cultos e rituais. Uma porção dos Vedas faz referência a essa erva, diz como é usada, como se prepara e onde cresce. O livro despertou-me a curiosidade e estabeleci contato com o autor, que me apresentou a Vaidya Bhairavdutt, famoso herborista das montanhas do Himalaia, considerado a única autoridade viva sobre soma. Ele já não vive, mas seu centro e laboratório continuam a fornecer ervas a várias partes do país. Versado também nos textos sagrados, o herborista prometeu trazer-me a erva e dizer-me como se usa. Explicou tratar-se de uma trepadeira que cresce acima de 3.300 metros. Só existem dois ou três lugares em que ela medra nessa altitude. Dei-lhe mil rupias para as despesas de viagem e, terminado o inverno, ele me trouxe pouco menos de meio quilo da trepadeira em apreço.

Em seguida, preparou o soma, que experimentamos nos sadus habituados a tomar maconha e haxixe*. O uso da erva produzia neles o destemor. As descrições das suas experiências semelhavam as dos ocidentais que houvessem ingerido cogumelos psicodélicos. O herborista explicou-me que existem diversas variedades de cogumelos capazes de produzir efeitos análogos. Entretanto, afirmou que a planta que dá o soma não pertence à família dos cogumelos, mas sim à família dos suculentos. Num antigo texto aiurvédico, descrevem-se variedades de cogumelos com pormenores de cor, tamanho e modo de usar. O texto indica que os antigos também os empregavam em experiências psíquicas, posto que os livros sobre cactos e suculentos não se valham do nome "soma" para identificar a trepadeira. Outros suculentos não produzem o mesmo efeito. Há umas poucas ervas, como o agárico *(Amanita muscaria)*, o hiosciamo e o estramônio *(datura)*, que são

* Sadu é o que renuncia ao lar em busca de Deus, mas aqui se aplica particularmente à seita inferior que utiliza a maconha e várias preparações com ervas na busca de experiências psíquicas.

venenosas mas que, em doses pequenas, possuem propriedades alucinógenas. É importante conhecer a quantidade certa quando se usam tais ervas.

Os antigos escreveram tanto a respeito do soma e das preparações de mercúrio, que alguns textos descrevem centenas de modos de preparar agentes tóxicos para uso humano. Nenhuma escola de ioga, no entanto, permite o emprego desses estímulos externos. Existem seitas inferiores de sadus que fazem uso de ervas sem lhes conhecer o emprego apropriado, e vamos encontrá-los, muitas vezes, abobalhados, largados por aí. Os antigos curandeiros sabiam como e quando utilizá-las. Os homeopatas recomendavam uma única dose de ARS 10-M aos agonizantes para incutir-lhes coragem, e os egípcios e gregos usavam o veneno da cicuta no leito de morte das pessoas para que estas não sentissem dor e aceitassem prazerosas o próprio fim. De maneira semelhante, o uso do soma era especialmente recomendado pelos herboristas montanheses da Índia a fim de provocar introspecções e eles incluíam a erva em rituais que foram incorporados nas cerimônias religiosas dos antigos arianos.

Diz Patanjali, codificador da ciência iogue, no primeiro mantra do quarto capítulo das *Sutras da Ioga*, que ausadhi — remédio preparado com ervas — ajuda a pessoa a ter experiências psíquicas, as quais têm alguma validade e são mais elevadas que as experiências recebidas através dos sentidos, mas se revelam positivamente inúteis no que diz respeito à espiritualidade. A antiga literatura fazia menção do *somaras**, usado para ajudar os estudantes inferiores que não conseguiam ficar sentados na mesma posição por muito tempo e eram incapazes de concentração mental. Influindo no sistema locomotor, a erva torna a pessoa insensível aos estímulos externos, de modo que os pensamentos se põem a correr numa direção. O corpo se imobiliza e liberta-se da dor. Alguns dos que não praticavam uma postura firme através da disciplina sistemática usavam o soma juntamente com o culto ritual antes da meditação. Isso não era tão comum quanto o são hoje as drogas psicodélicas. O emprego da erva era restringido e controlado por uma tradição particular de herboristas, que passaram toda a vida fazendo pesquisas e experiências com várias ervas.

De acordo com Vaidya Bhairavdutt, a administração de agentes tóxicos com o uso de mantras era prática comum. Usavam-se mantras na solidão com o jejum e outras austeridades sob a orientação de um entendido. Uma seita de sadus encarregava-se da guarda desse conhecimento.

Para os que não praticaram austeridades e não exercitaram suas mentes, as drogas psicodélicas são prejudiciais. Podem causar dano ao

* Suco do soma.

sistema nervoso e perturbar especialmente os mais delicados canais de energia *(nadis)*. Ocorrem alucinações e o indivíduo se arrisca a tornar-se psicótico. Tenho examinado o efeito de drogas em pessoas que as usam e não encontrei nenhum sintoma espiritual em seu comportamento. Elas podem ter uma experiência insólita, mas de que vale uma experiência com um efeito nocivo e uma reação prejudicial mais tarde? Uma prolongada e sutil depressão é um sintoma comum dessas drogas quando a mente não está preparada e não se observam com extremo cuidado os hábitos dietéticos. Dieta sadia, atmosfera calma, mantra e orientação são fatores importantes quando se usam *somaras*.

Ouvi desse herborista que ele mesmo usou o que denominava *somaras* (na realidade eu não tinha como verificar se era de fato o soma que os antigos usavam ou alguma outra coisa). Segundo ele, a droga tinha um efeito muito agradável e exaltante mas, usada regularmente, acarretava uma depressão à guisa de reação. Ele também chegou à conclusão de que o uso repetido de tais ervas pode levar a um vício psicológico. Mas, de uma feita, persuadiu-me a experimentá-las, dizendo:

— É maravilhoso. Nunca tivestes uma experiência semelhante.

Numa bela manhã, preparou o suco de *Astha Varg** e misturou-lhe um pouco da trepadeira soma. Ambos bebemos a mistura. O gosto era um tantinho amargo e azedo. Transcorrido algum tempo, pôs-se a cantar e a gingar e, finalmente, lançando de si todas as roupas, começou a dançar. Mas eu estava com uma tremenda dor de cabeça. Tinha a impressão de que minha cabeça ia explodir. Segurei-a com ambas as mãos. O homem que costumava servir-me não conseguia compreender por que estávamos agindo de maneira tão esquisita. Abanou a cabeça e murmurou, perplexo:

— Misericórdia! Um está dançando lá fora e o outro está sentado no canto da sala segurando a cabeça.

Fiquei tão intranqüilo, que senti vontade de pular no Ganges, atravessá-lo e partir correndo para a floresta. Era uma experiência caótica. Enquanto dançava, o herborista se pôs a gritar que era *Xiva*, o senhor do universo, e perguntava, aos berros:

— Onde está minha *Parvati***? Quero fazer amor com ela.

Isso perturbou todos os estudantes que vieram visitar-me de manhã. Tentaram contê-lo, mas o homem ficou tão forte que cinco pessoas não conseguiram segurá-lo. Apesar da sua compleição franzina, arrojou-os de si, um depois do outro. De uma janela, vi o que estava acontecendo, mas não

* Mistura de oito ervas que só se encontram nas altas montanhas.
** Esposa de Xiva.

saí da sala por causa do peso na minha cabeça. Outro *swami* trouxe três quartos de água quente e aconselhou-me a fazer uma limpeza superior*. Isso me aliviou um pouco. A experiência, que ocorreu durante minha estada no *ashram* de Ujaili, em Uttarkashi, perturbou toda a rotina do *ashram* e eu não sabia como explicar o fato aos meus alunos.

Depois de cuidadoso estudo do uso de preparações psicodélicas durante certo número de anos, cheguei à conclusão de que o mal que elas causam é muito maior do que quaisquer benefícios positivos que possam produzir. Os que não estão psicologicamente preparados têm experiências negativas quando ingerem o agente tóxico, ou mais tarde. E os que estão preparados não precisam de drogas.

* Essa técnica jogue para limpar o estômago envolve a ingestão de grande quantidade de água, que depois é vomitada.

VIII

ALÉM DAS GRANDES RELIGIÕES

Todas as grandes religiões do mundo saíram de uma Verdade. Se seguirmos a religião sem praticar a Verdade, seremos como o cego que conduz outro cego. Os que pertencem a Deus amam a todos. O amor é a religião do universo. O indivíduo compassivo transcende as fronteiras da religião e compreende a Realidade absoluta, indivisa.

Um sábio cristão do Himalaia

Em nosso mosteiro viveu, certa ocasião, um sábio muito versado em Cristo. Chamava-se Sadhu Sundar Singh. Quando visitava Madrasta, dezenas de milhares de pessoas vinham ouvi-lo falar na praia. Na verdade, havia até quem viesse voando da Europa só para ouvi-lo. Nascido em Amritsar, no Pendjab, era sique de nascença.

Muito jovem ainda, tivera uma visão que lhe voltava noite após noite. Não sabia se se tratava de um sonho, de alguma coisa que o guiava, ou de algo pernicioso. Via alguém que lhe pedia que se levantasse e rumasse para o Himalaia. Tentava não adormecer mas se acabava cansando e fechava os olhos. Via, então, a visão e ouvia uma voz, que lhe dizia:

– Estás preparado para escutar-me? Sou o teu salvador. Não tens outro caminho.

Ele não sabia o que lhe estava reservado, de sorte que pediu a algumas pessoas que o aconselhassem. Uma delas disse que era o Cristo, outra que era Crisna, e uma terceira que era Buda. Ao ver, porém, uma imagem de Cristo, ele declarou:

– Eis aqui o mestre que me aparece em sonhos e me desperta.

Repetidamente, Cristo lhe aparecia em sonhos e lhe perguntava: "Meu filho, por que estás demorando?" Um belo dia, ele saiu de casa sem dar satisfação a ninguém e foi para o Himalaia, onde permaneceu longo tempo. Viveu vários anos em nosso mosteiro na caverna.

Foi ele a pessoa que me apresentou a Bíblia cristã e me ensinou a fazer o estudo comparativo do Bhagavad Gita e da Bíblia. Disse ele:

– A mensagem transmitida de manhã era a de Crisna; a mensagem transmitida à tarde era a de Buda; e a mensagem transmitida à noite era a de Cristo. Não há diferença. Cristo, o compassivo, Buda, o iluminado, e Crisna, o perfeito, transmitiram suas mensagens de acordo com suas épocas e com as necessidades das massas preparadas para segui-los. Esses grandes

eram representantes de uma Realidade absoluta que assume várias formas e desce para guiar a humanidade sempre que Ele se faz necessário. Os sábios têm uma tradição de reverência a todas as grandes religiões do mundo.

Sadhu Sundar Singh era uma alma amantíssima, bondosa e altamente evoluída. Eu costumava reverenciá-lo e chamar-lhe um dos meus mestres. Em certa ocasião, estabeleceu uma formosa comparação entre o budismo e o cristianismo:

— O cristianismo é filho do judaísmo, exatamente como o budismo é filho do hinduísmo. Essas duas grandes religiões do mundo variaram, evolveram e assumiram formas inumeráveis através dos muitos séculos do seu crescimento gradual. Ha umas poucas características importantes que se vêem comumente nas duas grandes e nobres religiões.

"Ambas rejeitaram o sentido da carne, que provém dos níveis inferiores das mentes e corações humanos. As duas religiões acreditam que nesse sentido está a origem do mal. A doutrina do pecado e do egoísmo nos leva ao pessimismo. As duas religiões dão uma ênfase positiva ao sofrimento e à compaixão de toda a humanidade. Adotam fundamentalmente o ideal do amor a ponto de aceitar a morte a serviço de terceiros e de amar os outros como a nós mesmos. Ambas consideram o amor desinteressado essencial ao homem e procuram cultivá-lo em seus seguidores. O amor do budismo tem mais ampla extensão que o do cristianismo. O cristianismo restringe seu interesse à humanidade, ao passo que o budismo estende sua ternura a todas as formas de vida animal senciente. O cristianismo analisa a vida com a ajuda da teologia e detém-se na barreira da fé, ao passo que o budismo racionaliza a vida e se detém no *nirvana*. O ascetismo budista ensina a paz e o ascetismo cristão ensina a alegria, mas a compreensão de ambas as religiões chega ao ponto da paz e da alegria que o mundo não pode dar nem tirar. O budismo, como o cristianismo, enfatiza a vontade mas, na cultivação da vida moral, ambas acentuam a disciplina, o treinamento e a formação de hábitos. Em seus aspectos mais latos de ensino, as duas religiões não são muito divididas.

"O adepto de Buda tem uma consciência muito intensa de seu pensamento, de suas palavras e de sua ação. Revela a História que os que viviam com Jesus eram também totalmente dedicados a um Eu mais amplo, em lugar de dedicar-se aos seus mofinos eus. Tanto o cristianismo quanto o budismo entendem que se deve ensinar os indivíduos a buscar a própria perfeição moral. Acredita o budismo nas quatro verdades nobres, segundo as quais o grande manancial de dor tem sua origem no desejo. No cristianismo se encontra alguma coisa da típica disposição ocidental de agarrar a oportunidade e utilizá-la. Os budistas escolhem como símbolo e ideal supremos a figura de um sábio sentado em profunda meditação e contemplação — perfeita calma. O cristianismo usa o símbolo de um jovem que morre

numa cruz, o que demonstra que o sofrimento supremo é superado pelo amor. As características de Buda e de Cristo são semelhantes e, todavia, diversas. Jesus era o intenso amante da verdade; Buda, o sábio calmo e compassivo. Nas atitudes metafísicas das duas religiões, há um contraste na questão da ética. O cristianismo é teísta e o budismo, aparentemente agnóstico. Esse contraste esclarece por que os adeptos de ambas as religiões se enganam ao afirmar que sua religião contém todos os valores de ambos, esquecidos de que ambos são gênios peculiares e contribuíram para a construção da humanidade.

"Como os vaisnavites, os cristãos acreditam no dualismo. Os budistas acreditam no nirvana exatamente como os Vedas o descrevem. Nirvana é uma palavra sânscrita já mencionada nos Vedas. Emancipação ou nirvana é a palavra modificada de libertação em que os sábios acreditam. O caminho dos sábios é muito antigo; inclui os ensinamentos do cristianismo e do budismo. Não estamos discutindo aqui o hinduísmo ou a religião hindu, pois a religião hindu acredita no caminho dos avataras ou reencarnação. Mas o caminho dos sábios é supremo. São os fundadores da antiquíssima religião dos Vedas. Haverá alguma religião no mundo em que os Vedas não contenham em toda a sua ética moral, filosofia e relação do homem com o universo? Os Vedas, que são os mais antigos registros na atual biblioteca do homem, encerram todos os princípios do budismo e do cristianismo. À última parte dos Vedas dá-se o nome de Upanixades, os quais, na verdade, transmitem a mensagem dos sábios e têm várias interpretações. Seus ensinamentos, eternos e universais, destinam-se a todos. Nenhuma pessoa particular institui os Vedas. Muitos sábios, em seu estado mais elevado de contemplação e meditação, lhes compreenderam as verdades profundas. Desse manancial de conhecimentos nascem sete fontes diferentes, que pouco a pouco vão crescendo e se transformam em ribeiras. Essas ribeiras de conhecimentos externos são universais.

"Os guardas do conhecimento dos Vedas eram os arianos. Mas a pergunta é esta: quem segue os Vedas? Nos Vedas, inúmeros caminhos foram explicados. Os incapazes de seguir o caminho da renúncia devem tentar compreender que é o carma que ata o agente e não há escapar da sua lei. O carma tem leis gêmeas e inseparáveis de causa e efeito. Sem devoção e amor muito profundos, o carma não pode tornar-se meio de libertação. O carma cria servidão para os seres humanos criando obstáculos no caminho da auto-realização. A filosofia da reencarnação é inseparável da filosofia do carma. Elas são uma só.

"O caminho dos sábios é um caminho meditativo e contemplativo. É ascético e, no entanto, satisfaz à necessidade do homem no mundo. Proporciona lições práticas a quem quiser levar uma vida espiritual e mantém com firmeza a convicção de que, cumprindo nosso dever com habili-

dade e desprendimento, podemos compreender a realidade suprema aqui e agora. Assim como o cristianismo fala no reino de Deus interior e o budismo fala em nirvana, o caminho dos sábios menciona o estado de auto-realização. No caminho dos sábios compreendemos a realidade absoluta, indivisa, unicamente através do conhecimento do Eu. À diferença do cristianismo e do budismo, o caminho dos sábios não tem nenhum símbolo particular como ideal de adoração. Do mero eu para o Eu verdadeiro e depois para o Eu de todos segue o caminho dos sábios, que inclui todos e não exclui ninguém."

A fala vigorosa de Sadhu Sundar Singh exercia profundo efeito no coração dos outros. Ele costumava caminhar sempre na consciência de Cristo.

Um dia, perguntei-lhe:

– Já vistes Deus?

– Insultais-me fazendo essa pergunta, – respondeu-me. – Vejo Deus o tempo todo. Acreditais que eu o tenha visto apenas uma, duas ou três vezes? Não, estou com o meu Senhor o tempo todo. Quando não posso estar com Ele, Ele está comigo.

– Tende a bondade de explicar, – roguei-lhe.

Ele explicou-o lindamente:

– Enquanto permanecerdes consciente, estai com Deus conscientemente, recordando-O. Quando vossa mente consciente principiar a desvanecer-se, à proporção que adormeceis, entregai-vos. Seja o vosso derradeiro pensamento antes de irdes para a cama: "Oh, Senhor, fica comigo. Eu sou Teu e Tu és meu." E o Senhor permanecerá convosco a noite inteira. Podereis estar sempre juntos.

Um dia, este grande sábio desapareceu nas alturas do Himalaia. Ninguém sabe para onde foi. Tentei um sem-número de vezes rastreá-lo, mas em vão. Ele ajudou-me a compreender que é possível viver constantemente na consciência de Deus. Ainda existem sábios desconhecidos como esse. Abençoados são os que vivem na consciência de Cristo durante o tempo todo.

Meu encontro com um sadu jesuíta

Quando eu era Shankaracharya, aconteceu-me conhecer um sadu jesuíta (sadu é o que está a serviço do Senhor). Às vezes, sadus e *swamis* envergam túnicas brancas ou sacos de aniagem, mas a vestimenta açafroada lhes é dada quando são iniciados no caminho da renúncia. A vestimenta açafroada representa a cor do fogo. Só tem permissão para usá-la o que queimou todos os desejos mundanos no fogo do conhecimento. Alguns monges avançados ignoram o uso dessas vestes e não observam tais formalidades. Apresentam-se envoltos em batas brancas, enrolam cobertores em torno do corpo ou usam sacos de aniagem. Para eles, o uso deste ou daquele material é irrelevante.

Há dez ordens de *swamis* e várias de sadus. Das dez ordens de *swamis* quatro estão exclusivamente reservadas para brâmanes, porque estes praticam e aprendem os livros espirituais desde a mais tenra infância. O ambiente em que são educados é espiritual. Estudam os textos dos livros sagrados da sabedoria e podem assim transmitir o conhecimento de maneira apropriada, mas as outras seis ordens são dadas a outras classes.

O sadu jesuíta estava usando uma vestimenta açafroada e trazia uma cruz em volta do pescoço. Isso me despertou a curiosidade. Era apenas o terceiro sadu cristão que eu encontrava, e começamos discutindo o aspecto prático do cristianismo. Monge culto, que conhecia sânscrito, inglês e a maior parte das línguas indianas, esse jesuíta vivia exatamente como vivem os *swamis* hindus.

Parece haver uma diferença entre o cristianismo indiano e o cristianismo ocidental. Os cristãos indianos praticam a meditação e fazem exposições filosóficas da Bíblia exatamente como os *swamis* explicam os Upanixades e seus vários comentários. No seu entender, o cristianismo poderia ser revivido pelo ensino da sua praticidade. No Ocidente, não se compreende a praticidade do cristianismo. Ele acreditava firmemente que Cristo vivera no Himalaia, embora pouco me importasse que ele ali tivesse vivido ou não.

O *swami* jesuíta era um homem muito humilde e falou-me sobre caminhar com Cristo.

— Como podeis caminhar com alguém que viveu há dois mil anos?

— Quanta ignorância! — exclamou ele, e desatou a rir. — Cristo é um estado de perfeição, um estado de unicidade e um estado de verdade. A verdade, realidade eterna, não está sujeita à morte. Vivo com a consciência de Cristo. Sigo-Lhe as pegadas.

— Onde estão essas pegadas? — indaguei.

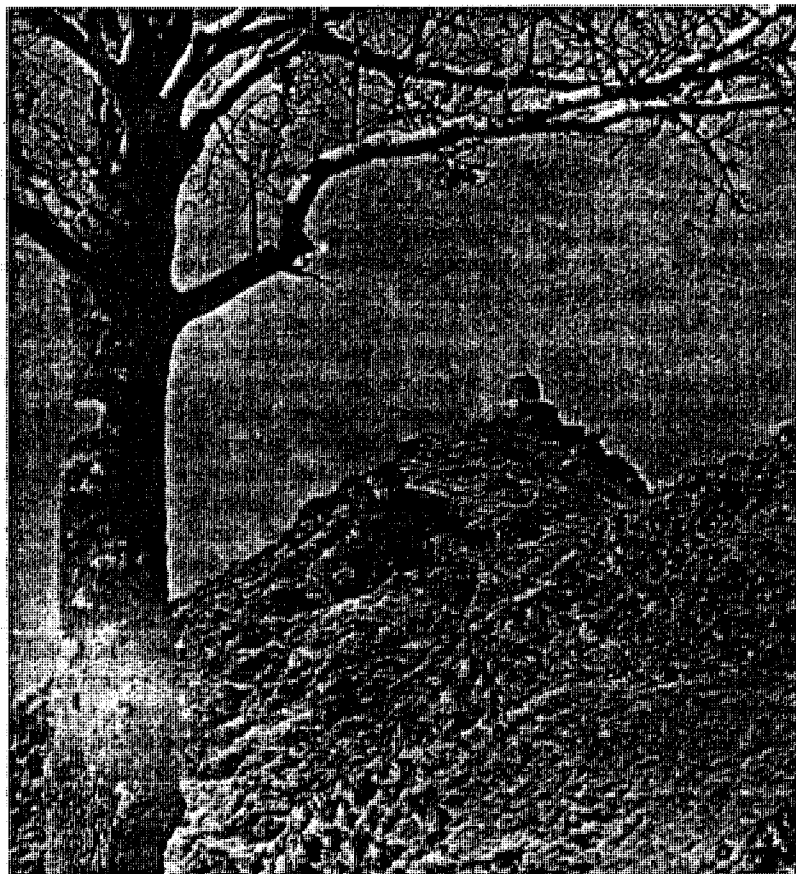
Ele tornou a rir-se, e disse:

— Aonde quer que eu vá, seja qual for a direção para a qual me encaminhe, encontro-O guiando-me. Elas estão em toda a parte, mas tereis de vê-las com os olhos da vossa fé. Tendes fé?

Admirei-lhe o amor à consciência de Cristo e disse-lhe adeus.

Jesus no Himalaia

Depois de renunciar às funções de Shankaracharya, fui ter com meu mestre e demorei-me alguns dias em sua companhia. Dali decidi ir em peregrinação a Amarnath, o santuário mais alto de Caxemira. Amarnath é uma caverna que permanece coberta de neve o ano inteiro. O sincelo formado pelo água que goteja semelha um *shiva lingam*, símbolo adorado pelos hindus, exatamente como o é a cruz pelos cristãos ou a Estrela de Davi pelos judeus. A história de um par de pombas brancas corre, famosa, por toda a região. Diz-se que um par de pombas brancas chegou no dia da peregrinação. Um pândita de Caxemira, homem culto, foi o meu guia nessa jornada. Começou contando-me uma história a respeito de Jesus Cristo, afirmando que Jesus vivera na Caxemira praticando a meditação. O pândita referiu-se a um manuscrito escrito em língua tibetana, preservado num mosteiro situado a 4.200 metros de altitude no Himalaia, ulteriormente traduzido por um escritor russo e, ao depois, para o inglês e publicado como *A Vida Desconhecida de Jesus Cristo.* Nessa parte do Himalaia, muita gente acredita na mencionada história, e ninguém se atreve a discordar dela. Existe um monte próximo, famoso porque ali viveu Jesus praticando a meditação. Meu guia deu-me três razões para sustentar essa teoria: primeira, o traje usado por Jesus era um traje caxemirense tradicional; segunda, o estilo dos seus cabelos era também de Caxemira; e, terceira, os milagres que operou são milagres iogues bem conhecidos. Sustentava o pândita que Jesus Cristo deixou a Ásia Menor aos treze anos de idade para viver o período desconhecido da sua existência, e que viveu nos vales de Caxemira até aos trinta. Eu não sabia se devia acreditar nele, mas o certo é que não desejava repudiar a idéia. O seu amor a Jesus Cristo era imenso. Eu não queria discutir com ele.

Quando estávamos a caminho de *Amarath*, ele me levou a um *ashram* que se erguia a onze quilômetros de distância, nas florestas de Gulmarg. Gulmarg é um dos lugares de interesse amiúde visitados por estrangeiros. Ali vivia um *swami* estudioso do *shaivismo* de Caxemira, que praticava a meditação na maior parte do tempo.

Santuário em Caxemira, onde se supõe que Jesus tenha vivido, chamado Takhte-taus (onde morou o Grande).

O *shaivismo* de Caxemira possui muitos textos sagrados ainda não traduzidos e explicados. Tanta coisa ficou sem ser dita nesses grandes livros santos que só os compreenderão os afortunados que se encontram no caminho e dele já compreenderam alguma coisa. Os citados textos nunca poderão ser compreendidos sem um mestre muito competente e consumado. Essa filosofia encara o espírito, a mente, o corpo e todos os níveis da realidade no universo inteiro como manifestação do princípio denominado *spanda*, Vibração Espontânea. O tema dos textos sagrados é *Shakti Pata** e o despertar da força latente sepultada nos seres humanos.

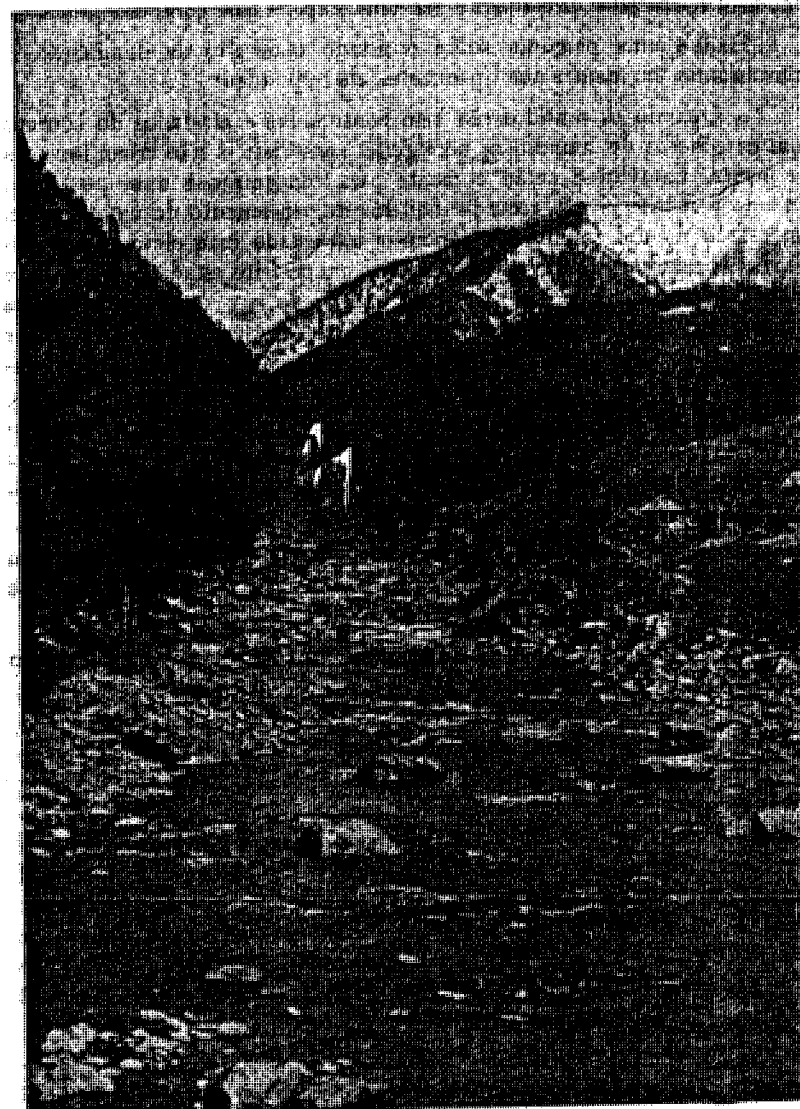
O *swami* contou-me a história de um iniciado itinerante que visitava o santuário da caverna de Amarnath todo verão, mas ninguém sabia onde vivia permanentemente. As pessoas que vinham de Ladakh viam-no, muitas vezes, perlustrando sozinho os caminhos da montanha. Meu interesse não se resumia em visitar o santuário da caverna, mas também em conhecer esse iniciado itinerante do Himalaia. De todas as pessoas que conheci em minha vida, três me impressionaram muito e deixaram marcas profundas no leito da minha memória. O iniciado foi uma delas. Fiquei em sua companhia durante sete dias, a menos de cinqüenta metros do santuário. Ele visitava a caverna praticamente todos os anos. Teria, quando muito, vinte anos de idade, era assaz bem apessoado e o lustre de suas faces lembrava o das cerejas. *Brahmachari*, usava apenas uma tanga e nada possuía. Estava tão aclimado às grandes altitudes que, com a ajuda de práticas iogues, viajava descalço e vivia em elevações de 3.000 a 3.600 metros. Era insensível ao frio. Viver com ele foi para mim uma experiência iluminadora. Ele era perfeito e pleno de sabedoria iogue e serenidade. As pessoas chamavam-lhe Bal Bhagawan (Deus-Menino reencarnado) mas ele se mantinha acima dos elogios e viajava constantemente pelas montanhas do Himalaia. Já conhecia meu mestre e vivera em nosso mosteiro na caverna. Perguntou por diversos estudantes que, nessa época, praticavam meditação com meu mestre. Falava pouco, formando sentenças certas e delicadas, mas percebi que não gostou quando meu guia começou a inclinar-se, tocando-lhe os pés e correndo à sua volta em manifestações emocionais de devoção. Esse grande iniciado tornou-se um exemplo para mim.

Eu nunca vira um homem capaz de permanecer imóvel, sem mover as pálpebras, de oito a dez horas a fio, mas esse iniciado era inteiramente fora do comum. Levitava quase um metro durante suas meditações. Fizemos a medição por meio de um barbante, confrontado mais tarde com uma craveira. Eu gostaria, não obstante, de esclarecer, como já tive ocasião de dizer, que não considero a levitação uma prática espiritual. É uma prática

---

* A transmissão da consciência mais elevada através da graça do Guru.

Amarath, santuário da caverna de Caxemira

Nos vales de Caxemira

Um formoso vale de Caxemira

avançada de *pranaiama* com aplicação de *bandhas* (chaves). Quem quer que conheça a relação entre massa e peso compreenderá que é possível levitar, mas só depois de longa prática. Não era isso, porém, o que eu estava procurando. Eu desejava diretamente ter uma experiência com esse iniciado.

Fiz-lhe uma pergunta sobre o estado mais alto de iluminação e, murmurando um mantra dos Upanixades, ele respondeu:

— Quando os sentidos são bem controlados e afastados do contato com os objetos do mundo, as percepções sensoriais já não criam imagens na mente. Exercita-se então a mente para concentrar-se num ponto só. Quando a mente já não recorda modelos de pensamento do inconsciente, um estado mental equilibrado conduz a um estado mais elevado de consciência. O estado mais alto de iluminação é um perfeito estado de serenidade estabelecida em *sattva*. A prática da meditação e o desapego são duas notas-chave. Uma convicção muito firme torna-se essencial para estabelecer uma filosofia definida da vida. O intelecto intervém e a emoção cega desencaminha. Embora sejam ambos grandes forças, devem ser conhecidos, analisados e dirigidos para a fonte da intuição. A intuição é o único manancial do verdadeiro conhecimento. Tudo isso ... seja o que for que vejas no mundo ... é irreal em virtude da sua natureza constantemente mudável. A realidade está escondida debaixo de todas essas mudanças.

Ele recomendou-me que prosseguisse, destemido, no caminho que eu estava seguindo. Depois de sete dias de *satsanga*, o guia e eu nos despedimos do grande sábio.

Regressei a Sri Nagar e, em seguida, fui para minha habitação no Himalaia, a fim de desfrutar o inverno.

Uma visão do Cristo

Em 1947, após a declaração da independência da Índia, ao retornar do Tibete, parei uns poucos dias em Siquim, visitando alguns eminentes iogues budistas. Em seguida, fui para Chilong, no Assão, um dos baluartes do cristianismo na Índia. Ali conheci um sadu garhwali, afamado místico cristão. Esse velho adorável estava totalmente fora da influência do mundo material. Ensinou-me o Sermão da Montanha e o Livro das Revelações, comparando-os com o sistema iogue de Patanjali. Falava muitas línguas e levou-me para os morros de Naga e Gairo, onde tribos protestantes e católicas viviam em habitações na floresta. Esse sadu servia de elo de harmonia entre os dois grupos e sempre ensinava cristianismo prático, em lugar de teorizar e sermonar.

— Amo o cristianismo, mas não amo o "igrejismo", — dizia.

Estou certo de que isso ofendia, pelo menos, alguns seguidores das igrejas. Cria ele que o reino de Deus está dentro de cada ser humano e que Jesus, depois de ungido, tornou-se Cristo. Sustentava que Cristo é a consciência universal e que ninguém poderá chegar à realidade final sem chegar primeiro à consciência de Cristo. Isso é raramente compreendido pelos cristãos em geral, embora os místicos do cristianismo o compreendessem bem. O sadu desfez muitas de minhas dúvidas no tocante à teologia cristã. Fazia muito tempo que eu amava Cristo e seus ensinamentos, mas jamais compreendera o dogma segundo o qual só através do Cristo se pode alcançar a salvação. Resolveu-se-me o problema quando me foi explicado em termos do Pai e do Filho e da perfeição que pode ser atingida por todos os seres humanos.

Dois dias depois de conhecer o grande sadu cristão, tornei a ter problemas com as autoridades. Diversos partidos políticos estavam distribuindo propaganda, preparando-se para as eleições municipais da cidade. Minha opinião foi solicitada e declarei aos que me pediam que não deviam votar para o partido dominante se o julgassem desonesto. Eu era um estranho na cidade e a polícia me prendeu, sob a acusação de não ser um defensor

do novo governo indiano, conquanto, na realidade, eu não tivesse quaisquer motivações políticas. Nessa época, a democracia na Índia era incipiente, e o povo e as autoridades ainda tinham muito que aprender sobre o que realmente significa viver numa democracia e administrá-la.

Mais uma vez perguntei a mim mesmo: "Depois de haver gasto uma parte tão grande do meu tempo para evitar ferir alguém, por que terei de sofrer dessa maneira?" Rezei ao Senhor para que me ajudasse. Nessa noite, quando eu estava dormindo, tive uma clara visão de Jesus Cristo. Ele segurou meu braço confortadoramente e abençoou-me, dizendo:

— Não te preocupes, nada de mau te acontecerá.

No dia seguinte o caso foi levado ao tribunal, e conduziram-me à presença de um juiz cristão. Em razão da barba curta, das sandálias de madeira, do comprido cajado e das vestes que eu ostentava, as pessoas amiúde me suspunham cristão. O juiz olhou para mim e perguntou:

— És cristão?

— Não, não de nascença, — repliquei.

Eu amava e respeitava, naturalmente, o cristianismo, tanto quanto as outras grandes e profundas religiões.

— Por que foste preso? — perguntou ele.

— Expressei minha opinião, — retruquei. — As pessoas me perguntavam em quem deviam votar e eu as aconselhava: "Dependerá de vós votardes neste ou naquele."

A polícia fabricara um caso contra mim e, quando se inteirou dos fatos, o juiz concordou em que eu fora preso injustamente. Absolveu-me.

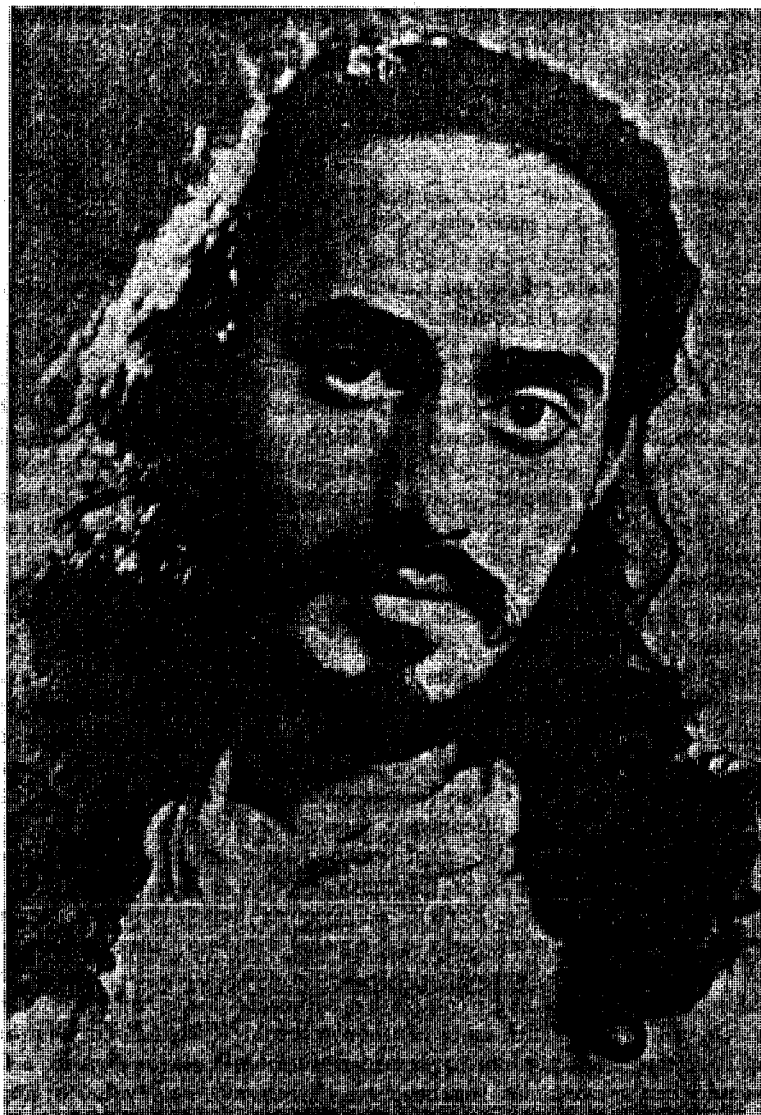
Fiquei em Chilong quatro meses, estudando com esse místico cristão. Eu jamais conhecera outro sadu capaz de comparar com tanta clareza a filosofia do Gita e os ensinamentos da Bíblia, do que resultava, para mim. uma compreensão muito mais clara de ambos. Calmo, sereno e destemeroso, ele meditava regularmente. Após estudar com ele, passei um longo espaço me enfronhando no Sermão da Montanha e no Livro das Revelações, os quais, por muito tempo, foram meus livros favoritos. Tenho a firme convicção de que a Bíblia contém muita sabedoria, se bem, às vezes, pregadores que se metem a interpretá-la a obscureçam e confundam.

Disse-me o sábio:

— Depois de ter feito um estudo comparativo das grandes religiões do mundo, descobri que as verdades fundamentais de todas elas são as mesmas. E se isto é verdade, por que tanto ódio, tanta inveja e tantos dogmas? Isso me levou a compreender que se perdeu até a mais antiga religião védica, que é de fato universal, e a sabedoria sacerdotal na Índia não foi capaz de

transmitir a mensagem dos sábios védicos. No entanto, esses sacerdotes se denominam conhecedores dos Vedas. Em seu comentário a respeito do Bhagavad Gita, Shankara explica claramente que o Gita é uma versão modificada dos Vedas e que o Senhor Crisna é apenas um narrador. A verdade sempre existiu. Os fundadores e grandes mensageiros das religiões do mundo foram meros narradores mas, na verdade, os sábios, e não as reencarnações de Deus, são os fundadores das verdades nobres. Isso mesmo é prova de que as grandes reencarnações de Deus se limitaram a modificar a mensagem transmitida pelos sábios. As reencarnações de Deus são os mensageiros dos sábios. Eles apenas trocam de cestas, porque os ovos não mudam.

Quando o sadu cristão me explicou tudo isso, meus olhos se abriram para outra dimensão. Ele continuou:

— As religiões desempenham seu papel importante atando a sociedade como um todo. Os líderes espirituais e fundadores de religiões são aceitos como autoridades mas, de acordo com minha análise, a sabedoria transmitida pelos sábios é eterna e perfeita. Os grandes mensageiros e líderes de várias religiões são simples canais dos antigos sábios. Adorar os líderes e fundadores de religiões é o mesmo que criar um dogma e um culto sem o apoio de qualquer filosofia sólida. Não há nenhum culto do herói no seguir o caminho dos sábios, pois seus ensinamentos são universais e para todos os tempos. A impossibilidade em que se viram os mestres religiosos de transmitir o conhecimento prático aos alunos corrompeu as religiões do mundo. Diziam eles: "Devíeis ter fé em Deus" e, em seguida, dispensavam a autêntica busca da alma. A doutrina da fé no Oriente e no Ocidente está sendo explorada por todos os pregadores do mundo. O homem moderno é mais confundido pelos pregadores do que por seus próprios problemas. Os problemas sociais e os problemas religiosos criam conflitos sérios e preconceitos que depois dificilmente conseguimos eliminar. Qual é o valor da religião que gera servidão e sofrimento para o homem? A liberdade é uma das principais mensagens transmitidas pelos sábios, mas foi por tal maneira obstruída que o homem religioso de hoje vive como escravo, aterrorizado e atormentado pelo mal e pelos demônios, mais preocupado com o pecado e com Satanás do que com a auto-realização e com Deus. A filosofia da nova era exige completa modificação desses conceitos religiosos mas, infelizmente, até agora não houve revolução alguma em nenhuma religião. Sem passar por um processo revolucionário sócio-religioso, a flor da verdadeira religião não desabrochará. A reforma e a revolução são os sinais e sintomas da evolução do homem. Torna-se possível a revolução pela mudança do coração e pela prática da *ahimsa* na vida cotidiana. Só o amor tem o poder de mudar. Tal revolução e mudança prepararão o homem

Swami Rama em Uttarkashi, no Himalaia.

moderno para a próxima dimensão da percepção, a qual, então, unirá toda a humanidade.

Esse grande sábio cristão realmente me abriu os olhos interiores e comecei a olhar com ansiedade para o dia, no futuro, em que toda a humanidade seguirá a religião do homem cultuando uma só verdade e praticando o amor. Não haverá, então, lugar para o ódio, para a inveja e para outros preconceitos da vida. Minha estada de quatro meses em casa desse grande homem ajudou-me a compreender melhor o cristianismo. A visão do Cristo aprofundou meu amor aos Seus ensinamentos, e Ele permanece na câmara mais calma do meu coração, como meu guia e protetor.

Judaísmo na Ioga

Em certa ocasião fui convidado pelos seguidores de B'hai a presidir uma conferência de três dias em Pooná, onde conheci dois rabinos judeus de origem indiana. Eles discutiam a Cabala e, depois de freqüentá-los, compreendi melhor as práticas do judaísmo. Há um grupinho de judeus na Índia. Os judeus têm sido perseguidos em quase toda a parte – menos na Índia. Os parses, adoradores do fogo divino, e os judeus, que meditam sobre a Estrela de Daví, desfrutam da cidadania indiana exatamente como os demais. As práticas da ioga e as da cabala são semelhantes. Depois de estudar-lhes a literatura, cheguei à conclusão de que as práticas espirituais são idênticas em todas as grandes religiões do mundo.

A antiga filosofia da *samkhya*, base da ioga, e a filosofia da cabala parecem provir da mesma fonte. De acordo com o sistema cabalístico, a vida está associada a números. Esse é um antigo conceito da *samkhya*. Muitos ensinamentos da Gita são similares aos do judaísmo. As duas grandes religiões, o hinduísmo e o judaísmo, se assemelham e são as mais antigas do mundo. O templo e a religião de B'hai aceitam e enfatizam esse fato em seu monograma e em sua literatura. O conceito de *Sri Yantra*, antigo processo iogue de iluminação, alta e cientificamente evoluído, está centrado na Estrela de Daví, também conhecida como *Chacra Anahata* na literatura iogue e como Sagrado Coração nas práticas cristãs. *Sri Yantra*, era muito provavelmente familiar aos anciãos do Templo de Salomão. De acordo com a literatura espiritual dos antigos, é um processo iogue muito sagrado. Ajuda-nos a relacionar-nos com outros seres, o universo e o criador.

Tenho para mim que a ioga é uma ciência completa da vida, igualmente aplicável e útil a todos os homens, mulheres e crianças. As religiões são ciências sociais que ajudam a manter a cultura e a tradição e sustentam a estrutura legal da sociedade humana. A ioga é uma ciência universal para o auto-aprimoramento e para a iluminação. Todos os métodos de auto-crescimento, encontrados em qualquer religião, já estão na literatura iogue.

Durante esta conferência, descobri que é necessário para os líderes religiosos e espirituais de vários grupos de diferentes partes do mundo encontrar-se, discutir e partilhar suas filosofias e idéias. Tenho uma idéia muito firme sobre serem uma só e a mesma todas as grandes religiões, conquanto seus caminhos pareçam diferentes. Diversos são os caminhos da iluminação, mas a meta é uma só e a mesma para todas. Se os líderes espirituais se encontrarem, discutirem e compreenderem outros caminhos, poderão ajudar suas comunidades e, assim, levá-las a comunicar-se com grupos e religiões diferentes do mundo. Quem quer que diga que a sua religião é a única verdadeira, sobre ser ignorante desencaminha os fiéis da citada religião. O preconceito atua como o veneno que atalha o desenvolvimento humano. O amor, abrangente, fundamenta todas as grandes religiões.

Não pertenço a ninguém senão a Deus

De uma feita, fui visitar um sábio que vivia à beira de um rio. Naquele tempo, eu alimentava a tola idéia de que os verdadeiros sábios só se encontram no Himalaia. E pensei: "Não pode ser verdade que um sábio autêntico viva nas margens deste riozinho, tão perto de uma cidade." Entretanto, queria experimentar diretamente esse modo de vida.

Quando eu ainda estava a mais de seis quilômetros de distância, ele me mandou comida, mas não me deixei impressionar. E pensei: "Isso não é nada. Se alguém vier ver-me, também poderei senti-lo a caminho e preparar-lhe comida. Essa não é a verdadeira sabedoria."

Quando o conheci, ele me admoestou:

— Chegaste tarde. Despegar-me-ei do corpo amanhã cedo.

— Por que não esperais mais doze horas, — perguntei, — e não me ensinais alguma coisa?

— Não tenho tempo, — disse ele.

Seus adeptos eram muitos e de vários credos. Os hindus conheciam-no como *swami*, os maometanos julgavam-no seguidor do islamismo, e os cristãos criam-no cristão. Estes pretendiam, após a sua morte, levá-lo para o seu cemitério; os maometanos mostraram-se inflexíveis — planejavam carregá-lo para o seu campo-santo; e os hindus tencionavam sepultá-lo e erguer um monumento em sua honra.

No dia seguinte, ele deixou o corpo. Veio um médico e declarou-o morto. Nas horas que se seguiram houve grande confusão. As pessoas de todas as religiões e os respectivos líderes começaram a brigar pelo seu corpo. Estava em jogo o prestígio de cada grupo. O magistrado do distrito aproximou-se de mim e disse:

— Estáveis com ele. Talvez saibais o que realmente era. Podeis ajudar-me a resolver a pendência.

— Não sei nada a seu respeito, — respondi-lhe.

Depois pensei: "Que tipo de sábio é ele? Morreu e criou um problema para mim e para os outros e não me ensinou coisa alguma." E disse entre mim: "Se fosse um grande sábio, não teria provocado tamanha confusão."

Haviam decorrido quatro horas após a sua morte. A súbitas, ele levantou-se e declarou:

— Muito bem, já que estais brigando, decidi não morrer!

O magistrado e todas as pessoas olhavam-no com assombro. E disse o sábio:

— Saí da minha vista, hindus, cristãos e mamometanos! Sois todos uns grandíssimos tolos. Pertenço a Deus e a mais ninguém. — Em seguida, olhando para mim, acrescentou: — Meu filho, não te preocupes. Agora ficarei contigo, ensinar-te-ei durante três dias e, no quarto, soltar-me-ei tranqüilamente do corpo.

Vivi com ele três dias. Minha estada em sua companhia foi sumamente esclarecedora. Uma das melhores épocas de minha vida. Ele me ensinou uma porção de coisas. E muitas vezes por dia repetia a mesma frase:

— Sê o que realmente és; não finjas ser o que não és.

Repetia-a uma infinidade de vezes.

Volvidos três dias, anunciou:

— Quero entrar nas águas.

Em seguida, caminhou para o rio e desapareceu. Quando vieram procurá-lo, contei aos interessados que ele entrara no rio e dali não saíra. Procuraram-lhe o corpo e fizeram todos os esforços possíveis para recuperá-lo, mas nunca foi encontrado.

Os grandes sábios não se identificam com nenhuma religião e nenhum credo particulares. Estão acima de todas as distinções dessa natureza. Pertencem a toda a humanidade.

IX

PROTEÇÃO DIVINA

A entrega de si mesmo é o método mais elevado e mais fácil de iluminação. A criatura que se entregou será sempre protegida pelo poder divino. Quem não possui nada e não tem ninguém para protegê-lo pertence a Deus e está constantemente sob a proteção divina.

Braços protetores

Conheço muitos sítios calmos e sossegados no regaço do Himalaia, onde uma pessoa pode viver e meditar sem ser perturbada. Sempre que me canso, penso em recarregar-me indo para o Himalaia a fim de ali passar um breve período. Um dos meus pontos favoritos para esse tipo de retiro fica no distrito de Garhwal, a dezenove quilômetros ao norte de Landsdowne onde, a uma altitude de 2.000 metros, há um templozinho de *Xiva* cercado de grossos abetos.

Nessa região, ninguém come trigo sem oferecê-lo à divindade do templo. De acordo com o folclore local, se alguém fizer por engano uma coisa dessas, sua casa começará a tremer e as pessoas passarão a proceder de maneira esquisita. Quando ouvi a história pela primeira vez, aos catorze anos de idade, senti o desejo de visitar o templo. Eu supunha que as pessoas criam tais mitos com a ajuda da imaginação, e que, depois disso, os mitos viajam muito e para muito longe e são aceitos por todos, embora não tenham base na realidade. Decidi visitar o lugar para ver com meus próprios olhos. Quando me aproximei, eram sete horas da noite. Já escurecera. Eu estava viajando ao longo da borda de um rochedo. Não trazia luz alguma comigo e, nessa época, costumava usar sandálias de madeira, muito escorregadias. Escorreguei, e estava a pique de cair pelo rochedo abaixo, extremamente íngreme, quando, de repente, um velho alto, vestido de branco, segurou-me em seus braços e levou-me de volta ao caminho.

— Este é um lugar sagrado, — disse ele, — e estás plenamente protegido. Levar-te-ei ao teu destino.

Conduziu-me ao longo do caminho por uns dez minutos até que nos aproximamos de uma choça coberta de sapé, dentro da qual ardia uma tocha. Chegados ao muro de pedra que cercava a choupana, pensei que ele estivesse caminhando logo atrás de mim. Mas quando me voltei para agradecer-lhe, não consegui encontrá-lo em parte alguma. Gritei por ele, e o sadu que vivia na cabana, ouvindo-me, saiu de casa. Agradou-se de ter um hóspede e disse-me que o acompanhasse à sua habitação, onde ardia um lume.

Falei-lhe do velho que me mostrara o caminho no escuro. Descrevi-lhe a aparência e contei que ele me impedira de cair pelo rochedo abaixo.

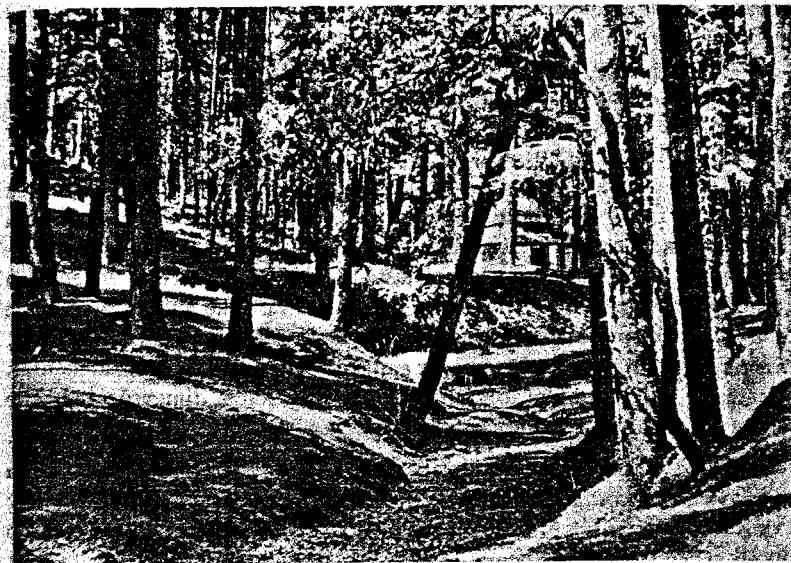
O sadu principiou a chorar e disse:

– Tiveste a sorte de encontrar esse grande homem. Sabes por que estou aqui? Porque há sete anos, também perdi o caminho no mesmo lugar. Eram onze horas da noite. O mesmo velho segurou-me pelo braço e trouxe-me para esta palhoça onde agora vivo. Chamo-lhe *Siddha Baba*. Seus braços extremosos também me salvaram.

Na manhã seguinte dei uma busca em toda a área, mas não encontrei ninguém. Fui até ao rochedo e vi as marcas no lugar em que escorregara. Lembro-me a miúdo dos braços extremosos que me protegeram e não me deixaram cair do rochedo. Era um lugar perigosíssimo e, se tivesse caído, não teria tido probabilidade alguma de salvar-me. Mais tarde falei aos aldeões sobre minha experiência e verifiquei que todos sabiam da existência desse sida. Acreditam que ele lhes protege as mulheres e os filhos na floresta, mas nenhum deles já o viu. Durante esse tempo eu cumpria rigorosamente as austeridades e instruções que meu mestre me transmitira e não possuía nem carregava nada comigo. Minha experiência confirmou-me bastas vezes a crença de que os que nada têm são objeto dos cuidados do Divino.

A cabana de sapé em que vivia o sadu ficava a cem metros do templozinho de *Xiva*. Cercada de altos abetos, a piedosa edificação se erguia numa clareirazinha da floresta, num lugar carregado de vibrações espirituais. Fiquei sabendo que ali vivera, seiscentos anos atrás, um grande sida, que instruía e guiava os habitantes daquela área, embora permanecesse em silêncio. Depois da sua morte, o povo construíra um templo de 5,5 metros quadrados, onde ele morava. Dentro havia uma *Xiva linga**. Os aldeões ainda hoje visitam o templo uma vez por trimestre, antes de iniciar-se a nova estação, a fim de manter vivas suas lembranças do grande homem. Dizem alguns que foi ele quem me salvou, impedindo-me de cair do rochedo. Fiquei num aposento pequeno perto do templo, durante vários meses, inteiramente só, guardando silêncio e praticando austeridades.

Poucos anos após minha primeira visita àquele templo, alguns brâmanes decidiram construir um templo maior, mais sólido e majestoso, em lugar do pequeno e velho templo, que já não se achava em bom estado. Quando os trabalhadores começaram a cavar em torno dos alicerces para remover o antigo edifício, descobriram que a terra estava cheia de cobrinhas de várias cores. Puseram-se, assim, a recolher as cobras juntamente com a terra e a jogá-las de lado. Mas, quanto mais fundo cavavam, maior número de cobras

* Pedra ovalada, símbolo de *Xiva*.

Tarkeshwar, Himalaia

O sadu que vive na montanha

aparecia. Uma velha de uma aldeia próxima vinha ao templo todas as manhãs e todas as noites. À noite, caminhava quase cinco quilômetros a fim de acender a lamparina no interior do templo e, de manhã, vinha apagá-la. Fazia isso regularmente havia vários anos. Não queria que o templo fosse modificado e advertira os construtores de que não o perturbassem, mas o engenheiro encarregado do projeto não lhe dera atenção. Depois de cavar durante seis dias, concluíram que não havia como acabar com as cobras. Quanto mais tiravam, mais pareciam ter ficado. Cavaram em torno da *Xiva linga* a fim de removê-la, mas descobriram que ela estava enterrada até muito fundo no solo. Cavaram até uma profundidade de dois metros e meio e ainda assim não alcançaram afastá-la. Na oitava noite, o engenheiro teve um sonho em que o velho iogue que me salvara lhe apareceu com sua barba branca e sua longa túnica. Ele disse ao engenheiro que a *Xiva linga*, por ser sagrada, não se devia remover e que o templo não se devia aumentar. Dessarte, o velho templo foi reconstruído nas exatas dimensões em que se erguera durante seis séculos.

Tornei a visitar o lugar na primavera de 1973 com Swami Ajaya e um grupinho de estudantes. Lá ficamos por seis dias numa casa de barro e pedra, de dois andares, construída a pequena distância do santuário. Outro velho sadu ali vive e faz as vezes agora de sacerdote do templo. Muito hospitaleiro, serve a quem quer que chegue até lá. O sítio ressuma serenidade e beleza. No topo dos morros altos que circundam o vale, podem ver-se as longas cordilheiras do Himalaia, como se todos os picos nevados estivessem apertadamente agarrados uns aos outros e firmemente determinados a subsistir de eternidade a eternidade.

Perdidos na terra dos devas

Eu ouvira e lera tanta coisa a respeito de uma aldeia denominada Jnanganj que meu desejo de visitá-la se tornou intenso. Muitos peregrinos têm ouvido falar nesse sítio, mas é raro que alguém persevere tanto que consiga chegar lá. É uma comunidadezinha de pessoas espirituais, situada bem no regaço do Himalaia, cercada de picos cobertos de neve. Durante oito meses do ano ninguém entra nesse local e tampouco sai dele. Um reduzido grupo de iogues vive ali o tempo todo. Esses iogues guardam silêncio e passam a maior parte do tempo em meditação. Casinhas de troncos lhes proporcionam abrigo, e o principal alimento são batatas e cevada, que armazenam para o ano inteiro. A comunidade, formada de sadus indianos, tibetanos e nepaleses, reside na fronteira do Himalaia, entre o Tibete e Pithora Garh. Nenhum outro lugar além desse pode chamar-se Jnanganj.

Decidi ir a Kailasa em companhia de mais quatro renunciantes no intuito de visitar a aldeia. Fomos de Almora a Dorhchola e de Dorhchola a Garbiank e, transcorridos vários dias, quando chegamos a Rakshastal, perdemos o caminho. Estávamos no mês de julho, quando a neve se derrete nas montanhas do Himalaia. Durante essa estação do ano as geleiras se movem e, por vezes, uma geleira inteira se esbarronda e bloqueia o caminho. Nesse caso, durante vários dias, poderá não haver caminho para seguir.

Enquanto andávamos, encontramos geleiras que despencavam, bloqueando o caminho atrás e adiante de nós. Eu estava acostumado a essas calamidades repentinas mas, para os outros *swamis*, tais aventuras eram inteiramente novas. Os *swamis*, assustadíssimos, responsabilizavam-me por aquilo e começaram a imputar-me a culpa de tudo porque eu era oriundo do Himalaia. Disseram:

– Devias saber mais. Vieste das montanhas. Extraviaste-nos. Não temos comida, o caminho está bloqueado, faz muito frio. Estamos morrendo.

Estávamos ali em dificuldade, à beira de um lago enorme chamado Rakshastal, que quer dizer "Lago do Diabo". Mercê da neve que se derretia

e das avalanchas, a água começou a subir. No segundo dia, todo o mundo estava em pânico.

— Não somos pessoas comuns do mundo, — disse eu. — Somos renunciantes. Deveríamos morrer felizes. Lembrai-vos de Deus. O pânico não nos ajudará.

Cada qual se pôs a recordar o seu mantra e a rezar, mas nada parecia ajudar. Aqui foi posta à prova a fé de cada um, mas nenhum deles tinha fé. Receavam ser sepultados na neve. Começando a brincar, eu disse:

— E admitindo que todos morrais, qual será o destino das vossas instituições, da vossa riqueza e dos vossos seguidores?

— Podemos estar morrendo, — disseram eles, — mas, antes disso, diligenciaremos para que morras tu.

Minhas brincadeiras e o fato de encarar a situação com leveza os tornavam ainda mais zangados.

Muito pouca gente sabe apreciar o humor. A maioria das pessoas fica muito séria em situações desfavoráveis. O humor é uma qualidade importante que nos torna joviais em todas as situações da vida. É importantíssimo cultivá-lo. Quando deram o veneno a Sócrates, ele se mostrou muito chistoso e pilheriou com os algozes. No momento em que lhe passaram a taça de cicuta, perguntou: "Posso partilhar dela com os deuses?" Em seguida, sorriu e ajuntou: "O veneno não tem o poder de matar um sábio, pois o sábio vive na realidade, e a realidade é eterna." E, sorrindo, tomou o veneno.

— Se tivermos de viver e estivermos no caminho certo, — disse eu aos renunciantes, — o Senhor nos protegerá. Por que haveremos de preocupar-nos?

Principiou a escurecer e a neve recomeçou a cair. De repente, um homem de longas barbas, que vestia uma túnica branca e carregava uma lanterna, surgiu diante de nós. E perguntou-nos:

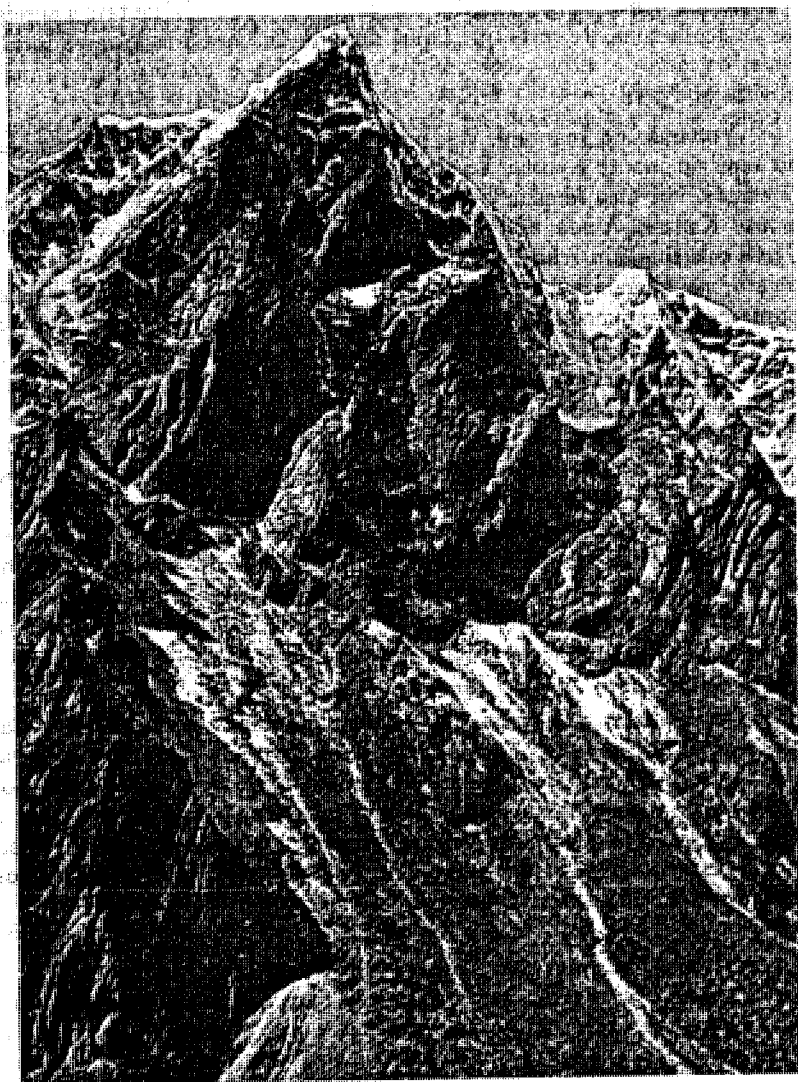
— Perdestes o caminho?

— Faz quase dois dias que não temos tido nada para comer, e não sabemos como sair deste lugar, — replicamos.

Ele nos ordenou que o seguíssemos. Não parecia haver caminho através da avalancha mas, indo atrás dele, fosse como fosse, acabamos por encontrar-nos do outro lado. Ele mostrou-nos o atalho para uma aldeia situada a poucos quilômetros de distância e explicou-nos como haveríamos de ali pernoitar. Súbito, desapareceu. Todos nos pusemos a imaginar quem seria. Sustentam os aldeões que tais experiências não são incomuns nesta terra de *devas*. Esses seres brilhantes guiam viajantes inocentes que se extraviam. Ficamos na aldeia essa noite. No dia seguinte, os outros quatro

renunciantes se recusaram a seguir viagem comigo. Todos retrocederam. Não queriam continuar a caminhar na direção das montanhas porque receavam novos perigos. Depois de ouvir as indicações dos aldeões, parti sozinho em demanda de Jnanganj. Um dos sadus que lá viviam teve a bondade de acolher-me, de sorte que fiquei durante um mês e meio nessa localidade, cercada de altos picos recobertos de neve e um dos lugares mais bonitos que já vi.

Voltando de Jnanganj, vim pelo caminho que conduz a Mansarobar, no sopé do monte Kailasa. Encontrei muitos iogues avançados, indianos e tibetanos. Por uma semana vivi num acampamento de lamas, nas faldas do monte Kailasa. Ainda dou muito valor a essa experiência. Viajei para Garviyauk com um rebanho de carneiros. Os pastores com os quais fiz o trajeto me falaram sobre os seres que dirigem os viajantes no Himalaia. Contaram-me inúmeras experiências desse gênero. Desses seres, denominados devas, ou seres brilhantes, diz-se que podem viajar entre o lado conhecido e o lado desconhecido da vida, e penetrar através da existência física para guiar aspirantes, mas que, no entanto, vivem no plano não-físico. Os devas também têm seu plano de vida. A ciência esotérica e o ocultismo falam muito a seu respeito, mas os cientistas modernos lhes negam a existência, afirmando que tais seres são fantasias ou alucinações. Ouvi jovens cientistas sustentar que os velhos que acreditam na sua realidade devem ser alucinados, pois a velhice é outra infância, cheia de desatinos, e pode dar azo a alucinações. O certo, porém, é que as pessoas espirituais se tornam mais sábias na velhice. E é pouco provável que fiquem alucinadas, pois primeiro purificam a mente e depois experimentam os níveis mais elevados da consciência.

Os cientistas, até agora, não estudaram muitas dimensões da vida. Ainda estão estudando o cérebro e suas várias zonas. O aspecto da psicologia que se denomina transpessoal ou transcendental está fora do seu domínio. A psicologia perene dos antigos, cultivada por vários séculos no passado, é uma ciência exata. Baseia-se no mais delicado dos conhecimentos, a intuição. As ciências físicas têm limitações e suas investigações se restringem aos níveis grosseiros da matéria, do corpo e do cérebro.

Em Gangotri.

Terra de Hamsas

Entre todos os lugares que visitei em minha vida, nenhum encontrei mais fascinante do que Gangotri. É a terra dos *hamsas*, onde os picos das montanhas estão sempre cobertos de neve. Quando eu era jovem, ali viviam uns trinta ou cinqüenta iogues ao longo das margens do Ganges. A maioria não usava nenhuma peça de roupa, e alguns nem sequer se utilizavam do fogo. Por três invernos inteiros ali vivi sozinho, numa cavernazinha que distava pouco menos de quinhentos metros da furna em que se aboletavam meus condiscípulos. Eu raro me comunicava com alguém. Os dentre nós que ali vivíamos só nos víamos de longe, mas ninguém perturbava ninguém; não havia interessados em participar de atividades sociais. Esse foi um dos períodos mais satisfatórios de minha vida. Passei a maior parte do tempo realizando práticas iogues e vivendo de uma mistura de trigo e grão-de-bico. Eu impregnava de água o trigo e o grão-de-bico e quando, volvidos dois dias, eles germinavam, acrescentava-lhes uma pitadinha de sal. Era esse o meu único alimento.

Numa caverna próxima vivia um sábio extensamente respeitado em toda a Índia. Chamava-se Krishnashram. Certa noite, às doze horas, mais ou menos, fiquei impressionado com um barulho ensurdecedor, como de muitas bombas que explodissem. Era uma avalancha, que rolara muito perto dali. Saí da minha caverna para ver o que havia acontecido. A noite, de luar, permitiu-me enxergar a outra margem do Ganges, onde Krishnashram vivia. Quando avistei o local onde acontecera a avalancha, concluí que Sri Krishnashram fora sepultado debaixo dela. Enfiei rapidamente meu longo casaco tibetano, empunhei uma tocha e precipitei-me para a sua caverna. O Ganges, ali, não passa de uma ribeira estreita, de modo que o atravessei com facilidade e descobri que a cavernazinha do sábio continuava segura e intocada. E ele, sentado no seu interior, sorria. Como estivesse guardando silêncio naquela época, apontou para cima e fez:

– Hm, hm, hm, hm.

Swami Rama em Gangotri.

Jovem sábio de Gangotri.

A seguir, escreveu numa lousa: "Nada pode ferir-me. Tenho de viver por muito tempo. Esses ruídos e avalanchas não me assustam. Minha caverna está protegida." Vendo-o indene e bem disposto, voltei à minha gruta. De manhã, quando pude ver com maior clareza, verifiquei que a avalancha descera dos dois lados da sua furna. Os altos abetos tinham sido completamente sepultados. Somente a caverna permanecera incólume.

Visitei Krishnashram muitas vezes de duas às cinco horas da tarde. Eu lhe fazia perguntas e ele respondia escrevendo na lousa. Seus olhos brilhavam como duas tigelas de fogo e sua pele era grossa como a de um elefante. Beirava os oitenta anos e era muito saudável. Eu perguntava a mim mesmo como é que ele podia viver sem roupas de lã, fogo ou proteção contra o frio. Nada possuía. Um *swami* que vivia a uns oitocentos metros de distância na direção de Gomukh lhe trazia regularmente alguma comida. Uma vez por dia ele ingeria batatas assadas e um naco de pão de trigo integral.

Todos ali tomavam chá verde misturado com uma erva chamada *gangatulsi (artemisia cina).* Os iogues e *swamis* que então conheci me ensinaram muita coisa a respeito das ervas e seus usos, e também discutiram comigo os textos dos livros sagrados. Esses iogues não gostavam de descer às planícies da Índia. Todo verão, centenas de peregrinos visitavam o santuário, um dos mais altos do Himalaia. Naqueles dias precisavam caminhar cento e cinqüenta e tantos quilômetros pelas montanhas para chegar lá. Se alguém desejar conhecer em primeira mão o poder do espírito sobre a mente e o corpo, ainda hoje encontrará ali alguns raros iogues.

Um swami agnóstico

Havia um *swami* instruído e altamente intelectual que não acreditava na existência de Deus. Fosse qual fosse o objeto da crença de alguém, tentaria solapá-la com argumentos habilmente formulados. Muitos letrados o evitavam, mas ele e eu éramos bons amigos. Atraíam-me o seu saber e a sua lógica. Toda a sua mente e toda a sua energia focalizavam uma coisa só: a maneira de argumentar. Ele era douto — e obstinado.

Costumava dizer:

— Não sei por que as pessoas não vêm aprender comigo.

E eu lhe respondia:

— Tu lhes destróis a crença e a fé. Por que haveriam de vir? Elas têm medo de ti.

Era um homem muito conhecido. Escrevera um livro em que tentara refutar todas as filosofias clássicas. Um bom livro, um livro maravilhoso para ginástica mental. Chama-se *Khat-Dharshana* ou *Seis Sistemas de Filosofia Indiana.* Os letrados tibetanos e chineses que o admiravam como lógico, convidaram-no a ir à China. Tinham aparentemente chegado à conclusão de que, se havia um homem instruído em algum lugar da Índia, esse homem era ele.

Não acreditava em Deus e, no entanto, era monge. Costumava dizer que se fizera monge para contestar e eliminar a ordem dos monges.

— São todos impostores, — dizia sempre. — Representam um fardo para a sociedade. Descobri que não há nada de autêntico neles e vou contá-lo ao mundo.

Jurava que, se alguém conseguisse convencê-lo de que havia um Deus, tornar-se-ia um discípulo desse alguém.

— Conheces o meu juramento? — perguntou certa vez.

— Seria o maior dos tolos o homem que fizesse de ti seu discípulo, — repliquei.

— Que queres dizer com isso? — tornou ele.

— Que é o que pode fazer alguém com a tua mente boba? — respondi. — Aguçaste-a de um jeito só, mas não conheces nenhuma outra dimensão.

— O bobo és tu, — retrucou ele, — que falas também em dimensões desconhecidas. Tudo isso é asneira, fantasia.

Fiz uma oração a Deus e prometi a mim mesmo: "Aconteça o que acontecer, ainda que eu tenha de sacrificar minha vida, farei este homem perceber algumas verdades mais profundas."

Um dia, perguntei:

— Já viste o Himalaia?

— Não, nunca vi, — respondeu ele.

— No verão é agradável andar pelas montanhas, — prossegui. — São belas.

Eu esperava que ele viajasse comigo e que me fosse dada a oportunidade de emendá-lo.

— Eis aí uma coisa que eu gostaria de fazer, — confessou ele. — Com montanhas tão belas assim, para que precisamos de Deus?

"Forçá-lo-ei a ver-se numa situação em que terá de acreditar," pensei comigo mesmo. Planejei levá-lo a uma das altas montanhas. Munidos de uma tendazinha e de alguns biscoitos e frutas secas, partimos para Kailasa. Estávamos em setembro, quando começa a nevar. Eu acreditava firmemente em Deus e rogava ao Senhor que criasse uma situação em que este *swami*, vendo-se impotente, Lhe pedisse ajuda. Eu era jovem e temerário, e por isso o levei por um caminho árduo. Eu mesmo não sabia onde íamos, de sorte que logo nos perdemos.

Tendo nascido no Himalaia, desenvolvi minha resistência à friagem. Eu conhecia uma postura especial e uma técnica de respiração que me ajudavam a proteger-me do frio. Mas o pobre *swami* tremia dolorosamente porque não estava acostumado à frialdade das montanhas. Compadecido, e para mostrar que eu gostava dele, dei-lhe o meu cobertor.

Levei-o a uma altitude de 4.200 metros. Depois de 4.200 metros ele se queixou:

— Não posso respirar direito.

— Não tenho nenhuma dificuldade, — disse-lhe eu.

— És moço, a altitude não te afeta, — voltou ele.

— Não aceites a derrota, — insisti.

Todos os dias ele me ensinava filosofia e eu o encantava falando nas montanhas. E dizia:

— Que coisa maravilhosa, estar tão perto da natureza!

Depois de caminharmos pelas montanhas quatro dias, começou a cair neve. Acampamos a uma altitude de 4.500 metros. Tínhamos apenas uma tendazinha — de um metro e vinte por um metro e meio. Quando a neve que caía atingiu sessenta centímetros de altura, eu disse:

— Sabes que a neve atingirá uma altura de mais de dois metros, sepultará a nossa tenda e nos sepultará dentro dela?

— Não digas uma coisa dessas! — bradou ele.

— É verdade, — confirmei.

— Não podemos voltar?

— Não há jeito, Swamiji.

— Que faremos?

— Rezarei para Deus, — retruquei.

— Pois eu acredito em fatos, — voltou ele; — não acredito nas tolices que estás falando.

— Pela graça do meu Deus, a neve cessará, — tornei. — Se quiseres usar tua inteligência e filosofia para detê-la, podes fazê-lo. Experimenta.

— Como saberei que tuas orações funcionam? Admitamos que rezes e que a neve cesse. Mesmo assim não acreditarei em Deus, porque a neve pode ter parado a despeito das tuas rezas.

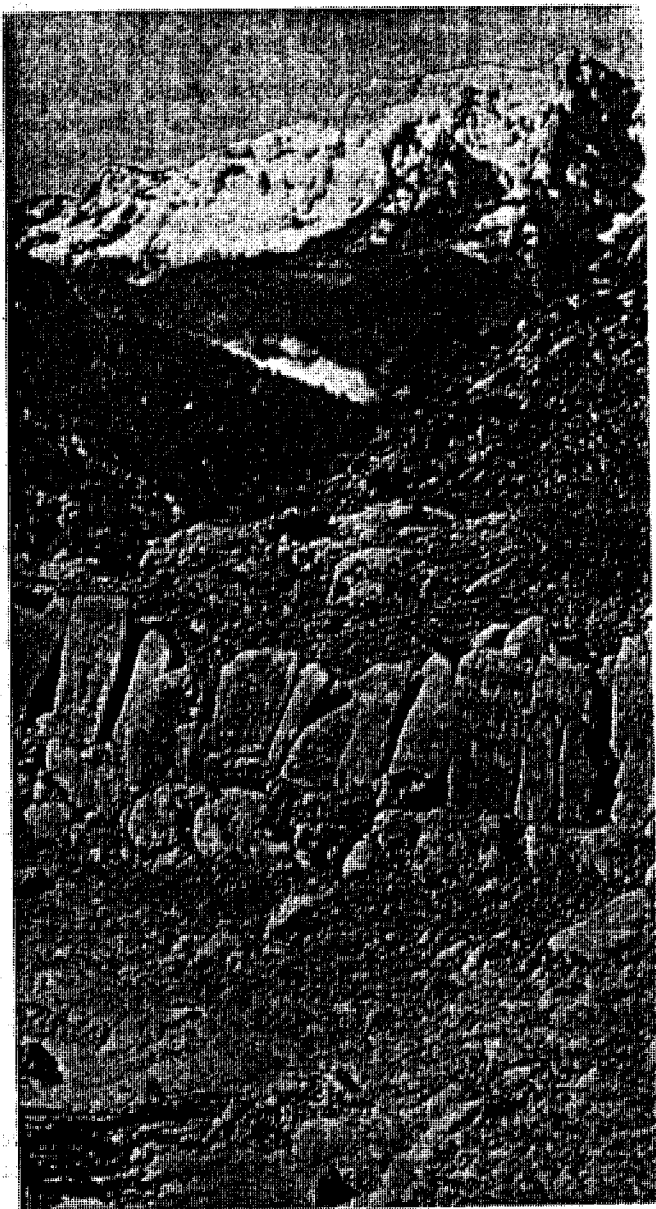
Não tardou que a neve assumisse uma espessura de um metro e vinte em toda a volta da tendazinha, e ele principiou a sentir-se sufocado. Eu fazia um buraco na neve para podermos respirar, mas o buraco logo se fechava. Eu sabia que qualquer coisa aconteceria com certeza: ou nós morreríamos, ou ele acreditaria em Deus.

Finalmente, aconteceu.

— Faze alguma coisa! — pediu ele. — Teu mestre é um grande homem e eu o insultei muitas vezes. Talvez seja por isso que estou sendo submetido agora à tortura e ao perigo.

Ele começava a ficar assustado.

— Se rezares para Deus, — disse eu, — em cinco minutos a neve deixará de cair e brilhará o sol. Se não rezares, morrerás e me matarás também. Deus acaba de sussurrar-mo.

— Deveras? — acudiu ele. — Como podes ouvi-lo?

Muro de meditação perto do monte Everest.

— Ele está falando comigo, — respondi.

O *swami* agnóstico começou a acreditar em mim. E disse:

— Se o sol não brilhar, matar-te-ei, porque estou quebrando meu juramento. Só tenho um juramento básico e incondicional, que é o de não acreditar em Deus.

Pressionado pelo medo da morte, um homem assim vira do avesso e rapidamente adquire grande devoção. Ele começou a rezar com lágrimas nos olhos. Pensei: "Se a neve não parar dentro de cinco minutos, isso lhe endurecerá ainda mais o coração." E pus-me a rezar também.

Mercê de Deus, exatamente cinco minutos depois a neve parou de cair e o sol principiou a brilhar. Ele ficou surpreso, e eu também:

— Viveremos? — perguntou.

— Sim, Deus quer que vivamos, — respondi.

— Agora percebo que deve realmente existir alguma coisa que eu não compreendia, — admitiu ele.

Depois disso, jurou guardar silêncio pelo resto da vida. Viveu mais vinte e um anos sem falar com ninguém. E se alguém falava em Deus, derramava lágrimas de êxtase. Depois disso escreveu outros livros, entre os quais um comentário sobre *Mahimnastotra – Hinos do Senhor.*

Após havermos praticado a ginástica intelectual, encontramos alguma coisa além do intelecto. Chega uma fase em que o intelecto já não pode guiar-nos, e só a intuição é capaz de mostrar-nos o caminho. O intelecto examina, calcula, decide, aceita e rejeita tudo o que está acontecendo dentro das esferas da mente, mas a intuição é um fluxo ininterrupto, que desponta, espontâneo, de sua fonte, bem no fundo de tudo. Só desponta quando a mente atinge um estado de tranqüilidade, equilíbrio e equanimidade. A intuição pura expande a consciência humana, de modo que principiamos a ver as coisas claramente. Abrange a vida como um todo e dissipa a ignorância. Depois de uma série de experiências, a experiência direta torna-se um guia e começamos a receber a intuição espontaneamente.

De repente, um pensamento coruscou em minha mente e eu me lembrei do dito de um grande sábio, Tulsidasa: "Sem ser temente a Deus, o amor de Deus não é possível e, sem o amor de Deus, a compreensão é impossível. O temor de Deus nos torna perceptores da consciência de Deus, e o temor do mundo cria o medo e, portanto, o perigo."

O *swami* agnóstico tornou-se temente a Deus quando experimentou a consciência de Deus. A ginástica intelectual é um mero exercício que cria o medo, mas o amor de Deus nos liberta de todos os medos.

Um encontro marcado com a morte

A primeira parte desta história aconteceu quando eu tinha sete anos de idade, e sua conclusão quando eu orçava por vinte e oito.

Eu andava pelos sete, quando vários pânditas ilustrados e astrólogos de Benares foram convidados por um dos meus parentes para estudar o meu futuro*. Fiquei em pé, logo atrás da porta, ouvindo o que diziam. E todos asseveraram, unânimes:

– Esse menino morrerá aos vinte e oito anos de idade.

E davam até o dia exato.

Fiquei tão transtornado que me pus a soluçar. Depois pensei: "Terei uma vida muito curta. Morrerei sem realizar coisa alguma. Como poderei completar a missão de minha vida?"

Meu mestre aproximou-se de mim e perguntou-me:

– Por que estás chorando?

– Vou morrer, – respondi-lhe.

– Quem foi que te disse isso? – tornou ele.

– Toda aquela gente, – disse eu, apontando para os astrólogos reunidos na sala.

Ele tomou-me a mão e disse:

– Vem.

* Nosso país é famoso por essa ciência. Encontrareis inúmeros charlatães, mas encontrareis também autênticos astrólogos profissionais. Se decidirdes consultar algum, antes de chegardes ele poderá até escrever uma descrição de toda a vossa vida, encimada pelo vosso nome. Estará à vossa espera quando vos anunciardes, ainda que não tenhais contado a ninguém que pretendíeis ir vê-lo. Tamanha capacidade é tão rara que só a encontrareis em dois ou três lugares, mas é perfeitamente genuína.

Em seguida, levou-me para a sala e enfrentou os astrólogos.

– Quereis dizer realmente que este rapazinho morrerá com a idade de vinte e oito anos? – perguntou.

– Sim, – foi a resposta unânime.

– Tendes certeza?

– Sim, ele morrerá nessa ocasião e ninguém tem o poder de impedi-lo.

Meu mestre voltou-se para mim e disse:

– Pois fica sabendo que todos esses astrólogos morrerão antes de ti e que viverás por muito tempo, porque eu te darei meus próprios anos?*

– Como é possível uma coisa dessas? – indagaram eles.

Meu mestre replicou:

– Vossa predição está errada. Há alguma coisa além da astrologia. – E ajuntou, dirigindo-se a mim: – Não te preocupes, embora tenhas de experimentar a morte cara a cara nesse dia terrível.

Durante os anos que se seguiram esqueceu-me tudo o que fora predito.

Quando fiz vinte e oito anos, meu guru me pediu que fosse ao pico de uma montanha de 3.300 metros de altitude, que distava aproximadamente noventa e seis quilômetros de Rishikesh, onde, durante nove dias, eu executara um ritual *Durgapuja***. Eu usava, na ocasião, sandálias de madeira, uma tanga e um xale. Levava comigo um pote de água e mais nada. Costumava andar livremente pelas montanhas, cantando e recitando os hinos da deusa mãe. As montanhas eram o meu lar. Escalara, de uma feita, uma altitude de 6.600 metros, e me fiava de poder escalar qualquer montanha sem o auxílio de um equipamento especial.

Um belo dia, eu cantava ao caminhar sozinho ao lado de íngreme penedo, sentindo-me como o próprio Senhor naquela solidão. Endereçava-me ao topo da montanha, onde se erguia um templozinho, para adorar a Mãe Divina. Havia pinheiros por toda a parte. Súbito, escorreguei nas agulhas dos pinheiros e pus-me a rolar montanha abaixo. Cuidei que minha vida estivesse acabada mas, enquanto eu caía, depois de uns 150 metros de queda vertical, fui seguro por uma touceirinha espinhosa. Um galho afiado espetou-se-me no abdome e isso me segurou. Havia logo abaixo um declive precipitoso e a touceira pôs-se a oscilar com o meu peso. Primeiro eu via as montanhas e, depois, o Ganges, lá embaixo. Fechei os olhos. Quando os

* Hoje em dia nenhum deles está vivo. Todos morreram antes que eu completasse vinte e oito anos de idade.

** Culto da Mãe Divina.

reabri, vi escorrer sangue do lugar em que o galho me furara o abdome, mas isso era o mesmo que nada comparado à iminência da morte. Não dei atenção à dor em virtude da preocupação maior, a antecipação da morte.

Repeti todas as mantras que conhecia. Repeti até mantras cristãs e budistas. Eu fora a muitos mosteiros e aprendera mantras de todas as fés, mas nenhuma surtiu efeito. Lembrei-me de inúmeras divindades. Eu disse: "Oh Brilhante Ser tal e tal, por favor, ajuda-me!" Mas nenhum auxílio estava próximo. Só havia uma coisa que eu ainda não pusera à prova: minha coragem! Quando comecei a testá-la, lembrei-me de repente: "Não vou morrer, pois não há morte para a minha alma. E a morte para o corpo é inevitável, mas sem importância. Sou eterno. Por que estou com medo? Tenho-me identificado com o corpo – que grande tolo hei sido!"

Permaneci suspenso naquela moita por uns vinte minutos. Em seguida me lembrei de certas palavras de meu mestre: "Não deixes que isso se transforme em hábito, mas toda vez que precisares realmente de mim, e te lembrares de mim, lá estarei eu, de um modo ou de outro." E pensei: "Já testei minha coragem, agora creio que também devo testar meu mestre." (O que é muito natural para o discípulo, que, durante o tempo todo, deseja testar o mestre, no qual procura faltas para não ter de enfrentar as próprias fraquezas.)

Por causa da excessiva hemorragia, comecei a sentir-me tonto. Tudo se tornou nebuloso, e eu estava a pique de perder a consciência das coisas quando ouvi vozes de mulheres no caminho que passava logo acima de mim. Elas tinham vindo às montanhas a fim de cortar capim e colher raízes para seus animais. Uma delas olhou para baixo, viu-me e gritou:

– Vede, um homem morto!

Refleti: "Se pensarem que estou morto, deixar-me-ão aqui deste mesmo jeito." Como poderia eu comunicar-me com elas? Ficara de cabeça para baixo, com os pés para cima. Elas estavam a cento e tantos metros de distância. Não podendo falar, pus-me a agitar as pernas.

– Não, não, ele não está morto, – exclamaram. – As pernas ainda se mexem. Deve estar vivo.

Eram mulheres corajosas. Desceram, amarraram uma corda em torno da minha cintura e ergueram-me. O pedaço de galho ainda se achava dentro de mim. E pensei: "Este, sem dúvida, é um momento para coragem." Contraí o estômago e arranquei-o do abdome. Elas me içaram e levaram para um pequeno caminho da montanha. Perguntaram-me se eu poderia andar, e respondi que sim. A princípio, não percebi a gravidade do meu estado, pois o dano causado pelo galho da touceira era principalmente interno. Entenderam que, por ser eu um *swami*, cuidaria de mim mesmo sem precisar

delas. Disseram-me que seguisse o caminho até chegar à aldeia, e lá se foram. Tentei caminhar mas, decorridos alguns minutos, perdi os sentidos e caí. Pensei em meu mestre e disse-lhe: "Minha vida se acabou. Vós me criastes e fizestes tudo por mim. Mas agora estou morrendo sem ter realizado nada."

Súbito, meu mestre apareceu. Supus que minha mente me estivesse pregando peças.

– Estais realmente aqui? – perguntei. – Cuidei que me havíeis deixado!

– Por que te preocupas? – respondeu-me ele. – Nada te acontecerá. Não te lembras de que esta é a ocasião e a data preditas para a tua morte? Não precisas mais enfrentar a morte no dia de hoje. Estás muito bem agora.

A pouco e pouco, recobrei o domínio de mim mesmo. Ele trouxe algumas folhas, esmagou-as e pô-las sobre o ferimento. Levou-me para uma caverna vizinha e pediu a algumas pessoas que tomassem conta de mim. E disse:

– Até a morte pode ser prevenida.

Em seguida, foi-se.

Em duas semanas, o ferimento sarou, mas a cicatriz continua no meu corpo.

Nessa experiência descobri que o mestre autêntico e desprendido ajuda o discípulo, ainda que esteja muito longe. Compreendi que a relação entre mestre e discípulo é a mais alta e a mais pura de todas. É indescritível.

X

PODERES DA MENTE

A mente é um reservatório de inúmeros poderes. Utilizando os recursos que dentro dela se escondem, podemos atingir qualquer grau de êxito no mundo. Se a mente estiver exercitada, se tiver um só objetivo e estiver voltada para o interior, também terá poder de penetrar nos níveis mais profundos do nosso ser. É o melhor instrumento de que um ser humano pode dispor.

Lições na areia

Se olhardes para alguém com toda a atenção, focalizando vossa mente consciente, esta poderá influenciar de pronto o focalizado. Um *swami* ensinou-me isso quando eu era jovem. Chamava-se Chakravarti. Fora um dos mais eminentes matemáticos da Índia e escrevera o livro *Matemática de Chakravarti*, mas renunciara ao mundo para tornar-se *swami*. Aluno de meu mestre, afirmava que o olhar *(trataka)* é instrumento poderosíssimo para influir em tudo o que for externo e fortalecer a concentração.

Quando a mente focaliza externamente algum objeto, chama-se contemplação; quando o focaliza internamente, chama-se concentração. O poder da mente focalizada é imenso. Existem diversos métodos de contemplar, cada um dos quais dá um poder diferente à mente humana. Podemos contemplar o espaço entre as duas sobrancelhas, a ponte entre as duas narinas, a luz de uma vela num quarto escuro, o sol matutino que desponta, ou a lua. Mas é preciso tomar precauções, pois podemos sofrer danos, tanto físicos quanto mentais.

O poder do pensamento é conhecido em todo o mundo. A mente dirigida apenas a um ponto pode operar maravilhas mas, quando a dirigimos para lucros terrenos, ficamos presos no remoinho dos desejos egoístas. No caminho, muitos cedem às tentações de adquirir sidis, esquecidos da sua verdadeira meta de atingir a serenidade, a tranqüilidade e a auto-realização.

Certo dia me disse o *swamiji:*

– Hoje vou mostrar-te uma coisa. Vai ao tribunal e descobre uma pessoa que está sendo processada injustamente.

No tribunal, perguntei a um advogado:

– Podeis indicar-me alguém que esteja sendo processado injustamente neste tribunal?

– Sim, tenho um caso nessas condições, – respondeu-me ele.

Voltei e o *swamiji* me disse:

— Muito bem, esse homem será absolvido, e agora te direi, palavra por palavra, a sentença que será pronunciada.

E ditou-me a sentença, embora não fosse advogado, ajuntando:

— Cometi três erros de propósito. A sentença será exatamente igual ao meu ditado, e terá também esses três erros.

Datilografei o seu ditado.

Quando a sentença, mais tarde, foi lavrada, cada palavra, cada vírgula e cada ponto eram exatamente os mesmos que me haviam sido ditados. E ele me chamou a atenção:

— Compara o ditado com a sentença e verificarás que estão faltando as mesmas duas vírgulas e o mesmo ponto.

O ditado correspondia perfeitamente à sentença.

— Swamiji, — disse-lhe eu, — podes mudar o curso do mundo.

— Não digo que o faça, — redargüiu ele; — aliás, não é esse o meu propósito. Estou fazendo essa demonstração para que compreendas como pode um homem influir na mente de outro, em qualquer parte do mundo e contanto que seja por uma boa razão. É possível ajudar os outros de longe.

Pedi-lhe que me desse o segredo desse poder.

— Dar-te-ei o segredo, — conveio ele, — mas não quererás pô-lo em prática.

Pratiquei o método por algum tempo, e ele me ajudou, porém mais tarde o abandonei, porque me perturbava e me tomava muito tempo.

O *swamiji* foi muito bondoso e também me ensinou filosofia através da matemática. Cada dígito foi explicado com os versos dos Upanixades. De zero a cem, ele explanou o significado filosófico da ciência da matemática.

A matemática tem o dígito 1. Todos os demais são múltiplos de 1. Similarmente, há apenas uma Realidade absoluta e todos os nomes e formas do universo são manifestações múltiplas dessa Realidade Única. Traçando linhas na areia do Ganges com o seu bastão, ele fez um triângulo e ensinou-me que a vida deve ser um triângulo eqüilátero. O ângulo do corpo, o ângulo dos estados internos e o ângulo do mundo externo formam o triângulo eqüilátero da vida. Assim como todos os números resultam de um ponto que não se pode medir, assim este universo todo saiu de um vazio incomensurável. A vida é como a roda, que ele comparou ao círculo e ao zero. O círculo é uma expansão do ponto. E ele empregou outra analogia:

— Há dois pontos chamados morte e nascimento, e a vida é uma linha entre ambos. A parte desconhecida da vida é uma linha infinita.

Dissipou-se-me a repulsa pelo estudo da matemática. Depois disso, comecei a estudá-la com interesse considerável. Aprendi que a matemática

é uma ciência positiva, base de todas as ciências, mas que, por sua vez, se baseia na ciência exata da filosofia *samkhya*, a mais antiga filosofia consagrada ao conhecimento do corpo, de seus componentes e de várias funções da mente. A ioga é uma ciência prática que nos conduz ao estado superconsciente. Através da compreensão de *samkhya*, todas as questões filosóficas nascidas em minha mente foram resolvidas com facilidade e só então compreendi devidamente o texto dos livros sagrados.

O último dia dos seus ensinamentos foi encantador. Disse ele:

— Agora fazei um zero, e depois dele colocai o número um: 01. Todo zero terá valor se o um for colocado primeiro, mas o zero não terá valor se o um não for colocado primeiro. Todas as coisas do mundo são como o zero e, sem a consciência de uma realidade, não têm valor nenhum. Quando nos lembramos de uma realidade, a vida se torna digna de ser vivida. Não sendo assim, é difícil de suportar.

O *swamiji* partiu para a região mais profunda do Himalaia e nunca mais lhe pus os olhos em cima. Sou grato aos mestres que gastaram o seu valioso tempo ensinando-me.

Transmutação da matéria

Em 1942 encetei uma viagem a Badrinath, o famoso santuário do Himalaia. No caminho, existe uma localidade denominada Srinagar, situada à beira do Ganges. A oito quilômetros de Srinagar há um templozinho de *Shakti* e, a três quilômetros do templo, situava-se a caverna de um baba agori. O *agor* é um estudo misterioso, raramente mencionado nos livros e dificilmente compreendido até pelos iogues e *swamis* da Índia. Caminho esotérico, envolve a ciência solar e usa-se para curar. Dedica-se a compreender e dominar as forças mais sutis da vida – mais sutis do que o *prana*. Cria uma ponte entre a vida neste mundo e a vida no outro. Pouquíssimos iogues praticam a ciência agori, e os que o fazem são evitados pela maioria das pessoas, mercê dos seus métodos estranhos.

Os aldeões da área que circunda Srinagar tinham muito medo do baba agori. Nunca se aproximavam dele porque, sempre que alguém o fizera no passado, ele xingara os atrevidos e lhes atirara pedras. Tinha mais de um metro e noventa de altura e uma compleição robusta. Orçava pelos setenta e cinco anos. Trazia os cabelos compridos, barbas, e uma tanga feita de juta. Nada possuía em sua caverna, exceto uns poucos sacos de aniagem.

Fui vê-lo, na esperança de passar ali a noite e aprender com ele alguma coisa. Pedi a um pândita local que me mostrasse o caminho. Disse-me o pândita:

– Esse agori não é nenhum sábio; é um sujo. Não quereis ir vê-lo.

Mas o pândita conhecia meu mestre e eu o persuadi a levar-me à caverna do baba.

Chegamos à noitinha, momentos antes de escurecer. Encontramos o agori sentado numa rocha, entre o Ganges e a caverna. Ele convidou-nos a sentar ao seu lado. Em seguida, defrontando o pândita, apostrofou-o:

– Tu me xingas por trás e, no entanto, me saúdas com as mãos enclavinhadas.

O pândita queria ir embora, mas o agori se interpôs:

– Não! Vai até ao rio e traze-me um pote com água.

Quando o assustado pândita voltou com a água, o agori estendeu-lhe um cutelo de açougueiro e ordenou-lhe:

– Há um corpo morto flutuando no rio. Puxa-o para a praia, corta-lhe os músculos da coxa e da panturrilha e traze-me alguns quilos de carne.

A ordem do agori abalou o pândita, que ficou muito nervoso. O mesmo aconteceu comigo. Assustadíssimo, o meu companheiro não queria satisfazer aos desejos do agori, mas este, enfurecendo-se, gritou-lhe:

– Ou me trazes a carne do corpo morto ou eu te retalho e tiro a *tua* carne. Que é o que preferes?

Movido do medo e de profunda ansiedade, o pobre pândita puxou para terra o corpo morto e começou a cortá-lo. Mas estava tão transtornado que, acidentalmente, cortou também o primeiro e o segundo dedos da mão esquerda, que abriram a sangrar profusamente. Mas, assim mesmo, levou a carne ao baba. Nem o pândita nem eu estávamos então raciocinando normalmente. Quando o pândita se aproximou, o agori tocou-lhe os cortes dos dedos, que se curaram num pronto. Não ficou sequer uma cicatriz. O agori ordenou-lhe que pusesse os pedaços de carne num pote de barro, levasse o pote ao fogo e cobrisse a tampa com uma pedra. E disse:

– Não sabes que este jovem *swami* está com fome e tu também precisas comer?

Ambos dissemos:

– Mas nós somos vegetarianos, senhor.

Baba irritou-se com isso e retrucou:

– Julgas que como carne? Concordas com as pessoas daqui que me chamam de sujo? Também sou um vegetariano puro.

Passados dez minutos, ordenou ao pândita que lhe trouxesse o pote de barro. Juntou algumas folhas grandes e disse:

– Espalha-as pelo chão, a fim de servir a comida sobre elas.

Com mãos trêmulas, o pândita fez o que lhe mandavam. Ato contínuo, o agori entrou na caverna à procura de três tigelas de barro. Durante a sua ausência, o pândita sussurou-me:

– Não creio que eu consiga viver até ao fim desta história. Isto é contra tudo o que aprendi e pratiquei toda a minha vida. Vou suicidar-me. Que me fizeste? Por que me trouxeste aqui?

– Cala a boca, – disse eu. – Já que não podemos escapar, vejamos, ao menos, o que acontece.

O agori ordenou ao pândita que servisse a comida. Quando o pândita tirou a tampa do pote e começou a encher minha tigela, descobrimos, pasmados, que havia ali um doce chamado *rasgula*, que se faz com queijo e açúcar. Era o meu prato favorito, e eu estivera pensando nele enquanto rumava para a caverna do baba. Aquilo tudo me pareceu muito estranho. Disse o agori:

– Este doce não tem carne nenhuma.

Comi o doce e o pândita teve de comê-lo também. Estava deliciosíssimo. O que sobrou foi dado ao meu companheiro para que o distribuísse entre os aldeões, a fim de provar que não tínhamos sido enganados por uma técnica hipnótica. Sozinho na escuridão, o pândita partiu para a sua aldeia, distante cinco quilômetros da caverna. Preferi ficar com o agori para solver o mistério da comida transformada e para compreender-lhe o desconcertante estilo de vida. "Por que foi cozinhada a carne de um cadáver e como pode ela ter sido convertida em doce? Por que vive ele aqui inteiramente só?" perguntei a mim mesmo. Eu já ouvira falar em pessoas assim, mas esta era a minha primeira oportunidade de conhecer pessoalmente uma delas. Depois que meditei por duas horas, entramos a falar sobre o texto dos livros sagrados. Ele se mostrou extraordinariamente inteligente e lido. O seu sânscrito, porém, era tão conciso e duro que, cada vez que falava, eu levava alguns minutos para decifrar o que ele estava dizendo antes de poder responder-lhe. Era, sem dúvida, um homem muito ilustrado, mas seu caminho diferia do de qualquer outro sadu que eu já conhecera.

Aghor é um caminho descrito em *Atharva Veda*, mas em nenhum dos livros sagrados cheguei a ler que se devia comer carne humana. Perguntei-lhe:

– Por que viveis assim, comendo a carne de corpos mortos?

– Por que lhe chamas "corpo morto"? – replicou ele. – Já não é humano. É apenas matéria que não está sendo aproveitada. Tu é que associas a seres humanos. Ninguém mais usará aquele corpo, por isso uso-o eu. Sou um cientista que faz experiências, tentando descobrir os princípios fundamentais da matéria e da energia. Estou mudando uma forma de matéria em outra forma de matéria. Meu mestre é a Mãe Natureza; ela faz inúmeras formas, e apenas lhe sigo a lei para mudar as formas que me cercam. Fi-lo pensando naquele pândita, para levá-lo a despersuadir os outros de aproximar-se daqui. Este é o décimo terceiro ano que vivo nesta caverna e ninguém veio visitar-me. As pessoas têm medo de mim por causa da minha aparência. Pensam que sou sujo e que vivo de peixe e corpos mortos. Atiro pedras, mas nunca atingi ninguém.

Seu comportamento exterior era muito tosco, mas ele me confiou que procedia acinte daquela maneira, visando com isso impedir que fossem perturbá-lo enquanto estudava e não querendo cair na dependência dos aldeões para conseguir comida e suprir a outras necessidades. Não era desequilibrado mas, para evitar as pessoas, procedia como se o fosse. Sua maneira de viver era totalmente auto-suficiente e, embora continuasse vivendo naquela caverna por vinte e um anos, nunca recebera a visita de nenhum aldeão.

Ficamos acordados a noite inteira e ele me ensinou, falando o tempo todo sobre o seu caminho de *Aghor*. Esse caminho não era o meu, mas eu estava curioso por saber por que levava ele esse tipo de vida e por que fazia tudo o que estava fazendo. O agori tinha o poder de transformar a matéria em formas diferentes, como mudar uma pedra num cubo de açúcar. Na manhã seguinte, uma depois da outra, fez muitas dessas mudanças. Disse-me que tocasse a areia, e os grãos de areia se transformaram em amêndoas e cajus. Eu já ouvira falar nessa ciência e já lhe conhecia os princípios básicos, mas acreditara escassamente em tais histórias. Não estudei esse campo, mas estou plenamente familiarizado com as leis que governam a ciência.

Ao meio-dia, o agori insistiu em que eu comesse alguma coisa antes de partir. Dessa feita, tirou um doce diferente do mesmo jarro de terra. Foi muito delicado comigo, discutindo o tempo todo os textos do tantrismo. E disse, a certa altura:

– Esta ciência está morrendo. As pessoas ilustradas não querem praticá-la, de modo que tempo virá em que esse conhecimento será esquecido.

– Qual é a vantagem de fazer tudo isso? – perguntei.

– Que queres dizer com "vantagem"? Isso é uma ciência e o cientista que se dedica a esses conhecimentos deve usá-los para fins curativos, e contar a outros cientistas que a matéria pode ser mudada em energia e a energia em matéria. A lei que governa a matéria é a mesma que governa a energia. Debaixo de todos os nomes e formas, existe um princípio unificador ainda não conhecido em sua totalidade pelos cientistas modernos. O *vedanta* e as ciências antigas descreviam o princípio fundamental da vida. Existe apenas uma força vital, e todas as formas e nomes do universo são simples variedades da forma Una. Não é difícil compreender a relação entre duas formas de matéria porque a fonte é a mesma. Quando a água se solidifica, chama-se gêlo. Quando começa a evaporar, chama-se vapor. As crianças pequenas não sabem que as três são formas da mesma matéria e que, essencialmente, não há diferença em sua composição. A diferença reside apenas na forma que ela assume. Os cientistas hoje são como crianças. Não percebem a unidade por trás de toda a matéria, nem os princípios para modificá-la, fazendo-a passar de uma forma a outra.

Intelectualmente eu concordava com ele e, no entanto, não lhe aprovava a maneira de viver. Despedi-me e prometi voltar a visitá-lo, mas nunca o fiz. Curioso a respeito do pândita que regressara à sua aldeia na noite anterior dominado pelo medo, fui ver como estava. Para minha surpresa, encontrei-o totalmente mudado, pensando em seguir o agori e tornar-se seu discípulo.

Onde está o meu burro?

Quando estive em Mau, cidadezinha de Uttar Pradesh, hospedei-me numa pequena cabana construída para *swamis* e sadus errantes. Eu ficava a maior parte do tempo no quarto, fazendo exercícios e sentado, meditando. Só saía por um rápido momento de manhã e à noite.

Um empregado de lavanderia costumava lavar roupas nas proximidades. Não tinha esposa nem filhos – apenas um burro. Um dia, perdeu o burro, e essa perda o atormentou de tal modo que o deixou apalermado e fê-lo entrar em transe. Muita gente chegou a pensar que ele estivesse em samádi.

Na Índia, as pessoas farão qualquer coisa em nome de samádi. São até capazes de vender suas casas e oferecer dinheiro a quem, aparentemente, atingiu esse estado. Acreditam que, dando presentes, expressam seu amor e devoção a um homem santo. O homem da lavanderia ficou dois dias sentado na mesma posição e os fiéis principiaram a colocar dinheiro, flores e frutas à sua volta. Duas pessoas se declararam seus discípulos e começaram a coletar o dinheiro. Mas o homem da lavanderia não se mexia. Seus adeptos puseram-se a animar outros a vir. Queriam que todos soubessem que eles eram os discípulos do grande guru. De tanto falarem a seu respeito, o homem se tornou famoso.

Um dos seus alunos informou-me de que havia um grande homem em samádi perto do sítio em que eu estava morando. Fui vê-lo. Havia, com efeito, alguém sentado na mais completa imobilidade, com os olhos fechados. Muita gente, sentada em torno dele, cantava:

– Oh, Senhor, trazei-o de volta. *Hari Rama, Hari Rama, Hari Crisna, Hari Crisna.*

– Que estais fazendo? – perguntei-lhes.

– Ele é nosso guru e está em samádi – responderam.

Tendo a minha curiosidade despertada, pensei: "Vejamos o que acontecerá quando ele sair desse estado."

Dois dias depois, o homem da lavanderia abriu os olhos. Todos o fitaram, expectantes, desejosos de ouvir o sermão profundo que ele proferiria. Ao sair, porém, do transe em que se achava, o homem perguntou apenas:

– Onde está o meu burro?

O desejo com o qual entramos em meditação é fator primordial. Quando um tolo adormece, desperta tolo. Mas quando meditamos com o desejo único de iluminação, saímos da meditação como sábio.

Existe uma distinção sutil entre a pessoa preocupada e pensativa e o aspirante que realmente medita. A preocupação intensa pode conduzir a mente a concentrar-se num objetivo só, porém de forma negativa. Através da meditação, a mente se positiva, aguça e interioriza. Os sinais e sintomas externos são semelhantes. A preocupação deixa o corpo inerte e tenso, ao passo que a meditação o deixa relaxado, firme e imóvel. Para a meditação, a purificação da mente é essencial; para a preocupação, não é necessária. Quando a preocupação intensa controla a mente, esta se torna inerte e insensível. Mas se um grande homem se puser a meditar sobre as misérias do mundo, não estaremos diante de nenhuma preocupação, mas de um cuidado solícito e desprendido pela humanidade. E nesse caso, a mente individual se expande e se une à mente cósmica. Quando a mente se deixa absorver por interesses exclusivamente individuais, a isso se chama preocupação. Quando a mente se dá conta do sofrimento alheio, começa a meditar positivamente. Em ambos os casos a mente pode aguçar-se mas, no último, a consciência se expande.

Quando João foi colocado na cela isolada na ilha de Patmos, ficou preocupado porque pensou que a mensagem de seu mestre não alcançaria as massas. Na realidade, contudo, esse tipo de preocupação não era pela satisfação dos próprios desejos, mas uma questão universal a cujo respeito ele refletia e meditava. Meditação é expansão e preocupação é contração.

A mesma força que pode fluir para sulcos negativos também pode ser voluntariamente dirigida para sulcos positivos. Por conseguinte, faz-se mister que o estudante purifique primeiro a mente e depois medite. Sem a mente disciplinada e purificada, a meditação deixa de ser proveitosa no caminho da iluminação. A preparação é importante. Passos preliminares: domínio dos atos, da fala, dos hábitos dietéticos e de outros apetites. Tais são os requisitos essenciais da preparação. Os que se disciplinam e depois meditam recebem experiências válidas. Entram em contato com suas potencialidades positivas e poderosas. As citadas experiências tornam-se guias na sondagem dos níveis mais profundos da consciência. A mente impura e não exercitada não cria nada que valha a pena, mas a mente meditativa e contemplativa é sempre criativa. Tanto a preocupação quanto a meditação deixam sua impressão mais profunda na mente inconsciente. A preocupação cria diver-

sas doenças psicossomáticas, ao passo que a meditação nos dá a percepção de outras dimensões da consciência. Se o aspirante souber meditar, libertar-se-á naturalmente dos seus hábitos de preocupação. O ódio e a preocupação são duas forças negativas que controlam a mente. A meditação e a contemplação expandem-na.

Concluí que o pobre homem da lavanderia, conquanto sentado na mais perfeita imobilidade, se achava profundamente envolto em sofrimento. Naquele estado, imobilizara-se sem saber onde estava. Em samádi, a mente é levada conscientemente para mais altas dimensões de percepção. Os aspirantes que tentam alcançar samádi sem purificar a mente vêem-se decepcionados, porque a mente impura cria obstáculos ao atingimento desse estado. Samádi resulta de um esforço consciente e controlado. É um estado de consciência transcendente. A preocupação contrai a mente, ao passo que a meditação a expande. A expansão da consciência individual e a união com a consciência transcendente chamam-se samádi.

Quem era o outro Gopinath?

Eu estava parando do outro lado do Ganges, a quase dez quilômetros da cidade de Kanpur. Vivia num jardim, à beira do rio. Nessa época, não ligava para nada desse mundo. Nunca ia à cidade, mas muitas pessoas queriam ver-me. Vinham carregadas de frutas e sentavam-se diante de mim. A fim de obstar a isso, eu costumava ter alguns *malas* e, quando chegava alguém, dizia:

— Primeiro sentai-vos e repeti esta mantra duas mil vezes. Depois falaremos.

A maioria dos visitantes largava os *malas* e partia em silêncio.

Um homem chamado Gopinath, tesoureiro do Banco de Reserva da Índia em Kanpur, apareceu uma tarde com mais quatro pessoas. Todos se sentaram e começaram a cantar. E de tal modo se absorveram no canto que nem sequer deram pela passagem do tempo. Às nove horas da noite, Gopinath abriu os olhos de repente e exclamou:

— Aconteceu uma coisa terrível!

— Que foi? — perguntaram todos.

— Minha sobrinha devia casar esta noite às sete horas. Todos os ornamentos para a cerimônia do casamento estão fechados no meu cofre, cuja única chave trago comigo. Que me fizeste, Swamiji?

— Eu não fiz nada, — repliquei. — Foi a atmosfera daqui que te fez isso. Acontece a quantos vêm aqui. A pessoa se relaxa e esquece os problemas do mundo; experimenta e frui a divindade. Por que estás tão preocupado?

— Porque os enfeites e jóias que tenho de dar aos noivos estão guardados no cofre.

— Esqueceste realmente de ti mesmo enquanto cantavas? — perguntei ao atribulado Gopinath.

— É por isso que ainda estou aqui — respondeu-me ele.

— Então não te preocupes. Deus cuidará da situação. Se alguma coisa má pode acontecer porque se canta o nome do Senhor, deixa que aconteça; coisa muito pior aconteceria sem isso.

Eles subiram no seu carro e voltaram à pressa para a cidade. Ao chegar, Gopinath perguntou, ansioso, o que acontecera. O pessoal que ali estava ficou perplexo com a sua preocupação. E interpelou-o:

— Que aconteceu contigo? A cerimônia já acabou. Foi tudo muito bem.

— Eu estava do outro lado do Ganges e tinha as chaves do cofre comigo. Que aconteceu com os ornamentos? — perguntou ele.

— Tu mesmo os deste, — foi a resposta. — Perdeste a memória?

A esposa aproximou-se e disse:

— Apresentaste os ornamentos dez minutos antes da cerimônia; agora a festa terminou e todos estão comendo.

Mas as quatro pessoas que o acompanhavam confirmaram que ele estivera comigo, cantando. E disseram:

— Ou vós sois loucos, ou nós somos loucos.

Sentiam-se extremamente perturbados, porque não conseguiam conciliar o que se dizia com suas próprias lembranças. Gopinath perdeu completamente o equilíbrio mental. E disse:

— Eu sou Gopinath, mas quem era o Gopinath que veio aqui?

Quando foi para o banco no dia seguinte, não quis falar com ninguém, a não ser para fazer uma pergunta:

— Sou apenas um Gopinath. Não podes dizer-me quem era o outro?

Durante três anos viveu obsediado. Teve de pedir demissão do emprego por causa disso.

A esposa dele veio ver-me, mas não pude fazer nada. Perguntei:

— Ele não fala convosco?

— Fala, mas pergunta o tempo todo: "Dize-me, querida, quem era o outro Gopinath? Era exatamente igual a mim?"

Depois do incidente, muitas pessoas me procuraram, dizendo:

— Sois um sábio de grandes milagres.

— Estais-me elogiando por nada, — respondia eu.

Nem eu nem eles sabíamos o que tinha acontecido. E, na realidade, eu não sabia sequer como acontecera.

Mais tarde, perguntei a meu mestre:

Experiência com um médium

Quando estávamos a caminho de Rishikesh em 1973, paramos num dos hotéis de Nova Deli, onde conheci o dr. Rudolph Ballentine, psiquiatra e ex-professor de uma escola de medicina dos Estados Unidos, recém--chegado de uma excursão pelos países do Oriente Médio, via Paquistão. O dr. Ballentine começou a contar-me uma experiência que tivera em Connaught Place, famoso *shopping center* de Nova Deli. Um estranho chamou-o pelo nome e, de repente, disse como se chamava sua amiguinha na Inglaterra.

— Como sabes essas coisas? — perguntou-lhe o doutor.

E ele respondeu:

— Nascestes em tal e tal dia e o nome do vosso avô é Fulano de tal.

Em seguida, o homem lhe contou algo muito pessoal, ignorado de todo o mundo, exceto do dr. Ballentine.

— Esta é a pessoa pela qual vim para a Índia, — pensou o médico.

— Dai-me cinco dólares, senhor, — pediu o homem, e o doutor obsequiou-o com a quantia solicitada.

O homem olhava de um lado para outro, temeroso de que a polícia pudesse vê-lo. Se a polícia soubesse o que ele estava fazendo, detê-lo-ia.

— Ficai aqui, voltarei num instante, — disse ele.

O médico esperou meia hora, mas o homem não voltou.

— Era um grande homem, Swamiji, — disse-me o dr. Ballentine.

— Que foi o que ele fez? — perguntei.

— Contou-me todas aquelas minúcias pessoais a meu respeito, se bem eu fosse um total estranho para ele, — respondeu o médico.

— Já não conhecíeis essas minúcias? — indaguei.

— Conhecia.

— Então, que grande coisa ele fez? Se alguém sabe o que estais pensando, é óbvio que já o sabeis também. Esse conhecimento não vos aprimora de maneira alguma. Poderá assombrar-vos por algum tempo, mas não ajuda ninguém a crescer.

Impostores como o que o dr. Ballentine encontrou amiúde se descobrem disfarçados em sadus em Connaught Place, falando sobre o passado de alguém e predizendo-lhe o futuro. Aprendem esses truques a fim de prover com eles à própria subsistência. Turistas ingênuos tomam-nos por grandes sábios, pois nunca chegam aos lugares onde estão os verdadeiros sábios. E os simuladores dão má fama à espiritualidade e à gente espiritual.

O dr. Ballentine passou a viajar conosco. Quando saímos da Índia, ficou em Rishikesh e outras partes da Índia por vários meses, visitando as escolas de medicina indiana. Voltou aos Estados Unidos para juntar-se a nós, e agora administra e dirige o programa de terapia combinada do Instituto.

XI

PODER DE CURA

O poder de curar-se a si mesmo está enterrado na tumba de toda vida humana. Descobrindo as potencialidades dessa força podemos curar-nos. Um homem de Deus completamente desprendido curará qualquer um. A mais elevada das curas consiste em alcançar a libertação de todos os sofrimentos.

Meu primeiro contato com o poder de cura

Eu tinha doze anos de idade quando viajei a pé com meu mestre pelas planícies da Índia. Detivemo-nos numa estação ferroviária em Etah, onde meu mestre, dirigindo-se ao chefe da estação, pediu-lhe:

– Meu filho está comigo e está com fome. Dai-nos alguma comida, por favor.

O chefe da estação foi para casa a fim de buscar comida mas, quando chegou, a esposa interpelou-o:

– Sabes que nosso único filho está com varíola. Como te podes preocupar em dar de comer a esses sadus errantes? Meu filho está morrendo! Sai desta casa! Estou angustiada.

Ele voltou com uma expressão desanimada, e desculpou-se:

– Que posso fazer? Diz minha mulher: "Se ele é um *swami* de verdade, por que não compreende nossa situação e não cura nosso filho? Não terá nem um pouquinho de bom senso? Nosso filho está em seu leito de morte, e ei-lo preocupado com uma oferta de comida."

Meu mestre sorriu e ordenou-me que o seguisse. Fomos à casa do chefe da estação. Era um desafio, e ele sempre gostara de desafios. Mas eu me queixei:

– Estou com fome. Quando vamos comer?

– Terás de esperar, – disse meu mestre.

Esta era uma queixa que eu fazia com freqüência. E gritava amiúde:

– Não me dais comida a tempo.

E me afastava correndo e chorando. Mas ele procurava ensinar-me a ter paciência.

– Agora estás perturbado, – acudiu ele. – Espera cinco minutos e já estarás melhor. Nesta situação o certo é esperar.

Mas continuei a queixar-me e a mulher quis expulsar-me da sua casa. Era a primeira vez que eu via alguém sofrendo de varíola. O menino tinha grandes abcessos espalhados pelo corpo, e até no rosto, e os abcessos destilavam pus. Disse meu mestre aos pais do rapazinho:

— Não vos preocupeis ... dentro de dois minutos vosso filho estará curado.

Pegou num copo d'água e caminhou em torno do catre em que jazia o garoto. Fez isso por três vezes e, em seguida, bebeu a água. Depois, olhou para a mulher e observou:

— Não vedes que ele está sarando?

Para assombro nosso, os abcessos principiaram a desaparecer do menino mas, para minha consternação, começaram a aparecer, ao mesmo tempo, no rosto de meu mestre. Aterrado, pus-me a chorar. Calmamente, ele me disse:

— Não te preocupes, nada me sucederá.

Dois minutos depois, o rosto da criança estava perfeitamente limpo e nós saímos da casa. Segui meu mestre até debaixo de uma figueira-brava, onde ele se sentou, sob a copa da árvore. Não tardou que os abcessos começassem a desaparecer-lhe do rosto e a aparecer na árvore. Após dez minutos, também desapareceram da árvore, Quando vi que meu mestre estava bem, apertei-o entre os braços e chorei.

— Não torneis a fazer isso! — roguei-lhe. — O vosso aspecto não era bonito e eu me assustei.

Muita gente, então, se pôs a procurar-nos.

— Fizemos alguma coisa errada? — perguntei.

— Não, — disse ele, — vem comigo.

Segurou-me a mão e pusemo-nos a caminhar de novo à beira do rio Jamuna. Finalmente nos detivemos diante de outra casa, e lá nos deram comida. Fomos dali para um pátio fechado, onde ninguém poderia achar-nos, comemos e descansamos.

Os sábios se comprazem em sofrer para ajudar os outros. Uma coisa dessas escapa ao entendimento da mente comum. A história humana oferece inúmeros casos de líderes espirituais que sofreram pelos outros. Tais sábios se tornam em exemplos e muita gente, ainda hoje, lhes segue as pegadas. Quando a consciência individual se expande no sentido da consciência cósmica, é fácil para o sábio deleitar-se com o sofrimento por amor dos outros. A seu ver, isso não é sofrimento, se bem as pessoas comuns cuidem que ele está sofrendo. Quando a nossa consciência permanece limitada às fronteiras individuais, nós sofremos. O grande homem, todavia, não sofre

quando alguma coisa lhe acontece ao próprio eu, mas o sofrimento alheio fá-lo sofrer.

A dor e o prazer são um par de contrários que se experimentam quando os sentidos estabelecem contato com objetos do mundo. Aqueles cuja consciência se expandiu além do nível sensório libertam-se desse par de contrários. Existem técnicas para retirar voluntariamente a mente dos sentidos e fazê-la focalizar o interior, a fim de revelar o centro da consciência. Nesse estado de espírito, o prazer ou a dor dos sentidos não nos afetam. A mente assim aguçada cria uma vontade dinâmica, que pode ser usada para curar outros. Todas essas forças curativas fluem através do ser humano da fonte única da consciência. No momento em que o curador toma consciência da própria individualidade, o fluxo espontâneo de força curativa se detém. O poder de curar é um poder natural do homem. A cura dos outros torna-se possível através da força de vontade não interrompida pela mente inferior.

Meu mestre manda-me curar alguém

Numa bela manhã, meu mestre e eu estávamos sentados fora da nossa caverna quando, a súbitas, ele disse:

— Precisas tomar um ônibus. E como o itinerário do ônibus passa a onze quilômetros e meio daqui, convém que te apresses.

Muitas vezes, num impulso, ele me dizia que me levantasse e fosse a algum lugar. Nem sempre eu sabia por que, mas descobriria quando lá chegasse. Levantei-me e apanhei o pote de água que sempre carregava. Ele continuou:

— Toma o ônibus para a estação ferroviária de Hardwar. Arrumarás uma passagem e de lá irás a Kanpur. O dr. Mitra caiu de cama e lembra-se constantemente de mim. Está tendo uma hemorragia cerebral e sangra pela narina direita, mas a esposa não consente em que o levem para o hospital. Seu cunhado, o dr. Basu, sabe que é uma hemorragia, mas ali não se encontram os recursos necessários a uma cirurgia do cérebro.

— Que deverei fazer?

— Basta que lhe dês uma palmadinha afetuosa nas faces. Não te consideres um curador. Imagina-te um instrumento e vai até lá, pois prometi a ele e à esposa que sempre os ajudaremos. Vai o mais depressa que puderes.

— Estou surpreso por descobrir que fazeis promessas em meu nome à minha revelia, — exclamei.

Eu relutava em encetar tão longa viagem, mas não podia desobedecer. Fui para o ponto do ônibus, a onze quilômetros da caverna, e deixei-me ficar à beira da estrada até que o ônibus de Rishikesh/Hardwar me apanhou Os motoristas davam sempre carona a um *swami* quando o viam na estrada. Apeei na estação ferroviária de Hardwar, sem dinheiro e dispondo apenas de trinta minutos para pegar o trem que partiria com destino a Kanpur. Olhei para o meu relógio e ocorreu-me a idéia de que talvez pudesse vendê-lo para comprar a passagem. Aproximei-me de um cavalheiro na estação e

perguntei-lhe se não aceitaria meu relógio em troca de dinheiro da passagem. Surpreendentemente, ele me respondeu:

— Meu filho não pôde vir comigo e, portanto, tenho uma passagem de sobra. Fazei-me o favor de aceitá-la. Não preciso do vosso relógio.

Embarquei, e no trem encontrei uma senhora, parenta próxima do dr. Mitra, que também se destinava a Kanpur. Ela ouvira o dr. Mitra e a esposa falarem sobre mim e meu mestre e deu-me qualquer coisa para comer. Viajamos a noite toda e, de manhã, o trem chegou a Kanpur. Havia tanto movimento na estação, que levei dez minutos para passar pelo portão. Fora da estação, topei de repente com um homem que me conhecia. Estacionara o carro ali perto e estivera à espera de alguém, mas a pessoa não aparecera — pois perdera o trem em Deli. O homem quis levar-me para sua casa, mas insisti em irmos fazer primeiro uma visita ao dr. Mitra.

Quando lá chegamos, bati à porta e entrei para encontrar três médicos examinando o doutor. Ao ver-me, a sra. Mitra, encantada, me disse:

— Agora que viestes, entrego-vos meu marido.

A isso é que se chama a cega fé indiana em sadus.

— Não sou nenhum curador, — respondi. — Vim apenas para ver como ele está passando.

Acerquei-me da cama do dr. Mitra, mas não lhe permitiam sentar-se em razão do sangue que perdia pelo nariz.

Quando me viu, perguntou:

— Como vai o meu mestre?

Dei-lhe uma palmadinha de leve na face direita. Decorridos alguns minutos, o sangue estancou. Um dos médicos explicou que o meu tapinha fechara a abertura do vaso sangüíneo e atalhara a hemorragia.

Eu não sabia o que tinha feito, mas seguia as instruções de meu mestre. O súbito restabelecimento do dr. Mitra logo passou a ser o assunto de todas as conversas do lugar, e centenas de pacientes se puseram à minha procura. Por isso mesmo, deixei a cidade naquele mesmo dia e alcancei Hardwar na manhã seguinte. Dali fui ao local onde se encontrava o meu mestre. E disse-lhe, desejando arreliá-lo:

— Agora que conheço o segredo, sou capaz de estancar a hemorragia de qualquer um.

Ele riu-se de mim e declarou:

— O médico que te deu aquela explicação é bem ignorante. Há vários modos e níveis de sofrimento, mas a ignorância é a mãe de todos.

Em várias ocasiões precisei partir de repente, em obediência às instruções de meu mestre, sem nenhum conhecimento do propósito da minha partida nem do meu destino. Tive muitas experiências assim. Cheguei à conclusão de que os caminhos dos sábios são misteriosos e fogem à capacidade de compreensão das mentes comuns. Eu fazia e depois experimentava. A experiência me dava o conhecimento. Quem está livre dos condicionamentos da mente conhece o passado, o presente e o futuro igualmente. Esses condicionamentos chamam-se tempo, espaço e causação. A mente comum não pode sondá-los, mas os grandes homens podem fazê-lo. Torna-se difícil aos homens comuns compreender essa ciência, mas os que estão no caminho não precisam ter, para isso, uma capacidade extraordinária.

De uma feita, perguntei a meu mestre:

– É possível a um homem do mundo obter a libertação de todos os condicionamentos da mente, ou terá ele de viver no Himalaia toda a sua vida para desenvolver poderes iguais aos vossos?

– Se um ser humano, – respondeu ele, – permanecer constantemente cônscio do propósito de sua vida e dirigir todos os seus atos para a realização desse propósito, nada lhe será impossível. Os que não têm consciência do propósito da vida são facilmente apanhados no remoinho dos sofrimentos.

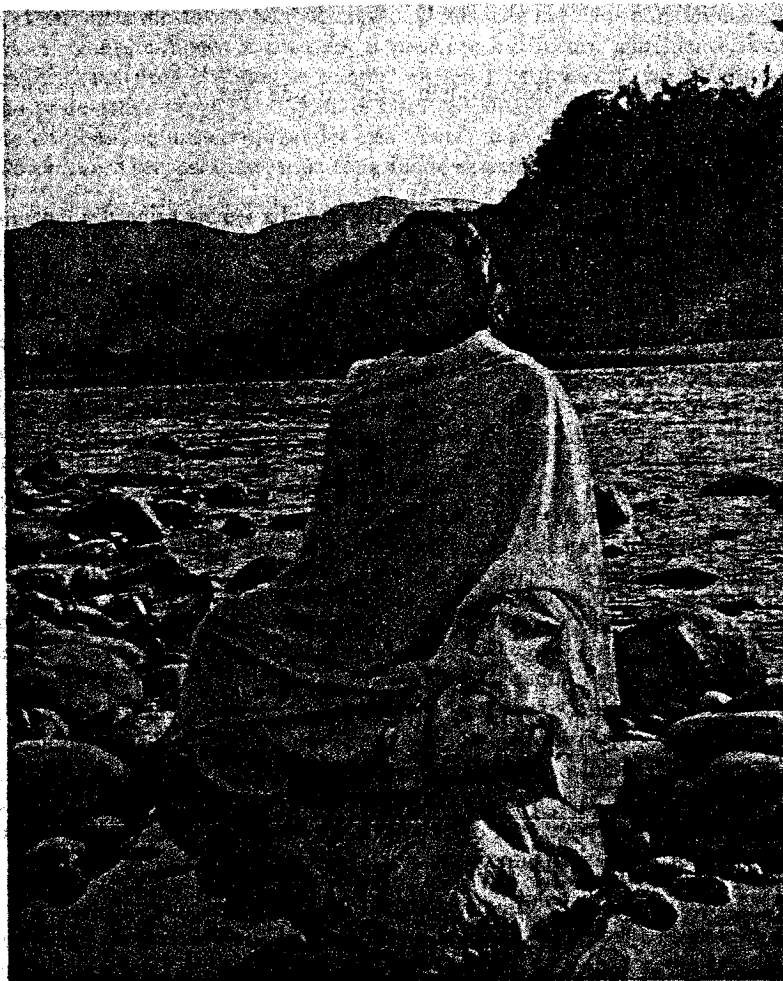
Há uma lei segundo a qual ninguém pode viver sem cumprir suas obrigações, mas também é verdade que as obrigações escravizam o homem. Se as obrigações, todavia, forem realizadas com habilidade e desprendimento, não sujeitarão o seu cumpridor. Todos os atos e obrigações executados com amor tornam-se meios no caminho da libertação. O cumprimento do próprio dever é muito importante, porém mais importante é o amor, sem o qual o dever cria servidão. Feliz é o que serve os outros desinteressadamente e aprende a atravessar este lodaçal de enganos.

O ser humano está aparelhado com todos os poderes curativos necessários, mas não sabe usá-los. Assim que entra em contato com suas potencialidades curativas interiores, pode curar-se. Todos os poderes pertencem apenas a um Deus. O ser humano não passa de um instrumento.

Métodos não ortodoxos de cura

A crença na possessão é tão velha quanto a mais velha das culturas. Ainda hoje ouvimos dizer que tal e tal pessoa está possuída por um demônio, um fantasma ou um espírito. Desde 1960 até agora, em minhas longas viagens pelo mundo inteiro, descobri que não só pessoas ignorantes, mas também sacerdotes cultos acreditam na realidade da possessão. Essa possessão, contudo, não passa de um desequilíbrio mental. É possível tratar tais casos com rituais e cerimônias religiosas. Na maioria das comunidades do mundo ainda se praticam os citados rituais, embora, às vezes, de maneira clandestina. Em quase todos os casos que tive a oportunidade de examinar, o problema era de histeria, geralmente criada pela repressão de impulsos sexuais, se bem existam outras causas, como o medo patológico de perder alguma coisa ou o medo de não ser capaz de obter alguma coisa desesperadamente desejada.

Existem lugares na Índia para onde se levam os pacientes a fim de libertá-los de uma "possessão". Os "terapeutas" empregam métodos crus, que incluem o açoitamento do paciente diante de um ídolo. Durante o tratamento, um dos terapeutas, chamado *Vakya*, adianta-se como se também estivesse possuído, mas por um deva (espírito bom). Às vezes, durante um estado altamente concentrado de emoção, o *Vakya* se atira às chamas de uma fogueira para provar quão grandes são os seus poderes. E então, cantando hinos, tenta ajudar o paciente a sair do seu estado. Existem muitos desses praticantes espalhados pelas montanhas do Himalaia.

Anos atrás, o dr. Elmer Green, Alyce Green e alguns de seus colegas da Fundação Menninger foram à Índia munidos de instrumentos sensíveis para examinar iogues. Visitaram meu *ashram* à beira do Ganges em Rishikesh. Chegaram um ano depois da época marcada no plano original, e não puderam estabelecer contato com os iogues que tinham concordado em vir ao *ashram* para submeter-se às experiências. Eu indicara um homem chamado Hari Singh para ocupar o cargo de vigia, e ele se ofereceu para servir de sujeito de uma das experiências. Quarenta observadores america-

O *Swami* Rama à beira do Ganges.

nos, incluindo médicos e psicólogos, alojaram-se no meu *ashram* naquela época. Um cinegrafista dos Estados Unidos, que acompanhara o grupo do dr. Green, acionou sua câmara quando Hari Singh colocou uma lâmina de aço numa fogueira. Assim que a viu aquecida ao rubro, Hari Singh tirou-a do fogo e lambeu-a com a língua. Ouviu-se um chiado e dela se desprendeu um pouco de vapor, mas nada aconteceu à língua dele! Não estava queimada nem ferida de maneira alguma. Tais fenômenos são amiúde executados por não-iogues, que o povo considera como tais. Por mera curiosidade, os ocidentais vão freqüentemente à Índia e às faldas do Himalaia para conhecer pessoas assim. Os fenômenos são comuns e autênticos, mas não fazem parte da ioga, nem são ensinados nas escolas de ioga.

Certa vez, em 1945, um neurologista da Austrália veio ver-me na montanha e ficou comigo dez dias. Havia poucos hospitais ou dispensários pelas serras há trinta anos passados, conquanto o governo indiano esteja tentando agora erguer centros de tratamento aqui e ali para atender a complicações menores de saúde. Eu tinha a esperança de que esse homem pudesse ajudar os aldeões receitando-lhes alguns remédios. Mas o motivo da sua viagem ao Himalaia à minha procura era achar um jeito de livrar-se das severas e crônicas dores de cabeça, que o impediam de levar uma vida normal. Se bem fosse médico e tivesse sido examinado por muitos colegas, não conseguira encontrar a causa das dores de cabeça, e ninguém fora capaz de tratá-lo com êxito.

Uma velha que costumava trazer leite à minha cabana sorriu quando o viu e perguntou:

– Ele é médico?

Riu-se e ajuntou, dirigindo-se a mim:

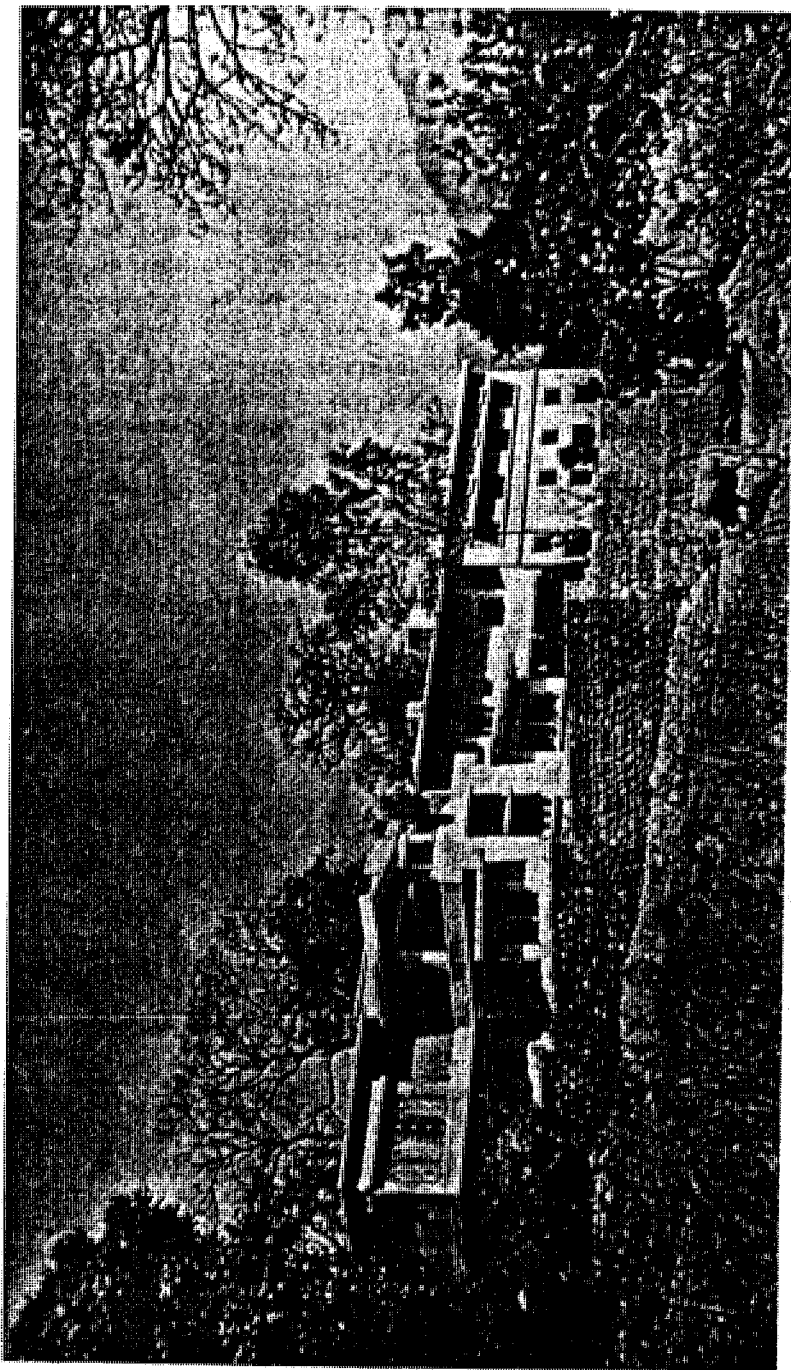
– Se me derem licença, posso tirar-lhe a dor de cabeça em dois minutos.

– Faze o favor de tentar, – pedi.

Ela foi buscar uma erva muito conhecida e amplamente usada nas montanhas para fazer fogo. Uma centelha produzida pelo atrito de duas pedras a inflama. Esmagou-a e pôs um pouco da erva esmagada na têmpora direita do médico, dizendo-lhe:

– Acredita em mim, estarás livre das dores de cabeça para sempre. Deita-te.

Quando ele se deitou, a velha levou um gancho de ferro ao fogo e aqueceu-o ao rubro. Em seguida, encostou a ponta vermelha na erva colocada na têmpora do médico. Este deu um grito e um pulo. Também fiquei chocado. A mulher voltou calmamente para a sua aldeia e as dores de cabeça do doutor desapareceram.

Nosso *ashram* em Rishikesh, no Himalaia.

Esses tratamentos são usados com freqüência pelos aldeões. O doutor perguntou-me:

— Que ciência é essa? Quero conhecê-la melhor.

Não o incentivei, pois embora acredite que, de vez em quando, esses tratamentos ajudam, não são sistemáticos e é muito difícil estremar os realmente eficazes dos que não passam de frutos das superstições. O médico, todavia, persistiu e partiu para as montanhas de Garhwal, onde estudou sob a orientação de um curandeiro serrano, Bhairva Dutt, que conhecia mais de 3.000 variedades de ervas. Quando se encontrou comigo, seis meses depois, disse-me o doutor:

— Conheço a explicação do tratamento que recebi da velha senhora. Baseia-se nos princípios usados pelos viajantes que cruzaram a fronteira tibetana com a China, e sistematizados sob o nome de acupunctura. Charaka, o antigo mestre indiano da medicina, menciona-o como *sui*, o tratamento pelas picadas de alfinete.

Concluí que ele tinha sido curado de uma espécie de dor de cabeça, mas estava criando outra para si com a investigação dessas curas. Existem muitas coisas conhecidas dos aldeões que funcionam, mas bem andaríamos não as adotando sem lhes compreender os princípios básicos. Devemos manter a mente aberta.

Ervas e remédios preparados com metais não estão hoje muito em voga no Ocidente. Embora tenhamos meios modernos de preparar drogas que ajudam os pacientes, estas não são o remédio de todas as doenças. O tratamento *aiurvédico** utiliza ervas e muitos outros métodos. A terapia da água, a do barro, a do vapor, a da cor, os banhos de sol e o emprego de sucos de várias frutas, flores e vegetais são componentes essenciais da terapia *aiurvédica*. O método *aiurvédico* de tratar moléstias divide-se em duas seções, *Nidana* e *Pathya*. Os terapeutas prescrevem mudanças na alimentação, nas atividades ligadas ao sono e até no clima, em vez de colocar os pacientes nas aterradoras condições a miúdo encontradas nos repletos hospitais modernos.

Tenho perguntado reiteradamente a mim mesmo como é possível que o povo do Himalaia continue tão saudável e seja tão longevo, embora goze de pouquíssimos benefícios da medicina moderna. Existem inúmeras enfermidades cujo remédio a ciência médica atual ainda não descobriu, mas esses montanheses nem sequer as conhecem. É possível que a comida fresca, o ar puro e, acima de tudo, a liberdade de pensamento sem ansiedade sejam responsáveis pela sua saúde. Milhões de pacientes do mundo inteiro,

* *Aiurveda* é uma escola de medicina altamente evoluída, ainda hoje praticada na Índia.

Curando num santuário do Himalaia

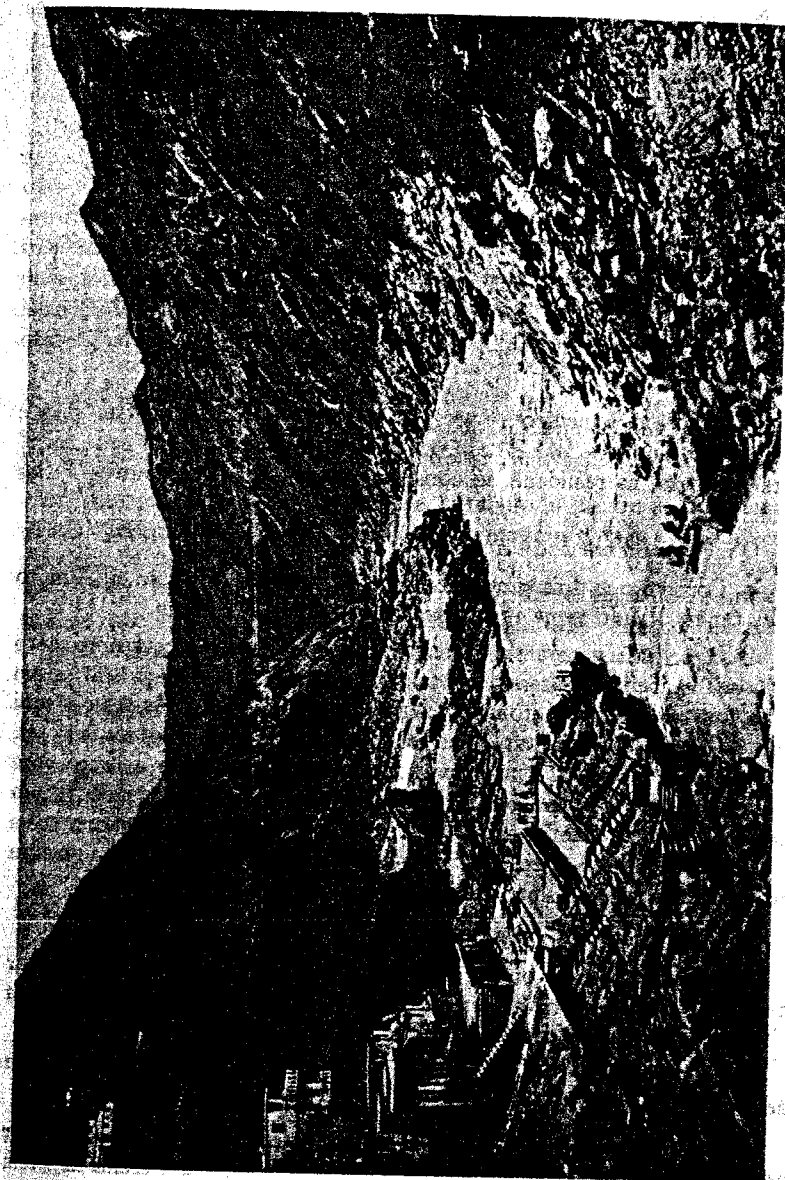
Um grupo de homens de negócios e alguns médicos decidiu visitar o santuário de Badrinath no Himalaia. O sr. Jaipuria, distinto negociante de Kanpur, organizou a peregrinação e o dr. Sharma juntou-se ao grupo como guarda da saúde dos seus quarenta componentes. Eles insistiram em que eu os acompanhasse para ensiná-los. Tirante o organizador, carregado num palanquim, todos saímos a pé de Karnaprayag e, após vários dias de viagem, chegamos a Badrinath. A essa altura, como não estivessem acostumados a andar nas montanhas, os membros do grupo, sem exceção, cansados e esgotados, se queixavam de dores, sobretudo nas juntas inchadas dos joelhos. Chegados a Badrinath, todos se precipitaram para banhar-se nas fontes de água quente. O sol estava a pique de pôr-se, e meu quarto ficava do lado tranqüilo de um grande edifício, onde se aposentavam muitos viajantes que tinham vindo visitar o santuário.

Eu me habituara a permanecer acordado durante a noite e a descansar entre uma hora e três e meia da tarde. Esse hábito tornara-se parte da minha vida. Às duas e meia da madrugada, alguém bateu à minha porta e chamou:

– Swamiji, vinde, por favor! Meu irmão está tendo um grave ataque do coração e os médicos não conseguem curá-lo. Por favor, ajudai-nos agora!

Era o sr. Jaipuria, que gosta muito de mim. Acontece, porém, que reservo rigorosamente o primeiro período da manhã para a meditação, e essa distração me perturbou a força de vontade. Eu também sabia que havia ali vários médicos munidos de oxigênio e maletas de remédios, de modo que, em lugar de abrir a porta, gritei de dentro do quarto:

– Nós, iogues e *swamis*, ambicionamos morrer num lugar como este, e nunca o conseguimos. Será possível que teu irmão tenha escolhido um local tão auspicioso para finar-se? Não pode ser; ele não está morrendo. Vai-te embora e não me perturbes.

Encontrei o irmão de Jaipuria perfeitamente normal na manhã seguinte. Minha resposta tornou-se piada entre os comericiantes: "Se os homens

A caminho de Badrinath.

santos não têm a felicidade de morrer num santuário como Badrinath, será possível que mercadores tenham morte tão pacífica? Não pode ser!"

Na manhã seguinte, foram todos ao santuário e conheceram muitos *swamis* que viviam em cavernas vizinhas. Às cinco horas da tarde informou-me o dr. Sharma, médico-chefe do grupo, que a sra. Jaipuria fora acometida de câmaras de sangue. Era uma excelente, pequenina e velha senhora, que sempre cuidava do meu bem-estar. Eu costumava chamar-lhe Mãe. A notícia entristeceu-me e corri para vê-la. Encontrei-a muito pálida e tão exausta que mal conseguia mover os lábios. Os dois filhos, sentados perto dela, não acreditavam que a velha senhora lograsse sobreviver. O facultativo medicou-a, mas nada aconteceu. Sua respiração era muito superficial e os médicos declararam-lhe o caso perdido. Coloquei minha mão na cabeça dela, num gesto de simpatia. Eu não sabia o que fazer. De repente, virei a cabeça e dei com um *swami*, jovem e alto, que me chamava pelo nome. Minha atenção desviou-se para ele.

— Onde está o médico? — perguntou o *swami*. O médico adiantou-se e o *swami* continuou: — Isso é tudo o que a vossa ciência médica pode fazer? Gente como tu, na realidade, só consegue matar e drogar os outros. Pífios conhecimentos!

O médico ofendeu-se e ripostou:

— Como é que dois *swamis* como vós não conseguis curá-la? Admito que eu tenha falhado e que os outros médicos também tenham.

O sr. Jaipuria, que amava imensamente a esposa, soluçava num canto do aposento. Seus filhos e noras também choravam. Olhei para o jovem *swami*, que sorriu e perguntou se poderiam dar-lhe uma flor. As pessoas aqui levam flores ao santuário, e alguém se adiantou com pétalas rubras de rosas. O *swami* disse à sra. Jaipuria que se levantasse. Puxou-lhe o braço com rudeza, fê-la sentar-se à força e despejou-lhe na boca o conteúdo de um copo d'água que continha as pétalas, enquanto murmurava qualquer coisa que ninguém entendia. Ato contínuo, fê-la deitar-se na cama, cobriu-a com o cobertor e ordenou aos presentes que saíssem do quarto, dizendo:

— Ela, agora, dormirá profundamente.

Todos sabiam que sono profundo significa morte e puseram-se a gritar e a chorar. Nós dois sorríamos para eles. Isso não lhes agradou e o filho da velha senhora apostrofou-nos:

— Vós, irresponsáveis, nada tendes para perder, mas eu perdi minha mãe e agora zombais de nós!

O jovem *swami* e eu, do lado de fora da casa, esperamos que a mulher despertasse. Os membros da família já se preparavam para cremá-la. Meia hora depois, o jovem *swami* pediu ao sr. Jaipuria que entrasse e fosse fazer

companhia à esposa. Ele a encontrou sentada na cama e gozando perfeita saúde.

Não sou contra mezinhas e remédios que ajudam a curar moléstias, mas gosto de conscientizar os outros acerca dos remédios preventivos. Há outra maneira mais elevada de ajudar as pessoas pelo emprego da força de vontade. Força de vontade aqui significa vontade dinâmica, criada pela mente aguçada, pela meditação e pela disciplina espiritual. Na medicina de hoje falta totalmente o cultivo da força de vontade.

O jovem *swami* aceitara o desafio do médico e dera tento da sua possibilidade de curar a velha senhora sofredora. Minha experiência com muitos profissionais da medicina convenceu-me de que, no tratamento de moléstias, o comportamento do médico e o emprego da força de vontade são mais importantes do que a medicação propriamente dita. Quanto mais compreenderem esse fato, tanto mais concordarão comigo os médicos em que podem ajudar a humanidade não só com o emprego da medicina, mas também ensinando métodos de prevenção. Deste modo, um número maior de pacientes pode dar-se conta da própria capacidade interna de curar-se.

Ninguém acreditará o quanto o grupo todo passou a adorar-nos e o quanto quiseram todos dar-nos dinheiro, construir-nos casas e presentear-nos com automóveis. Ambos sorrimos e nos rimos deles. Descobri que os ricos crêem pagar tudo com moedas e tentam até peitar renunciantes. As riquezas, todavia, não podem tentar os que se acham de fato no caminho da renúncia. Os que já estão trilhando a senda gostam de ser materialmente pobres, mas espiritualmente riquíssimos. Quando comparam as riquezas mais altas às simples riquezas mundanas, não são detidos pelos encantos, tentações e atrações capazes de obstruir o caminho de um renunciante. Principiantes que aspiram a levar uma vida austera e a seguir o caminho da renúncia muitas vezes são vítimas dessas tentações. Alguns sofrem um recuo ou podem até tornar-se mentalmente perturbados. Não há negar que os prazeres do mundo são poderosos; considera-se o apego a eles a mãe de toda ignorância. Uma mente aguçada, uma vontade forte e, acima de tudo, a graça de Deus auxiliam uns poucos felizardos a manter-se acima da tentação, não influenciados pelos grilhões mundanos.

Despedi-me dos membros do grupo com o qual visitara o santuário de Badrinath. Fiquei para trás com meu amigo a fim de ouvir a música tocada por um grande sábio chamado Parvatikar Maharaja. Ficamos mais seis dias na caverna de Phalhari Baba (conhecido por esse nome porque vivia apenas de frutas e leite) e descíamos ao santuário para ouvir o sábio todas as noites. Seu instrumento era a *Bichitra veena*, de várias cordas. Havia uma multidão de quinhentas pessoas sentadas no corredor do santuário. Antes de começar a afinar o instrumento, ele rompeu o silêncio e disse:

O *Swami* Rama com o neto da sra. Jaipuria.

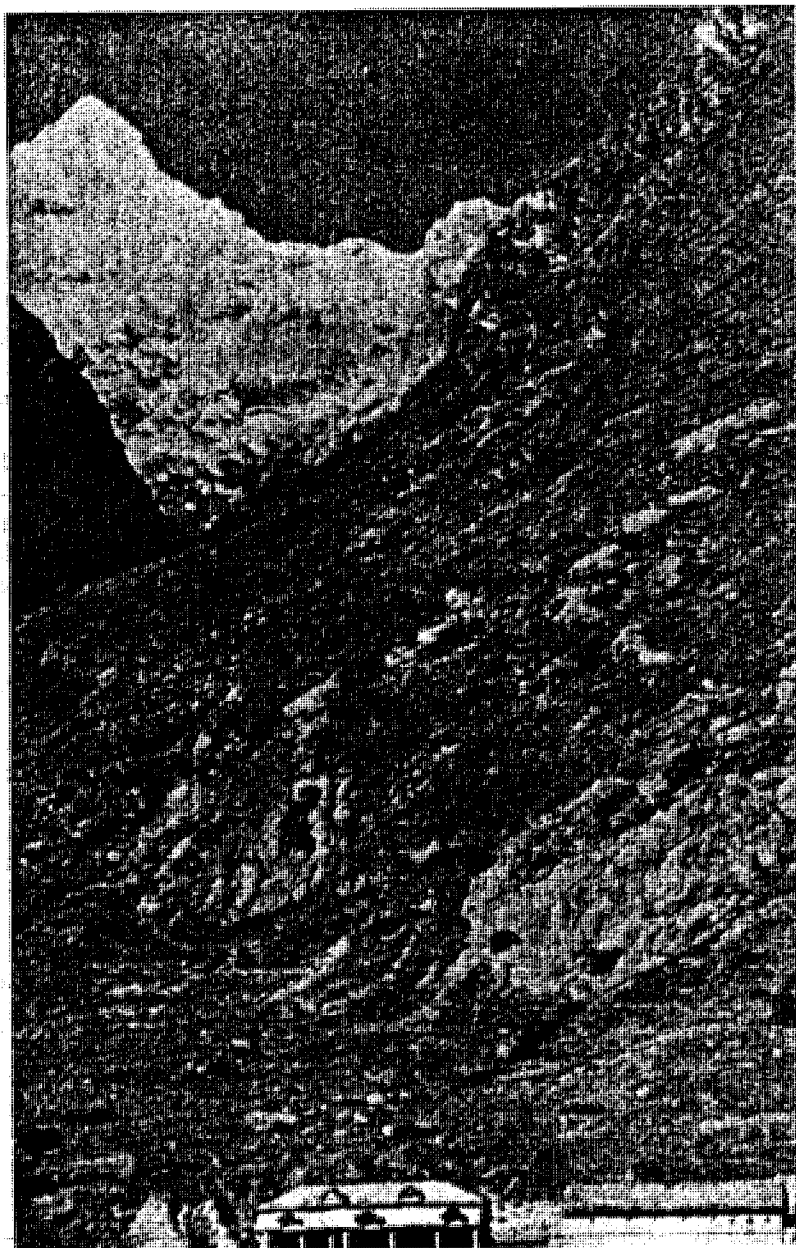
— Abençoados, estou afinando meu instrumento e vós podeis afinar os vossos. As cordas da vida devem ser devidamente harmonizadas. É uma arte ajustar as cordas primeiro e depois segurar o instrumento de maneira confortável e firme. Sede instrumentos agora. Deixai-O tocar através de vós. Entregai-vos. Oferecei ao Músico o vosso instrumento afinado.

Algumas pessoas o compreenderam, outras, não. Eu e o meu amigo, tranqüilamente sentados num canto, ficamos atentos depois de ouvir-lhe as palavras. Ele segurou a *veena* nos braços, fechou os olhos e começou a tocar. Se a cítara e a guitarra, juntamente com todos os instrumentos de corda, fossem tangidos harmoniosamente ao mesmo tempo, não criariam tão bonita melodia. Os presentes não conheciam a música e, no entanto, lhe acompanhavam o ritmo com o corpo. Ele tocou o instrumento por duas horas e meia. Esse músico de fato me ajudou a acreditar que a música também pode ser um meio de paz e alegria. Chamo-lhe meditação em música.

Entre todas as belas artes, a mais bela é a música, que não compreende apenas cantos, melodias ou palavras, senão também os sons mais sutis — *nada* —, a vibração que inspira espontaneamente todas as células e fá-las dançar. Não poderia haver dança sem as vibrações do *nada*. Por causa do *nada*, o fluxo de vida canta com um ritmo especial e flui através de várias curvas da vida, dando ao seu ambiente uma nova experiência por vez.

O mais antigo viajante do universo é esse fluxo de vida, que canta e dança de uma eternidade a outra. No êxtase que lhe produz o encontro com o Bem-Amado, une-se finalmente ao oceano de bem-aventurança. Do princípio ao fim, há um som perene, mas em vários diapasões, que fazem sete tônicas. Na música de todo o mundo, as sete tônicas personificam sete níveis de consciência. Esses sons nos fazem perceber os vários níveis e, finalmente, nos levam à sua fonte, de onde nasce o fluxo da vida que vibra em todas as direções. Numa direção chama-se música; em outra, dança; na terceira, pintura e na quarta, poesia. Há outra forma de som, que se chama som sem som. Só os iniciados têm consciência dele. Denominado *anahad nada* (som interior) flui através das cordas vocais e chama-se música. Diz Kabir: "Ó sadu, levanta o véu da ignorância e serás um só com o Bem-Amado. Acende a lâmpada do amor no quarto interior do teu ser e conhecerás o Bem-Amado. Ali ouvirás a mais bela de todas as músicas — *anahad nada*."

No caminho da devoção, os iogues aprendem a ouvir esse som sem som, a voz do silêncio, a música perene que soa em cada coração humano. Mas quantos de nós a ouvimos? Músicos genuínos, subjugados pelo *para bhava**, cantam as palavras e entoam os louvores do Bem-Amado. Essa

* Estado além.

A casa de hóspede onde ficou o nosso grupo em Badrinath.

música devocional exerce profunda influência no encaminhamento da vida emocional do aspirante para o êxtase e lhe permite fruir o momento mais alto. A isto se dá o nome de meditação em música. Nenhum esforço próprio se faz mister, mas parece ser necessário nesse caminho acender uma chama de amor ao Bem-Amado. O caminho da devoção, o mais simples, conduz-nos à altura do êxtase espiritual. O amor expresso através da música é meditação em música. Aos poucos a mente se aguça e chega o dia em que o aspirante começa a prestar atenção a *anahad nada*. Há sons numerosos e inspiradores. Com o auxílio deles, o aspirante atinge o mais elevado estado de alegria. No caminho da devoção, a música torna-se um meio de auto-realização.

Depois de tocar a *veena*, Parvatikar Maharaja voltou ao silêncio.

Fui para Kasardevi, em Almora, e ali conheci um pintor famoso no Ocidente e um monge budista. Essa gente vivia numa ermidazinha apreciando os picos himalaicos em plena solidão. Falava constantemente com as montanhas e sustentava que as serranias do Himalaia, à diferença dos Alpes e de outras cordilheiras, não somente eram belas mas também estavam vivas. E afirmava:

— Nós falamos com as montanhas e elas nos respondem.

— Em que sentido? — perguntei. — Como é que as montanhas podem falar?

— Nascestes e fostes criado entre elas, — replicaram eles, — e, como sempre, a familiaridade gera o desdém. Lembrai-vos de que essas montanhas são santas e criam uma atmosfera espiritual para o investigador. Sua beleza está aí para que a vejam todos os que se derem ao trabalho de contemplá-las. Esquecestes comos se apreciam esses deuses.

E continuaram a exaltar a beleza dos picos do Himalaia recobertos de neve.

Minha estada entre eles foi breve. Logo deixei Shyamadevi, quarenta e oito quilômetros além de Kasardevi, onde vivia sozinho um *swami* num templozinho de *Shakti*. Eu queria estar com ele por algum tempo. Logo depois que cheguei, Nantin Baba, sadu muito conhecido naquela parte do Himalaia, juntou a nós. Em outro tempo eu já morara com ele em várias cavernas de Bageswar e Ramgarh. O *swami* que habitava o templo de *Shakti* dizia-se discípulo direto de Sombari Baba, sábio famoso que vivera quarenta anos antes. Naqueles dias, Sombari Baba e Hariakhan Baba andavam freqüentemente juntos. Meu mestre e Hariakhan Baba eram discípulos do mesmo guru nascido na Índia mas cuja vida se passara principalmente no Tibete. Tanto Hariakhan Baba quanto meu mestre eram chamados Babaji. Esse título de respeito significa simplesmente "avô" e dá-se amiúde a sábios muitos velhos. Ainda hoje, sobretudo no Nepal, em Nanital, Kashipur e

Sombari Baba, iniciado do Himalaia.

Almora, todos têm uma história para contar a respeito desses sábios e falam dos seus assombrosos milagres espirituais e poderes curativos. Não têm fim as histórias que eles contam. Enquanto ali estivemos, nosso anfitrião falou horas e horas, ininterruptamente, sobre o seu *gurudeva*.

Esse anfitrião era um sida, amplamente conhecido pelo seu poder de curar. Toda vez que alguém iniciava uma viagem rumo ao templo de *Shakti* em que se abrigava, ele o sabia. Sem que ninguém o tivesse apresentado a estranhos, chamava-os de pronto pelos nomes. Não queria ser perturbado e, às vezes, fingia estar encolerizado a fim de manter as pessoas afastadas; no íntimo, contudo, era muito meigo. Os aldeões deram-lhe o nome de *Durbasa*, que significa "língua suja". Costumava realizar uma austeridade primitiva chamada *Panchagni Siddhi*, que significa ter o domínio de cinco fogos. Executava tanto o culto externo quanto o interno. Dizia que Deus é fogo e discorria sobre esse tema à menor oportunidade.

Esse homem completo deu-me várias lições sobre a ciência solar, de que ainda me lembro, embora eu não praticasse o que me ensinou, pois não se podem praticar tantas ciências diferentes no curto espaço de uma vida. A ciência solar é útil na cura de doentes. Depois de coligir o material espalhado sobre o assunto e assimilar-lhe os princípios, eu quis fundar uma clínica para ajudar as massas sofredoras, mas meu mestre me demoveu dessa idéia, que me desviaria de um propósito maior. Toda vez que eu cantava, compunha um poema ou pintava, ele me recriminava. Aconselhava-me a evitar tais diversões e a praticar o silêncio, dizendo:

— A voz do silêncio é suprema. Está além de todos os níveis de consciência e de todos os métodos de comunicação. Aprende a ouvi-la. Em vez de discutir os livros sagrados e argumentar com os sábios, limita-te a fruir-lhes da presença. Estás numa viagem; não te detenhas por muito tempo no mesmo lugar e não te apegues a nada. O silêncio te dará tudo o que o mundo nunca poderá dar-te.

Quando saí de Shymadevi, tornei à minha habitação nas montanhas. Os aldeões de Boodka Kedar construíram uma casinha de pedra para mim, aonde eu costumava ir a fim de praticar o silêncio. Ainda está no mesmo sítio, a mil e oitocentos metros de altitude. Desse lugar eu tinha uma visão panorâmica das cordilheiras do Himalaia. De vez em quando, o silêncio era rompido, a súbitas, por um iogue errante que batia à minha porta. Poucos pesquisadores adentram o Himalaia. A maioria dos viajantes permanece nas estradas e trilhas montanhosas e visita os santuários e sítios de interesse mais conhecidos, mas os investigadores mais sérios evitam esses caminhos e procuram as ermidas isoladas, cavernas e habitações dos sábios perdidas nas montanhas. As serranias do Himalaia cobrem uma extensão de 2.400 quilômetros, desde a China até ao Paquistão. São as montanhas mais altas do

Hariakhan Baba, iniciado do Himalaia.

mundo. Conquanto existam outras cadeias de grande beleza, o Himalaia oferece uma coisa única entre todas: a atmosfera espiritual e a oportunidade de conhecer os sábios altamente evoluídos, que fazem da cordilheira o seu lar, e aprender com eles.

XII

A GRAÇA DO MESTRE

A perfeição é a meta da vida humana, mas nossos esforços são muito limitados. A felicidade não vem tão-só através do empenho do homem, e sim através da graça. Benditos são os que possuem a graça, não só de Deus, mas também do mestre.

O guru é uma corrente e um canal de conhecimentos

A palavra *guru* é tão mal empregada que às vezes me sinto ferido. É uma palavra tão nobre, tão maravilhosa! Depois de vossa mãe vos haver dado à luz, e de vossos pais vos haverem educado, começa o papel do guru, que vos ajuda a levar a cabo o propósito de vossa vida. Ainda que eu seja um homem muito mau e alguém me chama de guru, tenho de tornar-me o melhor por amor da pessoa que o espera de mim. O guru difere do mestre. Seu nome compõe-se de duas palavras, *gu* e *ru*. *Gu* significa "escuridão"; *ru* significa "luz". Ao que dissipa a escuridão da ignorância dá-se o nome de guru. No Ocidente, a palavra guru é amiúde mal empregada. Na Índia, usa-se com reverência e sempre associada à santidade e à mais alta sabedoria. É uma palavra sagrada. Raro se emprega sozinha, mas sempre com seu sufixo, *deva*. *Deva* significa "ser brilhante". A um mestre ou guru iluminado chama-se *gurudeva*.

Vasta é a diferença entre o professor comum e o mestre espiritual. Todos os seguidores de um guru, seja qual for a sua idade, ainda que tenham oitenta anos, são crianças para ele, que os alimenta, agasalha e ensina, sem nada esperar em troca. Perguntei a meu mestre:

— Por que é que ele faz isso?

— Porque não tem outro desejo que o de ensinar os aspirantes preparados, — respondeu o interpelado. — Se o não fizer, que fará?

Quando um estudante vai procurar um guru, leva consigo um feixe de varas secas. Com reverência e amor inclina-se e diz: "Toma, ofereço-te isto." O gesto indica que ele se entrega com toda a sua mente, atos e palavras, movido do único desejo de atingir a mais alta sabedoria. O guru queima as varas e responde: "Guiar-te-ei agora, e no futuro te protegerei." Em seguida, inicia o estudante em vários níveis e dá-lhe disciplinas para praticar. É um relacionamento tão puro que nenhum outro lhe pode ser comparado. Tudo o que o guru possui, até seu corpo, sua mente e sua alma, pertence ao aluno. Mas se ele tiver algum hábito estranho, este será só seu.

O guru diz uma palavra e ajunta:

— Esta palavra será um amigo eterno para ti. Não a esqueças. Ela te ajudará.

A isso se chama iniciação da mantra. Em seguida, o guru explica como se usa a mantra. Ela remove obstáculos. Visto que o aluno tem desejos e problemas, não sabe tomar as decisões apropriadas. O guru ensina-o a decidir e a permanecer pacífico e tranqüilo. E diz:

— Às vezes tens nobres pensamentos, mas não os pões em ação. Vamos, aguça tua mente. És poderoso, e minhas bênçãos te acompanham.

Tentais tudo para fazer alguma coisa por ele, mas não lograis o vosso intento porque ele não precisa de nada. Uma criatura tão compassiva vos atrai espontaneamente a atenção, pois estais desorientado. E perguntais a vós mesmo: "Por que está ele fazendo tanta coisa por mim?" "Que é o que ele quer de mim?" Ele não quer nada, pois o que está fazendo é o seu dever, o propósito de sua vida. Guiando-vos, não vos obsequia, mas executa o seu trabalho. Não poderá viver sem cumprir sua obrigação.

Algumas pessoas são chamadas gurus. Guiam a humanidade. Assim como o sol brilha e vive lá em cima, lá longe, o guru dá o seu amor espiritual e permanece alheado. O guru não é um ser físico. Os que pensam nele como se fosse um corpo ou um homem não compreendem esta piedosa palavra. Se o guru chegar a pensar que o seu poder lhe pertence, deixará de ser guia. O guru é tradição; é uma corrente de conhecimentos. Essa corrente passa por muitos canais. Cristo disse a mesma coisa quando curava as pessoas e estas lhe chamavam Senhor. Dizia: "Isto é por amor de meu Pai; sou apenas um canal."

Nenhum ser humano pode tornar-se guru. Isso só acontece quando um ser humano consente em ser usado como canal de recepção e transmissão pelo Poder dos Poderes. E, para tanto, o ser humano deve aprender a ser desprendido. Normalmente, o amor está misturado ao egoísmo. Preciso de uma coisa e por isso digo: "Eu te amo." Precisais de alguma coisa e por isso me amais. É a isso que chamamos amor no mundo. Mas quando agis desprendida e espontaneamente, dais testemunho do verdadeiro amor. Não esperais recompensa. Os gurus autênticos não vivem sem desprendimento, pois o amor desprendido é a própria base da sua iluminação. Irradiam vida e luz dos cantos desconhecidos do mundo. O mundo não os conhece, e eles não querem saber de reconhecimento.

Não acrediteis jamais em alguém que se aproxime de vós e exija: "Adora-me". Nem Cristo nem Buda pediram uma coisa dessas. Nunca vos esqueça que o guru não é a meta. O guru é como um bote para atravessar o rio. Faz-se mister que tenhais um bom bote e que eviteis o perigo de um

bote que vaza. Mas, depois que tiverdes atravessado o rio, não vos será preciso continuar agarrado ao bote e, por certo, não o adorareis.

Muitos fanáticos entendem que devem adorar o guru. O guru há de receber o vosso amor e o vosso respeito — o que é muito diferente de adoração. Se o meu guru e o Senhor chegarem juntos, aproximar-me-ei primeiro do guru e lhe direi:

— Agradeço-vos muitíssimo. Vós me apresentantes ao Senhor.

Mas não me aproximarei do Senhor para dizer-Lhe:

— Muitíssimo obrigado, Senhor. Vós me destes o meu guru.

A estátua que chora

Eu visitava com freqüência Uttarbrindaban, um *ashram* no Himalaia, e fazia *satsanga* com Crisna Prem (Professor Nixon) e Ananda Vikhu (Dr. Alexander). Esses dois europeus, um dos quais fora professor de inglês e outro professor de medicina, eram discípulos de Yashoda Ma, mística de Bengala. Viviam no mais absoluto sossego, evitando visitantes. Nessa época, Crisna Prem estava escrevendo dois livros, *A Ioga do Bhagavad Gita* e *A Ioga do Katha Upanixade*, posteriormente publicados em Londres. Ambos possuíam fundos suficientes para acudir às suas despesas diárias, de modo que não dependiam dos outros. Sua maneira de viver era simples, ordenada e limpa. Muito escrupulosos no cozinhar suas refeições, não davam permissão a ninguém para entrar na cozinha.

A essa altura dos acontecimentos, Yashoda Ma deixara seu corpo e eles lhe haviam erguido um monumento comemorativo, chamado Samadhi. Encimava o monumento uma bela estátua de mármore de Crisna. Numa de minhas visitas, pouco após a instalação da estátua, notei que Crisna Prem estava usando qualquer coisa no braço. Perguntei-lhe o que era e ele me respondeu:

– Não me acreditarás.

– Dize-me sempre, – insisti.

– Intelectualizas tudo, – replicou ele, – e receio que possas pensar que enlouqueci, mas eu te contarei. Há quinze dias, a estátua de Crisna, instalada no monumento comemorativo, começou a derramar lágrimas. As lágrimas gotejavam da estátua sem parar. Desmantelamos sua base para verificar se algum fonte de água reçumava, mas nada encontramos. Não havia modo com que a água pudesse subir pela estátua e fluir-lhe através dos olhos. Quando recolocamos a estátua no lugar, as lágrimas recomeçaram a fluir. Isso me deixou muito triste. Concluí que eu devia estar cometendo um erro qualquer no meu *sadhana* e que Ma não estava contente comigo. Para lembrar-me sempre disso, peguei um pouco de algodão, embebi-o nas

lágrimas e coloquei-o no bracelete que estou usando no braço. O que te conto é verdade, e sei por que está acontecendo. Não fales a ninguém sobre isso. Pensarão que enlouqueci.

– Não duvido da tua integridade, – afirmei, tentando serená-lo. – Explica-me, por favor, por que ocorre uma coisa dessas.

– O guru, – voltou ele, – guia desde o outro lado, de muitas maneiras. Isso é uma instrução para mim. Fiquei preguiçoso. Ao invés de fazer meu *sadhana* da noite, tenho-me recolhido cedo. Era hábito dela chamar-nos a atenção todas as vezes que caíamos nas mãos da preguiça e deixávamos de realizar nossas práticas. Não pode ser outra a explicação correta.

Ele tornou-se muito sério e, logo, abriu a soluçar. O imenso amor que dedicava ao seu guru inspirou-me. O amor ao guru é o primeiro degrau na escada que conduz ao divino. Mas esse não é o amor à forma humana.

Com exceção dos brâmanes, todos na Índia admiravam ao extremo os dois *swamis* europeus – Crisna Prem e seu condiscípulo, Ananda Vikhu. Os brâmanes não os tratavam bem, embora fossem eles mais puros e espiritualmente mais adiantados do que muitos sacerdotes do templo. Toda vez que os dois se aventuravam a visitar um templo qualquer, eram considerados intocáveis. Eu condenava os brâmanes e, muitas vezes, dizia aos meus dois amigos que, por via da ignorância, muitas pessoas se tornam fanáticas, e o fanatismo não faz parte de religião alguma. A Índia sofreu tanto em virtude do sistema de castas quanto sofreu o Ocidente em conseqüência dos sistemas de raças e classes. Ambos são perniciosos à sociedade humana.

A fotografia de meu mestre

Incorri numa quebra de confiança em relação a meu mestre quando conheci, em setembro de 1939, dois fotógrafos franceses que tinham viajado para o Himalaia a fim de tirar retratos. Eu queria que eles o fotografassem. Trazia no bolso algumas rupias, que dei aos fotógrafos, e tomei emprestadas mais 150 para inteirar a quantia que eles pediam. Em seguida, levei-os, por uma estreita ponte de madeira que ligava as duas margens do Ganges, à choçazinha em que meu mestre e eu tínhamos ficado nos últimos quinze dias.

Quando meu mestre viu os fotógrafos, olhou para mim e disse:

— És um mau menino. Por que hás de ser tão teimoso? Eles não terão nada!

Não entendi. Às vezes, eu supunha teimosamente que meu mestre fosse propriedade minha. Cada fotógrafo tirou um rolo inteiro de fotografias com suas câmaras separadas. Inserindo dois rolos novos, pediram que eu me sentasse ao lado do mestre, a fim de poderem fotografar os dois juntos. Desta vez meu mestre selou os lábios e fechou os olhos. Tiraram-se, ao todo, quatro rolos de fotografias com duas câmaras separadas, das três às cinco e meia da tarde. Depois de retratar as montanhas mais algumas vezes, os fotógrafos partiram para Deli. Quando os negativos foram revelados e devolvidos, não pude acreditar nos resultados. Tudo à volta do lugar em que meu mestre estivera sentado apareceu nos retratos, mas sua imagem não figurava em nenhum deles!

Em três ou quatro ocasiões diferentes, tentei obter uma fotografia do meu mestre, mas ele sempre disse:

— Um retrato do corpo mortal pode obstruir-te a visão da luz que brilha dentro de mim. Não devias apegar-te ao meu corpo mortal; repara apenas em nossa divina união.

Mais tarde, antes que eu encetasse minhas viagens pela Europa e depois pelo Japão, ele me disse:

— Não quero que me vendas no mercado ocidental.

Tenho respeitado seus sentimentos e nunca fiz tentativa alguma para reproduzir a única fotografia sua que existe. Meu condiscípulo conseguiu-a de um operador cinematográfico de Srinagar, que a tirara com uma máquina fotográfica de caixão. O iogue pode colocar um véu entre si e a câmara, para não aparecer na fotografia mas, nessa ocasião, por uma razão qualquer, meu mestre não o fez.

Quem pode matar o eterno?

Certa vez, nas montanhas, um deslizamento de terra começou a estrondear na nossa direção.

— Vamos morrer! — gritei.

— Quem pode matar o eterno? — perguntou meu mestre.

— A montanha está desabando, — atalhei, — e perguntais quem pode matar o eterno? Olhai para a montanha!

— Cessa! — gritou ele. — Deixa-nos atravessar!

E o deslizamento cessou! Depois de passarmos pelo lugar que estava caindo, disse meu mestre:

— Agora podes cair outra vez.

E o deslizamento recomeçou.

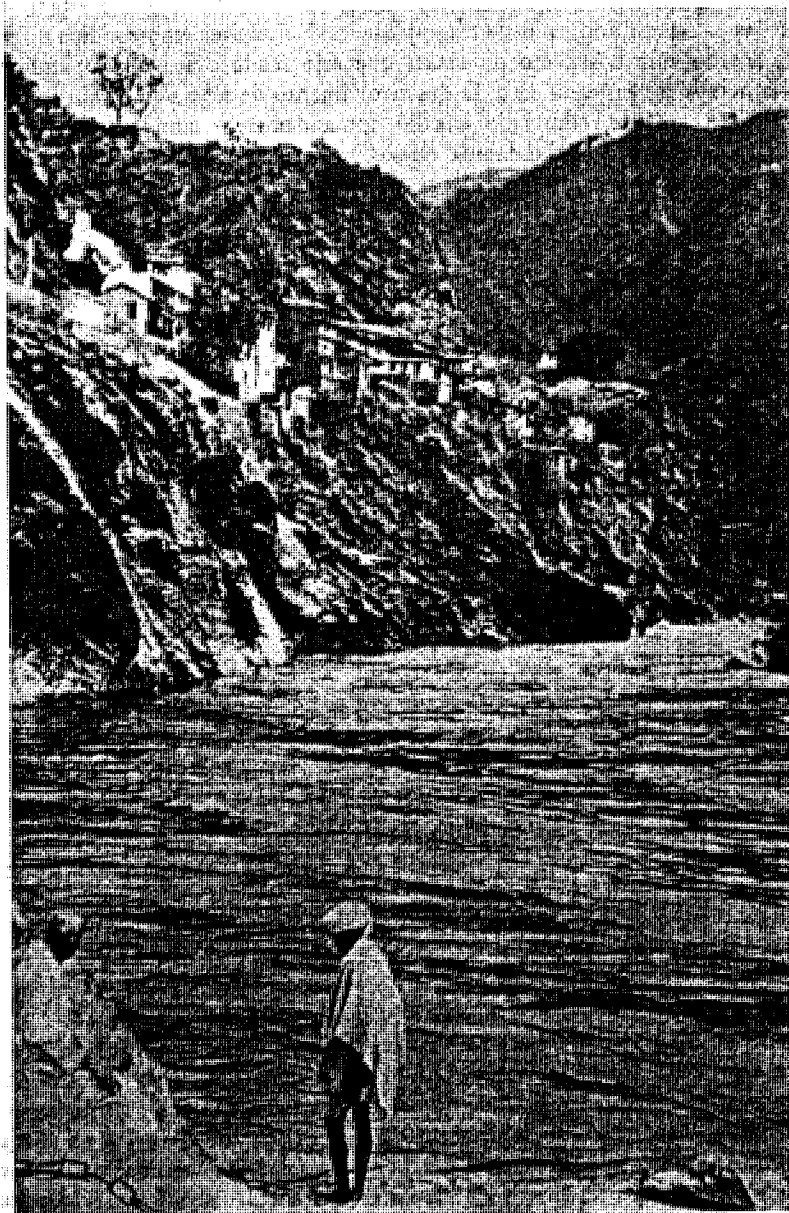
Em outra ocasião, algumas pessoas o estavam seguindo quando ele se dirigia para uma montanha. Começou uma nevada, que se prolongou, ininterrupta, por três horas. As pessoas não tinham roupas suficientes e disseram:

— Senhor, sois considerado eterno. Diz-se que tendes poderes milagrosos. Por que não fazeis cessar essa neve?

— É fácil, — conveio ele. Em seguida, com voz forte, bradou: — Cessa, e deixa o sol brilhar!

E foi o que aconteceu.

O poder da força de vontade é pouco conhecido entre os homens modernos. Há três canais de poder: o chamado *kriya shakti*, o que se chama *icha shakti*, e o que recebeu o nome de *jnana shakti*. *Shakti* é a força que se manifesta através dos três canais, e que pode ser latente ou ativa. Com a ajuda de *kriya shakti*, praticamos nossos atos; com *icha shakti*, queremos agir; e com *jnana shakti* decidimos agir. Tanto se cultiva um quanto outro aspecto dessa força. Alguns iogues aprendem a praticar seus atos habilidosamente e são bem-sucedidos no mundo. Outros desenvolvem o poder da

vontade e depois dirigem suas palavras e ações de acordo com sua vontade. Alguns aguçam *buddhi*, a faculdade discriminativa, e atingem o estado de *prajna* — estado unificado de tranqüilidade. A disciplina empreendida difere de acordo com o aspecto de *shakti* que está sendo desenvolvido, embora seja necessária em cada caso. O desenvolvimento de *icha shakti* robustece a força de vontade, com cujo auxílio comandamos o mundo fenomênico exatamente como comandamos nossos membros. Era através dessa força que meu amo conseguia controlar as forças da natureza.

A caminho de Karnaprayag.

Metade "aqui", metade "ali"

Certa vez me achava eu com meu mestre num santuário às margens do rio Ganges. Estávamos em Karnaprayag. Meu mestre quase não usa roupas, porque mal se dá conta do eu físico, sempre imerso em alegria interior.

De repente, à noite, ele disse:

— Vamos agora.

Estava escuro e chovera durante algum tempo. Pensei: "Se eu disser 'não', ele se porá a caminho de qualquer maneira." Em vista disso, envolvi-lhe o corpo num cobertor, prendi-o com um espinho e pus-me a caminhar com ele. Fazia um frio danado. Depois de andar quase um quilômetro de pés no chão, todo o meu corpo estava gelado. Eu trazia muito pouca roupa, apenas um cobertor de lã. E principiei a pensar: "Que fazer?"

Após caminharmos mais de três quilômetros, chegamos a uma encruzilhada e perguntei:

— Sabeis que caminho tomamos aqui?

— Este, — disse ele.

Obriguei-o, porém, a girar sobre si mesmo e exclamei:

— Não, não. O caminho é este.

Assim, invertemos as direções e voltamos ao mesmíssimo lugar de onde havíamos partido. Estava escuro e ele não sabia onde se achava.

— Agora temos de ficar aqui, — disse eu.

— Está bem, — concordou ele. Despi o cobertor, estendi-o no chão e ele sentou-se ao pé do fogo.

De manhã, abriu os olhos e pôs-se a rir.

— Andamos a noite inteira e ainda estamos no mesmo lugar! — observou. — Como é possível uma coisa dessas?

— Eu vos enganei, — confessei.

— Por que?

— Estava muito frio e não destes por isso.

Ele costumava deleitar-se com tais experiências. Vivendo quase sempre em estado de êxtase, deslumbrava-se amiúde das coisas do mundo mas, quando se advertia delas, apreciava-as como uma criança.

Em outra ocasião, tive uma experiência muito estranha com meu mestre. Num dia ensolarado e quentíssimo de junho, na floresta de Varanasi, onde a temperatura sobe a 45,6 graus à sombra, perguntei-lhe:

— Não quereis tomar banho?

— Está bem, — respondeu ele.

Freqüentemente topamos com poços na Índia ao viajar de uma cidade para outra. E, quando desejamos tomar banho, basta-nos procurar alguém que tenha um balde e uma corda. Tiramos água do poço, tomamos o banho e seguimos viagem. Como tivéssemos chegado a um desses poços, eu disse a meu mestre:

— Sentai-vos aqui, por favor, e esperai. Vou arranjar um balde e uma corda.

Ao voltar, já não o encontrei. Gritei por ele e ouvi alguém respondendo do fundo do poço, que tinha cerca de dezoito metros de profundidade. Ele pulara para dentro do poço e estava brincando com a água. Normalmente, saltando de uma altura de dezoito metros, qualquer um se acabaria machucando, mas, em estado de êxtase, a pessoa é filha da natureza e protegida. Aquilo transformou-se num problema para mim, porque ele se recusava a sair! Não conseguindo persuadi-lo com agrados ou lisonjas, pedi a alguns aldeões que me ajudassem. Acudiram três pessoas e nós lhe atiramos uma cesta amarrada a uma corda. Gritei-lhe:

— Sentai-vos na cesta que vos alaremos.

— Deixa-me em paz, — respondeu ele. — Deixa-me tomar banho.

Ele estava-se divertindo.

Em seguida, os aldeões me ataram uma corda ao corpo e me fizeram descer ao fundo do poço.

— Vamos! — disse eu.

— Deixa-me tomar banho! — exclamou ele, que ainda não se cansara de brincar com a água.

— Faz quase uma hora que estais aqui. Já tomastes banho demais!

— Já?

— Já!

Finalmente, após longo tempo, convenci-o a sair. Ele tomava banho todos os dias, mas sua mente estava ausente. Eu precisava dizer-lhe:

— Já tomastes o vosso banho. Agora podeis sair.

Meu mestre vivia a maior parte do tempo "ali", num estado constante de bem-aventurança, e muito pouco tempo "aqui", cônscio do mundo terreno.

Como foi salva uma jovem viúva

Certa vez, numa aldeia do deserto de Rajastan, oitenta quilômetros a oeste de Pilani, vivia um proprietário que só tinha um filho. Logo após a cerimônia do seu casamento, o rapaz morreu de febre altíssima. A pobre e jovem viúva, muito bonita, e que mal completara dezessete anos, não pôde desfrutar da lua de mel. Em certas comunidades, a lei é taxativa: "Uma vez casado, sempre casado", e as viúvas não podem convolar para novas núpcias. Esse sistema foi modificado por um movimento de Arya Simaj, cujo fundador, o Swami Dyananda, foi o grande líder da reforma sócio-religiosa.

A jovem preferiu levar uma vida santa e passou a viver num quarto, no segundo andar do edifício de alvenaria do sogro. Em seu quarto havia dois retratos. Além dos retratos, a jovem só tinha dois cobertores, um que usava como colchão e outro com que se protegia do frio. Havia uma janela na parede dos fundos do quarto e, na frente, uma porta robusta e espessa de madeira.

Certa noite, três homens armados assaltaram a casa, com a intenção de estuprar e raptar a viúva. Prenderam todos os membros da família num cômodo e tentaram entrar à força no quarto dela. Quando se deu conta disso, ela começou a rezar: "*Gurudeva*, sou pura. Salvai-me, protegei-me. Onde estão vossos braços protetores? Que vos aconteceu?"

De repente, um velho barbudo, de cabelos brancos, montado num camelo, assomou à janela dos fundos do quarto dela. E disse:

— Vem comigo, minha filha, pois, do contrário, estarás em perigo. Serás violentada, ficarás desonrada e acabar-te-ás suicidando.

Quando arrombaram a porta do quarto, os salteadores ficaram extremamente desapontados ao descobrir que não havia ninguém dentro dele. A jovem e o seu salvador viajaram a noite inteira montados no camelo e, antes do nascer do sol, chegaram sãos e salvos à casa do pai dela, a 104 quilômetros de distância.

Visitei essa aldeia em 1951 e ouvi a história dos próprios lábios da mulher, conhecida por sua pureza e espiritualidade. Depois de narrá-la, ela me fez inúmeras perguntas sobre meu mestre. O pai dela nos era conhecido, pois tinha uma ligação divina com nossa tradição. No correr da conversação, descobri que os dois retratos que a moça guardava no quarto eram de Mira Bai e de meu mestre. Toda a família dela cultuava o retrato, que meu condiscípulo dera ao pai dela depois de completar uma jornada partindo do Himalaia. O rosto do seu salvador era o mesmo que estava na fotografia: o rosto de meu mestre. Eu queria ver-lhe o retrato, e gostei tanto dele que o tirei dela prometendo mandar-lhe uma cópia, que, todavia, por uma série de razões, não pude mandar. Esse é o único retrato do meu mestre que existe. Não tenho a menor dúvida na mente e no coração sobre a verdade dessa experiência, embora me seja impossível explicá-la.

Contando a história, não quero erigir um culto ao guru, senão dar a entender que os processos dos mestres são muito misteriosos e que eles ajudam seus alunos de onde quer que estejam, nem que seja do outro lado do mundo. A presença física nem sempre é necessária ao mestre para socorrer, guiar e proteger o aluno.

Meu mestre salva um homem que se estava afogando

Um homem ilustrado de Rajastan chegou, certa vez, ao meu *ashram* de Uttarkashi. Era um pândita muito conhecido que fazia uma peregrinação a Gangotri, no Himalaia. Teria, então, cerca de setenta anos de idade. Um dia, quis dar um mergulho no sagrado rio Ganges, se bem não soubesse nadar. O rio passava a curta distância do meu *ashram*. E ele, tendo visto macacos, na margem oposta, saltar na água, mergulhar e ressubir à superfície, pensou: "Se macacos são capazes de mergulhar e nadar, por que um homem culto como eu não poderei fazê-lo?" Assim pensando, pulou para dentro d'água e principiou a afogar-se. Um dos meus companheiros viu-o debater-se e pôs-se a berrar. Precipitei-me para fora e perguntei:

– Que aconteceu?

– Aquele homem está-se afogando, – replicou ele.

Corri para o rio. Estava preocupado. E pensei: "Alguém será morto defronte do meu *ashram*?" Quando lá cheguei, o velho estava sentado na margem do rio, ofegando. Depois que voltou a respirar normalmente, perguntei-lhe o que acontecera.

– Fui levado pela corrente, – disse ele.

– Mas, nesse caso, como saístes? – indaguei.

– Um *swami* puxou-me para fora, – retrucou.

Perguntei-lhe quem era o *swami* e ele me fez uma descrição exata de meu mestre, do qual eu tinha apenas um retrato, que nunca mostrava a ninguém. Nesse caso, porém, querendo certificar-me de que fora ele, de fato, quem o puxara para fora, mostrei-lhe a fotografia.

– Sim, é esse o homem, – confirmou ele. – Depois que afundei três vezes, desci ao fundo e comecei a engolir água. Mas pensei: "Se este sítio é sagrado, alguém me ajudará". E então, de repente, alguém me puxou para fora d'água e foi *ele* o homem que fez isso.

– Estáveis desvairando, – objetei.

A margem do Ganges em Uttarkashi, no Himalaia.

— Não! — redargüiu ele. — Tenho agora tanta fé que preciso encontrar esse homem e ficar com ele. Nunca mais voltarei para casa.

— Que dirá vossa família? — perguntei.

— Meus filhos estão crescidos. Vou para o Himalaia, — respondeu o homem.

E partiu.

Meu *gurudeva* mandou avisá-lo no caminho de que não fosse enquanto não estivesse melhor preparado. Ele vive agora a uns vinte quilômetros do nosso mosteiro, onde passa o tempo em meditação. Quando parti para o Ocidente, ainda estava esperando a hora de ver meu mestre. Diz ele:

— No dia em que estiver preparado, irei e o verei.

Shaktipata — conferindo bem-aventurança

Eu estava preocupado com o desejo de experimentar samádi. Meu mestre me dissera: "Enquanto não ficares completamente imóvel por quatro horas, nunca realizarás samádi." Assim sendo, eu praticava o hábito de ficar sentado desde a infância. Mais do que qualquer outra coisa, passava o tempo sentado para experimentar samádi, mas não o consegui.

Depois de estudar muitos livros, fiz-me professor, mas achei que não convinha transmitir conhecimentos indiretos, de segunda mão. Fora melhor lecionar filosofia na universidade e alhures do que ensinar monges no mosteiro dessa maneira. Pensei: "Isso não é direito. Não estou realizado. Só ensino o que estudei nos livros e o que aprendi com professores, em vez de ensinar o que experimentei." Por isso mesmo, um belo dia, declarei a meu mestre:

— Hoje vos darei um ultimato.

— Que é isso? — perguntou ele.

— Ou me dais samádi ou me suicido!

Eu estava realmente decidido.

— Tens certeza? — indagou ele.

— Tenho!

— Pois, então, suicida-te, meu rapaz, — tornou ele, calmamente.

Eu não esperava que me dissesse isso. Esperava que me dissesse: "Aguarda mais dez ou quinze dias". Nunca fora rude comigo mas, nesse dia, foi muito rude. Disse ele:

— Assim como ir dormir à noite não resolve teus problemas, pois terás de enfrentá-los no dia seguinte, assim também o suicídio tampouco os resolverá. Terás de enfrentá-los na existência seguinte. Estudaste os antigos textos sagrados e compreendes essas coisas. Estás falando em suicídio. Pois se é isso realmente o que queres, bom proveito!

Eu já lhe ouvira muita coisa a respeito de *Shaktipata*. *Shakti* significa "energia"; *pata* quer dizer "conferindo a energia, acendendo a lâmpada". E disse:

— Não me fizestes *Shaktipata* e, portanto, de duas uma: ou não tendes *shakti* ou não pretendeis fazê-lo. Há muito tempo venho fechando os olhos em meditação e acabo sem nada, a não ser uma dor de cabeça. Tenho desperdiçado o tempo e encontro pouca alegria na vida. — E como ele não me contestasse, prossegui: — Trabalhei com afinco e sinceridade. Dissestes que eu levaria catorze anos; este é o meu décimo sétimo ano de prática, e fiz tudo o que me mandastes fazer.

— Tens certeza? — acudiu ele. — Estás seguindo deveras as práticas que te ensinei? É este o fruto dos meus ensinamentos, o desejo de suicidar-te? — E, logo, perguntou: — Quando tencionas dar cabo da vida?

— Imediatamente! — repliquei. — Estou falando convosco antes de suicidar-me. Já não sois meu mestre. Abro mão de tudo. Não tenho nenhuma utilidade para o mundo; nenhuma utilidade para vós.

Levantei-me para ir até ao Ganges e me afogar. O rio passava pertinho.

— Sabes nadar, — disse ele, — e, portanto, quando pulares no Ganges, naturalmente começarás nadando. É melhor encontrares um modo com o qual comeces a afogar-te e não possas voltar à superfície. Talvez devas amarrar um peso ao corpo.

Ele me arreliava. Perguntei-lhe:

— Que vos aconteceu? Gostáveis tanto de mim! — E, logo, acrescentei: — Agora vou indo, obrigado.

Fui até à margem do Ganges com uma corda e amarrei algumas pedras grandes ao meu corpo. Por fim, quando ele se deu conta de que eu estava, de fato, falando sério e pronto para saltar, chamou-me e disse:

— Espera! Senta-te aí que, num minuto, te darei samádi.

Eu não sabia se ele tencionava realmente fazer o que dizia, mas refleti: "Posso ao menos esperar um minuto para ver." Sentei-me em minha postura de meditação. Ele aproximou-se e tocou-me a testa. Permaneci nove horas nessa posição e não tive sequer um pensamento terreno. A experiência foi indescritível. Quando tornei à minha consciência normal, cuidei que ainda fossem nove horas da manhã, pois o samádi aniquila o tempo.

— Perdoai-me, por favor, Senhor, — implorei.

A primeira coisa que perdi com aquele toque foi o medo, além de descobrir que já não era egoísta. Minha existência estava transformada. A partir de então comecei a compreender a vida direito.

Mais tarde interroguei meu mestre:

— Foi o meu esforço ou foi o vosso?

E ele me respondeu:

— Graça.

Que quer dizer graça? As pessoas costumam pensar que lhes basta a graça de Deus para serem iluminadas. Mas não é este o caso. Disse meu mestre:

— O ser humano deve fazer todos os esforços sinceros possíveis. Quando chegar à exaustão e gritar, desesperado, no mais alto estado de emoção devocional, atingirá o êxtase. Essa é a graça de Deus, o fruto que colhes dos teus esforços fiéis e sinceros.

Agora compreendo que a *shaktipata* só é possível a um discípulo que tenha passado por um longo período de disciplina, austeridade e práticas espirituais. A *shaktipata* em larga escala me parece suspeita. Na verdade, quando o discípulo está pronto, o mestre aparece e lhe proporciona a iniciação apropriada. Quando o estudante faz sua *sadhana* com toda a fidelidade, veracidade e sinceridade, o mestre remove o mais sutil dos obstáculos. A experiência da iluminação vem do esforço sincero de ambos, mestre e discípulo. Digamo-lo com palavras diferentes. Depois que tiverdes cumprido o vosso dever com habilidade e dedicação, colhereis os frutos graciosamente. A graça amanhece quando termina a ação. *Shaktipata* é a graça de Deus através do mestre.

Antegozo com ansiedade as ocasiões em que posso estar sozinho à noite, sentar-me em meditação e experimentar esse estado. Nada se lhe compara em matéria de deleitação.

Meu grão-mestre no sagrado Tibete

Em 1939 desejei ir ao Tibete. A fronteira distava apenas catorze quilômetros e meio do local em que eu vivia com meu mestre, mas não me era permitido cruzar o passo de Mana rumo ao Tibete. Sete anos depois fiz outra tentativa. No princípio de 1946, encetei uma viagem para Lassa, capital tibetana, via Darjeeling, Kalingpong, Siquim, Pedong, Gyansee e Shigatse. Meu principal propósito era ver meu grão-mestre (mestre de meu mestre) e aprender certas práticas avançadas sob a sua orientação.

Fiquei poucos dias em Darjeeling e fiz algumas conferências públicas. Os funcionários britânicos me tinham na conta de um rebelde que tencionava ir a Lassa a fim de conturbar o governo britânico na Índia. Conheciam meus planos de viagem, mas ignoravam meus motivos. Dez dias depois, partir para Kalingpong e hospedei-me no mosteiro onde aprendera Kung Fu e outras artes similares, quando jovem. Depois de parar com o meu velho professor de Kung Fu, guiei para Siquim e hospedei-me em casa de um parente próximo do Dalai Lama do Tibete. O funcionário político de Siquim, sr. Hopkinson, receava que eu predispusesse os administradores do Tibete contra os britânicos. Tivemos vários encontros, mas ele não quis autorizar-me a ir para o Tibete, desconfiando que eu fosse um espião do Partido do Congresso Indiano, que então combatia o governo britânico. Havia dois grupos na Índia naquele tempo: o grupo do Maatma Gandhi, que praticava a não-violência e empregava os métodos da resistência passiva e não-cooperação, e o grupo do Partido Terrorista indiano. Eu não era membro de nenhum deles, mas o funcionário político encontrou duas cartas em meu poder, um do pândita Nehru e outra do Maatma Gandhi. As duas eram apolíticas, mas revigoraram as suspeitas do funcionário político, que me manteve em prisão domiciliar, obrigando-me a ficar num bangalô de inspeção*. Posto que estivesse cercado de todo o conforto, por dois meses

* Casa de propriedade do governo normalmente utilizada por inspetores ou funcionários êm trânsito.

O *Swami* Rama antes de partir para o Tibete.

não pude sair da casa, nem escrever para ninguém, nem receber visitas. Disse-me o funcionário político:

— Não posso provar que tenhais feito alguma coisa, mas desconfio de que sois um espião político. Enquanto não receber relatórios a vosso respeito, não vos deixarei sair daqui.

Um guarda, dia e noite, vigiava o bangalô. Pelo menos o tempo que ali passei me ensejou a oportunidade de estudar a língua tibetana, o que deixaria melhor aparelhado para conversar com os tibetanos se um dia me fosse permitido entrar na terra deles.

A despeito dos meus reiterados pedidos a vários funcionários, o funcionário político não recebeu ordens para soltar-me, de modo que, transcorridos dois meses, decidi partir em segredo! Comprei um comprido casaco de um dos guardas (muito velho e sujo) e tentei disfarçar o rosto. Às onze horas de uma noite fria, quando o guarda de plantão, emborrachado, dormia a bom dormir, saí rumo de Pedong, envergando meu longo casaco tibetano. Era o dia 15 de julho. Deixei uma nota sobre a mesa, em meu quarto, em que declarava estar partindo para Deli. Isso não me pesava na consciência porque, na minha opinião, os administradores não tinham razão alguma para impedir minha viagem ao Tibete. Levei três dias para chegar ao derradeiro ponto de controle da fronteira, onde soldados gurcas tinham sido postados pelo governo de Siquim. Desejando informações a meu respeito, pediram-me os elementos de identificação. Respondi-lhes em nepali, que eu falava com fluência, de modo que os soldados, cuidando que eu fosse do Nepal, me permitiram cruzar a fronteira e entrar no Tibete.

Tive de enfrentar muitos outros trabalhos no Tibete. Embora fosse vegetariano, encontrei pouca coisa para comer além da carne. Mercê do clima e da grande altitude, não deparei com um único vegetariano no Tibete. Todos se alimentavam de carne e peixe. Até eu comecei a comer ovos. Consegui também achar algumas verduras da estação, mas não pude sequer imaginar-me comendo carne ou peixe. Em razão das mudanças operadas em minha dieta, fui acometido de diarréias e minha saúde deteriorou-se. Mas eu estava decidido a visitar mosteiros e cavernas para realizar o propósito da minha viagem, que era passar algum tempo com o mestre de meu mestre.

Onde quer que eu acampasse à noite, as pessoas verificavam meus pertences, aparentemente com a intenção de roubar-me; mas eu não tinha nada em meu poder, salvante algumas libras de biscoitos e grãos-de-bico, e uma garrafa de água, que me fora dada por um dos soldados da fronteira. Trazia também 2.000 rupias, o que não era muito para uma viagem dessa natureza, amarradas por dentro das meias. E nunca tirava os sapatos na frente de outra pessoa. Viajava dezesseis ou vinte e quatro quilômetros

por dia, às vezes a pé, às vezes em lombo de burro. Conversava com as pessoas que encontrava sobre astrologia e quiromancia, embora isso me alfinetasse a consciência. Mas os tibetanos gostavam de ouvir falar nessas coisas. Quando descobriram que eu entendia um pouco de tais assuntos, tornaram-se amistosos e me ajudavam, prazerosos, a arranjar mulas que me levassem de um acampamento a outro nas montanhas. Várias vezes defrontei com ursos selvagens das neves e imensos cães Bhotiya (utilizados para guardar as aldeias tibetanas). Se bem estivesse cansado em decorrência dos inúmeros problemas que encontrava, eu sentia que uma força me chamava para a frente, a fim de aprofundar-me nos ensinamentos ocultos dos sábios do Himalaia. Já não esperava regressar à Índia algum dia, porque o governo britânico ali seguramente me poria na cadeia.

Armei-me de coragem e completei a tediosa jornada de cruzar as ribeiras das montanhas, geleiras e desfiladeiros sem qualquer plano prévio, sem recursos e sem guias. Entreguei-me à providência e deixei meu destino nas mãos de meu mestre e de meu grão-mestre, tendo absoluta fé em que me protegeriam e ajudariam se eu me extraviasse. Durante esses dias não senti medo. Não temia a morte. Meu desejo mais ardente era avistar-me com meu grão-mestre. Minha primeira obrigação, a meu ver, consistia em viver em sua companhia por algum tempo. Ele estava no Tibete por amor da solidão e também para ensinar uns poucos iogues adiantados, já preparados, que o queriam ali. Eu ansiava por conhecê-lo. Vim a saber, através do meu mestre, que Hariakhan Baba e outros sábios do Himalaia o adoravam e tinham estudado muitos anos com ele. Hariakhan Baba, famosíssimo nos morros de Kumayun, considerado por alguns o eterno Babaji do Himalaia, fora ensinado por meu grão-mestre. Isso constituíra um constante estímulo ao meu desejo, que, finalmente, me conduzira a esta aventura.

Cheguei a Lassa após dois meses de uma viagem estrênua. Ali conheci um padre católico, que morava na cidade e me levou para a sua casinhola, onde morava com mais dois missionários, e que também lhes servia de igreja. Os três eram os únicos missionários católicos de Lassa e suas atividade recebiam estreita vigilância do governo tibetano. Vivi com eles durante dez dias, descansando e recuperando as forças. A essa altura, o funcionário político de Siquim e a polícia da Índia já sabiam que eu estava no Tibete. Meu caso foi entregue à CID*.

Conheci um lama e convenci-o de que eu era um homem espiritual, sem quaisquer motivos políticos. Vivi quinze dias em casa desse lama, que, finalmente, se persuadiu de que eu não tinha ligação alguma com qualquer movimento político na Índia. Assegurou-me que eu não seria deportado

* Divisão Central de Inteligência do Governo da Índia.

do Tibete e apresentou-me a alguns altos funcionários do governo. Conquanto não pudesse expressar-me muito bem na sua língua, logrei convencê-los da minha sinceridade. O lama com o qual eu ficara em Lassa era amigo íntimo de outro lama cujo mosteiro se erguia perto do meu destino, cento e vinte quilômetros a nordeste de Lassa, longe da civilização. Meu anfitrião forneceu-me alguns guias, que me levaram ao mosteiro. Dali não me seria difícil chegar à meta final da minha jornada.

No mosteiro viviam mais de trezentos lamas. São muitos os mosteiros do Tibete, em que vivem milhares de lamas de várias tradições. O lamaísmo pareceu-me uma religião individualista misturada com o budismo. Todo lama tem sua maneira própria de celebrar rituais e cerimônias, cantar, fazer girar a roda das preces e usar mantras, as quais, por via de regra, eram versões deformadas de mantras sanscríticas. Eu freqüentara a Universidade Nalanda, em Behar, antiga universidade budista da Índia, e conhecia inúmeras crenças e práticas budistas. Estudara o budismo tal como se originou na Índia e tal como existe no Tibete, na China, no Japão e no Sudeste Asiático.

Há mil anos, um letrado tibetano foi para a Índia, estudou e depois levou para o Tibete os textos dos livros sagrados. Muitos letrados da Índia começaram, então, a ir para o Tibete no intuito de ensinar a literatura budista na Índia. Eu conhecia bem as várias seitas do budismo no Tibete, incluindo as que acreditam na existência de muitos deuses e demônios e aceitam Buda como um dos deuses.

O budismo tibetano está inseparavelmente misturado ao *tantrismo.* Antes de ir visitar meu grão-mestre, visitei outro mosteirozinho, onde conheci um lama tido na conta de grande iogue tibetano. O que se chama ioga tibetana, na realidade, nada mais é que uma forma deturpada de *tantra* — a parte do *tantra* chamada *Bama marga* (o caminho da mão esquerda). Os que o seguem acreditam no uso do vinho, das mulheres, da carne, do peixe e da mantra em seu culto. Quando o conheci, o lama estava sentado numa sala, cercado de sete mulheres que cantavam mantras com ele. Depois de cantar algumas, todos comiam um naco de carne crua misturada com especiarias, incluindo pimentões picantes e, feito isso, recomeçavam a cantar. Passados quinze minutos, o lama interrompeu os cânticos e perguntou-me qual era a finalidade da minha visita. Sorri e disse que viera vê-lo.

— Não, não, não é verdade, — ripostou ele. — Vosso nome é tal e tal e estais disfarçado. A polícia de Siquim anda à vossa procura.

Ele disse tudo isso em tom zangado, porque sabia que eu desprezava sua maneira de celebrar o culto e, ao mesmo tempo, de comer carne crua. Estudava meus pensamentos, e isso me aterrou. Entretanto, não me surpreendia que pudesse fazê-lo porque, a esse tempo, eu já conhecera diversos

ledores de pensamentos e estava a par de todo o processo da leitura de pensamentos alheios. Fiz-me humilde e disse que estava em seu país com o único propósito de aprender mais acerca do tantra. Esse iogue era um adepto do tantra e deu-me seu livro de culto para ler, mas eu já lhe conhecia o texto. Conduziu-me a outro lama, também adepto do tantra, que falava correntemente o idioma hindi porque vivera na Índia, em Bodhigaya, o lugar em que Buda foi iluminado.

Grande parte da literatura encontrada no Tibete é uma tradução das histórias purânicas dos hindus. Parte dessa literatura é taoísmo e confucionismo misturados ao budismo, mas nada há sistemático nem filosoficamente original. Meus conhecimentos da língua tibetana eram muito escassos, porém o lama falou comigo em hindi, de modo que me foi fácil comunicar-me com ele sobre assuntos espirituais. Eu podia comunicar-me em tibetano a respeito das necessidades cotidianas, mas não podia percorrer, sem ajuda alheia, as pilhas de manuscritos preservados nos vários mosteiros do Tibete.

No mosteiro em que eu me hospedava, os lamas adoravam um manuscrito sânscrito. Havia uma crosta espessa de poeira de sândalo no pano em que fora embrulhado. Disseram-me que quem lesse o manuscrito ficaria imediatamente leproso e morreria. Muitos lamas vinham adorá-lo, mas nenhum o lera. Eu sentia um forte desejo de examinar as longas folhas, feitas à mão, do manuscrito, mas o lama recusou-se a aceitar qualquer um dos meus argumentos para autorizar-me a vê-lo. Todos os meus esforços falharam. Lembrei-me de um dito, segundo o qual "os textos sagrados pertencem aos que os estudam; e não aos néscios que os possuem, mas não lhes conhecem o conteúdo." Às três horas da madrugada, fui ao interior do mosteiro, onde ardiam muitas lâmpadas, e abri o manuscrito embrulhado em sete panos de seda. Quando comecei a lê-lo, fiquei surpreso ao verificar que se tratava de parte da *Linga Purana*, um dos dezoito livros que contêm milhares de histórias espirituais, métodos e práticas, com base na antiga védica da Índia. Tornei a embrulhá-lo depressa e voltei para o meu quarto.

Visto que eu mexera na posição das lâmpadas e fora incapaz de reembrulhar com precisão o manuscrito, logo se descobriu que o livro fora aberto. Justificadamente, suspeitaram de mim. E eu disse ao lama que falava hindi:

— Fui designado pelos mestres do Himalaia a passar por isto e, se me disserdes qualquer coisa, sereis vós a sofrer e não eu.

Felizmente, minhas palavras detiveram o lama-chefe e os outros lamas, que, a não ser assim, me teriam moído de pancadas. Provei que nada me acontecera depois de abrir o livro proibido, e convenci-os de que isso confirmava o meu asserto de que estava autorizado a fazê-lo. Eles deram curso a um boato a meu respeito, dizendo que um jovem lama viera de Bodhigaya,

na Índia, com grande poder e sabedoria. Meus guias tibetanos aconselharam-me a partir, de modo que prossegui rumo ao meu destino. Às vezes, a ignorância total no caminho da espiritualidade é aceita como conhecimento secreto; as pessoas não gostam de examinar suas crenças cegas. Eu já encontrara antes o fanatismo e a fé cega.

Quando, finalmente, encontrei meu grão-mestre, ele me abraçou, dizendo:

– Estás muito cansado, tiveste muitos problemas. O caminho da iluminação é o mais árduo, e essa busca é a tarefa mais dura.

A seguir, contou-me toda a minha viagem e aconselhou-me a tomar um banho e a refazer-me. Eu me sentia irritadíssimo com a longa e cansativa jornada. Todas as minhas práticas e disciplinas iogues tinham sido negligenciadas, e isso era o pior que poderia acontecer ao meu estado interior. A súbitas, porém, ao ser abraçado pelo meu grão-mestre, esqueci todas as dores e sofrimentos por que passara. A maneira com que ele me olhava era idêntica à de meu mestre, de indescritível compaixão. Quando grandes iogues e mestres olham para seus discípulos, a totalidade do seu ser começa a irradiar amor, soberbo e satisfatório.

Meu mestre me dissera que meu grão-mestre vinha de uma família brâmane, que errara pelas montanhas do Himalaia desde a mais tenra infância e que procedia de uma linhagem ininterrupta de sábios. Parecia muito velho, porém muito sadio. Erguia-se em pé uma vez no princípio da manhã e outra à noite. Com um metro e setenta e cinco de altura, muito magro, mas muito cheio de energia, tinha sobrancelhas espessas e um rosto brilhante, que irradiava calma e tranqüilidade profundas, e um sorriso perene. Alimentava-se de leite de iaque durante a maior parte do tempo e, às vezes, de sopa de cevada. De vez em quando, uns poucos lamas apareciam para estudar com ele. Vivia numa caverna natural a 2.100 metros de altitude e usava o fogo para remover a umidade e ferver o leite e a água. Seus alunos fizeram um pórtico de madeira diante da entrada da caverna. Era um belo lugar, de onde se avistavam as longas cadeias de montanhas e um amplo horizonte.

Enquanto estive em sua companhia, fiz a meu grão-mestre inúmeras indagações sobre muitas práticas avançadas e raras, e recebi resposta a todas as perguntas. Depois de responder a um sem-número de quesitos espirituais que lhe propus, ele perguntou-me por que eu hesitava em expressar meu desejo principal. Com voz trêmula, pedi-lhe:

– Fazei o favor de ensinar-me, de modo que eu a compreenda, a técnica da *parkaya pravesh*.

– Está bem, – disse ele.

Na manhã seguinte, um lama, aluno seu, veio vê-lo. Seriam nove horas ou nove e meia da manhã. Disse o meu grão-mestre:

– Dar-te-ei sabedoria. Far-te-ei uma demonstração.

Afirmou que poderia deixar o seu corpo, entrar no corpo de outra pessoa e voltar ao seu. Disse que poderia modificar o próprio corpo à sua vontade. Um pensamento acudiu-me à mente com a rapidez de um raio: "Ele quer desprender-se do corpo e quer que eu o imerja ou enterre", mas, num súbito, respondendo aos meus pensamentos, meu grão-mestre atalhou: "Não é isso, não." Deu-me instruções para entrar na caverna e verificar se havia nela alguma saída ou porta oculta, mas como eu já vivera naquela furna por mais de um mês, achei que não havia necessidade de proceder a nova verificação. Ele ordenou-me, contudo, que examinasse a cavernazinha outra vez. Fiz o que me mandaram, e como já constatara antes, vi que a pequena gruta cavada na rocha tinha apenas uma entrada com um pórtico externo de madeira. Saí da caverna e fui sentar-me debaixo do pórtico, ao pé do lama. Meu grão-mestre pediu-nos que chegássemos mais perto e segurássemos um prato de madeira, que semelhava uma bandeja redonda de chá. Quando seguramos a bandeja, ele perguntou:

– Podeis ver-me?

– Sim, – respondemos.

Em minha ignorância, roguei-lhe:

– Por favor, não tenteis hipnotizar-me. Não olharei para vossos olhos.

– Não estou hipnotizando ninguém, – disse ele.

Seu corpo começou a ficar nebuloso, e essa nebulosidade semelhante à sombra de uma forma humana, principiou a mover-se na nossa direção. Dali a poucos segundos porém, a sombra desapareceu. Descobrimos que o prato que estávamos segurando começava a tornar-se mais pesado. Volvidos alguns minutos, o prato de madeira voltou à leveza primitiva. Por dez minutos, o lama e eu permanecemos em pé, segurando o prato e, finalmente, nos sentamos, esperando, num misto de *suspense* e terror respeitoso, que alguma coisa acontecesse. Após outros dez ou quinze minutos, a voz de meu grão-mestre me ordenou que me levantasse e voltasse a segurar o prato de madeira. Quando o seguramos, o prato recomeçou a tornar-se mais pesado e a forma nebulosa reapareceu diante de nós. E, logo a seguir, da forma nebulosa, meu grão-mestre voltou ao corpo visível. Essa pasmosa e inacreditável experiência era uma confirmação. Ele fez nova demonstração desse *kriya** e de maneira semelhante. Talvez nunca chegue o dia em que poderei

* Processo ou atingimento.

falar sobre isso ao mundo. Eu gostaria de fazê-lo, pois sinto que o mundo deve saber da existência desses sábios e que os pesquisadores devem começar investigando os citados sinais secretos. Milagres como este mostram que o ser humano tem capacidades dessa natureza e no terceiro capítulo das *Sutras da Ioga*, Patanjali, o codificador da ciência iogue, explica todos os sidis. Não professo nem afirmo que tais sidis sejam essenciais à auto-iluminação, mas quero dizer que o potencial humano é imenso e, assim como os cientistas físicos estão explorando o mundo exterior, assim os iogues autênticos não devem deixar de explorar as capacidades e potenciais interiores.

Sua maneira de ensinar era prática e direta. Como eu insistisse em conhecer a nossa tradição, ele disse:

— A julgar pelo nosso modo externo de vida, vimos da ordem de Shankara mas, na realidade, nossa tradição espiritual difere de quaisquer tradições institucionais da Índia.

Também lhe perguntei por que vivia no Tibete e não na Índia. Respondeu ele:

— Não importa o lugar em que vivo. Tenho aqui alunos adiantados, já preparados, que praticam sob a minha orientação. No futuro, pode ser que eu vá para a Índia.

Eu o crivava a miúdo de perguntas, como fazia com meu mestre. Ele falava muito pouco, e suas respostas, concisas, eram acompanhadas de um sorriso. Depois fechava os olhos. Costumava dizer:

— Fica imóvel e quieto e saberás sem que to digam verbalmente. Devias aprender a ver com o teu olho e a ouvir com o teu ouvido interior.

Meu diário está cheio das instruções que ele me deu. Disse-me que cultivasse mais amor servindo meus discípulos e alunos através da meditação, das palavras e da ação. Perguntei a mim mesmo como seria possível servir através da meditação e quis saber mais. Disse-me ele:

— Os sábios, iogues e mestres espirituais servem o mundo aprofundando-se até à fonte central do amor e expressando esse amor aos alunos sem usar nenhum dos métodos de comunicação até agora conhecidos do homem moderno. Esta, a mais perfeita de todas as comunicações, torna-se muito ativa no silêncio profundo e ajuda o aluno a dar cabo de todos os medos, dúvidas e problemas. Qualquer desejo altruísta experimentado pelo mestre durante esse tempo é satisfeito. Estive em companhia do meu grão-mestre diversos meses, fazendo *sadhana*, gozando da sua presença divina e aprendendo métodos da ciência solar e técnicas avançadas do tantra da direita.

A ciência solar é uma altíssima e avançada ciência iogue, capaz de ajudar a humanidade eliminando o sofrimento. De acordo com o meu grão-mestre, envolve um tipo especial de meditação sobre o plexo solar e é

sumamente eficaz na remoção de todos os obstáculos criados pelas doenças físicas e mentais. O sistema solar é a mais ampla rede do corpo humano, e seu centro denomina-se *Chacra Manipura*. Há várias maneiras de meditar sobre esta chacra mas, pela inclusão de um pranaiama avançado, a ciência solar apresenta a percepção de um nível de energia mais perfeito do que o nível prânico, em que os ritmos de energia são estudados pela meditação sobre o sol matutino ou sobre *Udaragni*, centro interno do fogo*. Embora descrita nos Upanixades e conhecida dos letrados, esta ciência curativa só é compreendida, de modo prático, por muito pouca gente. Aprendendo esta ciência, obtemos o controle absoluto de nossos três revestimentos — o físico, o prânico e o mental. Uma pessoa versada nesse conhecimento pode comunicar-se com qualquer outra, em que pese à distância que as separa, e pode até curá-la.

Também recebi lições importantes de meu grão-mestre sobre *Sri Vidya*, a mais alta das ciências, mãe de todas as mandalas encontradas na literatura tibetana e na indiana. Nas práticas avançadas, os estudantes aprendem a concentrar-se sobre diferentes partes do *Sri Yantra*, mas raros aprendem a viajar até ao centro. Esse iantra é havido por manifestação do poder divino e o *bindu*, ou ponto no centro, é aquele em que *Shakti* e Xiva se unem. Nem mesmo depois de iniciado no *vidya* nas montanhas Malabar da Índia, meu mestre ali me transmitiu a prática do *bindu vedhana* (furando o ponto). Nesse culto da Mãe Divina encontra-se o conhecimento final transmitido pelos grandes sábios. Para tal conhecimento, é essencial um estudo do texto dos livros sagrados, porém ainda mais essencial é a orientação direta de um mestre que seja profundo conhecedor do *vidya*. São pouquíssimas e contam-se nos dedos as pessoas que o conhecem, se bem nem todas me sejam familiares. Só a nossa tradição ensina o *vidya*. Se houver alguém consumado nisso, pertencerá por força à nossa tradição. Tendo conhecido meu grão-mestre e recebido o citado conhecimento, estava realizado o propósito da minha visita ao Tibete.

Um dia, depois de dois meses e meio de estudos, eu estava sentado à entrada da caverna, pensando no diário em que costumava registrar minhas experiências. Um pensamento acudiu-me à mente: "Eu quisera ter meu diário aqui para anotar algumas observações."

Meu grão-mestre sorriu e fez-me sinal para aproximar-me. E disse:

— Posso conseguir-te o teu diário. Estás precisando dele?

---

*Este fogo é criado pelo atrito do hemisfério superior com o inferior, denominados, nos Upanixades, *arni* superior e *arni* inferior.

Tal possibilidade já não constituía grande milagre para mim, pois eu experimentara essas coisas antes.

Repliquei em tom casual:

— Sim, e alguns lápis também.

Eu deixara meu diário num sanatório chamado Bhawali, perto das colinas de Nanital, no norte da Índia. De repente, três lápis e meu diário, que era volumoso, pois continha 475 páginas, surgiram diante de mim. Fiquei satisfeito, embora não especialmente surpreso. Eu disse-lhe que preferia receber algo espiritual. Ele riu-se e respondeu:

— Já te dei isso. Precisas aprender a retê-lo sem resistência ou negligência. — Em seguida, ajuntou: — Minhas bênçãos estão contigo. Agora quero que vás a Lassa e, dali, que voltes à Índia.

— Não posso voltar à Índia. Serei preso, — repliquei.

— A Índia logo terá sua independência, — tornou ele. — Se demorares, a neve pesada e as geleiras te impedirão de regressar este ano.

Nunca mais vi meu grão-mestre. Algum tempo depois, ouvi dizer que ele se despedira dos discípulos mais chegados e desaparecera. Afirmam algumas pessoas tê-lo visto, pela última vez, sentado, com o pescoço rodeado de grinaldas de flores, sobre a corrente de Kali Ganga, rio que flui através de Tanakpur. Já perguntei a meu mestre se ele ainda está em seu corpo mortal. Meu mestre, porém, limita-se a sorrir e diz:

— Terás de descobri-lo sozinho.

Preocupado com o que me aconteceria quando voltasse mas, sem embargo disso, confiante, fui para Lassa com a ajuda do lama que anteriormente me agasalhara. Parti para a Índia em junho de 1947. Com a ajuda de duas mulas e dois guias, levei um mês para transpor os desfiladeiros forrados de neve e chegar a Gantoque, capital de Siquim. Três dias antes da minha chegada à cidade fora declarada a independência da Índia.

Enquanto estive em Gantoque, aboletei-me num mosteiro que ainda existe na região nordeste da cidade. Ali visitei um lama, homem notável, autêntico iogue budista e douto sanscrítico, que vivera por muitos anos em Bodhigaya, na Índia. Os letrados do budismo costumam criticar Shankara*, exatamente como os *swamis* da ordem de Shankaracharya criticam o budismo. Mas este sábio homem, reportando-se a inúmeros textos, expôs-me uma síntese do budismo e do sistema *advaita* de Shankara. Disse ele:

* Shankara foi um grande filósofo iogue e um dinâmico jovem *avatar* (encarnação de Deus), que sistematizou e organizou o sistema *advaita* (não-dualista), muito embora o codificador do sistema tenha sido Gaudapada Acharya.

— Não há diferença entre esses sistemas de filosofia no que tange à Realidade Suprema. Existem diferenças verbais, mas nenhuma experiencial. Lança de ti todas as influências sectárias e atinge o mais alto estado de consciência, ou nirvana.

Ele entristeceu-se ao saber que os seguidores do budismo na Índia, no Tibete, na China, no Japão e em todo o Sudeste Asiático, esquecidos da tradição meditativa da auto-iluminação, tinham recaído nos padrões ritualísticos, conquanto não fosse esse o caminho de Buda. O budismo sem jaça, capaz de ajudar o mundo moderno, perdeu-se de todo. Em milhares de templos, lamas, padres e monges budistas celebram rituais, ao passo que Buda disse: "Acende tua própria lâmpada. Ninguém te dará salvação. Compreende-te. Atinge o nirvana e tu mesmo serás Buda."

O lama também criticou os adeptos do sistema *advaita*, os seguidores de Shankara, por se entregarem a rituais e por não ensinarem devidamente a filosofia *advaita*. E disse:

— Tais ensinamentos estão criando confusão no mundo. — E explicou: — A filosofia de Shankara é uma síntese da filosofia védica e do budismo.

Citando os Vedas, disse:

— *"Asadva idam agra asit. . ."* o que quer dizer: "Este universo visível veio do vácuo ..."

Citou diversos textos de outros livros sagrados e comparou a filosofia do *Madukya Upanixade* com o Samkhya Karka de Ishvarakrshna, erudito budista. Depois de me ensinar por diversos dias, sugeriu que eu deixasse o mosteiro e voltasse para junto de meu mestre no Himalaia.

Preparando-se para rasgar o véu

Cada estudante tem sua própria imagem do que deve ser um professor. Se vierdes a mim, não estareis preparados para ver-me como sou. E como não se realizam vossas expectativas, decidis que não sou bom professor. Essa não é a maneira apropriada de aproximar-se alguém de um mestre. Aproximai-vos com determinação e um ardente desejo de aprender. Assim não haverá problema.

Como encontrareis o mestre certo? Há um dito nos livros sagrados, que reza deste teor: "Quando o discípulo está preparado, o mestre aparece." Se não estiverdes preparado, ele estará presente, mas não o notareis nem lhe respondereis. Se não souberdes o que é um diamante, o diamante poderá estar diante de vós, mas não lhe dareis atenção e passareis por ele sem o saber, imaginando tratar-se de um caco de vidro. Mais tarde, se não souberdes extremar um do outro, podereis adquirir o caco de vidro julgando tratar-se de um diamante, e zelá-lo a vida inteira.

Durante o período de busca, o estudante pode intelectualizar-se em demasia, ignorando *sahajbhava* (intuição espontânea); ou, inversamente, pode tornar-se demasiado emocional, ignorando a razão. A viagem emocional é tão perigosa quanto a viagem intelectual; ambas alimentam o ego. Os que não acreditam em disciplina não devem esperar a iluminação. Nenhum mestre poderá dá-la nem a dará só porque eles a querem.

Um mestre espiritual autêntico, designado para ensinar de acordo com a tradição, procura bons alunos. Procura sinais e sintomas; quer saber quem está preparado. Nenhum estudante engana o mestre, que avalia com facilidade o grau de preparação do aluno. Se verificar que este ainda não está pronto, prepará-lo-á aos poucos para os ensinamentos mais elevados. E quando o pavio e o azeite estiverem no ponto, o mestre acenderá a lâmpada. Esse é o seu papel. A luz que disso resulta é divina.

Não devemos preocupar-nos com saber quem nos guiará. A questão importante é a seguinte: estou preparado para ser guiado? Jesus tinha apenas

doze discípulos mais chegados. Ajudou muitos, mas só transmitiu a sabedoria secreta aos que se achavam preparados. O Sermão da Montanha é compreendido apenas por poucos, e não pelas multidões. Os que não estão no caminho não compreendem, por exemplo, por que devemos ser mansos e pobres.

Os modos de ensinar do mestre são muitos e, às vezes, misteriosos. Ele ensina através de palavras e atos mas, em alguns casos, pode ensinar sem nenhuma comunicação verbal. Tenho percebido amiúde que os ensinamentos mais importantes têm origem na intuição e estão além dos poderes da comunicação verbal.

Deveis cumprir vossa obrigação no mundo com amor, e só isso contribuirá de maneira significativa para o vosso progresso no caminho da iluminação. Precisais de alguém que vos guie e ajude. Necessitais de um guru externo como meio de atingir o guru que está dentro de vós. Às vezes, podeis tornar-vos egoístas e decidir: "Não preciso de guru". Esse é o ego falando. Cumpre-vos domá-lo.

Jamais encontrareis um mau guru se fordes bom estudante. Mas o inverso também é verdadeiro: se fordes mau estudante, não encontrareis um bom guru. Por que haveria um bom guru de assumir a responsabilidade por um mau aluno? Ninguém arrecada lixo. Se estiverdes buscando um guru, buscai-o primeiro dentro de vós. Tornar-se iogue significa conhecer a própria condição aqui e agora, trabalhar convosco mesmo. Não resmungueis porque não tendes um mestre. Perguntai se o mereceis. Sois capaz de atrair um mestre?

Certa vez, quando me queixei a meu mestre de que ele não me estava ensinando, ouvi-lhe:

— Vamos, doravante serei *teu* discípulo. Tu serás o mestre. Age exatamente como o tenho feito.

— Senhor, não sei o que fazer, — disse eu.

— Não te preocupes, — voltou ele; — sabê-lo-ás.

Assim, acercou-se de mim com os olhos cerrados, carregando uma tigela em que havia um buraco. E pediu-me:

— Mestre, dá-me qualquer coisa.

— Como posso dar-te qualquer coisa? — revidei. — Tua tigela está esburacada.

Nesse momento, ele abriu os olhos e disse-me:

— Tens um buraco na cabeça e queres algo de mim.

Aumenta tua capacidade. Purifica-te. Adquire a delicada força interior. Deus virá e te dirá: "Quero entrar no templo vivo que és". Prepara-te

para essa situação. Remove as impurezas e verificarás que quem quer conhecer a realidade é a própria fonte da realidade.

Dos muitos *swamis* e mestres de todas as fés que tenho conhecido, poucos foram cabalmente iluminados. Um belo dia, suscitei este problema para meu mestre. E disse:

– Senhor, tanta gente é chamada de *swami* ou de sábio. As pessoas do mundo são ludibriadas. Por que há tantos professores inadequados, que, na verdade, não estão prontos para ser mestres, e deveriam ter continuado estudantes?

Ele sorriu-se e retrucou:

– Como sabes, um jardim de flores tem, muitas vezes, uma cerca ou uma sebe à sua volta para protegê-lo. Essa gente constitui a sebe criada para nós pelo Senhor. Deixá-los fingir. Um dia, com efeito, eles se tornarão plenamente realizados. Por enquanto estão-se apenas enganando a si mesmos.

Se quiserdes encontrar um professor autêntico e plenamente instruído, deveis primeiro preparar-vos. Só depois disso sereis capaz de transpor a sebe.

XIII

DOMÍNIO SOBRE A VIDA E A MORTE

Sois o arquiteto do vosso destino. A morte e o nascimento são apenas dois acontecimentos na vida. Esquecestes vossa natureza essencial e essa é a causa do vosso sofrimento. Quando dais tento dela, libertai-vos.

O nascimento e a morte são apenas duas vírgulas

Eu costumava seguir meu mestre porque ele me criou desde a mais tenra idade, mas nem sempre me persuadia da verdade do que ele ensinava. Quando me achava calmo e quieto, não raro se erguiam dúvidas dos níveis mais profundos da minha mente. Meu mestre recomendou-me que visitasse vários *swamis*. A princípio, pensei: "Estou perdendo tempo; essa gente é inútil. Retirou-se do mundo e passa o tempo todo sentada debaixo de uma árvore. Por que faz isso?" Lentamente cheguei a compreender que devemos, primeiro, aprender a duvidar das nossas dúvidas e analisá-las.

Quando eu tinha dezessete anos, mandaram-me visitar certo sábio, que era discípulo de meu mestre. Eu não sabia disso àquele tempo e meu mestre disse-me:

— Se quiseres realmente aprender com um *swami* autêntico, vai ter com esse homem e vive em sua companhia.

Disseram-me para ir a um lugar perto de Gangotri, onde encontrei um *swami* sentado numa caverna. Nunca, até então, eu vira um corpo tão bem feito. Naquela idade, eu me interessava por constituição e força física e invejava um corpo como o dele. O *swami* tinha o peito largo, a cintura fina e músculos sólidos. Fiquei pasmado ao saber que já completara oitenta e cinco anos de idade.

Depois que o saudei, a primeira coisa que lhe perguntei foi:

— Senhor, que comeis aqui?

Eu me preocupava com comida. Depois de minha experiência no colégio, tornara-me um ocidental em matéria de comida. Cada dia tínhamos à nossa disposição uma variedade de manjares, e eu vivia antegozando os vários pratos que seriam provados nas refeições seguintes.

— Estás com fome? — perguntou o *swami*.

Respondi que estava. Ele, então, me ordenou:

— Vai até àquele canto da caverna, onde encontrarás algumas raízes. Pega uma e enterra-a no fogo. Dali a poucos minutos tira-a de lá e come-a.

Fiz o que me mandavam, e achei a raiz deliciosa. Tinha gosto de leite derramado sobre pudim de arroz! Não consegui comê-la inteira. Agradou-me saber que eu poderia ficar lá por algum tempo porque havia coisas boas para degustar.

Depois que acabei de comer, disse-me Swamiji:

— Não te ensinarei por meio de palavras.

Permaneci três dias sentado ao lado dele e, nesse período, não travamos a menor conversação. No terceiro dia, decidi que era um desperdício de tempo e energia ficar com um homem que se mantinha em silêncio o tempo todo. Ele não me ensinava coisa alguma. Enquanto eu fazia essas reflexões, ele me disse:

— Menino, não me foste enviado para receber conhecimentos intelectuais, como os que podes encontrar nos livros. Vieste para cá a fim de experimentar algo. Deixarei meu corpo depois de amanhã.

Eu não conseguia compreender por que alguém decidiria voluntariamente deixar o seu corpo. E observei:

— Senhor, isso é suicídio. E não convém a um sábio como vós suicidar-se.

Eis aí o tipo de coisas que eu aprendera no colégio.

— Não me estou suicidando, — disse ele. — Quando retiras a velha capa de um livro e a substituis por outra, não estás destruindo o livro; quando mudas a fronha do travesseiro, não estás destruindo o travesseiro.

Aos dezessete anos de idade eu duvidava. E disse:

— Tendes um corpo maravilhoso. Eu quisera ter um corpo que tivesse a metade da beleza do vosso. Por que vos descartais dele? Isso não é bom; é pecado.

Dessa maneira eu imaginava ensiná-lo. Ele prestou atenção por algum tempo sem responder. Pouco depois, meu condiscípulo entrou e eu exclamei:

— Como chegaste? Quando te vi pela última vez, estavas muito longe daqui.

Ele me levou tranqüilamente para um lado e disse:

— Não o perturbes. Fazes perguntas bobas. Não compreendes os sábios. Deixemo-lo abandonar seu corpo tranqüilamente.

Mas eu discuti com o meu condiscípulo:

— Ele tem um corpo tão bonito. Por que há de abandoná-lo? Isso não pode ser ioga; é um simples caso de suicídio. Se a polícia não estivesse tão longe eu o mandaria prender. É um ato ilegal.

A despeito do que disse meu condiscípulo, continuei duvidando e desaprovando. Quando saíam para as abluções matutinas e vespertinas, eu dizia:

— Esse homem sadio, com um corpo assim tão bonito, deveria sair por aí mostrando ao povo como se constroem e mantêm corpos saudáveis. Diz ele que lhe vejo apenas o corpo, que eu deveria ver algo mais. Mas que é isto?

Meu condiscípulo, mais velho do que eu, replicou:

— Acalma-te. Ainda precisas aprender muita coisa. Conservemos nossas mentes abertas de modo que cheguemos a compreender. Há muitos mistérios na vida.

O *swami* não queria falar comigo, de sorte que, depois de mais vinte e quatro horas, eu disse a meu condiscípulo:

— Não aprendi coisa alguma com o silêncio, quero sair daqui.

— Por que não assistes ao processo pelo qual ele deixará o corpo? — tornou meu interlocutor.

— Isso é bobagem. Eu quisera antes morrer numa cama de hospital, sob os cuidados de um bom médico, do que morrer numa caverna. Que disparate é esse?

Minhas idéias eram totalmente modernas e materialistas.

Acudiu o meu condiscípulo:

— Não compreendes. Foste convidado para vir aqui e observar. Se quiseres discutir mentalmente, podes fazê-lo. O problema é teu. Não posso impedi-lo, mas não me perturbes.

Finalmente, Swamiji falou:

— Na realidade, não estou fazendo nada. Quando chega o momento de deixarmos o corpo, nós o sabemos. Não devemos postar-nos no caminho da natureza. A morte ajuda a natureza. Não devemos ter medo da morte, porque nada nos afeta. Estás compreendendo?

— Não quero morrer, — respondi, — por isso não quero compreender.

— Tua atitude não é boa, — disse ele. — Procura compreender o que é a morte; não a temas. Temos medo de muitas coisas, e esse não é o modo de viver. A morte não te aniquila, apenas te separa de um corpo.

— Não quero existir sem o meu corpo, — retruquei.

— A morte é um hábito do corpo, — continuou ele. — Ninguém pode viver sempre no mesmo corpo, que está sujeito à mudança, à morte e à decadência. Precisas compreendê-lo. Pouquíssimas pessoas conhecem a técnica de libertar-se do apego à vida. Essa técnica chama-se ioga. Não a ioga popular do mundo moderno, mas o mais alto estádio de meditação. Quando conheceres a verdade técnica da meditação, terás o domínio de outras funções do corpo, da mente e da alma. É através do *prana* e da respiração que se estabelece uma relação entre a mente e o corpo. Quando a respiração deixa de efetuar-se, rompe-se a ligação e a essa separação dá-se o nome de morte. Mas continuas a existir.

— Como é que a gente sente que existe sem corpo? — indaguei.

— Como te sentes quando andas sem camisa? — tornou ele. — Não é nada.

A despeito, porém, de tudo o que disse, ele não me convenceu filosófica nem logicamente, pois minha mente ainda era imatura em muitos sentidos.

Na véspera do dia em que se separaria do corpo, ele nos deu instruções:

— De manhã cedinho, às cinco horas, deixarei meu corpo. Quero que o mergulheis no Ganges. Podeis ambos fazê-lo?

— Naturalmente! Posso fazê-lo sozinho! — respondi. E levantei-o nos braços, para demonstrá-lo. O Ganges passava perto, a umas poucas centenas de metros.

Permaneci acordado grande parte da noite, tentando compreender os motivos que levavam aquele homem a descartar-se voluntariamente de um corpo tão bom e tão bonito. Costumávamos levantar-nos às três horas da madrugada. (Considera-se o espaço de tempo que vai das três às seis horas o melhor para meditação, de modo que nos deitávamos entre oito e dez e nos levantávamos às três.) Naquele manhã, todavia, acordamos ainda mais cedo e nos pusemos a conversar.

— Dizei-me, o que desejais? — perguntou o *swami*. — Prometo realizar o que quer que desejeis.

— Estais morrendo; que podeis fazer por mim? — repliquei.

— Menino, — voltou ele, — para um verdadeiro mestre, nada acontece de fato semelhante à morte. Um mestre pode guiar seus alunos até depois de morto. — Em seguida, voltando-se para o meu condiscípulo, perguntou: — Ele te dá muita dor de cabeça?

— Na realidade, dá — confirmou meu condiscípulo —, mas que posso fazer?

Entre cinco e cinco e meia ainda estávamos conversando, quando o *swami* disse, de repente:

— Agora sentemos em meditação. Dentro de cinco minutos deixarei meu corpo. Findou-se o prazo. Este instrumento chamado corpo não é capaz de dar-me mais do que já alcancei, de modo que o deixarei para trás.

Cinco minutos depois ele cantou "Aumm ..." e, logo, reinou o silêncio.

Examinei-lhe o pulso e as batidas do coração. E pensei: "Ele pode ter suspendido as batidas do pulso e do coração por algum tempo e daqui a pouco recomeçará a respirar." A seguir, verifiquei-lhe a temperatura do corpo, os olhos e tudo o mais. Meu condiscípulo disse-me, a certa altura:

— Agora, chega. Temos de mergulhar-lhe o corpo antes do nascer do Sol.

— Não te preocupes. Eu o farei sozinho, — declarei.

Mas ele disse:

— Quero ajudar.

Quando ambos tentamos levantá-lo, descobrimos que nos era impossível tirar o corpo do lugar. Fomos, então, buscar um galho de pinheiro e o inserimos debaixo das suas coxas para erguê-lo, como se fosse uma alavanca, mas falhamos. Tentamos tudo o que nos ocorreu durante mais de uma hora, mas não pudemos movê-lo uma polegada sequer.

Lembra-me amiúde o que aconteceu depois. Nunca esquecerei a experiência. Poucos minutos antes do nascer do sol, ouvi alguém dizer:

— Agora o carregaremos.

Como não houvesse ninguém por perto, pensei: "Eu talvez esteja imaginando tudo isso." Meu condiscípulo também olhou ao seu redor.

— Ouviste alguma coisa? — perguntei-lhe.

— Sim, ouvi, — respondeu ele.

— Estaremos tendo alucinações? — indaguei. — Que é o que está acontecendo?

De repente, o corpo do *swami* ergueu-se no ar, aparentemente por sua livre vontade, e, manso e manso, rumou para o Ganges. Flutuou no ar umas poucas centenas de metros para depois descer e mergulhar no rio.

Eu estava impressionado, e não pude assimilar a experiência durante muito tempo. Quando as pessoas falavam nos milagres realizados por um *swami*, eu sempre dizia: "Há alguns truques nisso". Mas quando vi com meus próprios olhos aquele corpo levitando, minha atitude modificou-se.

De volta ao mosteiro, encontrei diversos *swamis* empenhados numa discussão. O tema era este: Se Deus realmente criou o mundo e zela por ele, por que há tanto sofrimento? Disse um *swami:*

— O universo físico é apenas um aspecto da existência. Temos a capacidade de conhecer outros aspectos, mas não fazemos esforços sinceros para pô-la em ação. Nossas mentes permanecem focalizadas no aspecto físico. O homem sofre porque não conhece o todo.

O que eles disseram me inspirou. Passei, então, a escutar com genuíno interesse e descobri que as palavras deles iam, pouco a pouco, resolvendo minhas incertezas.

Quando comparo o mundo materialista ao estilo de vida dos sábios, o primeiro se me afigura concreto, enfatizando o que se pode ver, tocar e agarrar. Mas o estilo de vida e a atmosfera em que vivem os sábios, conquanto não-materialista, é mais realista no que diz respeito ao objetivo da vida. O mundo de meios também tem algum valor na vida mas, sem a consciência da Realidade Absoluta, tudo é baldado. Os homens comuns consideram certos aspectos da vida misteriosos ou místicos, mas tais mistérios são facilmente resolvidos quando se retira o véu da ignorância. Os cientistas modernos não conhecem a técnica de morrer mas, na ciência iogue, essas técnicas são descritas e transmitidas aos que estão preparados para praticá-las. O mistério da morte e do nascimento revela-se a uns poucos afortunados.

A parte conhecida da vida é uma linha que se estende entre dois pontos, o nascimento e a morte. A vasta porção da nossa existência continua desconhecida e invisível além dos dois pontos conhecidos. Quem compreende a parte desconhecida sabe que o tempo de vida entre os dois pontos é como uma pausa numa vasta sentença sem ponto final. Dizem os antigos livros sagrados iogues que há uma forma definitiva de abandonar o corpo. Descrevem-se onze portas através das quais podem sair as *pranas*, ou energia sutil. O iogue aprende a sair através da porta chamada *Brahma Rundhra*, localizada na moleira, o coruto da cabeça. Diz-se que quem passa por essa porta permanece consciente e conhece a vida futura exatamente como conhece a presente.

Atitudes diante da morte

Somos os arquitetos da nossa vida. Edificamos nossa filosofia e construímos nossas atitudes. Sem as atitudes certas, toda a arquitetura se abala. Quando começamos a compreender esse fato, pomo-nos a olhar para dentro, transformando-nos e adquirindo a percepção de muitos níveis de consciência. É quando encontramos força dentro de nós. A força interior é a fonte da realização. Os sábios provaram esse fato, mas o homem moderno não o compreende. Ainda está pesquisando e buscando a felicidade no mundo externo.

Na minha mocidade eu também supunha que a fonte da felicidade residisse nos objetos externos do mundo. Um dia, meu mestre mandou-me à casa de um homem rico, que estava em seu leito de morte. Ao ver-me chegar, disse o homem rico:

— Senhor, dai-me as vossas bênçãos.

— Por que estais chorando como uma pobre criança indefesa? — perguntei-lhe.

— Tomara eu ser uma criança, — respondeu ele. — Agora compreendo que sou o homem mais pobre e mais fraco do mundo. Todos os confortos e todas as riquezas estão à minha disposição, mas nada parece ajudar-me. Tudo é em vão.

Viam-se com facilidade os efeitos da pobreza interior naquele homem rico. Depois disso, observei muita gente em vias de morrer, incluindo poetas, escritores, filósofos e líderes políticos, mas sempre descobri que foram todos infelizes no leito de morte. Seu amor à vida e seu apego aos objetos do mundo tornavam-nos infelizes. Os que têm consciência da imortalidade íntima, livres e desapegados dos objetos do mundo, abandonam corpo mortal num estado de espírito positivo.

A literatura escrita sobre a vida de Chaitanja Maja Prabhu revela que o quarto em que ele viveu vibrava com o canto que repetiu após a morte. Tive, certa vez, uma experiência parecida na cidade de Kanpur. Há uma família

de médicos cuja mãe, grande devota do Senhor, era minha iniciada. Seis meses antes de morrer, decidiu viver sozinha num quarto, lembrando-se do nome do Senhor e meditando. Volvidos seis meses, ficou doente e caiu de cama. O momento da partida parecia iminente. O filho mais velho, dr. A. N. Tandon, muito afeiçoado à mãe, recusava-se a deixá-la. Mas a mãe lhe disse:

— Dispenso a tua afeição. Não te sentes mais ao pé de mim! Já cumpri minhas obrigações para contigo. Tenho de caminhar sozinha durante a jornada, e teu apego não me ajudará de maneira alguma.

De ordinário, os moribundos se tornam solitários e assustados. Desenvolve-se neles um sentido de falsa segurança, que faz com que se apeguem profundamente aos filhos e às coisas que possuem. Mas essa mulher estava sempre em paz, toda absorta no nome do Senhor. Ela disse aos filhos:

— Estou muito contente. A afeição que me consagrais não tem o poder de segurar-me neste plano mortal.

O filho abriu a chorar amargamente.

— Mãe, — disse ele, — eu te amo muitíssimo. Acaso já não me amas? Que aconteceu à minha querida mãe?

— Aquilo que se esperava que acontecesse já aconteceu, — retorquiu ela. — Sou agora uma alma livre, cheia de alegria. Sou uma onda de bem-aventurança no oceano do universo. Libertei-me de todos os medos e ansiedades. Ainda estais aferrados ao meu corpo mortal, mas conheço agora que o corpo é apenas uma casca. Podeis chamar-lhe mãe?

Eu me achava presente na ocasião. Ela não permitiu que ninguém ficasse no quarto além de mim. Cinco minutos antes de morrer, sorrindo, murmurou ao meu ouvido:

— Essa gente acha que perdi o juízo, mas não sabe o quanto ganhei.

Em seguida, pediu-me que chamasse os membros da família. Ergueu a mão, abençoou-os e partiu para a sua morada celestial.

Depois de morta, as paredes do quarto em que vivera ainda lhe transmitiam o som da mantra. Quem quer que ali entrasse perceberia as vibrações que se irradiavam das paredes. Alguém me informou que os muros da casa continuavam a propagar-lhe a mantra. Não pude acreditar nisso. Fui visitar a casa e descobri que os sons da sua mantra ainda vibravam ali.

Mantra é uma sílaba, uma palavra ou um conjunto de palavras. Quando alguém se lembra conscientemente dela, armazena-a automaticamente na mente inconsciente, embora, de ordinário, ninguém se dê conta desse fato. No dia da partida, quando a mente falha e pára de funcionar, o apego ao corpo e a outras propriedades do mundo torna a pessoa horrivelmente

solitária e infeliz. No correr desse período, o que armazenamos na mente inconsciente passa a ser o nosso guia. Penoso para o ignorante, o período de separação não o é para a pessoa espiritual que rememora fielmente a sua mantra. Esta a guia através do estádio de transição, assustador para o ignorante. A morte não é dolorosa, mas o medo da morte, sim, e muito. Apoio e guia poderoso, a mantra conduz o moribundo pacificamente atavés do momento desconhecido de escuridão. E passa a ser um archoteiro quando atravessamos o corredor que liga a morte ao nascimento. Um dos métodos mais seguros, usado por todas as tradições espirituais do mundo, é ter sempre consciência da mantra e fé total. Com a ajuda da consciência da mantra, a mente purificada e treinada dissipa as trevas no período de transição. A mantra, com efeito, é um amigo raro, que nos acode sempre que precisamos de ajuda, tanto nesta vida quanto na futura. Por sua constante rememoração, o aspirante cria sulcos profundos no inconsciente, pelos quais a mente flui espontânea. A mantra é um guia espiritual que dissipa o medo da morte e nos conduz, intrépidos, à outra margem da vida.

Os iogues aceitam o fato de que o corpo é uma vestimenta, e acreditam que, ao deixar de prestar serviços, a vestimenta pode ser conscientemente posta de lado, sem medo e sem sofrimento. Essa maneira de descartar-se do corpo não é incomum para eles.

Tive a felicidade de presenciar um fato desse gênero durante a Khumba Mela em Alaabad. Khumba Mela é um festival de sábios, celebrado de doze em doze anos. Muitos sábios e eruditos se reúnem nas margens sagradas do Ganges a fim de partilhar experiências e conhecimentos com todos os que comparecem às reuniões. O festival dura um mês. Todas as pessoas religiosas da Índia se comprazem em assistir à reunião espiritual.

Nessa época, eu me acomodara num pavilhão de jardim à beira do Ganges. Certo dia, às três horas da madrugada, fui informado de que Vinay Maharaja decidira livrar-se do seu corpo pontualmente às quatro e meia. Esse *swami* era aluno de meu mestre. Precipitei-me sem demora para a choça em que ele se hospedava e onde falou comigo por meia hora, discutindo as práticas mais elevadas da Ioga-Vedanta. Havia mais seis *swamis* sentados à sua volta. Exatamente às quatro e meia, depois de explicar a técnica do "abandono voluntário do corpo", despediu-se de nós, dizendo:

— Deus vos abençoe, encontrar-nos-emos do outro lado.

A seguir, ficou em silêncio. Fechou os olhos e imobilizou-se. Todos ouvimos um som, "tique", vindo do crânio dele, produzido pelo seu rachamento. A esse processo dá-se o nome de abandono do corpo através do *brahmarandhra*. Mais tarde nós lhe mergulhamos a carcaça no Ganges. Em muitas ocasiões como esta, foi-me dado ver um iogue descartar-se conscientemente do seu corpo.

O homem moderno sabe comer, falar, usar roupas e viver em sociedade. Também sabe preparar a mãe expectante para dar à luz com segurança e descobriu o parto sem dor. Mas ainda não aprendeu as técnicas de libertar-se do corpo voluntária e alegremente. Na ocasião da morte, torna-se infeliz e experimenta muitas dores psicológicas. Nossa sociedade moderna, conquanto tecnologicamente evoluída, continua ignorando os mistérios da vida e da morte. O homem moderno ainda não descobriu os recursos que já estão dentro dele.

A morte é um hábito do corpo, uma mudança necessária. O morituro deve ser psicologicamente educado para esse momento. Por si só, a mudança inevitável chamada morte não é dolorosa, mas o medo da morte cria sofrimentos para o agonizante. Transmitem-se ao homem moderno muitos aspectos da educação para o seu bom êxito no mundo, mas ninguém lhe transmite os conhecimentos que o libertarão do medo da morte. É essencial para os seres humanos descobrir o modo de confortar os que estão morrendo.

As técnicas de descarte do corpo

Em companhia de dois amigos, encetei uma jornada de Gangotri a Badrinath. Era em julho, a estação das nuvens viajoras. Tomamos uma trilha estreita, ziguezagueante, insólito caminho conhecido apenas de uns poucos iogues e sábios. Levamos dois dias para percorrer a pé os quarenta e dois quilômetros que separam Gangotri de Badrinath por esse atalho, ao passo que teriam sido precisos muitos dias se tivéssemos usado a estrada comum, bem mais comprida. Ao passarmos pelos picos revestidos de neve, a 3.600 metros de altitude, a natureza, embora parecesse cruel, deu-nos uma visão da beleza do Himalaia que eu ainda não vira.

Detivemo-nos, para passar a noite, a quinze quilômetros de Gangotri. Do outro lado do Ganges, na mesma linha deste lugar, situa-se Bhoaja Basa, onde crescem as árvores cuja casca se usa para escrever os textos dos livros sagrados. Na manhã seguinte, antes de tomarmos rumo para Gomukh (nas cabeceiras do Ganges) numa tentativa de cruzar a montanha na direção de Badrinath por esse caminho inusitado e desconhecido, um jovem *swami* de Madrasta, que vivia do outro lado do Ganges, encontrou-se conosco. Sua linguagem era o tâmil, falado nos Estados sulinos da Índia; ele só podia comunicar-se conosco em hindi estropiado. Estudara vários dias com o Swami Tapodhanamji, letrado muito erudito e pessoa austera do Himalaia. Os quatro continuamos a jornada para Gomukh, nas faldas das geleiras serranas. Levávamos uma tendazinha, biscoitos e pipocas já feitas. Em Gomukh topamos com um *swami*, chamado Hansji, que se juntou a nós. Além desse ponto não vive nenhum iogue ou *swami*. Hansji passava aqui todo o verão. Fora oficial de marinha. Desgostoso da vida de marinheiro, saíra em busca dos iogues e sábios do Himalaia. Como um jovem de trinta e cinco anos, aceitara a vida de renúncia e era conhecido naquela área por sua natureza calma, gentil e carinhosa.

No dia seguinte, despedimo-nos de Hansji, que, na realidade, se mostrara infenso à nossa aventurosa expedição a Badrinath pelo caminho desconhecido. Acampamos numa altitude de 5.300 metros naquele dia e,

no outro, de 6.000 metros. A viagem tornou-se mais difícil sem qualquer equipamento respiratório porque o ar se rarefaz em maiores elevações. Dir-se-ia que os três dias que viajamos fossem um caminhar no espaço, logo acima do teto do mundo, de onde se pode ver o límpido céu azul com estrelas cintilantes penduradas no alto dos pilares da glória.

Nossa tenda era muito pequena e, com a ajuda das roupas quentes e da irradiação do calor do corpo, passamos essa noite crucial respirando superficialmente no frio, no vento e na neve. À meia-noite, o jovem *swami* que se unira a nós no meio do caminho, tomou a decisão de descartar-se do corpo, ali, no alto do Himalaia. Não o fazia por frustração, mas talvez por saber que o seu tempo no mundo se esgotara. Nas neves profundas, se tirarmos gradualmente as roupas, chegará um momento em que todo o corpo se nos tornará insensível e imune à dor.

É verdade que na neve profunda das altas montanhas himalaicas tendemos a ficar entorpecidos e insensíveis. Obtive confirmação disso em vários textos sagrados, de sábios e até de livros escritos por ocidentais que vão ao Himalaia "à caça de picos". Mas o modo iogue de descartar-se do corpo é levado a cabo por meio de uma técnica apropriada. Deixar-se congelar enquanto se experimenta o samádi é a maneira tradicional de morrer adotada por uma seita particular de iogues do Himalaia. A essa técnica dá-se o nome de *him samadhi*.

O sistema de ioga de Patanjali usa com freqüência a palavra "samádi" para designar o estado mais alto de tranqüilidade. Mas, de acordo com o costume himalaico, os vários métodos empregados para abandonar conscientemente o corpo também se chamam samádi. Entre eles, os iogues e sábios costumam usar a palavra no sentido de: "Ele tomou *mahasamadhi*, o que quer dizer: 'Ele despegou-se do corpo'."

Não queríamos deixar o jovem *swami* ali sozinho e tentamos persuadi-lo a vir conosco. Mas, por falta de conhecimento do tâmil, não podíamos comunicar-nos e muito menos convencê-lo. Estivemos com ele até às dez horas da manhã, mas nossos conselhos e argumentos não surtiram efeito. Ele já tomara a decisão de descartar-se voluntariamente do corpo na terra dos devas. Assim sendo, deixamo-lo para trás, seguimos nosso caminho e, dois dias depois, chegamos a Badrinath. Yudhisthira, notável personagem da *Mahabharata*, também foi para o Himalaia nos seus últimos dias. Disse à esposa que ia ao encontro dos deuses e dali partiria para a morada final. Despedimo-nos no santuário, e eu retornei ao meu lar na montanha.

Esse modo de soltar-se do corpo é um dos que muitos antigos aceitavam de boa mente, mas há várias outras maneiras de fazê-lo. Uma delas, chamada *jal samadhi*, pratica-se dentro das águas fundas dos rios do Himalaia, retendo a respiração. *Sthal samadhi* faz-se sentando numa postura

perfeita e abrindo conscientemente a moleira. As técnicas de morrer, usadas pelos iogues, são metódicas, indolores e conscientes. Inusitado no mundo ocidental, isso é comum no Himalaia. Não equivale ao suicídio, mas é um processo ou meio exato de largar o corpo, que já deixou de ser instrumento de iluminação. O corpo nessas condições é considerado um fardo – obstáculo capaz de obstruir a viagem do homem morrediço quando passa pelo vasto reservatório inconsciente de lembranças. Só os não competentes em técnicas mais elevadas, e que não têm confiança na própria força de vontade e no controle iogues, aceitam os métodos normais de morrer, positivamente inferiores aos iogues.

Existe outro meio, muito raro, de nos soltarmos do corpo. Se meditarmos sobre o plexo solar, a chama interna real de fogo queimará o corpo numa fração de segundo, e tudo será reduzido a cinzas. Esses conhecimentos foram transmitidos por Yama, o rei da morte, ao seu bem-amado discípulo, Nachiketa no *Katopanishad*. No mundo inteiro se ouve falar a miúdo em casos de combustão espontânea, e o povo se admira deles. Mas os antigos textos sagrados, como *Mahakala Nidhi*, explicam-nos de maneira sistemática.

O nascimento e a morte são dois eventos na vida reputados de muito menor interesse, de acordo com os iogues e sábios do Himalaia. Os homens modernos envidaram todos os esforços possíveis para descobrir o mistério do nascimento; e, tendo-o descoberto, podem agora preparar-se para o agradável acontecimento. Mas, em virtude da inexistência de uma verdadeira filosofia por trás da vida, não compreendem nem conhecem as técnicas de morrer e, portanto, não podem preparar-se. Para o iogue, a morte é um hábito do corpo e uma mudança igual a outras que ocorrem no processo do crescimento. Os homens modernos poderiam receber tal adestramento e, nesse caso, haveria menos sofrimento na velhice, quando se vêem completamente isolados e ignorados pelo resto da sociedade. Eu me pergunto por que as pessoas modernas não exploram outras dimensões, meios e métodos de obter a libertação do medo da morte. Apesar da vasta literatura a respeito, o mundo ocidental ainda procura uma solução. Não obstante, as pessoas já começaram a falar com o público em geral sobre o assunto, mas nenhum livro explica as técnicas de morrer. A literatura e as práticas iogues, que não são religiosas nem culturais, poderiam ser analisadas à luz da ciência e, logo, usadas para confortar quem estivesse morrendo e sofrendo.

Vivendo num corpo morto

Um comandante militar britânico, incumbido de um comando em Assão, na Índia, começou a praticar meditação orientado por meu mestre, que ele venerava. Conhecera-o em 1938, num sítio chamado Rorkee, a uns sessenta e poucos quilômetros de Rishikesh. Um dos oficiais indianos pusera meu mestre nas nuvens, de modo que o comandante o acompanhara até à margem do Ganges, onde teria a oportunidade de conhecê-lo. Depois disso, o comandante passou a visitar meu mestre com freqüência, e até pensou em renunciar à sua alta patente militar para ficar ao seu lado. Também gostava de mim e queria ver-me em Assão, mas eu preferia estar nas montanhas a visitar cidades, grandes ou pequenas.

Quando eu tinha dezesseis anos de idade, conheci um velho iniciado chamado Boorhe Baba*, que vivia nos morros Naga. Estava a caminho de Assão, mas deteve-se para ver meu mestre enquanto parávamos na caverna de Gupta Kashi, a oito ou dez quilômetros da cidade. Esse iniciado era muito magro. Tinha barbas e cabelos brancos e vestia mantos brancos. Portava-se de modo insólito. Dir-se-ia uma vara de bambu muito reta e incapaz de vergar. Boorhe Baba visitava meu mestre amiúde e consultava-o sobre práticas espirituais mais elevadas. Um dos temas mais freqüentes das conversas entre ambos era a mudança de corpos. Jovem ainda, eu não compreendia muita coisa a respeito dessa prática, conhecida pelo nome de *parkaya pravesh*, e sobre a qual ninguém falava abertamente comigo.

Dez dias depois me ordenaram que fosse a Assão com o velho iniciado. Fomos para Assão de trem e nos detivemos para visitar o comandante, que praticava regularmente posturas iogues, pranaiama e meditação. Os outros oficiais militares não o compreendiam. Achavam que ele fazia coisas estranhas; que estava praticando algo estranho. Um dos majores indianos sob o seu comando falou comigo a esse respeito. E disse:

* *Boorhe* significa velho.

— Primeiro, ele me pede que arranje uma cadeira, e depois senta-se nela. Em seguida, pede-me que tire a cadeira de sob o seu corpo e, no entanto, continua na mesma posição, como se ainda estivesse confortavelmente sentado na cadeira.

Ele sentava-se assim, sem nenhum apoio, a uma escrivaninha da sala. Outro major que servia com ele havia muito tempo contou-me que, desde que se tornara iogue, três anos antes, sua personalidade não cessara de mudar. E acrescentou:

— Agora, ele já não perde a paciência. É muito bondoso e delicado.

O comandante tornara-se abstêmio. Conhecia muito bem o idioma hindi e estava estudando sânscrito. Enquanto lá nos quedávamos, ouvi Boorhe Baba dizer-lhe que, dali a nove dias, assumiria outro corpo.

Volvidos alguns dias, Boorhe Baba e eu deixamos o acampamento militar e fomos para os morros Naga. Por causa dos mosquitos, cobras e animais selvagens, incluindo tigres e elefantes, que infestam aquela parte do país, pouquíssimos iogues lá vivem. Ficamos na caverna que fora do falecido *swami* Nigamananda, autor de três livros* sobre suas experiências, que achei muito úteis. Durante o tempo que passamos juntos, o iniciado falava, não raro, sobre algum assunto profundo, ao passo que eu me preocupava em flexionar os músculos. Eu disse a Baba:

— Tenho músculos fortes.

Ao que ele respondeu:

— Brevemente tua força será posta à prova.

Dono de um espírito curioso, eu vivia fazendo perguntas a Baba, até que, um dia, ele me disse:

— Chega de perguntas. Focaliza tua mente na tua mantra.

Esse Baba conhecia diversos idiomas, incluindo o sânscrito, o hindi, o páli, o tibetano e o chinês. De vez em quando, falava comigo em inglês, mas só quando se cansava do meu constante tagarelar. Nessas ocasiões, dizia-me, em inglês:

— Cala a boca!

Eu amava o silêncio mas, desejando aprofundar-me em inúmeras coisas que se me afiguravam misteriosas, crivava-o de perguntas. A despeito do seu enfado, continuei a atormentá-lo. Quando se aproximava o momento em que deveríamos deixar a caverna, perguntei-lhe por que desejava assumir outro corpo. E ele replicou:

* Os nomes desses livros são *Guru Iogue*, *Guru Tântrico* e *Guru Vedanta*.

— Tenho mais de noventa anos de idade e meu corpo já não é o instrumento adequado para permanecer em *samádi* por muito tempo. De mais a mais, surgiu a oportunidade. Amanhã haverá um corpo morto em boas condições. Um jovem será picado por uma cobra e, depois, colocado num rio a vinte quilômetros daqui.

Suas palavras me pareceram desconcertantes. Ele me disse ainda que deixaríamos a caverna de manhã e alcançaríamos nosso destino antes do pôr do sol.

Entretanto, quando amanheceu, não pudemos sair da caverna. Durante a noite, um elefante enfiara a tromba na sua câmara externa. Escondido num canto da caverna, um escorpião picara a tromba do elefante e o paquiderme morrera naquela posição. As duas patas dianteiras, a tromba e a cabeça estavam no interior da caverna e os quartos traseiros tinham ficado para fora. Era evidente que não poderíamos sair sem um grande esforço. Baba pegou no escorpião com as mãos nuas e disse:

— Menino mau! Fizeste uma coisa horrível!

— Não façais isso! — berrei. — Ele vos picará.

— Ele não se atreveria a fazê-lo, — replicou Baba.

Era um escorpião negro, imenso, de uns doze centímetros, ou mais, de comprimento. Eu queria matá-lo com minha sandália de madeira, mas Baba disse:

— Ninguém tem autoridade para matar nenhuma criatura viva. Esses dois acertaram suas contas. Saberás o que aconteceu quando compreenderes a causa e o efeito do carma.

Negou-se a dizer-me mais do que isso porque tínhamos de partir e a distância que devíamos percorrer, a pé, através de densa floresta, era longa. Depois de duas árduas horas de tentativas para empurrar o elefante morto e desobstruir a passagem, consegui por fim arrumar espaço suficiente para sairmos de rastos. Vinte quilômetros ao norte da caverna, chegamos a um rio onde acampamos naquela noite. De manhã, banhei-me no rio e, às quatro e meia, sentei-me para meditar. Quando abri os olhos, Baba se fora. Procurei-o e esperei o dia inteiro, mas ele não apareceu. Por isso decidi partir para o Himalaia.

Toda a viagem me parecia ter sido muito misteriosa e infrutífera. Meu próprio caminho de volta foi uma trilha acidentada através de moitas espinhosas. Quando cheguei ao quartel-general do comandante britânico em Assão, ele me comunicou:

— Boorhe Baba conseguiu-o. Assumiu um novo corpo!

Eu ainda não compreendia a coisa toda. Logo na manhã seguinte, parti para a minha morada no Himalaia. Ao ver-me chegar, disse meu mestre:

— Boorhe Baba esteve aqui ontem à noite e perguntou por ti.

Alguns dias depois um jovem sadu visitou nossa caverna. Começou a falar comigo como se me conhecesse havia muito tempo. Descreveu com minúcias todos os acontecimentos da nossa jornada ao Assão e disse:

— Lamento que não tivesses podido estar comigo quando mudei meu corpo.

Era estranho para mim falar com alguém que me fora, em outra ocasião, muito familiar, mas agora se apresentava com um novo corpo. Verifiquei que o novo instrumento físico não lhe afetava de modo algum as capacidades e características anteriores. Ele ostentava toda a inteligência, conhecimentos, lembranças, talentos e maneirismos do velho Baba. Verifiquei-o observando-lhe escrupulosamente a fala e os atos. O rapaz tinha até o jeito de andar do velho, que lembrava uma vara de bambu. Mais tarde, meu mestre deu-lhe um novo nome, dizendo:

— O nome vai com o corpo, não com a alma.

Ele hoje se chama Ananda Baba e ainda é um nômade no Himalaia. Quando o vejo, penso nele em seu corpo anterior e ainda encontro dificuldade para ajustar-me ao corpo que está à minha frente.

Com todas as provas que coligi, descobri ser possível a um iogue muito adiantado assumir o corpo morto de um terceiro, se quiser fazê-lo e se tiver à sua disposição um corpo adequado. Para a mente comum isso é apenas uma fantasia.

Sinto que minha vida foi mais plena e mais rica em conseqüência do que aprendi com os grandes sábios. Se minhas mãos não podem erguer o véu do futuro nem meus olhos penetrar-lhe as dobras, ainda posso ouvir melodias e distinguir-lhes a voz. Os objetos do mundo não passam pela minha mente, mas suas vozes ecoam desde as profundezas do meu ser.

Meu mestre lança de si o seu corpo

Num dia de julho de 1945, meu mestre anunciou que desejava deitar fora o seu corpo. Argumentei com ele:

— Está escrito nos livros sagrados que o mestre que deixa um discípulo tolo no mundo comete um pecado e perde-se.

— Muito bem, — disse ele, — então não deitarei fora meu corpo, porque és ainda um tolo e um ignorante.

Depois, no ano de 1954, pouco antes da minha partida para a Alemanha, enquanto me banhava no Ganges, pensei: "Não foi direito o que fiz. Eu não devia tê-lo forçado a permanecer ligado ao seu corpo, ele, que já me deu tanto."

Quando fui ter com meu mestre, não lhe falei do meu pensamento, mas ele me pediu:

— Convida os outros *swamis* a virem hoje, às cinco e meia da tarde, a fim de ouvir os últimos ensinamentos que desejo transmitir.

Estávamos a uma altura de mais de mil e oitocentos metros, ao pé de um santuário no Himalaia, entre Basudhara e Badrinath.

Em nossa tradição, considera-se o assistir à morte de um iogue uma experiência valiosa: sempre tentamos estar presentes à morte de um mestre, pois isso mostra que podemos morrer voluntariamente quando decidimos fazê-lo. Se um mestre quiser viver por muito tempo, viverá, mas no dia em que resolver abandonar o corpo, bastar-lhe-á despegar-se dele, exatamente como a cobra solta a pele.

Perguntei a meu mestre:

— Por que desejais deixar o vosso corpo?

Disse ele:

— Enquanto te banhavas, pensaste que não tinhas o direito de reter-me aqui. Agora és forte e aprendeste alguma coisa. Estás, finalmente, maduro e auto-suficiente. Sinto-me livre para continuar minha jornada.

Cinco de nós estávamos com ele no topo da montanha. Sentou-se no centro do círculo formado por nós, e perguntou-nos a todos se queríamos aprender ou saber alguma coisa a respeito de quaisquer práticas espirituais. Eu me sentia profundamente triste mas, ao mesmo tempo, não queria expressar meu apego a ele, pensando que o corpo tem de voltar ao pó mais cedo ou mais tarde. É inevitável. Por isso tentei, com todas as minhas forças, compor-me. Ele olhou-me e perguntou:

— Queres alguma coisa de mim?

— Quero que estejais comigo, — respondi, — sempre que eu precisar de vós, sempre que estiver angustiado, impotente, ou não puder lidar com uma situação.

Meu mestre prometeu-me estar comigo sempre que fosse preciso, e abençoou-me. Todos nos curvamos diante dele. Sentado na postura perfeita, fechou os olhos. Murmurou suavemente o som "Aummm" e quedou sem vida.

Todos rompemos a chorar. Não sabíamos se devíamos enterrar o corpo ou mergulhá-lo no rio. Não fomos capazes de decidir. Durante duas horas discutimos o assunto e nos consolamos mutuamente, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Por fim, incumbiram-me de achar a solução. Pensamos em carregar-lhe o corpo para a nossa caverna mas, como esta ficava a cem quilômetros de distância, levaríamos vários dias para chegar lá. Sem embargo disso, outro *swami* e eu pusemo-nos a carregar o corpo na direção da caverna. Nas montanhas não era possível viajar à noite, de modo que paramos numa cavernazinha. Estávamos muito quietos e passamos a noite sentados, olhando um para o outro. Eu jamais acreditara que meu mestre viria, um dia, a deixar-me, mas o fato é que ele me deixara. Na manhã seguinte, nado o sol, começamos de novo a carregar-lhe o corpo e caminhamos cerca de vinte e quatro quilômetros. Pensamos em desfazer-nos do corpo, mas não nos foi possível resolver onde e como o faríamos. Temíamos que o corpo se decompusesse. Duas noites haviam passado e, na terceira manhã, decidimos enterrá-lo no topo da montanha, de onde poderíamos ver nossa caverna lá longe, na distância. Cavamos uma cova de quase dois metros de profundidade e depusemos o corpo dentro da cova. Queríamos cobri-lo com pedras e terra, mas nenhum de nós conseguia mover os membros. Podíamos falar-nos, mas os cinco ficamos completamente inertes e sem vida, como se estivéssemos paralisados. Foi uma experiência que eu ainda não tivera. Afigurava-se-me ter a alma inteiramente distinta do corpo e plena consciência da separação entre o corpo e a alma. Sentia ímpetos de saltar para fora do corpo. Os outros tiveram uma experiência semelhante. Havia um abetozinho a um metro e meio de nós e todos ouvimos o som da voz de meu mestre, que dizia:

— Estou aqui, despertai. Não vos entristeçais. Precisais de mim novamente em meu corpo, ou quereis que eu vos ajude sem o corpo?

— Preciso de vós no vosso corpo, — disse eu.

À uma, todos lhe pedimos, aos gritos, que nos ajudasse e lhe suplicamos que voltasse. Experimentei, então, uma sensação de formigamento no corpo. Aos poucos, o entorpecimento se foi e recomeçamos a mover nossos membros. Meu mestre levantou-se e saiu da cova.

— É uma pena que ainda preciseis de mim no corpo, — disse ele. — Ainda adorais a forma e não podeis ir além disso. Vosso apego ao meu corpo é um obstáculo. Agora diligenciarei para que não continueis apegados ao meu corpo.

E pôs-se a ensinar-me a relação que existe entre o corpo e a alma sem forma.

Muitas vezes, quando vivíamos na mesma caverna, ele permanecia em absoluto silêncio durante vários dias, sem qualquer movimento. Toda vez que abria os olhos, íamos sentar-nos ao seu lado. Um dia, ele me disse que há três categorias de seres:

1. O Ser absoluto, Senhor do universo.
2. Os sábios que têm poder sobre o nascimento e a morte e que são seres semi-imortais. Nascem e morrem à sua vontade.
3. As pessoas comuns, que não têm domínio sobre o nascimento e a morte. Para elas, a morte é um medo constante, que está à espreita em suas mentes e corações. Essas pessoas ignorantes sofrem.

O sábio e o iogue não se preocupam com os eventos menos importantes do nascimento e da morte. Estão livres de todos os medos. Ser livre de todos os medos é a primeira mensagem dos sábios himalaicos. O destemor é um dos passos no rumo da iluminação.

No curso da palestra, meu mestre contou-nos que os iogues e sábios consumados são eternos e capazes de viver o tempo que quiserem. A alma individual pode, voluntariamente, lançar de si o corpo e até entrar em outro corpo. Diz-se que o grande iogue e sábio Shankara possuía esse poder. Um dos livros sagrados descreve o processo como *parkaya pravesh*. Eu estava interessadíssimo em experimentar a mudança de corpo, muito embora tivesse presenciado uma experiência semelhante no Tibete com meu grão-mestre. Meu mestre disse-me não ser insólito e muito menos impossível a um iogue consumado mudar seu corpo, contanto que encontre um substituto adequado. Descreveu três maneiras de dilatar o tempo de vida:

1. Por meio de poderes iogues altamente desenvolvidos e uma vida disciplinada, podemos viver muito tempo.

2. Mudando o corpo, podemos continuar vivendo conscientemente, com todas as experiências trazidas do corpo anterior.
3. A iluminação é a própria liberdade e não há precisão de aferrar-se à roupagem chamada corpo.

Depois de estudar alguns raros manuscritos e aprender aos pés de meu mestre, meu desejo de conhecer esta ciência tornou-se ainda mais robusto.

Os sábios pesquisaram e expuseram as verdades mais profundas da vida, que são as verdades de todo o tempo e de toda a humanidade, donde a universalidade do seu fascínio. No mais profundo dos corações dos homens realizados, independentemente da sua raça e da sua cor, está o desejo de compreender e manter-se fiel à verdade, a fim de alcançar o destino mais elevado da raça humana.

O homem tem andado à procura da imortalidade desde o aurorecer da civilização. Se alguém realizou alguma coisa no passado, a mesma coisa pode ser realizada por alguém no dia de hoje, e se alguém pode realizá-lo hoje, o mesmo pode ser realizado por todos.

A vida se expressa por intermédio do corpo. Os desejos buscam uma forma para poder manifestar-se. O desejo é a alma interior e a forma é a alma exterior. Sem conteúdo não há forma — esta será apenas matéria morta. Destituídos de vibração rítmica, nem a forma nem o desejo serão conteúdo e estarão eternamente desamparados. Por conseguinte, os desejos procuram a corporificação ao passo que as formas procuram os desejos.

Muitos são os que só percebem o corpo. Incapazes de apreender a vida interior, consideram finais as linhas da figura. Não lhes é dado penetrar através delas. Suas realizações permanecerão sempre inverídicas, seus conhecimentos permanecerão sempre incompletos. Para conhecer melhor os ritmos da vida interior do homem, deveríamos aprender a ir além do desejo e a cultivar a sensibilidade interior e a aguçadura da mente capaz de buscar a ajuda das forças mais finas de vibrações rítmicas.

A vida é um ritmo e quem o conhecer viverá o tempo que desejar.

XIV

JORNADA PARA O OCIDENTE

"O Oriente é o Oriente e o Ocidente é o Ocidente" é uma idéia primitiva. O homem moderno chegou à luz! O Ocidente está adiantado em tecnologia e o Oriente em espiritualidade. Por que não construir uma ponte de compreensão? Não há dúvida de que o Ocidente tem muita coisa para partilhar com o Oriente, mas o Oriente também tem algo que repartir com o Ocidente. A flor do Ocidente sem a fragrância do Oriente é uma flor inútil.

A visão recorrente do médico

Havia um psiquiatra numa cidadezinha da Alemanha que as pessoas, muitas vezes, chamavam de louco, porque não acreditava muito na medicina moderna e se sentia mais inclinado a buscar os conhecimentos esotéricos. Em 1955, ele teve visões repetidas do meu mestre. Achou que o homem que lhe aparecia nas visões o estava chamando para ir à Índia. A mesma visão repetiu-se sete dias, de modo que ele foi a Frankfurt e comprou uma passagem de avião para a Índia. Mas enquanto esperava o seu vôo, adormeceu no saguão do aeroporto e perdeu o avião.

Pouco antes disso, meu mestre me recomendara que fosse à Alemanha a fim de aprender alguma coisa de psicologia e filosofia ocidentais. Um homem de negócios de Bombaim comprou minha passagem para Frankfurt e deu-me cartas de apresentação a seus amigos de lá. Com instruções adicionais de meu mestre, que eu amava como meu *gurudeva*, embarquei para a Alemanha. Quando cheguei a Frankfurt, o médico estava no aeroporto. Percebendo que eu era um *swami* indiano, abeirou-se de mim e mostrou-me vários desenhos que fizera da pessoa que aparecia em sua visão recorrente. Perguntou-me se eu conhecia algum homem assim na Índia.

A primeira coisa que me disse foi:

— Ajudai-me, por favor. O homem deste desenho me apareceu numa visão diversas vezes. Tenho tentado desenhar a imagem da minha visão da melhor maneira possível. Estou certo de que não se trata de alucinação. Essa visão criou sulcos tão profundos em minha mente que não posso trabalhar. Não consigo fazer outra coisa senão pensar na imagem. Sois um *swami* indiano. Talvez possais ajudar-me.

Quando vi os desenhos, declarei:

— É meu mestre.

Ele insistiu em que eu voltasse à Índia em sua companhia e o conduzisse a meu mestre, mas este não queria que eu regressasse tão cedo. Ele me supunha apegado ao seu ser mortal e queria romper os laços mortais para

fortalecer minha consciência do elo imortal que existia entre nós. Queria que eu permanecesse fisicamente longe dele por algum tempo e desse tento do vínculo mais sutil que há entre nós. Por isso me enviara a diferentes professores em partes diferentes do Himalaia.

Dei ao médico uma longa carta para que ele a mostrasse ao dr. Chandradhar e ao dr. Mitra, de Kanpur, na Índia. Na carta eu lhes pedia que o coduzissem a Jageshwar, junto a cujo templo meu mestre acampara e onde ensinava o professor Nixon (Crisna Prem) e o dr. Alexander (Ananda Vikhu).

Com a ajuda dos médicos de Kanpur, o médico alemão conheceu meu mestre, esteve com ele durante três dias e regressou à Alemanha. Trançou então os pauzinhos para que eu visitasse diferentes institutos e universidades em toda a Europa. Conheci grande número de médicos e psicologistas ocidentais. Após visitar vários países europeus e estudar em muitas instituições e universidades, retornei à Índia. Algum tempo depois, esse médico voltou à Índia, onde se tornou um *sanyasi**. Agora dedica seu tempo à meditação numa choupanazinha de sapé no nordeste do Himalaia. Alguns ocidentais o qualificam de louco porque ele prefere viver isolado. Conheci estrangeiros, como ele, que se tornaram *swamis*, e, depois de observá-los, concluí que são mais sérios do que muitos *swamis* indianos.

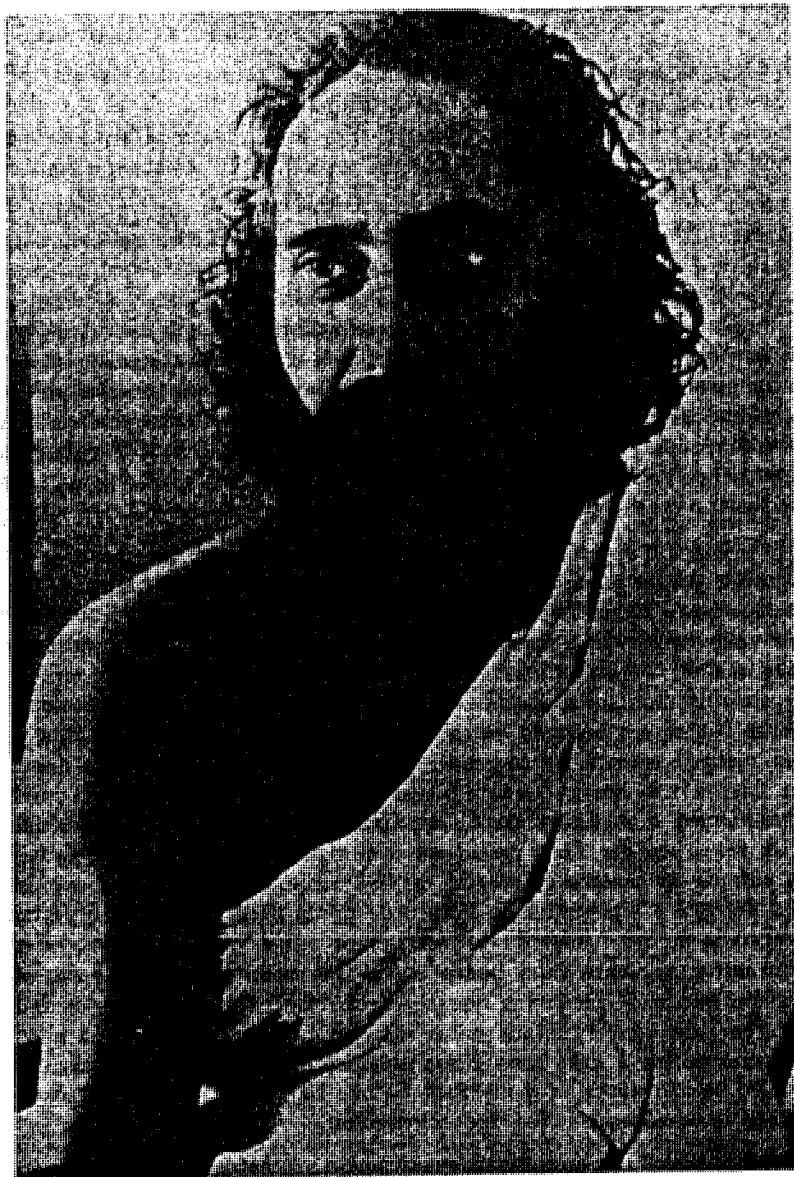
Uma visão profética é a mais rara de todas as visões. Irrompe da fonte da intuição e transcende, portanto, o conceito de tempo, espaço e causação. Uma visão dessa natureza, às vezes, é recebida acidentalmente pelos leigos. Mas os que fazem meditação e atingem com efeito o quarto estado da mente recebem de forma consciente tais visões diretivas. Essa visão sem mistura sempre se revela verdadeira.

* Renunciante.

Transformação na caverna

Durante onze meses vivi numa cavernazinha. Durante esse tempo não vi um único ser humano. Em nossa tradição essa prática é essencial. Em regra geral, não se pratica por um prazo inferior a onze meses, pois se acredita que até o aspirante mais indolente compreenderá a verdade mais alta através da prática no correr desse período. Daí que o professor costume dizer: "Por mais capaz que sejas, presumirei que és o mais indolente. Terá de passar onze meses na solidão da caverna."

Não nos é permitido sair para tomar banho, mas nos ensinam uma vigorosa prática respiratória que nos limpa os poros e que, na realidade, é melhor que o banho. Recebemos uma quantidade muito limitada de alimentos uma vez por dia e um pouco d'água, mas isso é mais do que suficiente para manter a vida. Minha comida consistia principalmente em cevada e vegetais da montanha, alguns sucos, um copo de leite de manhã e outro à noite. No espaço limitado da caverna, que era de um metro e oitenta por um metro e oitenta, eu assumia regularmente algumas posturas e dormia de duas a três horas. Durante o resto do tempo, lembrava-me da minha *guru-mantra* e meditava ou olhava fixamente para um ponto qualquer. Três vezes por dia, fazia pranaiama com vigor, porém com muita cautela. A entrada da caverna é fechada, mas há um escoadouro para a expulsão dos detritos e um minúsculo buraco de ponta de agulha no teto permite a entrada de um fuste de luz. Esse buraco minúsculo serve para ajudar a concentrar a mente num ponto só, o que acontece espontaneamente, mesmo que não queiramos que aconteça. Não precisamos fazer nenhum esforço para concentrar-nos numa situação como essa, porque há apenas um raio de luz e nada mais. Nesse isolamento, que poderemos fazer o dia inteiro se não aprender a meditar? Se não fizermos meditação, logo estaremos desequilibrados. Não há outra escolha.

Os sábios nos ensinam sistematicamente o método de aprofundar-nos na meditação. Dizem eles: "Este é o primeiro estádio, o seguinte, o terceiro e assim por diante." Descrevem sintomas que provêm da meditação, e,

O *Swami* Rama ao sair da caverna.

destarte, quando se faz presente determinado sintoma, sabemos que estamos passando para o estádio seguinte. Dessa maneira atingimos o mais alto grau de concentração. Eles mantêm rigorosa vigilância sobre nós, de modo que nos quedamos imperturbados e não experimentamos sofrimento de espécie alguma.

Os primeiros dois meses que morei na caverna foram muito difíceis para mim, porém, mais tarde, comecei a apreciar imensamente a experiência. A ciência da *Raja ioga* ensina *samyama* – transformação interna através da concentração, da meditação e do samádi. No decurso desse treinamento, descobri que, sem viver em silêncio por um espaço de tempo considerável, ninguém poderá manter um estado mais profundo de meditação.

Transcorridos onze meses, saí da caverna. Eram cinco horas da tarde do dia vinte e sete de julho. Pediram-me que não ficasse fora de casa, tomando sol, na primeira semana. Encontrei dificuldade para ajustar-me ao mundo externo. Tudo me parecia diferente, como se eu tivesse desembarcado num estranho mundo novo. Na primeira vez que fui à cidade, levei quarenta minutos para atravessar a esquina de uma rua, porque não estava acostumado a tanta atividade externa. Gradualmente, porém, me tornei capaz de lidar com o mundo. Ao regressar a ele, compreendi que o mundo é um teatro em que eu poderia pôr à prova minha força interior, minhas palavras, minhas emoções, meus pensamentos e meu comportamento.

Completado o treinamento, eu estava preparado para demandar o Ocidente. Não queria deixar meu mestre, mas ele insistiu, dizendo:

– Tens uma missão para completar e uma mensagem para entregar. Essa mensagem é nossa e tu és meu instrumento.

A seguir, meu mestre deu-me instruções para ir ao Japão, onde eu conheceria alguém que me ajudaria a chegar aos Estados Unidos.

Saí de Calcutá para Tóquio de avião, tendo apenas oito dólares no bolso. Quando paramos em Hong Kong, pedi chá no restaurante do aeroporto e fiquei surpreso ao receber uma conta de quatro dólares. Deixei outro dólar de gorjeta, de modo que cheguei a Tóquio com três dólares e uma maçã, que guardei da refeição a bordo do avião.

Um homem aproximou-se de mim e perguntou-me de onde vinha e onde ficaria no Japão.

– Tenho um amigo e ficarei com ele, – respondi.

– Quem é o vosso amigo? – perguntou-me ele.

Eu não sabia como responder-lhe, visto que não conhecia ninguém no Japão, de modo que declarei:

– Vós sois esse amigo.

O *Swami* Rama com o chefe espiritual do Manikari e seu sucessor, em Tóquio, no Japão.

Fiquei em sua companhia, e fui por ele apresentado a Yokadasan, chefe espiritual do Mahikari, que conta com centenas de milhares de adeptos. Yokadasan tivera muitas visões de um sábio do Himalaia. Quando lhe fui apresentado, abraçou-me com reverência e disse:

— Tenho estado à vossa espera. Fio-me de que me dareis os ensinamentos secretos dos mestres himalaicos.

Vivi em sua companhia por seis meses e tive ocasião de dirigir-me a vários grupos espirituais de Tóquio, Osac e outras cidades, e de ensiná-los.

Depois de haver eu transmitido a mensagem de meu mestre a Yokadasan, ele me comprou uma passagem, e eu segui viagem para os Estados Unidos. Antes de minha partida da Índia, meu mestre me dissera que, nos Estados Unidos, eu conheceria meus alunos e colaboradores. Descreveu-me um sem-número de pormenores, que se revelaram autênticos. Ainda preciso completar minha tarefa. Isso, por vezes, me deixa pensativo, mas sei que, quando o Senhor me der a oportunidade, cumprirei o propósito de minha vida, que consiste em construir uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, fundando um centro de estudos, de onde eu possa transmitir fielmente a mensagem dos sábios.

Caminhos do Oriente e do Ocidente

Quando deixei o Himalaia para visitar o Japão e os Estados Unidos, meu mestre me deu algumas instruções. Perguntei-lhe:

— Que ensinarei aos estudantes que quiserem aprender comigo? Deverei convertê-los e ensinar as religiões da Índia? Deverei pedir-lhes que sigam a cultura indiana?

— Menino tolo, — disse-me ele.

— Dizei-me, que deverei ensinar-lhes? — insisti. — A cultura do Ocidente é inteiramente diversa da nossa. A nossa não nos permite casar com ninguém sem o consentimento de outros membros da família, ao passo que a cultura do Ocidente acredita numa vida social livre. Um cristão pode consorciar-se com qualquer pessoa, e o povo judeu faz o mesmo. Está claro que os modos que eles têm de adorar a Deus estão estabelecidos num estilo fixo, ao passo que nós adoramos como bem entendemos e escolhemos o caminho da iluminação que desejamos. Somos livres pensadores, mas estamos sujeitos a leis sociais e eles estão sujeitos a idéias fixas em sua maneira de pensar e adorar.

— Os dois meios de vida, — prossegui, — parecem bem diferentes uns dos outros. Como poderei transmitir vossa mensagem ao Ocidente?

— Conquanto essas culturas vivam no mesmo mundo com o mesmo propósito de vida, cada qual é um extremo. Tanto o Oriente quanto o Ocidente ainda estão fazendo experiências sobre as maneiras corretas de viver. A mensagem dos mestres do Himalaia é eterna e não tem relação alguma com os conceitos primitivos do Oriente ou do Ocidente. Os extremos não ajudarão a humanidade a atingir o degrau mais alto da sociedade, que todos forcejamos por alcançar. A força interior, a serenidade e a abnegação constituem os princípios básicos da vida. Pouco importa que vivamos no Oriente ou no Ocidente. Um ser humano deve ser, primeiro, um ser humano. O verdadeiro ser humano é membro do cosmo. Os limites geográficos não têm poderes para dividir a humanidade.

"Obter a liberdade de todos os medos é a primeira mensagem dos sábios do Himalaia. A segunda é dar tento da realidade interior. Sê espontâneo e deixa-te transformar em instrumento para ensinar a espiritualidade pura, sem qualquer religião ou cultura.

"Todas as práticas espirituais devem ser verificadas cientificamente, se a ciência tiver a capacidade de fazê-lo. Que a providência te conduza."

Reverente, fiz uma inclinação e encetei minha jornada. Cheguei à cidade de Kanpur, onde fiquei alguns meses com o nosso discípulo, o dr. Sunanda Bai, que comprou minha passagem aérea para o Japão.

Nossa tradição

Shankaracharya fundou uma ordem ascética há 1.200 anos, embora tenham existido renunciantes numa seqüência ininterrupta, desde o período védico. Ele organizou suas ordens através de cinco centros principais no Norte, no Leste, no Sul, no Oeste e no centro da Índia. A tradição de toda a ordem ascética indiana deriva de um desses centros. Nossa tradição é *Bharati*. *Bha* significa "conhecimento", *rati* significa "aquele que é amante do conhecimento". Desta vem a palavra *Bharata*, a terra do conhecimento espiritual, um dos nomes sânscritos usados para designar a Índia.

Há uma coisa ímpar relativa à nossa tradição. Ela se liga a uma linhagem ininterrupta de sábios, que vai até além de Shankara. Se bem seja uma tradição de Shankara, nossa tradição himalaica, puramente tradição himalaica, ascética, é praticada nas cavernas do Himalaia em lugar de relacionar-se com instituições estabelecidas nas planícies da Índia. Nela, o estudo dos Upanixades é muito importante, juntamente com as práticas espirituais avançadas especiais ensinadas pelos sábios. O *Mandukya Upanixade* é aceito como um dos textos sagrados autorizados.

Transmite-se, fase por fase, o conhecimento do *Sri Vidya* e ao estudante avançado ensina-se a *Prayoga Shastra**. Acreditamos nos dois princípios da Mãe e do Pai do universo. O que se denomina *Maya*, ou ilusão, em nosso culto torna-se Mãe e não permanece como obstáculo no caminho da iluminação espiritual. Todo o nosso culto é interior e não executamos nenhum ritual. São três os estádios de iniciação dados de acordo com a nossa tradição. Primeiro, mantra, consciência da respiração e meditação; segundo, adoração interior de *Sri Vidya* e *Bindu Vedhan* (perfurando a pérola da sabedoria); terceiro, *Shaktipata* e a condução da força de *Kundalini* ao lótus de mil pétalas chamado *Chacra Sahasrara*. Nesse estádio, não

* O que explica a praticabilidade e a aplicação da disciplina que temos de seguir para adquirir esse conhecimento.

nos associamos com nenhuma religião, casta, sexo ou cor particulares. Aos iogues que o atingiram damos o nome de mestres e autorização para transmitir o conhecimento tradicional. Seguimos rigorosamente a disciplina dos sábios.

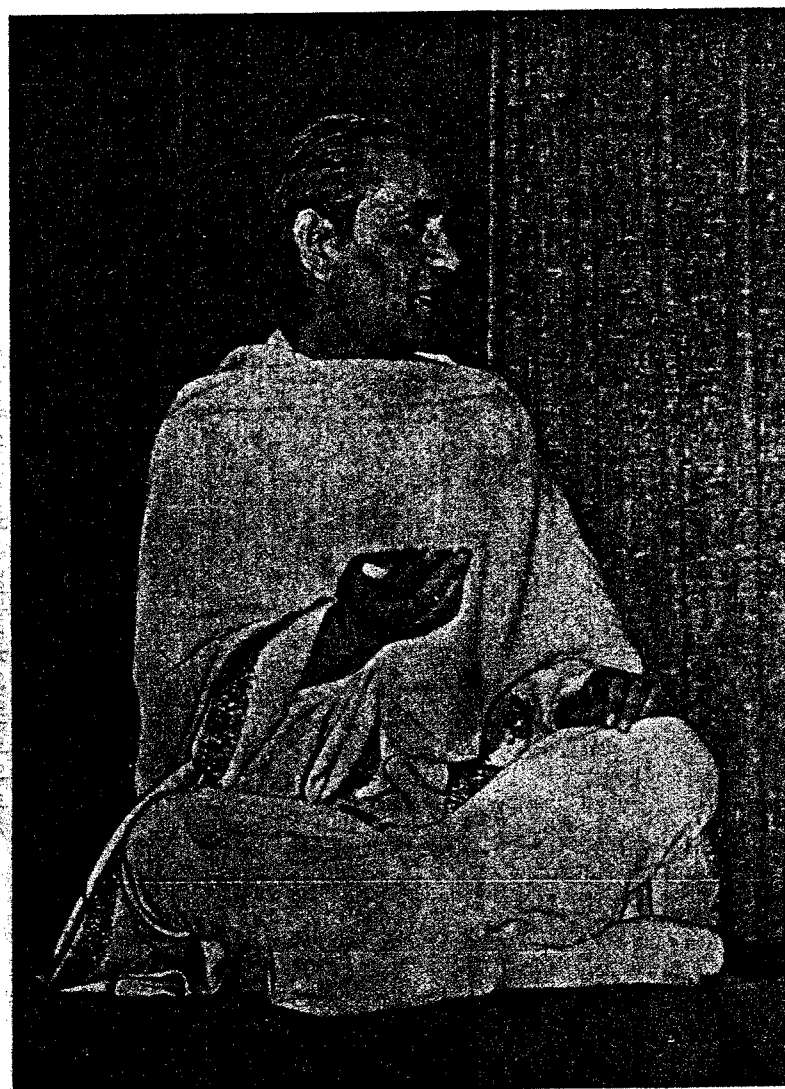
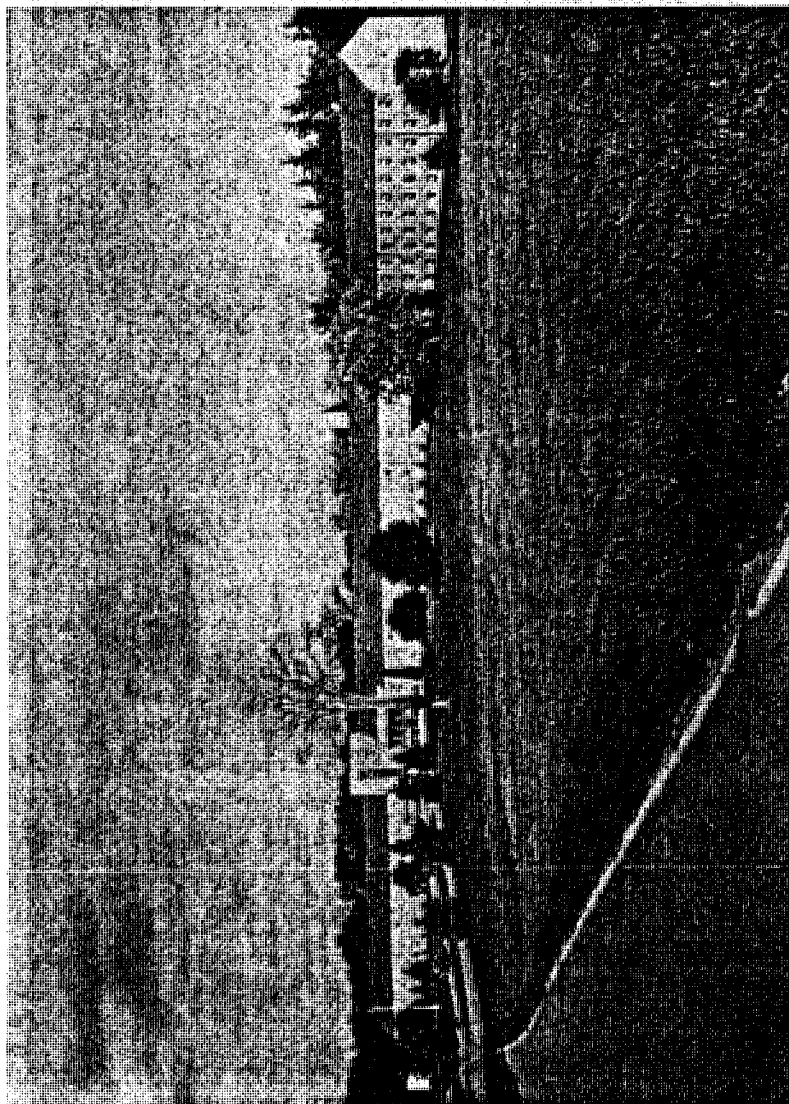
Não me é possível discutir pormenorizadamente os ensinamentos secretos de *Prayoga Shastra*, pois, segundo a injunção tradicional "*Na datavyam, na datavyam, na datavyam* – não transmitas, não transmitas, não transmitas" a menos que a pessoa esteja plenamente preparada, empenhada e tenha praticado em alto grau o domínio de si mesma. Esses atingimentos podem ser verificados através das experiências dos sábios do passado. Em nosso caminho, *Gurudeva* não é um deus, mas um ser brilhante que alcançou, fiel e sinceramente, o estado de iluminação. Acreditamos na graça do guru como o meio mais elevado para chegar à iluminação, mas nunca como fim. O propósito do guru é ajudar desinteressadamente seus discípulos no caminho da perfeição.

Nossa tradição tem a seguinte orientação:

1. Nossa filosofia é um absoluto sem um segundo.
2. Servir a humanidade através do desprendimento é uma expressão de amor que devemos seguir por meio da mente, dos atos e das palavras.
3. O Sistema Iogue de Patanjali é um passo preliminar, aceito por nós, das práticas mais elevadas em nossa tradição, mas filosoficamente seguimos o sistema *Advaita* do absoluto sem segundo.
4. A meditação é sistematizada pelo silêncio do corpo, pela serenidade da respiração e pelo domínio da mente. Praticam-se a consciência da respiração, o domínio do sistema nervoso autônomo e o disciplinamento das necessidades primitivas.
5. Ensinamos o caminho mediano aos estudantes em geral, e os que estão preparados para passos mais altos de aprendizagem têm a oportunidade de aprender as práticas avançadas. Isso ajuda as pessoas em geral, em suas vidas cotidianas, a viver no mundo e, apesar disso, a pairar acima dele. Nosso método, para a conveniência dos estudantes ocidentais, é chamado Meditação Superconsciente. Sou apenas o mensageiro que transmite a sabedoria dos sábios himalaicos dessa tradição, e o que quer que venha espontaneamente do centro de intuição, que ensino. Nunca preparo minhas conferências nem minhas palestras, pois meu mestre me ensinou a não o fazer.
6. Não acreditamos em conversão, em mudar hábitos culturais ou em introduzir algum Deus em particular. Respeitamos igualmente

todas as religiões, amamos a todas e não excluímos nenhuma. Tampouco nos opomos a nenhum templo, mesquita ou igreja, nem concordamos em que se construam casas para Deus enquanto se ignoram os seres humanos. Nossa crença firme é que cada ser humano é uma instituição viva ou um templo.

7. Nossos membros estão espalhados por todo o mundo e, por amor da comunicação, também acreditamos em educação. Nossa escola de doutoramento transmite o conhecimento dado pelos sábios, satisfazendo dessarte à necessidade interior de intelectuais.
8. Praticamos o vegetarianismo. Ensinamos uma dieta nutricional saudável e boa para a longevidade mas, ao mesmo tempo, não somos rígidos e não forçamos os alunos a se tornarem vegetarianos.
9. Respeitamos a instituição da família e destacamos a educação das crianças apresentando um programa de autotreinamento e não lhes impondo nossas crenças, nossas fés e nossa maneira de viver.
10. Nossos professores treinados transmitem sistematicamente todos os aspectos da ioga relacionados com o corpo, a respiração, a mente e a alma do indivíduo. A chave é a consciência interna e externa, e os métodos de expansão são cuidadosamente apresentados aos alunos.
11. Para servir a humanidade, acreditamos em examinar, verificar e chegar a conclusões relativas às práticas iogues, incluindo a relaxação e a meditação.
12. Nossas experiências são documentadas e publicadas em benefício da humanidade.
13. Acreditamos na fraternidade universal, amando a todos e não excluindo ninguém.
14. Abstemo-nos rigorosamente de política e de fazer oposição a qualquer religião.
15. De grande importância é a prática da não-violência com a mente, os atos e as palavras.

O conhecimento transmitido pelos sábios e mestres do Himalaia guia o aspirante como a luz na escuridão. O propósito desta mensagem é despertar a chama divina que reside no reservatório de cada ser humano. Quando perfeitamente acesa pela disciplina espiritual, essa chama sobe cada vez mais alto na vasta luz da verdade. Eleva-se através da mente vital ou nervosa, passa pelo nosso céu mental e, finalmente, penetra no paraíso de luz, seu próprio lar supremo na verdade eterna. O praticante iluminado senta-se, então, calmamente em suas sessões celestiais com os mais altos poderes e

Sri Swami Rama, 1977

Sede do Instituto Himalaico de Honesdale, Pensilvânia.

bebe o vinho da beatitude infinita. Esse filho da imortalidade é filho de pais universais, protegido o tempo todo pela Mãe Divina. Esse filho extático da bem-aventurança permanece embriagado pela vontade divina em deleite. Torna-se um sábio, um enviado insone e um guia sempre desperto para os que trilham o caminho. Tal líder no caminho marcha à frente dos humanos para confortá-los, ajudá-los e iluminá-los.

Om, Shanti, Shanti, Shanti.

O INSTITUTO HIMALAICO

O Instituto Himalaico foi fundado por Sri Swami Rama como organização sem finalidade lucrativa cuja patente descreve em linhas gerais as seguintes metas: ensinar as técnicas de meditação para o crescimento pessoal das pessoas modernas e sua sociedade, tornar conhecidas as visões harmoniosas das religiões e filosofias do mundo, e empreender a pesquisa científica em proveito da humanidade. Tarefa estimulante, é enfrentada por pessoas de todas as classes sociais e de todas as crenças religiosas que freqüentam os cursos e seminários e deles participam. Os programas contínuos destinam-se a pessoas de todas as idades a fim de que possam descobrir como viver de maneira mais criativa. Segundo as palavras do Fundador, "Tomando consciência das nossas potencialidades e capacidades, poderemos tornar-nos cidadãos perfeitos, ajudar a nação e servir à humanidade".

Localizada em Honesdale, na Pensilvânia, a Sede Nacional serve de centro de coordenação para todas as atividades do Instituto no país inteiro. Cinco edifícios, numa área de quatrocentos e cinco acres, abrigam os vários programas, e instalações de pesquisas e publicações do Instituto.

O pessoal do Instituto inclui médicos, cientistas, psicologistas, filósofos e professores universitários de diversos campos do saber. Esses profissionais, de ambos os sexos, compartem de um envolvimento comum, não só como estudantes que são mas também como pioneiros na realização das finalidades do Instituto.

PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO. Uma das principais arremetidas nos programas educativos e de treinamento do Instituto é a escola de doutoramento, que oferece graus de Mestre e Doutor em Psicologia da Ioga e Filosofia. O objetivo do programa de doutoramento é tornar acessíveis aos estudantes sérios as tradições fundadas pelos antigos sábios do Himalaia e trazidas para o Ocidente por Sua Alteza Swami Rama. Essas tradições, combinadas com o pensamento científico e a pesquisa ocidentais e bem assim com as escolas filosóficas e espirituais ocidentais, permitem aos alunos fazer uma síntese da compreensão holística do homem. A escola de doutoramento oferece um currículo cujos cursos se estendem desde os Upanixades até Jung e a Ioga. Bio-realimentação, Hatha Ioga e Meditação constituem partes integrantes do curso de estudos juntamente com confrontos estabelecidos entre a filosofia e a psicologia oriental e a ocidental. A matrícula está aberta a homens e mulheres que desejam levar a efeito um estudo científico e prático da ioga e meditação.

CURSO RESIDENCIAL PARA HOMENS E MULHERES. Existe um curso residencial, destinado a jovens de ambos os sexos, para o adestramento sistemático em todas as fases da ioga.

SEMINÁRIOS E CURSOS INTENSIVOS são patrocinados para o público e para os membros, e proporcionam treinamento intensivo e experiências em Meditação Superconsciente, Hatha Ioga, filosofia e psicologia durante o ano inteiro. Um boletim informativo mensal anuncia os programas seguidos na ocasião.

PROGRAMA DE TERAPIA. O Instituto oferece um programa combinado de terapia a todos os membros, amigos e alunos interessados. Nessa experiência de Terapia Combinada, o estudante passa por um treinamento intensivo, por um período de dez dias, nas leis da dieta e da nutrição, exercícios de juntas e glândulas, técnicas de relaxação progressiva, treinamento de bio-realimentação, vários métodos de respiração e meditação, assim como avaliação médica e tratamento que utiliza métodos naturais.

CONGRESSO INTERNACIONAL. O Instituto patrocina todos os anos um congresso internacional dedicado ao progresso científico e espiritual do homem. Através de conferências, cursos intensivos, seminários e demonstrações práticas, o Instituto proporciona um fórum aos profissionais e leigos em que estes podem partilhar seus conhecimentos e os resultados de suas pesquisas.

Glossário

Ahimsa Abster-se de matar ou de infligir dor a outros por pensamento, palavra ou ato. É a expressão do amor universal.

Anahat Chakra Um dos sete centros espirituais. Também conhecido como o centro do coração, é um centro espiritual que separa o hemisfério superior do inferior e controla a vida emocional.

Anandlahari Manual de instruções de Sri Vidya, que descreve a relação entre o microcosmo e o macrocosmo.

Ashram Ermida, morada ou habitação onde os ascetas fazem suas práticas e vivem.

Brama O Ser Supremo, considerado como impessoal, e que transcende a manifestação e a ação.

Brahmachari Estudante que continua a viver com seu guia espiritual e faz votos de levar uma vida de celibatário.

Chacras Centros espirituais que separam um nível de consciência de outro.

Darshan Entrar à presença de um santo homem ou de uma divindade para vê-los de relance.

Devas Os deuses ou seres brilhantes.

Guru O que dissipa as trevas da ignorância; guia espiritual.

Hamsa O cisne místico, capaz de discriminar entre a Realidade e o que é apenas aparentemente real. Ordem de ascetas.

Kundalini Força primordial latente na base da coluna espinhal.

Mala Colar de contas utilizado para contar a repetição de mantras, semelhante a um rosário.

Mantra Sílaba, som, palavra ou conjunto de palavras encontrados no estado profundo de meditação pelos grandes sábios. São repetidas pelos aspirantes que ambicionam lograr um fim específico.

Maia Ilusão cósmica, em virtude da qual consideramos o universo irreal como realmente existente e distinto do Espírito Supremo.

Pândita Letrado sábio ou muito respeitado.

Parses Adoradores do Fogo Divino.

Praioga Shastra Livro da ioga avançada e das práticas do tantra e sua aplicação.

Sadhaka Aspirante.

Sadhana Processo de levar a cabo o trabalho de auto-realização.

Sadu O que decidiu dedicar sua vida a práticas espirituais.

Samkhya O mais antigo sistema de filosofia indiana.

Samskaras Impressões mentais criadas por atos passados.

Sankalpa Resolução; voto solene de executar uma observância.

Satsanga Conversar com os sábios ou estar em companhia deles.

Sattva Uma das três qualidades (gunas) ou o universo manifesto que tem as características da luz e da pureza.

Saundaryalahari Compêndio de Sri Vidya.

Shakti Poder; energia; força; Poder Divino do vir-a-ser; Poder Absoluto ou energia cósmica.

Sique Seguidor de Sri Guru Nanak.

Sri Vidya Tratado que estabelece a relação do microcosmo com o macrocosmo. Estudo avançado dessa relação.

Sri Yantra Diagrama simbólico da estrutura humana e do cosmo, tanto manifestos quanto não-manifestos. O estudo e o conhecimento desse diagrama pode levar-nos ao estado mais alto da realização.

Susumna Corrente nervosa central, que passa através da coluna espinhal, desde Muladhara até Sahasrara.

Swami Monge de uma das dez ordens de renunciantes fundadas por Shankaracharya.

Swamiji Forma respeitosa de tratamento que se usa em relação a um monge.

Tantra Caminho especial da ioga, que põe em destaque o domínio pela síntese das forças duplas do universo.

Turiya O quarto estado, além da vigília, do sonho e do sono profundo; estado superconsciente.

Vedanta A filosofia dos Upanixades.

Xiva Realidade Suprema.

Xiva linga Símbolo da Realidade Suprema.